

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA – PPGLA

PROCESSOS DE TRADUÇÃO NA REDAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE CASO

RACHEL LOURENÇO

Dissertação apresentada no
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do
Instituto de Letras da
Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mark David Ridd

BRASÍLIA
Julho de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mark David Ridd (UnB)
(Presidente da Banca e Orientador)

Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo (UFG)
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen (UnB)
(Examinador Interno)

Profa. Dra. Cynthia Ann Bell dos Santos (UnB)
(Suplente)

Brasília
Julho de 2007

AGRADECIMENTOS

Aos quatro participantes desta pesquisa, pela generosidade, boa vontade e paciência.

Ao Professor Mark Ridd, pela confiança, pelas correções, pelos comentários sinceros, mas, principalmente, por ter estado sempre disponível.

Ao Professor Enrique Huelva, pelos comentários que contribuíram para a versão final deste trabalho, e pelo incentivo, sempre.

Ao Professor Francisco Quaresma, por aceitar participar da banca examinadora e pelos comentários que contribuíram para a versão final deste trabalho.

A Felipe Huhtala, sem o qual a concretização deste trabalho não teria sido possível.

A Helen Ilza Barbosa, minha colega, a Silvana Maria de Jesus (UFMG), e à Professora Adriana Pagano (UFMG), pelo auxílio com a bibliografia.

Aos Professores Ofal Fialho e Osvaldo Silva, pela correção das redações.

Aos meus colegas da Cultura Inglesa (310 Norte) e ex-alunos da UnB, pela pilotagem dos instrumentos da pesquisa.

Ao Professor Ian Forth, por ter me ensinado a fazer pesquisa.

A Arthur Manoel Cavalcante de Souza, meu grande amigo e maior companheiro do mestrado.

A Luciano Herbert Dias, meu colega e amigo, pelo apoio e disponibilidade nos momentos mais difíceis.

DEDICO ESTE TRABALHO

Aos meus amigos de Salvador e de Brasília.

Ao meu tio Roos, que traz o inusitado à minha vida.

Finalmente, e principalmente, à minha mãe, Irene Rosa Lourenço, que me dedica tanto amor.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 – Aprendizagem de língua estrangeira	16
1.1.1 – Interlíngua e erros	16
1.1.2 – Teoria cognitiva	19
1.1.3 – Estratégias de aprendizagem	22
1.2 – Processos de tradução	24
1.3 – Redação na língua estrangeira	31
1.4 – Tradução: influência da língua materna na língua estrangeira	37
1.5 – A tradução na redação em língua estrangeira	40
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	49
2.1 – Estudo de caso	50
2.2 – Contexto	51
2.3 – Participantes	51
2.4 – Pilotagem dos instrumentos de pesquisa	54
2.5 – Questões éticas	56
2.6 – Qualidade da pesquisa	57
2.7 – Instrumentos de coleta de dados	58
2.7.1 – Questionário	58
2.7.2 – Documentos – redações	60
2.7.3 – Protocolos verbais	62
2.8 – Tratamento dos dados	66

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
3.1 – Processos de redação	69
3.2 – Classificação dos participantes da pesquisa	71
3.3 – Processos de tradução	86
3.4 – Perguntas da pesquisa	91
3.5 – Método investigativo	98
3.6 – Conclusão	100
3.7 – Comentários finais	101
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 103
 REFERÊNCIAS	 106
 ANEXOS	 111
Anexo A – Autorização dos participantes da pesquisa	112
Anexo B – Questionários	113
Anexo C – Textos motivadores e redações	133
Anexo D – Excertos das transcrições dos protocolos verbais	152

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Diagrama de solução de problemas de tradução (Lörscher, 2005).	26
Figura 2: Modelo do processo tradutório (Alves, 1997)	30
Figura 3: Modelo de redação (Hayes e Flower, 1980)	40
Figura 4: Modelo de tradução mental na redação em língua estrangeira (Liu, 2005)	48
Quadro 1: Comparação entre redatores hábeis e inábeis (Lapp, 1984)	32
Quadro 2: Perfil dos participantes da pesquisa	52
Quadro 3: Perguntas do questionário	58
Quadro 4a: Classificação dos participantes da pesquisa como redatores mais hábeis.	74
Quadro 4b: Classificação dos participantes da pesquisa como redatores menos hábeis.	77

RESUMO

O presente estudo investigou os processos de tradução na redação em língua estrangeira. Utilizando a abordagem do estudo de caso, a pesquisa contou com quatro participantes, que escreveram quatro redações cada, duas na língua estrangeira (inglês) e duas na língua materna (português do Brasil). Ao escrever as redações, os participantes geraram protocolos verbais consecutivos, que foram gravados e depois transcritos. A análise das transcrições permitiu a identificação de categorias robustas para os 4 participantes: processos de tradução – acesso ao léxico semântico; processos de tradução – acesso ao léxico sintático; processos de redação; comparação entre a primeira e a segunda redações; influência de outra língua estrangeira; e comentário sobre protocolos verbais. O estudo concluiu que indivíduos com menor habilidade lingüística recorrem ao léxico sintático com mais freqüência, manipulando os significados na língua materna até o nível sintático, quando traduzem segmentos inteiros para a língua estrangeira. Indivíduos com habilidade lingüística maior recorrem ao léxico semântico com mais freqüência, manipulando os significados diretamente na língua estrangeira. O estudo sugere que os protocolos verbais podem ser uma ferramenta de ensino produtiva, uma vez que promovem a conscientização dos indivíduos sobre os próprios processos de redação e tradução, o que poderia torná-los mais autônomos em relação ao aprendizado da língua estrangeira.

Palavras-chave: processos de tradução, processos de redação, léxico semântico, léxico sintático, protocolos verbais, tradução mental.

ABSTRACT

The present study has investigated translation processes in foreign-language composition. Using the case study approach, the research involved four participants, who wrote four compositions each, two in the foreign language (English) and two in the mother tongue (Brazilian Portuguese). As they wrote the compositions, the participants generated consecutive think-aloud protocols, which were recorded and then transcribed. The analysis of the transcriptions has yielded the identification of robust categories for the 4 participants: translation processes – access to the semantic lexicon; translation processes – access to the syntactic lexicon; composition processes; comparison between the first and the second compositions; influence of other foreign languages; and comments on think-aloud protocols. The study has concluded that less linguistically able individuals access the syntactic lexicon more often, manipulating meanings in their mother tongue down to the syntactic level, when they translate whole segments into the foreign language. More linguistically able individuals access the semantic lexicon more often, manipulating meanings directly in the foreign language. The study suggests that think-aloud protocols can be a productive teaching tool, since they enhance individual awareness of composition and translation processes, which may promote autonomy in relation to learning of a foreign language.

Key words: translation processes, composition processes, semantic lexicon, syntactic lexicon, think-aloud protocols (TAPs), mental translation.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata, primordialmente, da habilidade de redigir em uma língua estrangeira. Um dos fatores que torna a redação, não apenas na língua estrangeira, uma atividade difícil de ser realizada é o número de níveis lingüísticos a serem considerados. Alguns deles são: a ortografia; a palavra ideal, ou mais adequada; a estrutura do período e a variedade de estruturas a serem utilizadas a fim de dar movimento e fluidez ao texto; a estrutura do parágrafo, coerência e coesão no parágrafo e entre parágrafos; a estrutura geral do texto e sua extensão; o leitor, suas expectativas, limitações, e possíveis interpretações. Segundo Collins e Gentner (1980:67), o que torna o aprendizado de redação difícil, às vezes opressor, é o fato de o indivíduo ter que lidar com todos esses fatores de uma única vez.

Barrit e Kroll (1978:51-2) mencionam ainda outros fatores que tornam a redação, não apenas na língua estrangeira, uma atividade difícil de ser realizada. Em primeiro lugar, ao contrário da habilidade de falar, a habilidade de escrever tem que ser formalmente aprendida/ensinada. Independentemente de quão habilidoso o redator seja, sempre se inicia a escrever aprendendo, nem sempre nessa ordem, o alfabeto, a morfologia, a morfossintaxe, a sintaxe, a construção do discurso, além de vários outros elementos. Em segundo lugar, o leitor não dá ao redator retorno imediato sobre o que foi escrito. Portanto, o redator deve desenvolver a habilidade de antever possíveis reações do leitor, e tentar, antes mesmo que o texto esteja nas mãos deste, remediar o que no texto possa vir a causar reações negativas. Finalmente, existe a dificuldade de transferir as idéias para o papel ou tela do computador na velocidade em que surgem. No geral, os pensamentos são mais rápidos do que a capacidade de traduzi-los em palavras, e muito se perde nesse caminho, o que pode ser frustrante.

Essas não são as únicas dificuldades pelas quais os redatores passam. No caso deste estudo, como está adicionada a dificuldade de redigir em uma língua estrangeira, além das dificuldades citadas acima, existe também o desafio de conseguir expressar, na língua estrangeira – e de maneira apropriada –, o que se deseja, da mesma maneira como se faz na língua materna.

Dito isso, este estudo também trata da importância da língua materna enquanto aliada do aprendiz de línguas estrangeiras. Com o advento do método audiolingual, e até antes, com o método direto, o uso da língua materna na sala de aula de línguas estrangeiras foi abolido, devido à crença de que os seus sistemas (fonológico, lexical, gramatical, etc.) causavam mais transferências negativas do que positivas na aprendizagem da língua estrangeira¹. Estudos de análise contrastiva procuravam prever áreas de dificuldade de aprendizagem oriundas de diferenças entre a língua materna e a língua-alvo. Quanto à habilidade de escrever, segundo Richards e Rodgers (1986:44-63), o ensino da escrita era secundário, devido à crença de que “língua é fala” (uma vez que muitas línguas não têm uma forma escrita e, geralmente, aprende-se a falar antes de ler ou escrever). Dessa forma, o ensino da escrita era condicionado e subsequente ao ensino da fala.

Na abordagem comunicativa, mais difundida atualmente², pode-se fazer uso ponderado da língua materna, contanto que a língua-alvo seja usada na maior parte do tempo, como veículo preferencial de comunicação (LARSEN-FREEMAN, 2000:121-36). A tradução pode ser usada quando os alunos precisem ou venham a se beneficiar dela. A leitura e a escrita podem acontecer já a partir do primeiro dia, se desejado (RICHARDS e RODGERS, op.cit.). Nessa abordagem, procura-se integrar as quatro habilidades tanto quanto possível, desde os níveis iniciantes. O objetivo primordial é a comunicação, não importa o meio. Portanto, assim como na comunicação oral há a negociação de significado³ entre o falante e o ouvinte, na comunicação escrita também existe negociação entre o escritor e o leitor (LARSEN-FREEMAN, op.cit.), embora de natureza diferente.

Contudo, apesar de a abordagem comunicativa não impor restrições tão severas ao uso da língua materna, instituições e professores que afirmam adotar essa abordagem ainda vêm o uso da língua materna com reservas, e procuram evitá-lo. É comum ouvir professores dizerem aos alunos que “não pensem em português” ou “não traduzam”,

¹ Neste estudo, será adotado o termo aprendizagem, não se fazendo, portanto, distinção entre aprendizagem e aquisição. Também, será adotado o termo língua estrangeira, não se fazendo, portanto, distinção entre língua estrangeira e segunda língua.

² Mais difundida atualmente no Brasil, mais especificamente em cursos livres.

³ Entende-se por negociação de significado: o esforço recíproco dos parceiros da conversação para manter a fluidez do diálogo; cooperação (SAVIGNON, 1983:308).

como se fosse possível esquecer a língua materna e passar a funcionar dentro do sistema de uma língua que mal conhece. Quanto à habilidade de escrever, esta tende a ser negligenciada, principalmente em níveis iniciantes, e é comum que a atividade de escrita de uma aula ou unidade seja “exercício para casa” e que a tarefa do professor nesses casos se restrinja a corrigir a gramática, vocabulário e/ou ortografia dos trabalhos recebidos, raramente comentando o conteúdo dos textos dos alunos. No entanto, essas práticas, por sua vez, ilustram comportamentos contraditórios aos preceitos da abordagem comunicativa. Segundo Almeida Filho⁴ (1998, apud RIDD, 2003:102), “ser comunicativo não é necessariamente ser extrovertido ou simpático. Não é, da mesma forma, sinônimo de ser informativo ao ensinar uma língua. Nem é equivalente a ensinar língua oral.” Então, por que não ser menos “informativo” e mais “explorador” ao ensinar a língua estrangeira? Por que não ensinar a língua escrita e a tradução?

O que não se percebe, ainda, embora já se delineie uma mudança nesse sentido⁵, é o benefício que o uso da língua materna pode trazer para a aprendizagem de línguas, certamente muito maior do que os problemas que pode causar. Segundo Brown (1994:26), os fatores facilitadores ensejados pela língua materna são certamente tão poderosos no processo de aprendizagem, ou talvez até mais poderosos, do que os fatores dificultadores, apesar de serem menos observáveis. Podemos argumentar que, na realidade, os fatores facilitadores não são menos observáveis, mas menos *observados*, já que a ênfase do ensino de línguas estrangeiras tem sido dada ao erro e não ao acerto. No caso deste estudo, argumentamos que as influências da língua portuguesa, para aprendizes brasileiros de inglês, podem ser mais positivas do que negativas. Em outras palavras, as analogias que os alunos fazem, as hipóteses que testam e as conclusões a que chegam, quando auxiliadas pela língua materna, tendem a ser muito mais vezes bem-sucedidas do que fracassadas.

O fato de os alunos não poderem falar a respeito, ou usar a língua materna, não significa que ela não esteja presente, ou seja, abolir o uso da língua materna na sala de aula não significa aboli-la das mentes dos alunos. Conforme Deller (2002) comenta, a língua materna sempre estará na mente dos alunos, então por que ela não pode ser falada

⁴ ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 2ª edição. Campinas: Pontes, 1998.

⁵ DePaula (2005:61) comenta que: “Enquanto o uso da tradução desponta em relevância nas áreas de estudos literários e culturais, na área pedagógica e no ensino de língua estrangeira, no entanto, ainda não é suficientemente considerada.”

se pode encorajar e fomentar o entendimento e o aprendizado (p.3)? É ingênuo partir do pressuposto de que não há nada que a língua materna e o conhecimento lingüístico prévio dos alunos possam contribuir para o aprendizado da língua estrangeira. É também contraditório evitar que a língua materna seja um recurso passível de utilização, em uma metodologia que valoriza o conhecimento prévio dos alunos e toda e qualquer contribuição que eles possam trazer para a sala de aula, com o objetivo de enriquecer a experiência. O professor de língua estrangeira deve-se lembrar que o aluno está aprendendo outra língua, mas não outra linguagem. O aprendizado da linguagem já se deu por intermédio da língua materna e deve-se, portanto, construir sobre essa base. Ao mencionar a metáfora da língua materna como um “esqueleto no armário”, ou seja, algo que todos sabem estar lá, mas que causa incômodo, Prodromou (2002:5) critica a predominância das percepções negativas sobre a língua materna na sala de aula, argumentando que precisamos de metáforas novas e mais positivas para o papel da língua materna.

Existe, portanto, um descompasso entre os preceitos do comunicativismo e sua prática em sala de aula. Ridd (2003) destaca algumas semelhanças entre a abordagem comunicativa e a tradução, dentre elas: a) centrar o foco no sentido e no propósito da comunicação; b) priorizar tarefas que desafiam o aprendiz lingüística e intelectualmente; c) tornar as relações entre professores e alunos menos assimétricas, devido ao alto grau de imprevisibilidade das tarefas desempenhadas; e d) utilizar materiais autênticos. Ele acrescenta que “a tradução, empregada de forma consciente e criativa, pode enriquecer o ensino nos moldes da abordagem comunicativa sem, de maneira nenhuma, contrariar os postulados e a filosofia que a caracterizam”.

Este estudo se valerá da descrição de tradução de Ridd (op.cit:98): “uma atividade textual de forte apelo cognitivo, que lança um desafio perene à memória, ao raciocínio, à organização mental, ao uso preciso do léxico, à flexibilidade no processamento lingüístico e à criatividade na solução de problemas”. A tradução aqui é vista como a manipulação mental de significados, com o objetivo de comunicar idéias na língua estrangeira. Essa comunicação se dará por meio de textos escritos.

Objetivos

Para o presente estudo, é central o resgate da importância e da relevância do ensino da habilidade de escrever para o aprendizado de uma língua estrangeira. Levando em consideração que, dentro da abordagem comunicativa, as quatro habilidades devem ter igual importância, o estudo defende ênfase à produção escrita equivalente à produção oral, compreensão escrita e compreensão oral, para o benefício dos alunos.

Também é central o resgate da importância da língua materna no aprendizado da língua estrangeira, evidenciando os processos de tradução e trazendo-os para a consciência, argumentando que isso pode dar mais poder e independência aos alunos, uma vez que os habilita a avaliar seu desempenho de maneira mais autônoma.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que teve como pergunta de pesquisa: Quais processos de tradução são visíveis / observáveis na redação em língua inglesa (estrangeira) de alunos brasileiros? As perguntas secundárias foram: a) Escrever sobre o mesmo tema na língua materna auxilia na redação em língua estrangeira?; e b) A ordem em que os textos são escritos influencia a redação na língua estrangeira quando os alunos escrevem sobre o mesmo tema nas duas línguas?

Para a realização do estudo, utilizou-se a abordagem do estudo de caso, que se mostrou mais apropriada (vide Capítulo 2, adiante). A coleta dos dados foi feita por meio de três instrumentos de pesquisa diferentes: questionário, documentos (redações) e protocolos verbais consecutivos e retrospectivos. A codificação / categorização dos dados foi feita de acordo com a análise de conteúdos clássica (BAUER e GASKELL, 2002).

A coleta de dados se deu entre os meses de maio e julho de 2006. Os quatro participantes, que aceitaram o convite para participar da pesquisa, eram alunos da pesquisadora na época, matriculados em um curso preparatório para o concurso do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores. Cada participante cedeu, em média, 15 horas para a pesquisa, entre preencher o questionário e escrever quatro redações, duas em língua inglesa e duas em língua portuguesa, acompanhadas de protocolos verbais consecutivos e retrospectivos, respectivamente.

O estudo explorou, a partir das transcrições dos protocolos verbais, os processos cognitivos dos participantes que emergiam enquanto redigiam na língua estrangeira. Não houve uma hipótese previamente elaborada: a proposta foi desvendar os processos de tradução a partir do relato dos participantes; daí a escolha do estudo de caso, uma abordagem que favorece a realização de pesquisas indutivas. Não houve quantificação dos dados: a função dos questionários foi triangular os dados e descrever o perfil dos participantes da pesquisa.

Embora não tenha havido intenção de intervir no processo de redação dos participantes, é possível que estes tenham se tornado mais conscientes dos próprios processos de redação depois de verbalizá-los e que, por conseguinte, seu desempenho na redação em língua inglesa tenha sido afetado após a realização da pesquisa (vide seção 3.5, adiante).

Quanto a limitações, o estudo de caso requer a geração de dados de alta qualidade, isto é, com alta densidade e profundidade. Além disso, os protocolos verbais geram uma grande massa de dados, que são de análise trabalhosa. Por esses motivos, houve a necessidade de diminuir o número de participantes da pesquisa que, originalmente, era de dez. Para assegurar a validade e a confiabilidade do estudo, tentou-se documentar, tanto quanto possível, os procedimentos de coleta de dados e anexou-se o máximo de dados possível.

Quanto ao referencial teórico, esta investigação se valeu de três eixos principais: aprendizagem de línguas estrangeiras, processos de tradução e ensino/aprendizagem de redação na língua estrangeira.

O estudo não teve a pretensão de dar conta de todos os elementos que compõem a complexidade dos processos cognitivos que os indivíduos ativam ao redigir na língua estrangeira. A investigação enfatizou os processos de tradução sob a perspectiva do aprendiz de línguas estrangeiras. Entretanto, como o enfoque foi a redação, não apenas processos de tradução foram detectados na análise dos dados. Foram evidenciados também aspectos característicos do processo de redação, na língua estrangeira e na língua materna (vide Capítulo 3, adiante). Além disso, mesmo objetivando os processos

de tradução, este estudo não teve a pretensão de dar conta de todos eles, já que são, por si, uma coleção de processos mentais complexos. Como House (2000) indica, ao usar o termo “processo de tradução”, devemos ter em mente que estamos lidando não com um processo isolável, mas com um grupo de processos, uma série complexa de processos de solução de problemas e de tomada de decisões condicionada por limitações semânticas, pragmáticas, relacionadas a uma situação e a uma cultura específica, operando em dois ‘níveis’ – o da língua fonte e o da língua-alvo (p.150). Como ilustração da complexidade do processo de tomada de decisões, vide o modelo de tradução descrito por Alves (1997), apresentado no Capítulo 1, seção 1.2 (adiante).

Justificativas

A pesquisa se justifica em níveis diferentes. Em um nível macro, não há muitos estudos (já publicados) que relacionam a redação em língua estrangeira e processos de tradução: existe uma vasta literatura sobre a redação em língua estrangeira e sobre processos de tradução. No entanto, são raros os estudos que relacionam ambos. Em um nível intermediário, o conhecimento dos processos cognitivos pode ajudar professores de língua estrangeira a elaborar materiais mais adequados à realidade e necessidade dos alunos. A habilidade de redigir é considerada por alguns a mais difícil de desenvolver por conta própria, o que torna necessário o auxílio direto (instrução formal) aos aprendizes de língua estrangeira. Além disso, a pesquisa sobre a produção escrita tende a ser mais rara do que sobre a produção oral, a compreensão escrita e a compreensão oral. Este estudo pode, portanto, contribuir para o incremento do arcabouço teórico sobre a redação em língua estrangeira.

Finalmente, em um nível micro, na minha experiência como aluna e como professora de inglês como língua estrangeira, percebo a necessidade de auxiliar alunos avançados – de maneira direta – a continuar progredindo no seu aprendizado. Quando atingem um certo nível de proficiência na língua estrangeira, muitos têm a sensação de que atingiram um nível lingüístico satisfatório, que, no entanto, pode ser melhorado. Porém, muitas vezes não conseguem sair desse *plateau* sozinhos. Apesar de terem bastante experiência no aprendizado da língua estrangeira, não são ainda autônomos o suficiente para determinar os próprios caminhos de modo a continuar evoluindo.

Investigar os processos cognitivos de alunos avançados pode sinalizar uma saída para que continuem a progredir. No meu ponto de vista, tornar conscientes os seus processos cognitivos pode torná-los mais autônomos e, por conseguinte, levá-los a ter objetivos mais claros em relação ao que precisam fazer para continuar melhorando o desempenho. Acredito que isso diminuiria a sensação de ter atingido um nível do qual não se consegue sair.

Apresentação

Neste texto, o Capítulo 1 trata do arcabouço teórico que lastreou o estudo. O capítulo trata dos seguintes aspectos: aquisição de língua estrangeira (interlíngua); teoria cognitiva; estratégias de aprendizagem; processos de tradução; a prática atual do ensino de redação em língua estrangeira; o conceito de redatores mais e menos hábeis; o *processo* na redação; materiais didáticos mais e menos recentes; e, finalmente, a tradução no ensino de línguas e no ensino de redação. O Capítulo 2 trata da metodologia de pesquisa utilizada. Por se tratar de um estudo qualitativo, de difícil validação, procurou-se fazer um capítulo detalhado, a fim de explicitar o racional e os procedimentos utilizados. O capítulo inclui os seguintes pontos: a metodologia do estudo de caso; contexto; perfil dos participantes da pesquisa; estudos piloto; questões éticas; validade, confiabilidade e triangulação; instrumentos da pesquisa; e procedimentos adotados para tratamento dos dados.

O Capítulo 3 apresenta os resultados da pesquisa e sua análise e discussão. Finaliza-se com as considerações finais, à luz dos processos analisados e discutidos no próprio capítulo. Essa parte da dissertação também traz considerações sobre o estudo: em uma tentativa de aprimorá-lo para pesquisas futuras, há uma análise das suas falhas e sucessos e sugestões de modificação. O Anexo A traz a autorização dos participantes para o uso dos dados coletados. O Anexo B apresenta o questionário respondido por cada um dos participantes. Do Anexo C constam as dezesseis redações escritas pelos participantes. O Anexo D é constituído pelas transcrições dos protocolos verbais (editadas para os propósitos deste estudo, levando em consideração limitações de espaço) organizadas por participante.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é constituído pelos três eixos teóricos em que a pesquisa se baseou: aprendizagem de línguas estrangeiras, processos de tradução e ensino/aprendizagem de redação na língua estrangeira. A seção 1.1 trata de aspectos de aquisição de língua estrangeira: o conceito de interlíngua (a interferência interlingüística e intralingüística), e como esta se reflete na produção (erros). Ali também se discutem a teoria cognitiva e as estratégias de aprendizagem, dentro da definição de competência estratégica enquanto um dos quatro elementos da competência comunicativa. A seção 1.2 discute processos de tradução, finalizando com um modelo proposto por Alves (1997).

A seção 1.3 procura dar uma visão geral sobre a prática atual do ensino de redação em língua estrangeira, incluindo aspectos como, por exemplo, o que torna a linguagem escrita, principalmente na língua estrangeira, tão difícil e os aspectos que devem ser levados em consideração quando da redação de um texto – dois dos muitos desafios para o professor de língua estrangeira. Essa seção inclui, também, breves discussões sobre o conceito de redatores mais e menos hábeis, o *processo* na redação, e materiais didáticos mais e menos recentes. Finalmente, as seções 1.4 e 1.5 relacionam alguns estudos sobre a tradução no aprendizado da língua estrangeira e na redação em língua estrangeira.

1.1 – Aprendizagem de língua estrangeira

1.1.1 – Interlíngua e erros

Um conceito crucial para o estudo da aprendizagem de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira é o de interlíngua. Cunhado por Selinker (1972), este conceito envolve as seguintes premissas acerca da aquisição de uma língua estrangeira (apud ELLIS, 1994:30):

1. Os indivíduos constroem um sistema de regras lingüísticas abstratas que lastreia a compreensão e produção na língua estrangeira.
2. A gramática desses indivíduos é *permeável*, i.e., é passível de influências externas e internas (processamento interno).
3. A gramática é, também, transitória, i.e., é modificada periodicamente por adições e subtrações de regras, e reestruturações em todo o sistema, o que resulta em um contínuo.
4. Os aprendizes usam uma variedade de estratégias de aprendizagem para desenvolver a interlíngua.
5. A gramática tende a se fossilizar: segundo Selinker (op.cit.), apenas 5% dos aprendizes de língua estrangeira chegam a desenvolver a mesma gramática mental de falantes nativos.

No início, o desenvolvimento da interlíngua dentro de um contínuo (premissa 3, acima) era visto como a substituição das regras da língua materna pelas regras da língua-alvo. Contudo, segundo Ellis (1997: 54), o desenvolvimento da interlíngua não constitui um contínuo reestruturável, ou seja, o ponto de partida não é a língua materna, e os indivíduos não progredem por meio da substituição das regras da língua materna por regras da língua estrangeira. Em vez disso, constroem suas próprias regras temporárias. Lightbown e Spada (1999:71) comentam que, nessa reestruturação, o movimento de um ponto a outro na seqüência de desenvolvimento pode levar a um desempenho aparentemente correto para um aparentemente incorreto. Isso se deve ao fato de que, no início, muito do que os indivíduos produzem são fórmulas que, com o desenvolvimento da interlíngua, passam a ser analisadas, testadas e modificadas, com base no entendimento progressivo das regras ou relações gramaticais da língua-alvo. Essa modificação das expressões formulaicas usadas anteriormente pode gerar erros, o que cria a sensação de que o indivíduo “desaprendeu”, quando, na verdade, avançou. Portanto, um aumento na ocorrência de erros pode significar uma indicação de progresso.

Os erros causados por transferência da língua materna para a língua-alvo são denominados *interlinguais*. Os erros de desenvolvimento dentro do contínuo da interlíngua são *intra linguais*. Para Richards (1985:54), a interferência da língua materna é, claramente, a fonte principal de dificuldade para a aprendizagem da língua estrangeira

(erros interlinguais). No entanto, muitos erros derivam das estratégias empregadas na aprendizagem da língua estrangeira e da interferência mútua de itens da própria língua estrangeira (erros intralinguais). Segundo Lightbown e Spada (1999:72), uma série de estudos mostram que muitos erros podem ser explicados devido à tentativa dos indivíduos de descobrir a estrutura da língua-alvo e não à tentativa de transferir padrões da língua materna. Mesmo os erros interlinguais não constituem uma transferência automática de uma língua para a outra. Segundo Ellis (1997:53), os indivíduos têm uma intuição em relação a quais itens da língua materna são básicos. Estes são os itens que, em geral, são transferidos, e não os que são percebidos como exclusivos da língua materna. Em outras palavras, mesmo a transferência passa por uma avaliação de factibilidade antes de se realizar.

Richards (1985:47-51) classifica os erros de desenvolvimento (intralinguais) da seguinte forma:

1. Supergeneralização: criação de uma estrutura desviante com base na experiência de outras estruturas na língua-alvo; está associada à supressão de redundâncias;
2. Desconhecimento de restrições a regras: podem ser erros provocados por analogia ou pelo aprendizado mecânico, rotinizado, de regras;
3. Aplicação incompleta de regras: estruturas cujo desvio representa o grau de desenvolvimento das regras necessárias à produção de enunciados aceitáveis; pode ser explicada pela motivação para atingir a comunicação, que pode superar a motivação para produzir sentenças gramaticalmente corretas;
4. Hipóteses falsas: erros que derivam da compreensão errônea de distinções na língua-alvo.

Discutiremos e ilustraremos os tipos de erros citados acima no Capítulo 3 (adiante), onde é feita a classificação dos participantes desta pesquisa de acordo com as suas habilidades de redação e de suas habilidades lingüísticas.

Ainda segundo Richards (1985:82-92), a língua possui cinco características: é baseada em significado, em convenções, em adequação, em interações e em estruturas (organização retórica, discursiva, etc.). O segundo aspecto, o caráter convencional da língua, é relevante para a interpretação de erros, especialmente de níveis mais avançados. Richards (op.cit) afirma que, enquanto muitos dos esforços na aprendizagem

da língua estrangeira se concentram na comunicação de significados, ou seja, conseguir fazer-se entender, o objetivo final é um desempenho próximo de um falante nativo, tanto quanto possível⁶. O conhecimento se desenvolve, e se torna cada vez mais complexo, na medida em que o indivíduo revisa, constantemente, o funcionamento da língua estrangeira. No entanto, apenas uma pequena porção do que poderia ser gerado gramaticalmente é de fato usada na comunicação, que consiste no uso da língua dentro de convenções. Há restrições relativamente rígidas à capacidade criativo-construtiva dos falantes, e isto limita a produção de enunciados aceitáveis. Em decorrência disso, embora os indivíduos consigam produzir enunciados corretos em relação às regras gramaticais, estes podem não ser convencionais. Em outras palavras, embora sejam sentenças “gramaticalmente corretas”, nunca seriam usadas por falantes nativos, o que complica bastante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Uma vez tendo conseguido atingir um estágio de criação de enunciados na língua estrangeira, os indivíduos percebem que a maioria desses enunciados não é convencional, apesar de serem, sem dúvida, enunciados da língua estrangeira.

Ilustraremos a produção de enunciados não convencionais, apesar de gramaticalmente corretos, também no Capítulo 3 (adiante).

1.1.2 – Teoria cognitiva

Na publicação *Theories of Second-Language Learning*, McLaughlin (1987:133-153) discute, dentre outras, a teoria cognitiva. O enfoque específico da teoria cognitiva é o processo de aprendizagem visto como a aquisição de uma habilidade cognitiva complexa. Em vez de ver os processos lingüísticos como internos e pré-determinados (a exemplo da teoria dos universais lingüísticos, de Chomsky, 1968), a teoria cognitiva enfatiza os processos cognitivos envolvidos na *internalização de conhecimentos*, ou seja, ela considera que os processos lingüísticos são mais uma das muitas tarefas desempenhadas pela mente humana. Baseada em estudos psicológicos e

⁶ Apesar de aparentemente simples, a definição do que configura um “falante nativo” é controversa, na verdade. Existe uma idealização do falante nativo no ensino de línguas estrangeiras e uma subestimação do falante não-nativo, ambas inadequadas. Para uma discussão sobre os diferentes mitos que envolvem as habilidades de falantes nativos e não-nativos, vide Medgyes, 1994.

psicolinguísticos, a teoria procura explicar como o indivíduo acumula e automatiza regras e como reestrutura representações internas para que venham a corresponder à língua-alvo. A aquisição de uma habilidade cognitiva é vista como o resultado da automatização de rotinas ou unidades de atividade. Inicialmente, a execução dessas rotinas requer muito esforço mental (processos controlados), mas a repetição da atividade leva à disponibilização de rotinas automatizadas na memória de longo prazo. O resultado desse processo é a necessidade de cada vez menos esforço para as rotinas automatizadas, de modo que o indivíduo passa a se dedicar à aquisição de novas habilidades, ainda não automatizadas.

A teoria cognitiva parte de três premissas básicas:

- 1) a aprendizagem de uma habilidade cognitiva complexa envolve o uso de várias técnicas, de modo a superar as limitações na capacidade de processar informações;
- 2) as habilidades se tornam *automáticas* por meio da prática, e os processos controlados ficam, então, liberados para o desempenho de outras funções;
- 3) há uma constante *reestruturação* das interpretações internalizadas à medida que o indivíduo atinge graus progressivos de domínio da língua.

Os conceitos de *automaticidade* e *reestruturação* são essenciais para a teoria cognitiva. Para definir automaticidade, McLaughlin explica que, para funcionar de maneira eficaz, a mente humana desenvolve maneiras de organizar informações. Algumas tarefas requerem mais atenção; outras, já bem praticadas, requerem menos. O desenvolvimento de qualquer habilidade cognitiva complexa envolve a construção de um grupo de procedimentos bem aprendidos e automáticos, para que os processos controlados se liberem para novas tarefas. Dessa maneira, recursos limitados podem cobrir um leque enorme de tarefas. Quando um componente de uma tarefa se torna automatizado, a atenção pode ser voltada aos outros componentes, e uma tarefa antes difícil (ou até mesmo impossível) se torna factível. Em outras palavras, a aprendizagem envolve a transferência de informações para a memória de longo prazo e é regulada por processos controlados. As habilidades são aprendidas e rotinizadas (automatizadas) apenas depois do uso inicial de processos controlados, ou seja, são os processos controlados que regulam o fluxo de informação da memória de curto prazo para a de longo prazo.

A reestruturação vem da necessidade do indivíduo de impor organização e estruturar as informações adquiridas. À medida que a aprendizagem se desenvolve, representações cognitivas internalizadas mudam e são reestruturadas. Este processo de reestruturação envolve operações que são diferentes, mas complementares às operações de automaticidade. Ao adquirir uma habilidade complexa – por exemplo, uma nova língua –, o indivíduo elabora novas estruturas para interpretar informações novas e impor uma nova organização às informações já armazenadas. Ou seja, uma vez que os processos se tornam automatizados, consolidados e eficientes, o indivíduo segue para um nível de “metaprocedimento”, que gera mudança nas representações e reestruturação. A reestruturação pode ser um acréscimo às informações já armazenadas, ou uma descontinuidade do processo, em que uma nova informação faz com que o indivíduo reavalie as informações armazenadas para acomodá-la. McLaughlin afirma que a automaticidade é um processo característico de níveis iniciantes enquanto a reestruturação é característica de níveis mais avançados.

McLaughlin discute a relação entre reestruturação e estratégias, que classifica como: aprendizagem, produção e comunicação⁷:

- a) estratégias de aprendizagem: simplificar (supergeneralização e transferência); inferir; testar hipóteses; e praticar;
- b) estratégias de produção: planejar; e corrigir ou monitorar;
- c) estratégias de comunicação: evitar ou substituir certas formas lingüísticas ou funções discursivas; ou perseverar e recuperar mentalmente a informação desejada.

Para ele, as estratégias de aprendizagem são as responsáveis pelo processo de reestruturação. Em níveis iniciantes, o indivíduo se vale de simplificação, regularização, supergeneralização, e redução de redundâncias. Já em níveis mais avançados, o indivíduo infere e testa hipóteses com mais frequência.

⁷ Em McLaughlin (1987), esta classificação é baseada em Ellis (1985b), que, por sua vez, se baseou em Færch e Kasper (1983). FÆRCH, C.; KASPER, G. Procedural knowledge as a component of foreign language learners' communicative competence. In: BOETHE, H. e HERRLITZ, W. (Eds.) *Kommunikation im (Sprach-) Unterricht*. Utrecht: Rijksuniversiteit.

Apesar de McLaughlin afirmar que os processos lingüísticos não são internos nem pré-determinados, estudos mais recentes indicam que existem regiões no cérebro específicas para o armazenamento de informações lingüísticas (vide LIU, 2005, seção 1.4.2, adiante). No entanto, a teoria cognitiva continua sendo relevante devido aos conceitos de automaticidade e reestruturação. Esses conceitos ressurgem, por exemplo, nos modelos que procuram descrever os processos de tradução. No modelo de Alves (1997, vide seção 1.2, desta dissertação), existe a distinção entre o “Bloco Automático” e o “Bloco Reflexivo”, que apresentam semelhanças em relação aos processos de automaticidade e de reestruturação aqui descritos.

Para este estudo, os conceitos de automaticidade e de reestruturação são especialmente úteis para o delineamento do perfil dos participantes da pesquisa. Como veremos no Capítulo 3, o redator com nível lingüístico mais avançado verbalizou mais processos de reestruturação e apresentou uma série de processos lingüísticos já automatizados. Os redatores com nível lingüístico menos avançado apresentaram poucos ou nenhum processo de reestruturação e muito poucas indicações de processos já automatizados.

1.1.3 – Estratégias de aprendizagem

Um dos conceitos essenciais da abordagem comunicativa é o de competência comunicativa, de Hymes (1971, apud SAVIGNON, 1983:12), que define o que um falante precisa saber para ser competente comunicativamente em uma dada comunidade. Mais tarde, Canale e Swain (1980, apud SAVIGNON, op.cit.:46) elaboraram um modelo de competência comunicativa composto de quatro elementos:

- a) competência gramatical, ou lingüística: domínio do código lingüístico, habilidade de reconhecer características lexicais, morfológicas, sintáticas e fonológicas de uma língua e de manipulá-las para formar palavras e sentenças;
- b) competência sociocultural: conhecimento das regras sociais do uso da língua, que requer o entendimento do contexto social no qual a língua é usada (os papéis dos participantes, a informação que compartilham, a função da interação);

- c) competência discursiva: conexões entre uma série de sentenças, que formam um todo com significado, e que podem não estar explícitas, requisitando, portanto, um conhecimento geral de mundo e do contexto específico; e
- d) competência estratégica: as estratégias que se usam para compensar conhecimento incompleto, quando, por exemplo, não se sabe/se lembra de uma palavra; se deseja manter o canal de comunicação aberto enquanto se hesita para organizar o pensamento; não se entende o falante/escritor; não se é entendido.

Para este estudo, o conceito de competência estratégica é relevante. Uma vez que os processos de tradução não são diretamente acessíveis à observação, as estratégias utilizadas pelos participantes da pesquisa poderão auxiliar a identificação de tais processos, possibilitando traçar o caminho inverso em direção à “caixa preta” dos participantes. Em outras palavras, como o processo de tomada de decisões orienta as estratégias utilizadas pelos participantes, ele pode refletir os processos cognitivos pelos quais os indivíduos passam ao redigir na língua estrangeira.

Oxford (1990) divide as estratégias de aprendizagem em estratégias *diretas* e *indiretas*. As estratégias diretas envolvem a língua-alvo de maneira direta e requerem o processamento mental da língua. Estão subdivididas em três grupos: estratégias de memória, estratégias cognitivas, e estratégias de compensação. Mais especificamente, as estratégias diretas são:

- memória: criar conexões mentais, utilizar imagens e sons, revisar de maneira estruturada, agir física ou mentalmente;
- cognitivas: praticar, receber e enviar mensagens, analisar e raciocinar, criar uma estrutura para aprender e produzir;
- compensação: fazer inferências inteligentes, superar limitações na fala e na escrita.

As estratégias indiretas permitem que os indivíduos tenham controle sobre a própria cognição e não envolvem a língua-alvo de maneira direta. Elas também estão subdivididas em três grupos: estratégias metacognitivas, afetivas e sociais. Mais especificamente, as estratégias indiretas são:

- metacognitivas: objetivar, organizar, planejar e avaliar a aprendizagem;

- afetivas: diminuir a ansiedade, estimular a si próprio, avaliar o próprio estado emocional;
- sociais: fazer perguntas, cooperar com outros, criar empatia.

Pode-se tentar relacionar as classificações de McLaughlin e Oxford e inferir que, segundo McLaughlin, as estratégias de memória e as cognitivas, segundo a nomenclatura de Oxford (por ele denominadas estratégias de aprendizagem) seriam as responsáveis pelo processo de reestruturação; as estratégias de compensação e as metacognitivas (por ele denominadas estratégias de produção e comunicação) não influenciariam na reestruturação de informações.

1.2 – Processos de tradução

Em meados da década de 1980, os estudos da tradução ganharam uma nova área de interesse: o estudo dos *processos* de tradução. Segundo Lörcher (1992:426), a teoria da tradução se preocupava primordialmente com o produto da tradução e a competência dos tradutores, deixando uma lacuna. Os estudos sobre o produto eram, de uma maneira geral, prescritivos e de uso limitado para tradutores, e os estudos sobre a competência eram teóricos em vez de empíricos. O estudo dos processos de tradução veio ao encontro da necessidade de investigar o desempenho real dos tradutores, por meio do estudo de como as traduções são feitas de fato.

Grande parte dos processos de tradução é automática, principalmente entre tradutores proficientes, portanto de difícil verbalização, daí a dificuldade de identificá-los. Devido a esta dificuldade, esses processos geralmente são investigados pelo uso de protocolos verbais (vide seção 2.7.3, adiante). Uma série de estudos (apud FRASER, 1996:87: Gerloff, 1986, 1987, 1988⁸; Jääskeläinen, 1987, 1989⁹; Lörcher, 1991,

⁸ GERLOFF, P. Second-language learners' reports on the interpretive process: talk-aloud protocols of translation. In: HOUSE, J. e BLUM-KULKA, S. (Eds.) *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Narr. 1986.; GERLOFF, P. Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: FÆRCH, C. e KASPER, G. (Eds.) *Introspection in second-language research*. Clevedon: Multilingual Matters. 1987.; GERLOFF, P. *From French to English: a look at the translation process in students, bilinguals and professional translators*. Tese de doutorado não publicada. Harvard: Harvard University. 1988.

⁹ JÄÄSKELÄINEN, R.H. *What happens in a translation process: a think-aloud protocol study*. Dissertação não publicada. Savonlinna School of Translation Studies, University of Joensuu. 1987.; JÄÄSKELÄINEN, R.H. Translation assignment in

1992¹⁰; Krings, 1986, 1987¹¹; Séguinot, 1989, 1990, 1991¹²; e Tirkkonen-Condit, 1989¹³; dentre outros), que se valeram de protocolos verbais, foi realizada nas últimas duas décadas, no intuito de mapear esses processos.

Jääskeläinen (1996) exemplifica a diversidade dos processos de tradução, citando quatro diferentes processos estudados:

- estratégias para a solução de problemas (Krings, 1986¹⁴; Lörcher, 1991¹⁵);
- planejamento cognitivo (Hölscher e Möhle, 1987¹⁶);
- critérios de decisão (Tirkkonen-Condit, 1989¹⁷);
- uso da consciência (Jääskeläinen, 1990¹⁸).

Lörcher (1992, 1996, 2002, 2005) descreve cinco tipos de estratégias de tradução (vide Figura 1, adiante):

- I: identificar um problema de tradução, e encontrar (ou não) uma solução para o problema.
- II: identificar um problema de tradução, procurar uma solução para o problema, e encontrar (ou não) uma solução.
- III: identificar um problema de tradução, verbalizar o problema, e encontrar (ou não) uma solução para o problema.
- IV: identificar um problema de tradução, procurar uma solução para o problema antes ou depois de verbalizá-lo, e encontrar (ou não) uma solução para o problema.
- V: o mesmo processo do Tipo IV, com várias soluções diferentes.

professional versus non-professional translation: a think-aloud protocol study. In: SÉGUINOT, C. (Ed.) *The translation process*. Toronto: H.G. Publications, School of Translation, York University. 1989.

¹⁰ LÖRSCHER, W. Thinking-aloud as a method for collecting data on translation processes. In: TIRKKONEN-CONDIT, S. (Ed.) *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen: Narr. 1991.; LÖRSCHER, W. Investigating the translation process. *Meta* 37 (1992) 3. p.426-39.

¹¹ KRINGS, H.P. *Was in den Köpfen von Übersetzen vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Narr. 1986.; KRINGS, H.P. The use of introspective data in translation. In: FÆRCH, C. e KASPER, G. (Eds.) *Introspection in second-language research*. Clevedon: Multilingual Matters. 1987.

¹² SÉGUINOT, C. *The translation process*. Toronto: H.G. Publications, School of Translation, York University. 1989.; SÉGUINOT, C. Interpreting errors in translation. *Meta* 35 (1990) 1. p.68-73.; SÉGUINOT, C. A study of student translation strategies. In: TIRKKONEN-CONDIT, S. (Ed.) *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen: Narr. 1991.

¹³ TIRKKONEN-CONDIT, S. Professional versus non-professional translation: a think-aloud protocol study. In: SÉGUINOT, C. *The translation process*. Toronto: H.G. Publications, School of Translation, York University. 1989. p.73-86.

¹⁴ Vide nota 8.

¹⁵ LÖRSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies: a psycholinguistic investigation*. Tübingen: Narr. 1991.

¹⁶ HÖLSCHER, A.; MÖHLE, D. Cognitive plans in translation. In: FÆRCH, C. e KASPER, G. (Eds.) *Introspection in second-language research*. Clevedon: Multilingual Matters. 1987.

¹⁷ Vide nota 10.

¹⁸ JÄÄSKELÄINEN, R.H. *Features of successful translation processes: a think-aloud protocol study*. Tese não publicada. University of Joensuu, Savonlinna School of Translation Studies. 1990.

Flow Chart of Translational Problem Solving

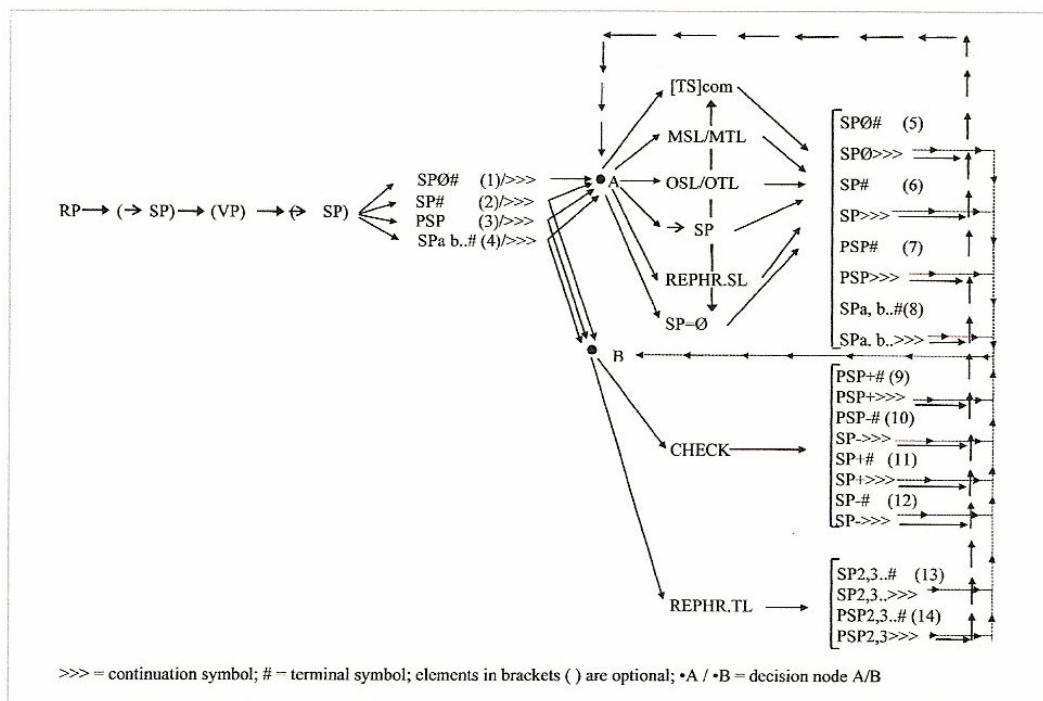


Figura 1: Diagrama de solução de problemas de tradução (Lörscher, 2005).

Para Shreve e Diamond (1997), os seguintes elementos estão presentes no processo de tradução:

- processamento sensorial primário: primeiro passo no processo de tradução e interpretação, a transposição do estímulo visual ou auditivo para a memória de curto prazo;
- invocação de processos de ordem superior e acesso à memória de longo prazo: o sinal de entrada evoca uma série de processos de ordem superior cuja saída é integrada à memória de curto prazo, ou seja, existe uma integração entre o sinal de entrada e a memória de longo prazo, de modo a realizar uma análise lingüística, e a subsequente compreensão e produção;
- filtragem, ativação e substrato de trabalho: mecanismos que se influenciam uns aos outros: os mecanismos de filtragem integram a memória de curto prazo ao substrato de trabalho (representações de formas e funções da língua materna e da

língua estrangeira) por meio da transmissão seletiva de informações; a filtragem ocorre de maneira muito rápida e é um tipo de seleção que ativa certos caminhos neurais enquanto ignora outros; uma vez que o sinal acessa a memória de longo prazo, um substrato de experiências anteriores é ativado; este substrato, que é idiossincrático e cultural, contribui, tanto quanto o sinal em si, para o processo de filtragem;

- **automaticidade:** o sistema automaticamente reconhece padrões largamente experimentados e os associa a representações já existentes na memória de longo prazo; isto se deve ao fato de o uso freqüente de elementos lingüísticos aumentar e fortalecer a disponibilidade de conexões na memória; dessa forma, operações complexas ocorrem com um mínimo de esforço de processamento, e um sinal de entrada automático pode evocar múltiplas ativações; entretanto, indivíduos que não possuem essas representações bem estabelecidas precisam de mais esforço de processamento e são, portanto, menos eficientes;
- **consciência e esforço:** o resultado das operações do substrato de trabalho ativadas pelo sinal de entrada retorna à memória de curto prazo como sinal de saída filtrado, onde o indivíduo toma consciência do que não foi resolvido durante essas operações; ocorre, então, um processamento com mais atenção e esforço cognitivo, de modo a resolver esses problemas de processamento; nesse momento, o sistema tenta recuperar informações que possam auxiliar: procedimentos utilizados anteriormente, lembranças de situações semelhantes, associação de padrões, ou outros mecanismos de resolução; maior esforço de processamento reduz a eficiência com que uma tarefa em particular é desempenhada ou a habilidade de desempenhar tarefas simultâneas.

Aqui é interessante notar a presença da automaticidade, textualmente colocada, no modelo de Shreve e Diamond, que também está presente nos modelos e teorias sobre processos de tradução mencionados anteriormente. A automaticidade, como vimos, é um dos elementos essenciais da teoria cognitiva de McLaughlin. Isso indica pelo menos um ponto de interseção entre as teorias de aprendizagem e as teorias de processos de tradução: os processos automáticos.

Rodrigues (2002:23-57) descreve cinco modelos empíricos do processo da tradução. No primeiro, Krings (1986)¹⁹, em um estudo pioneiro, identificou três complexos de estratégias: de recepção, de busca de equivalentes, e de avaliação. No segundo, Königs (1986, 1987)²⁰ discute a interação entre processos automáticos (Ad hoc-Block) e processos estratégicos (Rest-Block). No terceiro, Hönig (1995)²¹ elaborou um modelo empírico do processo de tradução no qual a recepção do texto de partida pelo tradutor leva a uma projeção mental do texto na memória, que é influenciada por esquemas mentais sobre a macroestrutura do texto e expectativas e crenças de como o texto de chegada deve ser, o que resulta em uma macroestratégia para o processo da tradução; a partir desse momento, são aplicadas estratégias tradutórias, monitoradas constantemente. No quarto, Kiraly (1995)²² elaborou um modelo psicolinguístico da tradução, dividido em três componentes: a memória de longo prazo, um ambiente de trabalho intuitivo e um ambiente de trabalho estratégico. Finalmente, Alves (1995)²³, baseando-se no modelo de Königs (1986, 1987, op.cit.), adiciona o conceito da relevância às categorias “Ad hoc Block” e “Rest-Block” e descreve a interação entre as memórias de curto e longo prazo durante o processo de tradução.

O modelo de Alves (op.cit) divide o processo tradutório em sete etapas processuais:

1. Automatização – processos que ocorrem no Bloco Automático (BA);
2. Bloqueio Processual – ocorre quando o tradutor não encontra uma correspondência automática para uma determinada unidade tradutória;
3. Apoio Interno – trata-se das operações mentais que envolvem os conhecimentos prévios do tradutor. Há dois tipos de apoio interno: aquele que tem como base o processamento de conhecimentos já disponíveis, em que há recuperação de memória previamente armazenada ou memória de longo prazo (MLP); e aquele que utiliza-se de processos inferenciais para chegar a uma decisão de tradução, valendo-se de inferências locais/demonstrativas e/ou globais/não demonstrativas;

¹⁹ Vide nota 8.

²⁰ KÖNIGS, F.G. Der Vorgang des Übersetzens: Theoretische Modelle und praktischer Vollzug. Zum Verhältnis von Theorie und Praxis in der Übersetzungswissenschaft. *Lebende Sprachen* 31 (1986) 1. p.5-12; KÖNIGS, F.G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. *Die Neueren Sprachen* 86 (1987) 2. p.162-85.

²¹ HÖNIG, H.G. *Konstruktives Übersetzen*. Tübingen: Stauffenburg. 1995.

²² KIRALY, D. *Pathways to translation: pedagogy and process*. Kent: Kent State University Press. 1995.

²³ ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? Eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen portugiesischen und brasilianischen Übersetzern*. Hamburg: Dr. Kovac. 1995.

4. Apoio Externo²⁴ – trata-se de estratégias sobre como e onde procurar soluções para informações não disponíveis, e.g. dicionários, sites na Internet, enciclopédias, glossários, literatura técnica especializada, textos de consulta, informantes;
5. Combinação de Apoios Interno e Externo – por meio da própria experiência, o tradutor aprende a reconhecer quando uma das fontes de apoio acima (3 ou 4) se esgotou e passa, então, a utilizar, alternativamente, os recursos de um outro tipo de processamento cognitivo, de modo a dar continuidade ao processo tradutório;
6. Priorização e Omissão de Informações – momento em que o tradutor decide sobre a priorização de algumas informações mais relevantes em detrimento da omissão de informações menos relevantes no intuito de obter o maior efeito contextual e o menor efeito processual possível, pelo estabelecimento de uma inter-relação entre o texto e a língua de partida e o texto e a língua de chegada;
7. Aperfeiçoamento do Texto de Chegada (TC) – momento em que o tradutor revisa todo o processo tradutório, reiniciando a tradução, se assim o desejar, ou, simplesmente, aperfeiçoando as unidades tradutórias que ainda considerar insatisfatórias.

No modelo de Alves (vide Figura 2, adiante), os retângulos indicam as diferentes etapas do processo tradutório e os losangos indicam os momentos em que o tradutor precisa tomar uma decisão. Há vários caminhos que podem ser descritos pelo modelo:

- a) o tradutor decide que a unidade tradutória está no Bloco Automático e tem acesso direto à memória de curto prazo (MCP);
- b) o tradutor decide que a unidade tradutória não está no Bloco Automático e também não se resolve no Bloco Reflexivo (BR), o que leva a um círculo vicioso até a eliminação da unidade tradutória em questão;
- c) o tradutor decide que a unidade de tradução se resolve no Bloco Reflexivo, na memória de longo prazo, e se vale de apoio interno para realizar a tradução; OU o tradutor decide que a unidade de tradução se resolve no Bloco Reflexivo, mas não na memória de longo prazo, e se vale de apoio externo para realizar a tradução;
- d) depois de se valer de apoio interno e/ou externo, o tradutor decide sobre o que priorizar e o que omitir na tradução;

²⁴ No diagrama, deve-se ler “apoio externo” e não “apoio interno” dentro do retângulo que ilustra o caminho quando a unidade de tradução não está na memória de longo prazo.

e) caso satisfeito, o tradutor finaliza o processo de tradução; OU o tradutor, ainda não satisfeito com o resultado da tradução, reinicia o processo.

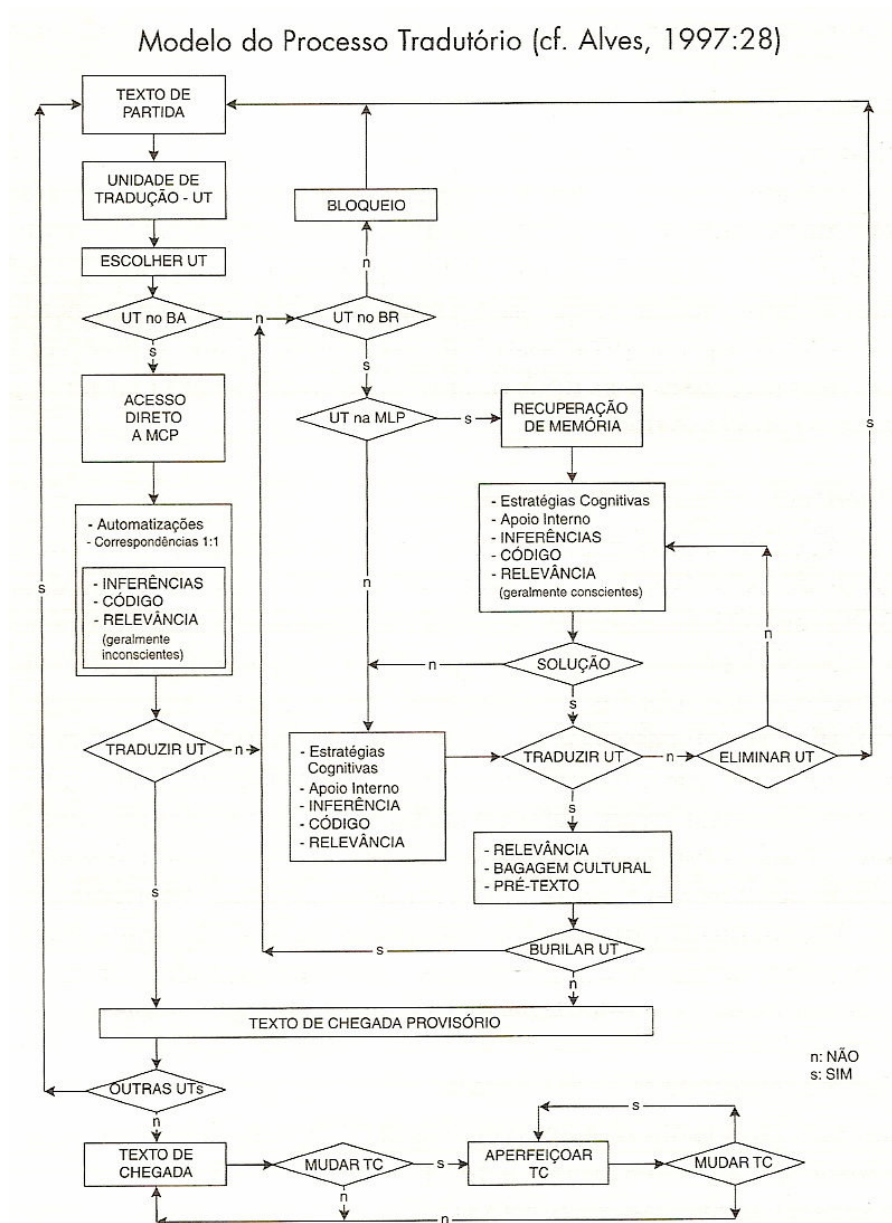


Figura 2: Modelo do processo tradutório (Alves, 1997).

Aqui, mais uma vez, percebemos a automaticidade como elemento integrante tanto do modelo de Königs (processos automáticos: Ad hoc-Block) quanto do modelo de Alves (automatização: Bloco Automático).

1.3 – Redação na língua estrangeira

Tradicionalmente, a produção escrita tem um status elevado no ensino de línguas estrangeiras, sendo, muitas vezes, a única evidência aceitável de proficiência lingüística de um indivíduo (WHITE, 1995:iv). Escrever é, acima de tudo, um processo complexo e muito pessoal. Para cada um, a definição do ato de redigir é diferente, mas não menos correta. Spencer e Arbon (1996:7) definem o ato de escrever como um processo contínuo que finda com idéias bem organizadas no papel, ou seja, enfatizam a característica processual da redação. Para Frydenberg e Boardman (1990:xvii), ser um bom escritor significa mudar e melhorar constantemente o que já está escrito, ou seja, enfatizam a importância da revisão na redação. Winterwood (1975:1) compara a redação à solução de um quebra-cabeças e acrescenta que a habilidade de escrever não é meramente utilitária, no sentido restrito de comunicação com o mundo ‘lá fora’; é, também, uma maneira poderosa de lidar com o mundo interior de aspirações, sentimentos, valores, identidade, imaginação (op.cit.:vii). Neste sentido, há forte associação com a tradução enquanto processo que permite compreender a realidade por meio de associação com o já conhecido.

Para muitos, a produção escrita é a mais difícil de desenvolver, quando comparada à produção oral, à compreensão escrita e à compreensão oral. Para Richards (1990:100-1), parte da dificuldade de aprender a escrever se deve à diferença entre o discurso falado (cujas regras se aprendem enquanto se fala) e o escrito (cujas regras, muito diferentes das do discurso falado, precisam ser aprendidas com instrução e prática). Além disso, o processo de partir de conceitos, pensamentos e idéias em direção a um texto escrito representa uma série de operações mentais complicadas. Para Bereiter e Scardamalia (1983:21-2), a dificuldade se deve, dentre outros fatores, ao fato de que, ao escrever, o indivíduo deve aprender a rastrear a própria memória, em vez de ser ajudado pelo que os outros dizem; planejar unidades maiores de discurso, em vez de planejar apenas o que será dito em seguida; e aprender a funcionar tanto como emissor quanto como receptor, sustentando esse duplo papel a partir do qual se desenvolve a habilidade de revisar. No entanto, com o passar do tempo, através de um processo de “automatização”, depois que a mecânica de redação é praticada o suficiente, a redação não exige mais tanta capacidade mental por parte do aprendiz, e a tarefa se torna mais fácil (op.cit.:23-4). Aqui vemos uma forte relação entre o conceito de “automatização”,

discutido tanto por McLaughlin (seção 1.1.2) quanto por Alves (seção 1.2), e a alta demanda mental da redação.

De fato, redatores mais hábeis apresentam comportamentos bastante diferentes de redatores menos hábeis. Lapp²⁵ (1984, apud RICHARDS, 1990:116-7) traz uma comparação entre redatores “hábeis” e “inábeis”:

Estágio	Redatores hábeis	Redatores inábeis
Pré-redação	<ul style="list-style-type: none"> • pensam sobre a tarefa a realizar e planejam como realizá-la; • reúnem e organizam informações; • possuem uma variedade de estratégias, e.g., tomar notas, ler, fazer listas. 	<ul style="list-style-type: none"> • gastam pouco tempo planejando; • começam a realizar a tarefa um pouco confusos; • possuem poucas estratégias para planejar e se organizar.
Rascunho e redação	<ul style="list-style-type: none"> • usam informações e idéias da fase de pré-redação para começarem a escrever e também para manter o enfoque e continuar a redação; • dão tempo para que as idéias se desenvolvam; • escrevem rápida e fluentemente; • possuem recursos lingüísticos suficientes que permitem que se concentrem em significado em vez de forma; • revisam o que escrevem, usando a revisão para planejar o que será escrito em seguida; • fazem a maioria da revisão no nível da sentença ou do parágrafo; • sabem usar a revisão para resolver problemas de redação; • sua preocupação primordial é com altos níveis de significação. 	<ul style="list-style-type: none"> • começam a escrever imediatamente; • usam as instruções para a redação ou o tema para começarem a escrever; • possuem recursos lingüísticos limitados e então logo se vêem preocupados com questões lingüísticas; • gastam pouco tempo revisando o que produziram; • revisam apenas segmentos curtos do que produziram; • não usam revisão para resolver problemas de redação; • não possuem informações ou idéias da fase de pré-redação; • sua preocupação primordial é com vocabulário e formação de períodos.
Revisão	<ul style="list-style-type: none"> • fazem poucas modificações no nível superficial; • fazem bom uso de revisões para esclarecer significados; • fazem revisões eficazes que mudam a direção e o enfoque do texto; • revisam em todos os níveis (lexical, sentencial, discursivo); • adicionam, deletam, substituem ou reorganizam quando revisam; • revisam durante todo o processo de redação; • param freqüentemente para revisar quando passam o primeiro rascunho a limpo; • a revisão não atrapalha o progresso, a direção, e o controle do processo de redação; • não se incomodam com confusões temporárias que surjam durante a revisão; • usam a revisão para gerar novos conteúdos e a necessidade de novas revisões. 	<ul style="list-style-type: none"> • fazem muitas mudanças formais no nível superficial; • suas revisões nem sempre esclarecem significados; • não fazem revisões da direção ou enfoque do texto; • revisam primordialmente os níveis lexical e sentencial; • não fazem uso eficaz de adições, deleções, substituições e reorganizações; • fazem a maior parte da revisão apenas durante a redação do primeiro rascunho; • a revisão atrapalha o processo de redação; • se incomodam com a confusão que vem da revisão, portanto evitam revisar; • usam a revisão primordialmente para corrigir gramática, ortografia, pontuação, vocabulário.

Quadro 1: Comparação entre redatores hábeis e inábeis (LAPP, 1984, apud RICHARDS, 1990:116-7) (tradução minha).

²⁵ LAPP, R. *The process approach to writing: towards a curriculum for international students*. Dissertação de mestrado, disponível no Departamento de Inglês como Segunda Língua, Universidade do Havai. 1984.

Percebe-se, de acordo com o Quadro 1, que os redatores menos hábeis se preocupam muito com os aspectos formais e com o produto final da redação, e tendem a fazer correções e modificações em níveis superficiais. Já os redatores mais hábeis tendem a se beneficiar do processo de redação em si, se valendo o quanto possível de revisões sucessivas, modificando o texto em níveis mais profundos, no intuito de conseguir comunicar significados; já possuem os recursos lingüísticos para atingir este objetivo e esses não são, portanto, a sua preocupação primordial. Neste ponto, é interessante ressaltar a relação entre a (in)habilidade do redator e os seus recursos lingüísticos. Os comportamentos descritos acima parecem indicar que os redatores mais hábeis são aqueles que não só conseguem suportar as indefinições advindas de um processo contínuo de revisão, mas também que possuem mais recursos lingüísticos que os permitam ter flexibilidade para usar a língua a seu serviço, em vez de estarem reféns das suas limitações lingüísticas. A classificação de Lapp será utilizada no Capítulo 3 (adiante) para a classificação dos participantes desta pesquisa.

Até poucas décadas atrás, o ensino de redação, tanto na língua materna quanto na língua estrangeira, enfatizava o *produto*, ou seja, a versão final do texto. O ensino se dava através da instrução de princípios rígidos de retórica e organização, baseada em um texto modelo, e na correção dos textos dos alunos com base nesse modelo. No ensino de redação na língua estrangeira, especificamente, o objetivo primordial era consolidar conteúdos lingüísticos e/ou testar o conhecimento dos alunos. No entanto, a partir de meados da década de 1960, o ensino de redação, na língua materna e um pouco mais tarde na língua estrangeira, sofreu uma mudança de enfoque. Atualmente, tenta-se enfatizar a fluência, ainda que não desconsiderando a importância da acuidade lingüística, e desenvolver a autoconfiança dos alunos (WHITE, 1995:3). Para Kroll (1991:247), a transformação mais significativa no ensino de redação foi, sem dúvida, a mudança do enfoque do produto para o processo²⁶. Aqui, novamente, pode-se traçar um paralelo com os estudos da tradução, que também passaram a se preocupar mais com o processo (vide LÖRSCHER, 1992, seção 1.2 desta dissertação, e RODRIGUES, 2002), a partir da década de 80.

²⁶ Para uma discussão sobre a escrita enquanto produto e enquanto processo, vide Figueiredo (2005).

Essa mudança de enfoque no ensino da redação, segundo Brown (1994:320-1), teve uma série de conseqüências, dentre delas:

- a) ajudar os alunos a entender o seu próprio processo de redação;
- b) ensinar estratégias de geração de idéias, produção de rascunhos, e revisão;
- c) dar aos alunos tempo para escrever e reescrever;
- d) dar maior importância ao processo de revisão;
- e) orientar e corrigir os alunos *enquanto* escrevem e não apenas *depois* de o texto ter sido terminado.

Em um trabalho intitulado *Process Writing*, White e Arndt (1991) examinam em detalhes o que representaria cada passo do processo de redação:

GERAÇÃO DE IDÉIAS: uso de mecanismos variados para a geração de idéias que, mais tarde, podem ou não ser utilizadas na produção do texto escrito. Alguns desses mecanismos são *freewriting*, *brainstorming*, *clustering*, *wh-questions*²⁷, que implicam pensar a respeito do tema e tomar notas.

ENFOQUE: delimitação do tema a partir da consideração do propósito da redação, do público-alvo, do formato que o texto deve assumir, da extensão que o texto pode/deve ter. Nesse momento, o(a) autor(a) relê as anotações feitas durante a fase de geração de idéias (ou avalia as idéias advindas da música, vídeo, cheiro, etc.) e seleciona aquelas que melhor levem em consideração tais delimitações.

ESTRUTURAÇÃO: organização das idéias previamente selecionadas em um esquema lógico (esboço). Aqui, as idéias são agrupadas na ordem do que se tornarão os parágrafos da redação, levando em consideração a lógica da argumentação, o tipo de texto a ser escrito, a extensão que o texto pode/deve ter (o número de parágrafos ou argumentos diferentes que o texto pode suportar), o impacto que o(a) autor(a) deseja causar no(a) leitor(a).

RASCUNHO: a redação propriamente dita. Aqui, o(a) autor(a) utiliza as idéias previamente selecionadas, organizadas dentro de um esquema lógico, para redigir o texto. Esta fase é chamada de rascunho porque não é vista como o final do processo. Nessa fase ainda se fazem muitas modificações, e ainda se gasta muito

²⁷ Por *freewriting* entende-se a redação sem interrupções, a fim de capturar o máximo de idéias produzidas sobre um determinado tema. Por *brainstorming* entende-se anotar as idéias, em forma de palavras-chave. Por *clustering* entende-se agrupar as idéias, formando um "mapa mental". Por *wh-questions*, entende-se o uso de perguntas, que não sejam do tipo "sim/não" para estimular a geração de idéias.

tempo considerando a melhor maneira de dispor os argumentos, escrevendo, apagando, adicionando e substituindo, no intuito de melhor comunicar o que se deseja.

AVALIAÇÃO: depois de escrever o texto, o(a) autor(a) o relê e faz ajustes de conteúdo e forma, levando em consideração as delimitações citadas acima. Essa avaliação, tradicionalmente feita pelo(a) próprio(a) autor(a) e pelo(a) professor(a), pode – e deve até – ser feita também por colegas, em pares ou grupos. O objetivo de tal prática é simular, da maneira mais próxima da realidade possível, o processo de redação e leitura de um texto, trazendo mais interesse e realidade à prática de redação na sala de aula.

REVISÃO: última fase do processo, em que praticamente se tem o produto final da redação. Aqui testam-se as conexões lógicas, os elementos coesivos, a segmentação dos parágrafos, o encadeamento dos argumentos, o impacto que o texto causará no(a) leitor(a), o tom e o estilo adotados pelo(a) autor(a). Aqui também se faz uma revisão final de forma: ortografia, pontuação, gramática, etc. Nesse momento, o(a) professor(a) pode assumir o papel de avaliador(a) e atribuir uma nota ou conceito ao produto final.

A definição e análise de cada passo são relevantes, principalmente do ponto de vista pedagógico. No entanto, deve-se levar em consideração que raramente, se alguma vez, produz-se um texto seguindo a ordem descrita acima. O processo de redação não é linear (KROLL, op.cit.); é recursivo e envolve uma série complexa de escritas e reescritas, recomeços, tropeços, imprecisões, tomadas de decisão, que variam de indivíduo para indivíduo, até que se consiga chegar a um produto “mais ou menos acabado” que reflita, o quanto possível, as idéias do(a) autor(a) dentro das normas e convenções do discurso escrito. “Mais ou menos acabado” se refere ao comentário de muitos escritores sobre o fato de nunca realmente se concluir uma obra, mas de abandoná-la mais cedo ou mais tarde, por motivos variados. Essa característica não-linear se comprovou com os participantes desta pesquisa, que verbalizaram o processo descrito acima (vide Capítulo 3, seção 3.1, adiante).

Segundo Raimes (1983:6), os seguintes aspectos têm que ser considerados, quando da produção de um texto escrito, para se obter uma comunicação de idéias clara, fluente, e eficaz²⁸:

CONTEÚDO: relevância, clareza, originalidade, lógica, etc.

PROCESSO DO AUTOR: gerar idéias, começar, escrever rascunhos, revisar.

PÚBLICO-ALVO: o/a(s) leitor/a(es/as).

PROPÓSITO: o motivo da redação.

ESCOLHA LEXICAL: vocabulário, expressões idiomáticas, tom.

ORGANIZAÇÃO: parágrafos, tópico e suporte, coesão e unidade.

MECÂNICA: caligrafia, ortografia, pontuação, etc.

GRAMÁTICA: regras verbais, concordância, artigos, pronomes, etc.

SINTAXE: estrutura frasal, conectivos, escolhas estilísticas, etc.

Isso também se comprovou com os participantes desta pesquisa, que verbalizaram a consciência ou preocupação com todos os aspectos mencionados acima (vide Capítulo 3, seção 3.1, adiante).

No intuito de abarcar todos, ou a maior parte dos aspectos acima, os materiais didáticos direcionados ao ensino de redação têm enfatizado, cada vez mais, o aspecto processual da redação, e as suas múltiplas dimensões. De um modo geral, o que se ensina em relação à redação não mudou estruturalmente. Ainda ensinam-se tipos de texto; questões de estilo e retórica; níveis de formalidade; limitações do texto (em relação ao público, à extensão, etc.); elementos do parágrafo e da redação; além de pontos gramaticais. O que mudou foi a maneira de abordar cada um desses componentes. Houve também a inclusão dos elementos do processo de redação: técnicas de geração de idéias; esquematização/organização de idéias (esboço); revisão. Comparando-se, por exemplo, materiais da década de 1980 (por exemplo, TROYKA e NUDELMAN, 1982; BANDER, 1983) e livros mais recentes (por exemplo, O'DONNELL e PAIVA, 1993; SMALLEY, RUETTEN e KOZYREV, 2000), percebe-se que o componente gramatical tem perdido espaço: a gramática, muitas vezes o tema central das unidades de um livro, atualmente fica no final das unidades, ou até mesmo

²⁸ No texto original, estes aspectos são apresentados em formato de diagrama, não representando, portanto, uma ordem hierárquica ou cronológica. No presente texto, optou-se por listar os aspectos no sentido horário em relação ao diagrama original, começando pelo primeiro item da direita, no alto.

no final do livro, como anexo. Há uma ênfase na prática constante da redação, com o intuito de desenvolver nos alunos a consciência sobre o próprio processo de criação. Há, também, o uso de símbolos de correção para estimular a autocorreção, mudando o enfoque do produto para o processo e mudando, também, o papel do(a) professor(a), que passa a ser cada vez mais um(a) facilitador(a) em vez de um referencial lingüístico. No entanto, isso se aplica apenas aos materiais didáticos direcionados ao ensino da redação. Os materiais didáticos em geral ainda têm o programa gramatical como espinha dorsal do ensino.

1.4 – Tradução: influência da língua materna na língua estrangeira

Em um estudo longitudinal, Edelsky (1982, apud LIU, 2005)²⁹, analisou as redações de 26 crianças bilíngües e concluiu que o conhecimento sobre como redigir na língua materna havia sido transferido de maneira positiva para a redação na língua estrangeira. Lay (1982, apud LIU, 2005)³⁰ também obteve um resultado semelhante, ao constatar que, quanto mais a língua materna era utilizada para redigir na língua estrangeira, melhores eram os resultados em relação a idéias, organização e detalhes dos textos. Cumming (1989, apud LIU, 2005)³¹ constatou que, dos 23 participantes franceses do seu estudo, todos adultos, aqueles que escreviam melhor em francês terminaram por escrever melhor também em inglês, a língua estrangeira em questão. Kobayashi e Rinnert (1992, apud LIU, 2005)³² pediram a 48 participantes japoneses, divididos em dois níveis de proficiência, que compusessem textos em inglês e também em japonês. Os textos em japonês foram depois traduzidos para o inglês e os resultados evidenciaram que os participantes com nível mais baixo de proficiência se beneficiaram mais da atividade de tradução.

Em um estudo sobre o papel da tradução mental como estratégia cognitiva para a leitura na língua estrangeira³³, Kern (1994), através da análise de protocolos verbais,

²⁹ EDELSKY, C. Writing in a bilingual program: the relation of L1 and L2 texts. *TESOL Quarterly* 16 (1982) 2. p.211-28.

³⁰ LAY, N. Composing processes of adult ESL learners: a case study. *TESOL Quarterly* 16. 1982. p.406.

³¹ CUMMING, A. Writing expertise and second language proficiency. *Language Learning* 39 (1989) 1. p.81-141.

³² KOBAYASHI, H.; RINNERT, C. Effects of first language on second language writing: translation versus direct composition. *Language Learning* 42 (1992) 2. p.183-215.

³³ Faria (2006) produziu resultados coincidentes em relação à leitura em inglês por parte de alunos brasileiros.

investigou: a) até que ponto e sob que condições os informantes traduziam mentalmente enquanto liam na língua estrangeira; b) qual o papel da tradução no processo de compreensão da língua estrangeira; c) se a tradução facilitava a compreensão; e d) se a habilidade de ler na língua estrangeira afetava o grau de tradução durante a leitura. Os informantes eram 51 estudantes universitários, falantes nativos de inglês, no terceiro semestre de francês como língua estrangeira. Para investigar se o uso da tradução mudava com o passar do tempo, os dados foram coletados no início e no fim do semestre letivo.

Uma das constatações do estudo foi o uso mais freqüente de tradução por parte do grupo “menos habilidoso”. Outra constatação foi a diminuição do uso de tradução, em todos os grupos, na segunda coleta de dados. Além disso, o uso da tradução favoreceu os membros do grupo “mais habilidoso” mais do que os do grupo “menos habilidoso”. O uso da tradução produziu os seguintes benefícios, segundo os informantes: facilitou o processamento semântico e permitiu a consolidação de significados; facilitou a concentração para que os significados pudessem ser integrados e assimilados; facilitou a retenção de mais palavras ou grupos de idéias na memória de curto prazo; além de diminuir barreiras afetivas, reduzindo a insegurança durante a leitura na língua estrangeira. Kern concluiu que os informantes se valiam da língua materna para entender o texto na língua estrangeira, e também para criar e manter significados. Kern também concluiu que a tradução mental era utilizada para resolver problemas específicos de compreensão, e.g. palavras e estruturas desconhecidas.

Em um estudo sobre o papel da língua materna na leitura na língua estrangeira, Upton e Lee-Thompson (2001) investigaram como leitores de inglês como língua estrangeira se valiam da língua materna para ajudar o entendimento de um texto expositivo e em que contextos o uso cognitivo da língua materna facilitava a compreensão na língua estrangeira. O estudo tinha 20 informantes, 10 falantes nativos de chinês e 10 de japonês, falantes de inglês como língua estrangeira. A partir da análise de protocolos verbais consecutivos, gerados durante a leitura de um texto de 231 palavras, os pesquisadores identificaram as seguintes estratégias utilizadas pelos informantes:

- tradução do significados de palavras ou sintagmas: tradução de palavras ou sintagmas em inglês (unidades semânticas) para a língua materna;

- esforço para entender o significado de palavras ou sintagmas: tentativa de traduzir palavras ou sintagmas desconhecidos;
- confirmação da compreensão de trechos grandes do texto, maiores do que palavras ou sintagmas: resumo ou tradução de trechos grandes do texto para a língua materna, no intuito de confirmar a compreensão;
- esforço para entender o significado de trechos grandes do texto, maiores do que palavras ou sintagmas: tentativa de entender uma sentença ou parágrafo;
- previsão da estrutura e conteúdo do texto: previsão do conteúdo e da estrutura do texto nos trechos subseqüentes.

Os pesquisadores concluíram, também, que há dois usos básicos da língua materna na leitura na língua estrangeira: cognição e auxílio. À medida que há um avanço na aprendizagem da língua estrangeira, há uma mudança de preferência do uso para cognição para o uso para auxílio. Ou seja, no estudo, os informantes com o nível mais avançado foram os que menos precisaram pensar sobre o texto na língua materna para entendê-lo. Os pesquisadores acreditam que, em algum ponto no processo de aprendizagem, o indivíduo atinge um nível em que o pensamento na língua materna se torna menos eficiente do que processá-lo diretamente na língua estrangeira, ou seja, de maneira automática. Os autores acrescentam que, aparentemente, o uso da língua materna para auxiliar a compreensão ocorre quando há uma mudança do processamento automático para controlado (vide McLAUGHLIN, 1987, discutido na seção 1.1.2 desta dissertação). O processo descrito acima corresponde ao bloco reflexivo, ou “rest block”, nos modelos de tradução de Königs, e Alves (vide seção 1.2 desta dissertação).

Os resultados desses estudos parecem sugerir que, conforme discutido na introdução deste trabalho, a tradução traz benefícios para o aprendizado da língua estrangeira. É importante acrescentar, no entanto, que também há numerosos trabalhos que atestam o contrário (e.g. UZAWA, 1996³⁴; COHEN e BROOKS-CARSON, 2001³⁵ apud LIU, 2005) ou que não acusam benefícios ou danos causados pelo uso da língua materna (e.g. UZAWA, 1994³⁶). Para o presente estudo, que não se propõe a testar uma

³⁴ UZAWA, K. Second language learners' processes of L1 writing, L2 writing, and translation from L1 into L2. *Journal of Second Language Writing* 5 (1996) 3:271-94.

³⁵ COHEN, A. D.; BROOKS-CARSON, A. Research on direct versus translated writing: students' strategies and their results. *The Modern Language Journal* 85 (2001) p.169-88.

³⁶ UZAWA, K. Translation, L1 writing, and L2 writing of Japanese ESL learners. *Journal of the CAAL* 16 (1994) 2:119-34.

hipótese, mas a realizar uma investigação, importa ressaltar que há benefícios empiricamente comprovados do uso da tradução. A questão é identificar as instâncias mais frutíferas para fazê-lo no ensino da redação.

1.5 – A tradução na redação em língua estrangeira

Pioneiros na elaboração de um modelo sobre o processo de redação, Hayes e Flower (1980), por meio da análise de protocolos verbais produzidos por vários estudos, e depois testada com um informante, desenvolveram o diagrama abaixo:

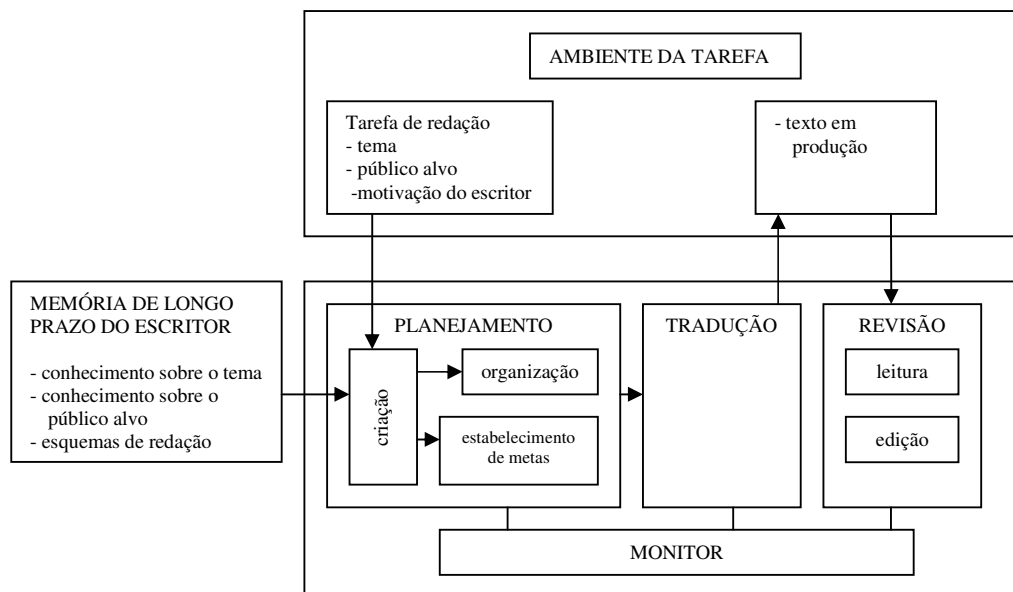


Figura 3: Modelo de redação (Hayes e Flower, 1980:11) (tradução minha).

O ambiente da tarefa inclui tudo o que é externo e que influencia a produção do texto: o tema, o público alvo, a motivação do redator, e também o texto em produção, já que passa a ser utilizado como referência para o que ainda será produzido. A memória de longo prazo, como o diagrama mostra, inclui o conhecimento sobre o tema, sobre o público alvo, e também os esquemas de redação armazenados na memória do redator.

O processo de redação inclui os processos de planejamento, tradução (das idéias em texto escrito) e revisão. O processo de planejamento está subdividido em: criação, organização e estabelecimento de metas. Sua função é utilizar as informações do ambiente da tarefa e da memória de longo prazo para estabelecer metas e um plano de redação que orientem a produção do texto. O processo de tradução se orienta pelo plano de redação para a produção de linguagem que corresponda à informação na memória do redator. A função do processo de revisão, que está subdividido em leitura e edição, é melhorar a qualidade do texto produzido pelo processo de tradução, corrigindo o texto, no que concerne a convenções lingüísticas e acuidade de significado, e avaliando se o texto atingiu os objetivos do redator.

Os processos de planejamento, tradução e revisão se relacionam através do monitor. Assim, os subprocessos de criação e edição interrompem outros processos. Existe, também, uma interrelação entre os processos de criação e edição – e as interrupções causadas por eles – e os objetivos do redator. Diferenças individuais em relação a esses objetivos geram diferenças no uso e na ordem do uso dos processos de redação. Por exemplo, se um redator procura escrever uma primeira sentença “perfeita”, seguida de uma segunda sentença “perfeita”, e assim por diante, os processos de planejamento, tradução e revisão devem ser completos para cada sentença, antes que se siga adiante. No entanto, se um indivíduo primeiro escreve tudo o que lhe vem à mente e depois revisa o que escreveu, os subprocessos de criação e organização e o processo de tradução se intercalam até que ele sinta que produziu o suficiente, partindo, então, para o processo de revisão.

O modelo de Hayes e Flower representou um grande avanço no estudo dos processos de redação. No entanto, algumas das críticas que mais tarde foram feitas³⁷ se relacionavam ao fato de não haver ali a contemplação de processos cognitivos. O modelo se atinha a descrever apenas fenômenos observáveis. Ainda assim, levando em consideração a inovação proposta, e a falta de tecnologias avançadas que pudessem informar a respeito de tais aspectos cognitivos, o estudo pode ser considerado um marco no estudo dos processos de redação. Além disso, o modelo descreve a tradução (não necessariamente interlingual) como processo nuclear à redação em língua estrangeira,

³⁷ Para mais sobre críticas ao modelo de Hayes e Flower, vide Figueiredo (2005).

pelo qual toda a produção do texto passa no momento da criação, reforçando a visão da tradução, enquanto manipulação mental, como elemento inerente ao processo de redação. Na introdução (desta dissertação) definimos tradução como a manipulação mental de significados, com o objetivo de comunicar idéias na língua estrangeira. A *tradução*, aqui, pode ser vista tanto do ponto de vista da tradução das idéias, produzidas diretamente na língua estrangeira, em texto, quanto do ponto de vista da tradução das idéias, produzidas primeiramente na língua materna, em idéias na língua estrangeira e, então, em texto. Isso contraria a postura de muitos professores de redação de ignorar ou querer suprimir a tradução do processo de redação.

Em um outro estudo sobre processos de redação na língua estrangeira, Arndt (1987) comparou a redação na língua materna e na língua estrangeira de seis informantes chineses. Concluiu que os indivíduos utilizavam as mesmas estratégias de redação na língua materna e na língua estrangeira. No entanto, ela concluiu também que havia diferenças marcantes entre as estratégias utilizadas por cada indivíduo. Através da análise de protocolos verbais, Arndt codificou as fases da redação em:

- planejamento (decisão sobre o enfoque e o que se vai escrever);
- planejamento global (decisão sobre a organização do texto como um todo);
- rascunho (esboçar idéias e palavras para expressá-las);
- repetição (de palavras-chave, o que estimulava a continuar escrevendo);
- releitura (do que já havia sido escrito);
- questionamento (uma maneira de esclarecer conceitos e de avaliar o que estava escrito);
- revisão (modificação do texto em benefício da comunicação de significados);
- edição (modificação do texto em benefício do aspecto formal, e.g. ortografia, sintaxe).

Aqui se percebe a semelhança entre os elementos elencados por Arndt e, anos mais tarde, os elementos discutidos por White e Arndt (1991), citados na seção 1.3 (desta dissertação).

Krapels (1990) descreve, de maneira resumida, estudos sobre os processos de redação na língua estrangeira feitos de 1981 até 1990 e, em seguida, apresenta os principais resultados desses estudos. Krapels argumenta que alguns dos resultados

contraditórios apresentados podem se dever à generalização prematura por parte dos pesquisadores e também à falta de consistência na descrição dos participantes e dos procedimentos para a realização dos estudos. Os principais resultados elencados por Krapels são os seguintes:

- a falta de competência para redigir na língua estrangeira é resultado de falta de competência para redigir, e não de falta de competência lingüística;
- os processos de redação de redatores menos hábeis na língua estrangeira são os mesmos na língua materna, assim como os de redatores mais hábeis; portanto, as diferenças entre redatores na língua estrangeira e na língua materna estão relacionadas à habilidade de redigir, e não à língua materna;
- a habilidade de redigir na língua materna se transfere, ou se reflete, na redação na língua estrangeira;
- os processos de redação na língua estrangeira são um pouco diferentes dos processos de redação na língua materna, o que contradiz o segundo resultado citado acima;
- o uso da língua materna ao redigir na língua estrangeira varia;
- o uso da língua materna ao redigir na língua estrangeira é para fins de criação, organização e estilo; está relacionado a vocabulário e permite que o redator sustente o processo de redação;
- alguns temas, aparentemente aqueles relacionados à cultura, incentivam mais o uso da língua materna na redação em língua estrangeira do que outros.

Friedlander (1990) realizou um estudo, com 28 participantes chineses, que objetivou identificar as circunstâncias nas quais o uso da língua materna pode ser mais benéfico do que o da língua estrangeira na recuperação de informações armazenadas na memória. Ele concluiu que houve melhora na qualidade das redações em que os redatores planejaram o que escreveriam na língua em que aprenderam a falar sobre o tema em questão, ou seja, quando planejaram em chinês o que escreveriam sobre um tema relacionado à China e quando planejaram em inglês o que escreveriam sobre um tema relacionado aos Estados Unidos, as redações foram melhores do que no caso inverso. O estudo também concluiu que as redações sobre o tema relacionado à China foram melhores, independentemente da língua em que as redações foram planejadas.

É interessante notar que, no estudo de Krapels, em linhas gerais, as dificuldades para redigir na língua estrangeira superam as dificuldades na língua materna, e não se relacionam a limitações lingüísticas. Tanto o estudo de Krapels quanto o de Friedlander reforçam o caráter positivo da língua materna enquanto elemento de apoio para a redação na língua estrangeira. Aqui vale acrescentar o comentário de Mello (2004) a esse respeito:

...embora os aspectos lingüísticos superficiais da L1 e da L2 sejam distintos, há uma proficiência cognitiva subjacente que é comum às duas línguas. (...) É essa proficiência subjacente comum que possibilita a transferência das habilidades cognitivas (...) entre as línguas. Por isso, Cummins (1996) considera que a L1, além de auxiliar, é *necessária* para o desenvolvimento da competência em L2. (p.218-9) [grifo meu]

Outro ponto relevante dos textos de Krapels e Friedlander para o presente estudo é a constatação de que há temas que propiciam maior uso da língua materna do que outros, mesmo quando a redação é feita na língua estrangeira. Esse elemento foi levado em consideração no momento de elaborar as tarefas de redação para os participantes desta pesquisa (vide Capítulo 2, adiante).

Silva (1993) investigou se os processos de redação na língua materna e na língua estrangeira eram semelhantes e se, portanto, o ensino de redação na língua estrangeira poderia se valer dos procedimentos para a língua materna. Nessa investigação, Silva analisou 72 estudos diferentes sobre redação envolvendo a língua materna e a língua estrangeira, publicados entre 1970 e 1992. A língua estrangeira de todos os estudos era inglês e a língua materna dos informantes variava, sendo árabe, chinês, japonês e espanhol as mais freqüentes. Dos 72 estudos analisados, 41 comparavam as redações de falantes nativos e de falantes estrangeiros em inglês; 27 comparavam as redações de falantes estrangeiros na língua materna e na língua estrangeira; e 4 envolviam ambos os tipos de comparação. Do total dos estudos, um quarto tratava de processos de redação e três quartos do produto.

Silva resumiu os resultados, tentando elaborar linhas gerais sobre as conclusões dos estudos. Em relação aos resultados sobre os processos de redação, Silva concluiu que, de maneira geral, os processos de redação em língua materna e em língua estrangeira eram semelhantes, mas que, em língua estrangeira, o processo de redação era mais difícil e menos eficaz. Na fase de planejamento, os informantes que redigiram na língua estrangeira planejaram menos, geraram material para redação com mais

dificuldade e menos sucesso, e muitas das idéias geradas não foram aproveitadas. Na fase da redação propriamente dita, a redação em língua estrangeira foi mais laboriosa, menos fluente e menos produtiva. Os informantes gastaram mais tempo consultando o esboço ou a instrução, ou o dicionário, e demonstraram maior dificuldade e preocupação com o vocabulário. As pausas foram mais freqüentes, longas e consumiram mais tempo de redação; as redações foram menos extensas e produzidas mais lentamente. Na fase de revisão, os textos escritos na língua estrangeira foram menos revisados em relação ao conteúdo, menos relidos e houve menos evidência de reflexão; no entanto, houve bastante revisão em relação à forma, especialmente a gramática. Silva concluiu que, embora haja muitas semelhanças, há diferenças significativas entre a redação na língua materna e na língua estrangeira e que, por isso, deve haver uma diferenciação no ensino de ambas.

Como vemos, existe um número bem maior de estudos sobre o *produto* de redação do que sobre o *processo*, o que reforça a relevância do presente estudo, discutida na Introdução (desta dissertação). O estudo de Silva também comprova que as dificuldades para redigir na língua estrangeira superam as dificuldades na língua materna, conforme discutido acima. Finalmente, o estudo conclui que há, de fato, diferenças entre redigir na língua materna e na língua estrangeira, o que demanda abordagens, estudos e práticas diferenciados para a redação em língua estrangeira. Sugestões a esse respeito serão feitas no Capítulo 3 (adiante), quando relacionaremos os perfis de cada participante desta pesquisa às atividades das quais poderiam se beneficiar mais (seção 3.7 desta dissertação).

Razuk (2004:16), em um estudo com alunos estrangeiros de Português como Segunda Língua, investigando redação e processos de tradução, concluiu que, quando não tiveram acesso ao dicionário, os indivíduos dispuseram de variadas estratégias para contornar o problema: explicar a palavra/expressão ou descrever uma situação de uso; buscar uma palavra parecida ou sinônima; latinizar o termo; usar a própria língua; resumir o texto imaginado; ou simplesmente omitir a palavra. O uso de tais estratégias também se comprovou no presente estudo (vide Anexo D desta dissertação), uma vez que os participantes não tiveram acesso a nenhum meio de apoio.

O trabalho de Razuk tem o valor de resumir, em um único estudo, várias das estratégias utilizadas para compensar deficiências de vocabulário. Vimos, no estudo de Krapels, que a língua materna permite que o escritor sustente o processo de redação. No entanto, nos momentos em que o indivíduo não tem acesso aos recursos da língua materna (nesse caso, a falta de acesso ao dicionário), surgem outras estratégias que permitem a sustentação do processo.

Também muito relevante para o presente estudo é o trabalho de Yichun Liu (2005) sobre tradução mental. Utilizando a metodologia de protocolos verbais, Liu trabalhou com a hipótese de que redatores com habilidade lingüística semelhante à de falantes nativos, “native-like”³⁸, utilizam a língua materna no nível semântico e ativam a área cerebral de Wernicke³⁹, enquanto redatores com menor habilidade lingüística, “non native-like” utilizam a língua materna no nível sintático, ativando a área cerebral de Broca⁴⁰. O emprego dos protocolos verbais ajudou a identificar o nível em que os indivíduos recorriam à língua materna ou à estrangeira.

O modelo de tradução mental de Liu é composto por três camadas: a memória conceitual, a área de Wernicke e a área de Broca (Figura 4). Tanto para os redatores “native-like” quanto para os “non native-like”, o caminho traçado da memória conceitual para a área de Wernicke se dá a partir da língua materna: Liu parte do pressuposto de que as representações conceituais têm conexões mais fortes e efetivas na língua materna do que na língua estrangeira. Já o caminho traçado da área de Wernicke para a área de Broca difere de acordo com a habilidade lingüística do redator.

Redatores “native-like” ativam a língua estrangeira no nível semântico, a fim de acessar de forma mais direta as suas idéias. Isto significa que têm a tendência de utilizar a língua estrangeira em atividades mais sofisticadas ou avançadas, e.g. planejamento e mudanças globais. Daí Liu infere que os redatores “native-like” produzem a idéia inicial na língua materna e, ainda neste estágio, passam a utilizar a língua estrangeira, para então produzir enunciados já na língua estrangeira (linha contínua na Figura 4). (Isto

³⁸ Aqui, mais uma vez, voltamos a pontuar que a definição do que configura um “falante nativo” é controversa, conforme discutido na Nota 6. Segundo Medgyes (1994), existe uma idealização do falante nativo, que não se concretiza na prática. No entanto, manteremos os termos por constarem do texto original de Liu (2005), na sua definição de termos.

³⁹ Refere-se à região posterior do lobo temporal do hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pelo armazenamento de palavras do tipo “classe aberta”: substantivos, verbos, adjetivos (Liu, 2005:23).

⁴⁰ Refere-se à região inferior do lobo frontal do hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pelo armazenamento de palavras do tipo “classe fechada”: artigos, conjunções preposições, pronomes, verbos auxiliares e inflexões gramaticais (Liu, 2005:23).

corroborar a posição central da tradução no processo de redação cogitada por Hayes e Flower, Figura 3, seção 1.4.2. desta dissertação.) Esses indivíduos preocupam-se em manipular a língua estrangeira de modo a produzir os significados desejados.

Isso já não se dá com os redatores “non native-like”, que dão enfoque à tradução de palavras ou expressões. Esses redatores usam a língua materna para gerar e formular idéias em um nível local. Eles têm a tendência de traduzir para a língua estrangeira idéias formuladas na língua materna que já tenham semântica e estruturas sintáticas bem desenvolvidas, o que leva Liu a afirmar que os redatores com menor habilidade lingüística lidam com o maior número de subprocessos cognitivos na língua materna, a fim de evitar sobrecarga mental (linha tracejada na Figura 4).

As conclusões de Liu (op.cit.) corroboram as conclusões (parciais) de Lörcher (2005), cuja pesquisa compara a tradução realizada por profissionais e por não-profissionais: estes últimos adotam uma abordagem de tradução orientada à forma, no sentido de que produzem traduções que constituem, basicamente, a troca de signos lingüísticos. Além disso, os segmentos que extraem e enfocam para traduzir (unidades de tradução) são consideravelmente menores. Em outras palavras, tradutores não-profissionais abarcam unidades de tradução bem menores, às vezes compostas por uma única palavra, enquanto tradutores profissionais são capazes de abarcar unidades maiores, e.g. orações ou períodos inteiros.

Outro aspecto do trabalho de Liu relevante para o presente estudo é a escolha lexical feita pelos redatores. Segundo Liu, os redatores “native-like” utilizam a língua materna para fazer escolhas com fins retóricos (relacionadas a estilo), enquanto os redatores “non native-like” a utilizam para fazer escolhas com fins lingüísticos (que satisfaçam à necessidade de preencher lacunas sentenciais ou textuais). Novamente, isto corresponde aos resultados obtidos por Lörcher (2005). Os tradutores profissionais do seu estudo verificaram, na maioria das vezes, os enunciados produzidos na língua-alvo no que se referia à estilística e à adequação textual. Os tradutores não-profissionais, por sua vez, verificaram apenas as *soluções para seus problemas* [grifo do original], problemas esses relacionados à equivalência lexical e, em menor grau, à correção sintática.

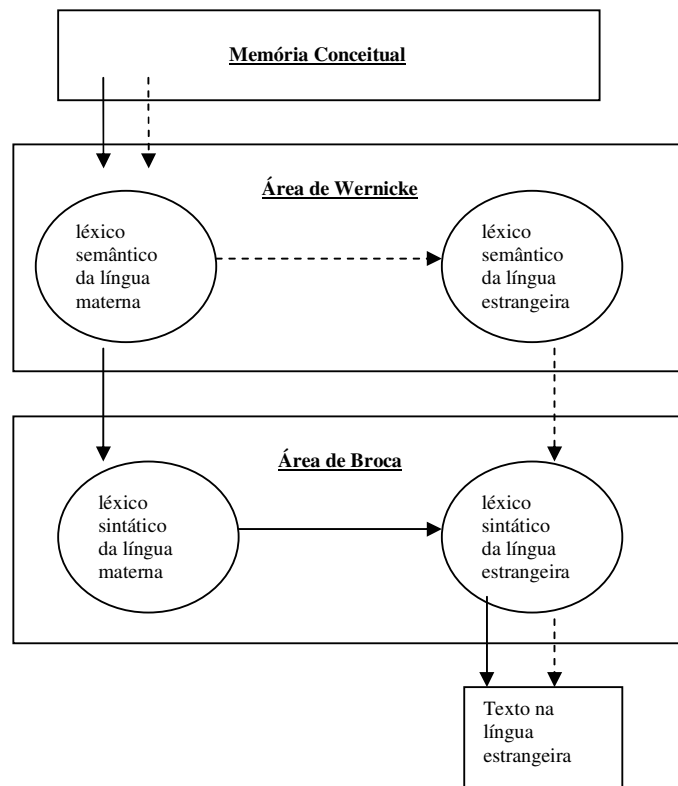


Figura 4: Modelo de tradução mental na redação em língua estrangeira (Liu, 2005:77) (tradução minha).

Aqui cabe mais uma vez pontuar que a teoria de Liu contradiz a teoria de MacLaughlin (seção 1.1.2 desta dissertação), segundo a qual os processos lingüísticos não acontecem em um local pré-determinado no cérebro. Segundo estudos recentes, citados por Liu (2005:23), as faculdades lingüísticas são independentes dos mecanismos cognitivos, uma vez que é possível ter deficiências lingüísticas e inteligência normal, ou ter limitações de inteligência, mas, ainda assim, possuir habilidades lingüísticas normais. Liu menciona, ainda, a possibilidade de indivíduos apresentarem boa compreensão lingüística, mas dificuldade para pronunciar e/ou para produzir sentenças gramaticais (afasia de Broca), assim como de apresentarem habilidade para produzir sentenças gramaticais e fluentes, mas com pouco ou nenhum sentido (afasia de Wernicke). Isso reforça a hipótese de haver áreas no cérebro específicas para o armazenamento de habilidades lingüísticas, a partir da qual concluímos, sem diminuir o mérito da teoria de MacLaughlin, que os processos cognitivos relacionados aos processos lingüísticos não são mais uma das muitas tarefas desempenhadas pelo cérebro, mas uma tarefa específica em si, independente das outras.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Este capítulo trata da metodologia de pesquisa utilizada neste estudo. A seção 2.1 procura justificar a escolha da abordagem do estudo de caso. A seção 2.2 traz uma breve descrição do contexto em que a pesquisa foi realizada. Já a seção 2.3 traça um breve perfil dos participantes da pesquisa, que pode ser melhor explorado no Anexo B, por meio da leitura dos questionários respondidos pelos mesmos. A seção 2.4 descreve os estudos piloto que antecederam a realização deste estudo. A seção 2.5 discute as questões éticas que nortearam a realização da pesquisa, tais como o caráter confidencial dos dados cedidos e a retribuição aos participantes. A seção 2.6 discute questões de validade, confiabilidade e triangulação de métodos de pesquisa. A seção 2.7 trata dos instrumentos da pesquisa em si: o questionário, as redações, e os protocolos verbais (consecutivos e retrospectivos). Finalmente, a seção 2.8 apresenta os procedimentos adotados para tratamento dos dados, de acordo com a análise de conteúdos clássica.

Para a realização deste estudo, foram entrevistados 4 indivíduos que, além de gerarem protocolos verbais, cederam 4 redações, duas em língua inglesa e duas em língua portuguesa, e responderam a um questionário inicial a respeito de suas preferências, hábitos e experiências de aprendizagem.

Esta foi uma pesquisa qualitativa, ou seja, foi realizada em um modelo interpretativo, em que a preocupação foi com a produção de significado. Segundo Brown e Dowling (1998:57), é de grande importância, ao decidir sobre os métodos de coleta de dados, que estes sejam consistentes com o modelo teórico trabalhado. Devido à natureza da pergunta de pesquisa (“Quais processos de tradução são visíveis / observáveis na redação em língua inglesa (estrangeira) de alunos brasileiros?”), de cunho processual, o método de investigação escolhido foi o *estudo de caso*, que, por suas características, provou ser a metodologia mais indicada para a investigação a que este estudo se propôs.

2.1 – Estudo de caso

Embora para alguns autores (BROWN e DOWLING, 1998) qualquer pesquisa seja essencialmente um estudo de caso, para outros (NUNAN, 1992; CRESWELL, 1994; BLAXTER, HUGHES e TIGHT, 1996; EDWARDS e TALBOT, 1999; dentre outros) o estudo de caso, apesar de não ser considerado uma metodologia de pesquisa em si, é uma abordagem de pesquisa que se utiliza de métodos diversos, tanto qualitativos quanto quantitativos, para a realização de um estudo (McDONOUGH e McDonough, 1997). Essa abordagem tem tido uso crescente na Lingüística Aplicada e tem vantagens e desvantagens bem definidas.

O estudo de caso é um método indutivo, ou seja, consiste na observação de um processo com o intuito de gerar teorias ou princípios advindos da investigação e documentação de exemplos isolados (NUNAN, 1992), e não da confirmação ou refutação de uma hipótese formulada anteriormente ao estudo. Se valendo de amostragem em pequena escala (um indivíduo, um grupo, uma instituição), com enfoque limitado, o estudo de caso investiga um fenômeno de maneira profunda, explorando em detalhe contextos complexos de interrelações. Seu objetivo é encontrar conexões sistemáticas e revelar novas maneiras de ver situações familiares, por meio da análise comparativa de casos individuais. Isto significa que é possível que a comparação de casos gere ou desenvolva teorias ou uma teorização sobre o enfoque dos casos, revelando padrões ou temas de um sistema. Uma das características que diferenciam o estudo de caso de outras abordagens de pesquisa é a possibilidade de dar voz aos participantes.

No entanto, a escolha do estudo de caso como abordagem de pesquisa não é simples, visto que é uma abordagem que consome muito tempo e que demanda uma coleta de dados de alta qualidade, isto é, com alta densidade e profundidade. Além disso, este tipo de pesquisa pode significar uma invasão na vida dos participantes, haja vista a profundidade e complexidade da investigação. Outro risco possível no estudo de caso é o pesquisador ficar tão imerso no caso que isto venha a dificultar uma análise mais isenta dos dados.

2.2 – Contexto

Os participantes deste estudo eram todos alunos da mesma instituição, que ministra cursos preparatórios para o concurso de admissão à carreira de diplomata do Instituto Rio Branco (Ministério das Relações Exteriores). O exame de Língua Inglesa do concurso pode estar presente⁴¹ em duas fases. A primeira fase, o Teste de Pré-Seleção, contém questões objetivas de interpretação de texto, vocabulário, gramática e *collocation*⁴². A terceira fase consiste de uma redação (entre 350 e 450 palavras), tradução (com uma ou mais questões de tradução ou versão) e exercícios textuais (que podem ser um resumo, e/ou o preenchimento de lacunas, dentre outros). Nessa fase, a questão de redação é a que tradicionalmente vale mais pontos.

Segundo o *Guia de Estudos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata* (2003:40), dos candidatos é esperado um nível avançado de conhecimento da Língua Inglesa combinado à habilidade de escrever uma redação bem planejada. Os candidatos são testados em relação à acuidade gramatical, ao planejamento e desenvolvimento de idéias, e à qualidade da linguagem (bom uso de expressões idiomáticas, construções gramaticais variadas e vocabulário abrangente e adequado).

2.3 – Participantes

Na época da realização da pesquisa de campo, os participantes eram alunos da pesquisadora e aceitaram o convite para participar da pesquisa. Segue abaixo uma breve descrição do perfil de cada participante, em formato de quadro. Os nomes adotados na redação deste estudo não correspondem aos nomes reais dos participantes. Para informações completas, vide Anexo B desta dissertação.

⁴¹ Não há, obrigatoriamente, questões de Língua Inglesa no Teste de Pré-Seleção todos os anos. Vide, por exemplo, o exame de 2005.

⁴² Segundo o *Oxford Collocations Dictionary* (2002:vii), *collocation* é a maneira como as palavras se combinam em uma língua para produzir fala e escrita que soem naturais.

Quadro 2: Perfil dos participantes da pesquisa.

	André	Bernardo	Caio	Dante
Curso universitário	Letras Inglês (Licenciatura e Bacharelado)	Letras Português e Espanhol (Licenciatura) e Direito (Bacharelado)	Direito (Bacharelado)	Ciências Econômicas (Bacharelado)
Tempo de estudo da língua inglesa	9 anos no ensino fundamental/médio (inglês como língua materna)	11 anos no ensino fundamental/médio; 5 anos em institutos de línguas	7 anos no ensino fundamental/médio; 9 anos em institutos de línguas	10 anos no ensino fundamental/médio; 6 anos em institutos de línguas
Certificado de proficiência em língua inglesa	CPE (Certificate of Proficiency in English) ⁴³	não	não	não
Outras línguas estrangeiras	noções de língua francesa	francês avançado espanhol avançado (DELE – Diploma de Español como Lengua Extranjera Nivel Superior) ⁴⁴	espanhol avançado francês intermediário alemão avançado	francês avançado espanhol avançado italiano avançado alemão avançado
Residência em outros países	Canadá (4 anos) e Austrália (4 anos)	França (1 ano e meio)	Alemanha (9 meses e meio)	não
Perfil dos professores de língua inglesa	todos falantes nativos	todos falantes de inglês como língua estrangeira	metade de falantes nativos; metade de falantes de inglês como língua estrangeira	a maioria falantes de inglês como língua estrangeira; alguns falantes nativos
“Métodos / técnicas” utilizados nas aulas	<i>content-based</i> ⁴⁵	repetição, memorização, tradução, conversação, leitura, redação, gramática, proibição do uso de português, jogos (de vocabulário)	conversação, leitura, redação, gramática, proibição do uso de português	conversação, leitura, redação, gramática, proibição do uso de português
Uso da língua inglesa no dia-a-dia	ler e ouvir	ler e ouvir	ler e ouvir	ler, ouvir e falar
Auto-avaliação na língua inglesa	ótima	mediana	boa	boa
Auto-avaliação na redação em língua inglesa	ótima	boa	boa	boa

⁴³ Este é o certificado que atesta o nível mais alto de inglês de um candidato, segundo a ALTE – Association of Language Testers in Europe (www.alte.org).

⁴⁴ Este é o certificado que atesta o nível mais alto de espanhol de um candidato, segundo a ALTE – Association of Language Testers in Europe (www.alte.org).

⁴⁵ O ensino da língua através de situações e contextos reais, sem o enfoque em forma e sem correção linguística explícita (LARSEN-FREEMAN, 2000).

	André	Bernardo	Caio	Dante
Auto-avaliação na redação em língua portuguesa	boa	muito boa	muito boa	boa
Uso de dicionários	sempre, de tipos variados, para usos diversos	sempre, de tipos variados, para usos diversos	pequeno, de tipos variados, para usos diversos	pequeno, de tipos variados, para usos diversos
Uso de livros de gramática	pequeno; descritivas, com explicações e exercícios	grande, com explicações e exercícios; também consulta livros didáticos e apostilas de cursos preparatórios (para vestibular)	às vezes, resumida e com explicações e exercícios	pequeno; prescritivas, com explicações e exercícios
Atitude em relação à língua inglesa	positiva (considera a sua língua materna)	positiva	positiva	positiva
Atitude em relação à redação na língua inglesa	positiva (totalmente)	parcialmente positiva: muito importante, mas causa “angústia”	conflituosa: um pouco de frustração em relação ao vocabulário “incipiente”	imparcial: considera-a “simples”
Outras maneiras de aprender inglês	filmes, livros, revistas, gibis, dicionários	internet, redações, tradução de músicas, listas de vocabulário	filmes (e suas legendas), leitura em voz alta, leitura de gramáticas de livros, internet, música	televisão, música, conversas, leitura (jornais, revistas, informativos, livros)
Processo de redação	escreve em inglês, usando dicionários; faz rascunhos e revisões; não faz pesquisas	escreve em inglês, usando dicionários; faz rascunhos e revisões; pesquisa o tema em inglês e em português	escreve em inglês; faz rascunhos e revisões; não faz pesquisas (a não ser quando não conhece o tema)	escreve em inglês; não faz rascunhos nem revisões; não faz pesquisas
Áreas com necessidade de melhorias	vocabulário; praticar mais	estruturas gramaticais; vocabulário; desenvolvimento de idéias; registro(s); expressar em inglês o que sabe expressar em português	vocabulário; pontuação; tipos diferentes de texto; <i>collocation</i> ; expressar em inglês o que sabe expressar em português	estruturas gramaticais; vocabulário; organização e desenvolvimento de idéias; pontuação; ortografia; registro(s); tipos diferentes de texto
Ações para melhorar a redação em língua inglesa	usar dicionários; deixar a dificuldade “decantar”; mentalizar possíveis respostas	usar dicionários; utilizar figuras de linguagem; construir períodos mais curtos; fazer listas de vocabulário	pensar em inglês, como um nativo faria; evitar ao máximo a interferência do português; usar vocabulário de origem não-latina; leitura	testar hipóteses durante a redação; conversação; leitura; escrita; “listening”

Quadro 2: Perfil dos participantes da pesquisa.

2.4 – Pilotagem dos instrumentos de pesquisa

Por pilotagem entende-se a testagem dos instrumentos da pesquisa antes que sejam utilizados com os participantes/sujeitos reais do estudo. Blaxter, Hughes e Tight (1996:121-3) definem pilotagem como o processo através do qual o pesquisador testa as técnicas e métodos de pesquisa, vê como funcionam na prática, e, se necessário, muda os planos. Eles afirmam que o valor da pilotagem não deve ser subestimado, uma vez que as ferramentas de pesquisa raramente funcionam como planejado.

Para a realização deste estudo, tanto os protocolos verbais quanto os questionários foram pilotados antes de seu uso com os verdadeiros participantes da pesquisa. Os protocolos retrospectivos foram pilotados com alunos do curso de Graduação em Letras e Letras-Tradução da Universidade de Brasília, com o intuito de verificar se essa técnica de pesquisa geraria o tipo de dados necessários (NUNAN, 1992). Na ocasião, os alunos produziram redações em língua inglesa e, logo depois de terminar, foram entrevistados a respeito de mudanças e tomadas de decisão durante a redação dos textos. Essa escolha foi devida à intenção de manter a validade ecológica⁴⁶ do estudo, evitando causar incômodo aos participantes ao interrompê-los enquanto escreviam. No entanto, a técnica de protocolos verbais retrospectivos mostrou-se inadequada para a geração dos dados necessários para a pesquisa. Os protocolos geraram pouquíssimos dados (superficiais). Os alunos se esqueciam do que haviam feito, e não conseguiam, portanto, relatar o que haviam pensado em um determinado momento para editar uma parte específica do texto. Apesar de gravados logo após a redação dos textos, os protocolos retrospectivos não permitiam a recuperação das informações desejadas. No afã de conseguir os dados, muitas vezes a pesquisadora repetia perguntas para as quais os alunos não tinham respostas, o que gerava uma sensação de interrogatório, além de pedidos de desculpas dos alunos. Em outros momentos, a pesquisadora induzia os alunos a chegarem a conclusões sobre o próprio processo decisório, o que invalidou as respostas. Portanto, após essa pilotagem, decidiu-se pelo uso de protocolos consecutivos, já que se aproximam mais da ação mental dos sujeitos (NUNAN, op.cit.:117).

Outra constatação importante advinda da pilotagem dos protocolos foi a de que os temas das redações eram muito comuns. Eram temas muito discutidos ou já desenvolvidos em redações de outros semestres da graduação ou até mesmo em outros cursos que os alunos haviam feito (“um momento feliz” e “o sistema educacional brasileiro”), o que gerou a produção de passagens inteiras automatizadas, sem grandes problemas com vocabulário ou estruturas gramaticais. Esta constatação levou à decisão de mudança na escolha dos temas das redações, objetivando mais complexidade e dificuldade lexical e gramatical.

No caso dos questionários, houve duas pilotagens: uma com professores de língua inglesa da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e outra com alunos do curso de Graduação em Letras e Letras-Tradução da Universidade de Brasília. Essas duas pilotagens foram necessárias porque havia a necessidade de testar a ferramenta com uma amostra de perfil similar à do estudo principal e também para obter “*feedback* dos respondentes a respeito da sua interpretação das perguntas” (BROWN e DOWLING, 1998:67).

Este *feedback* dos respondentes foi o que motivou a pilotagem com professores antes da pilotagem com alunos. Além de verificar se havia perguntas ambíguas, confusas ou incompletas, durante essa pilotagem foi perguntado aos professores que sugestões eles teriam a fazer para a melhoria das perguntas do questionário, levando em consideração o objetivo da pesquisa. Muitas das sugestões foram incorporadas e o questionário, que inicialmente tinha 16 perguntas, passou a ter 25.

A pilotagem com os alunos teve o objetivo de, mais uma vez, verificar se havia perguntas que continuavam ambíguas, confusas ou incompletas, o que poderia ter passado despercebido pelos professores, que dominam a metalinguagem do ensino de línguas. Depois de respondido o questionário, foi pedido aos alunos que comentassem sobre a disposição das perguntas, o espaço para respostas e sugestões de melhoria. Muitas das sugestões foram incorporadas e o questionário chegou à sua versão final, com 26 perguntas (vide Anexo B desta dissertação).

⁴⁶ Entende-se por manutenção da validade ecológica a não-alteração, por parte do pesquisador, do ambiente pesquisado.

2.5 – Questões éticas

Vários autores (COHEN e MANION, 1994; HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995; McDONOUGH e McDONOUGH, 1997; EDWARDS e TALBOT, 1999; dentre outros) alertam para a questão da ética na pesquisa qualitativa, mencionando aspectos como o caráter confidencial, profissionalismo, legalidade, anonimato, consentimento consciente e autorização formal dos participantes, uso dos dados, e divulgação e disseminação dos resultados.

Pensando no anonimato, no caráter confidencial, no consentimento consciente e na autorização formal dos participantes, para este estudo foi criada uma “Autorização” (vide Anexo A desta dissertação), que foi entregue aos participantes no primeiro dia de coleta de dados. Nesse documento, os participantes autorizavam a pesquisadora a utilizar as redações e as informações das entrevistas, e também concordavam com a recepção das cópias das redações e com a leitura das transcrições das entrevistas. Esta autorização garantia, além disso, o anonimato dos participantes. O documento foi impresso em três vias: uma para os participantes da pesquisa, uma para a pesquisadora, e a terceira para o diretor da instituição onde se deu a realização da pesquisa.

Outra questão ética é como retribuir aos participantes o tempo gasto e as informações cedidas durante a realização da pesquisa (EDWARDS e TALBOT, op.cit.). É interessante registrar que, quando do convite para participar deste estudo, um dos participantes perguntou: “Quando eu dō sangue, eles me dão um *toddyngo*. O que eu vou ganhar para participar dessa pesquisa?”, o que indica que, apesar do tom jocoso, os participantes sentem a necessidade de receber uma contrapartida pelos dados cedidos. Em resposta a esse questionamento, foi pedido a um profissional que corrigisse as redações de língua inglesa, e a outro, as de língua portuguesa. O profissional que corrigiu as redações em língua inglesa é professor adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, e hoje ministra, principalmente, as disciplinas de compreensão de textos escritos e expressão escrita. O profissional que corrigiu as redações em língua portuguesa é graduado em Letras pela Universidade de Brasília, e hoje é servidor público em órgão não ligado à educação. Esta foi a retribuição mais lógica encontrada para esses participantes, já que eram candidatos a um concurso, e que tinham produzido textos que poderiam ajudá-los na preparação para a

parte discursiva do concurso. A pesquisadora, embora professora dos participantes, julgou ser melhor não corrigir as redações, para não confundir os papéis de pesquisadora e professora, e terminar por se concentrar no produto em vez do processo de redação. Além disso, não se sentiu apta a corrigir as redações em língua portuguesa.

2.6 – Qualidade da pesquisa

Para garantir a qualidade deste estudo, foram observados três conceitos básicos em pesquisa: confiabilidade ou fidedignidade (interna e externa), validade (interna e externa) e triangulação.

Segundo Nunan (1992) e Bauer e Gaskell (2002), por confiabilidade interna, entende-se a possibilidade de um outro pesquisador, usando os dados de uma pesquisa, chegar às mesmas conclusões do pesquisador original. Por confiabilidade externa, entende-se a possibilidade de um outro pesquisador, utilizando as mesmas ferramentas da pesquisa original, chegar às mesmas conclusões, com outros participantes. Para garantir a confiabilidade interna e externa deste estudo, procurou-se detalhar e documentar o quanto possível o procedimento desta pesquisa, ainda que levando em consideração limitações de espaço. Além disso, contou-se com a colaboração dos participantes.

Há vários tipos de validade em pesquisa (de conteúdo, de construto, de critérios, interpretativa, ecológica). Para os fins deste estudo, nos ateremos à discussão da validade interna e externa. Ainda segundo Nunan (op.cit.) e Bauer e Gaskell (op.cit.), por validade interna entende-se a capacidade do estudo de realmente investigar aquilo a que se propõe, ou seja, as ferramentas escolhidas e a análise de dados de fato auxiliam a responder à(s) pergunta(s) da pesquisa. A validade externa tem a ver com a credibilidade e as implicações da pesquisa. Para garantir a validade deste estudo, além da triangulação dos dados, procurou-se na literatura corrente a identificação das ferramentas investigativas mais apropriadas e as teorias de processos de tradução mais consolidadas e atuais. É importante lembrar que a validade não está nos dados em si, mas na interpretação que se faz deles (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995).

Por triangulação de métodos, entende-se o uso de ferramentas investigativas diferentes para responder a uma pergunta de pesquisa, com o objetivo de assegurar a validade da mesma, compensando o efeito de contribuições incompletas, falsas ou ambíguas dos participantes geradas por uma ferramenta. Segundo Alves (2001:71), “investigar um mesmo objeto por meio de dados coletados e interpretados através de métodos diferentes aumenta as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno”. Para Cohen e Manion (op.cit.:233), confiar em apenas um método pode distorcer a visão do pesquisador da parte da realidade investigada. No caso deste estudo, a análise das redações e dos questionários auxiliou a análise e exploração dos dados coletados por meio dos protocolos verbais.

2.7 – Instrumentos de coleta de dados

2.7.1 – Questionário

O questionário continha 26 perguntas (vide Anexo B desta dissertação) sobre o aprendizado de língua inglesa em geral, e especificamente sobre o aprendizado e a prática de redação em língua inglesa. O quadro abaixo mostra as perguntas do questionário e os seus respectivos propósitos:

PERGUNTA	OBJETIVO DA PERGUNTA
1. <i>Já fez ou faz algum curso universitário? Se sim, por favor escreva abaixo o nome da instituição, o nome do curso e o semestre em que está, se ainda não formado/a.</i>	Investigar se o curso de graduação do participante influencia a qualidade da redação em língua estrangeira.
2. <i>Com que idade começou a estudar inglês no ensino fundamental / médio? Por quanto tempo estudou?</i>	Registrar quanto tempo de estudo formal o participante teve nos ensinos fundamental e médio.
3. <i>Com que idade começou a estudar inglês em escolas particulares? Há quanto tempo estuda (no total, excluindo as interrupções)?</i>	Registrar quanto tempo de estudo formal o participante teve em escolas de idiomas. A pergunta está separada da anterior porque é comum alunos freqüentarem escolas de idiomas enquanto cursam o ensino fundamental / médio.
4. <i>Em que escolas já estudou inglês? Que cursos já fez? Por quanto tempo? Com aproximadamente que carga horária semanal?</i>	Investigar a metodologia utilizada durante as aulas de língua estrangeira e, com a informação da carga horária e através do tipo de escola, a influência dessa metodologia na redação do participante.
5. <i>Possui algum certificado de proficiência em língua inglesa? Se sim, por favor escreva abaixo o nome do certificado e da instituição.</i>	Investigar se a preparação para o(s) exame(s) influenciou a qualidade da redação do participante.
6. <i>Já morou em algum país de língua inglesa? Se sim, qual e por quanto tempo?</i>	Investigar se a situação de imersão ou de ambiente de segunda língua influenciou a qualidade da redação do participante e em que aspectos.
7. <i>Qual foi o perfil dos professores de língua</i>	Investigar se a origem do professor de língua

<i>inglesa que teve (não apenas nas escolas citadas na pergunta 4)?</i>	estrangeira influenciou a qualidade da redação do participante, principalmente no que concerne “collocation” e expressões idiomáticas.
8. <i>Quais foram os “métodos” / as “técnicas” utilizados na maioria das aulas de inglês que já teve?</i>	Investigar se o tipo de aula, a metodologia utilizada, a ênfase em uma determinada área ou habilidade influenciaram a qualidade da redação do participante.
9. <i>Que uso faz da língua inglesa no dia-a-dia?</i>	Investigar se o uso da língua estrangeira no dia-a-dia influencia a qualidade da redação do participante.
10. <i>Como avalia o seu domínio na língua inglesa, de 0 a 10, nos quesitos abaixo?</i>	Investigar de que maneira o participante avalia a própria proficiência na língua estrangeira.
11. <i>Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de dicionário?</i>	Investigar os hábitos do participante em relação ao uso de dicionários.
12. <i>Quando estuda inglês, que tipo de dicionário consulta?</i>	Investigar os hábitos do participante em relação ao uso de dicionários, principalmente a variedade de tipos.
13. <i>Quando estuda inglês, que uso faz de dicionário?</i>	Investigar os hábitos do participante em relação ao uso de dicionários, principalmente o tipo de informação que busca.
14. <i>Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de livro de gramática?</i>	Investigar os hábitos do participante em relação ao uso de livros de gramática.
15. <i>Quando estuda inglês, que tipo de gramática consulta?</i>	Investigar os hábitos do participante em relação ao uso de livros de gramática, principalmente o tipo de informação que busca.
16. <i>Qual a sua afinidade / atitude em relação à língua inglesa?</i>	Investigar se a atitude do participante em relação à língua estrangeira influencia a qualidade da sua redação.
17. <i>Além de aulas de inglês, de que maneiras busca aprender a língua inglesa?</i>	Investigar se outra fonte de conhecimento, que não a instrução formal, contribui para o aprendizado do participante.
18. <i>Como avalia a sua habilidade de redigir em português?</i>	Investigar de que maneira o participante avalia a própria proficiência na redação em língua materna.
19. <i>Como avalia a sua habilidade de redigir em inglês?</i>	Investigar de que maneira o participante avalia a própria proficiência na redação em língua estrangeira.
20. <i>Qual é o processo que usa para redigir em inglês?</i>	Investigar o processo de produção do participante, e também a clareza que este tem em relação ao processo pelo qual passa para redigir em língua estrangeira.
21. <i>Qual a sua atitude / o seu sentimento em relação à redação em língua inglesa?</i>	Investigar se a atitude do participante em relação à redação em língua estrangeira influencia a qualidade da sua redação.
22. <i>Como avalia o seu domínio de redação em inglês, de 0 a 10, dos quesitos abaixo?</i>	Investigar de que maneira o participante avalia a própria proficiência na redação em língua estrangeira em relação a tipos específicos de texto.
23. <i>Com que frequência redige em inglês os tipos de texto abaixo?</i>	Investigar se a frequência com que o participante redige na língua estrangeira influencia a qualidade da sua redação.
24. <i>O que considera precisar melhorar em relação à sua habilidade de redigir em inglês?</i>	Investigar o grau de conscientização do participante em relação às suas necessidades para redigir melhor na língua estrangeira.
25. <i>O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês enquanto está escrevendo?</i>	Investigar o grau de ação do participante em relação às suas dificuldades para redigir na língua estrangeira enquanto redige.
26. <i>O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês quando não está escrevendo?</i>	Investigar o grau de ação do participante em relação às suas dificuldades enquanto se prepara para uma futura oportunidade de redigir na língua estrangeira.

Quadro 3: Perguntas do questionário.

A pergunta 5 revelou uma incongruência entre o enunciado da pergunta e o objetivo, uma vez que um aluno pode prestar um exame de proficiência sem necessariamente fazer curso preparatório para tal (como foi o caso com André), assim como nem todo aluno que faz cursos preparatórios para exames de proficiência de fato chega a prestá-los.

A pergunta 22 se mostrou irrelevante, uma vez que o estudo investigou apenas um tipo de texto e, portanto, a redação de outros tipos de texto sequer foi citada durante a coleta dos dados. A pergunta poderia ser excluída do questionário, ou modificada de modo a dar enfoque a textos argumentativos. O mesmo pode ser dito da pergunta 23.

Outra falha do questionário foi não considerar a possibilidade de os participantes terem aprendido o idioma com professores particulares. Não houve como corrigir essa falha. Além dessa, o questionário originalmente não levava em consideração o conhecimento de outras línguas estrangeiras e a possível influência destas na redação em língua inglesa. Durante a realização das redações, esta pergunta foi feita e as respostas adicionadas pela pesquisadora (vide Anexo B desta dissertação). As informações foram incluídas nos perfis dos participantes (vide seção 2.2 desta dissertação).

Não foi necessário compilar os dados dos questionários de maneira quantitativa; os dados foram utilizados para elaborar os perfis dos participantes, descritos anteriormente, e também para triangular os dados, no sentido de investigar a relação entre o que os participantes declararam sobre os seus processos de redação e o que aconteceu na prática.

2.7.2 – Documentos – redações

A cada participante foi pedido que escrevesse 4 (quatro) redações, duas em língua inglesa (redações 1 e 4) e duas em língua portuguesa (redações 2 e 3). As redações 1 e 2 tinham o mesmo tema, assim como as redações 3 e 4 (vide Anexo C

desta dissertação). Aos participantes foi dado um texto motivador antes da redação de cada dupla de textos, de modo a estimular a geração de idéias (vide Anexo C desta dissertação).

Como a experiência do estudo piloto havia revelado que os temas não poderiam ser muito elementares ou comuns, e como os participantes da pesquisa tinham pelo menos nível intermediário de inglês e eram candidatos à admissão no Instituto Rio Branco, procuraram-se temas mais complexos, sobre os quais os alunos não houvessem ainda escrito. Para tanto, foi feita uma pesquisa de possíveis temas na revista *The Economist*, pelo fato de ser semanal, ou seja, sempre atualizada; por ser altamente conhecida por candidatos ao referido concurso; e por ser recomendada pelo *Guia de Estudos* acima referido. Os dois temas utilizados para a coleta de dados (“o retorno do populismo na América Latina”, e “violência e criminalidade”) foram escolhidos por terem a ver com o Brasil, além de serem atuais, naquele momento. A suposição seria de que os participantes, ao escreverem sobre o Brasil, teriam mais facilidade para fazê-lo em português e que, portanto, precisariam se valer de estratégias de tradução ou de compensação (OXFORD, 1990) para comunicar as mesmas idéias em inglês (vide, também, KRAPELS, 1990, seção 1.4.2. desta dissertação).

No concurso, os candidatos têm, aproximadamente, duas horas para elaborar uma redação de 350-450 palavras. Para esta pesquisa, concluiu-se que, para uma coleta de dados satisfatória, não seria necessário que os participantes escrevessem um texto tão longo, nem por tanto tempo; além do mais, isso poderia cansá-los e não gerar dados satisfatórios devido à fadiga mental. Decidiu-se, então, por uma redação de 300-350 palavras.

Durante as redações 1 e 4 foi pedido aos participantes que verbalizassem o que pensavam enquanto redigiam. Foi dito aos participantes que quaisquer dificuldades, dúvidas ou observações sobre a organização e o desenvolvimento das idéias seriam consideradas relevantes e que era importante verbalizar o máximo possível para que a entrevista pudesse retratar, tanto quanto possível, o seu processo de redação na língua inglesa.

Durante as redações 2 e 3 não foi pedido aos participantes que verbalizassem o que pensavam enquanto escreviam, visto que o objetivo do estudo não era investigar a redação na língua materna. No entanto, ao final da redação 2, era dada ao participante a oportunidade de comentar sobre a experiência recém-terminada, e de ler a redação 1 e discutir se desejava fazer alguma modificação nesta (redação 1), e por que motivo. O mesmo foi feito ao final da redação 4, quando o participante relia a redação 3. Os objetivos desse procedimento eram: a) investigar se a redação do texto em português ficaria, aos olhos do participante, melhor do que o texto em inglês e, portanto, proporcionaria ao participante mais ou melhores idéias para melhorar o seu texto em inglês; e b) investigar se a ordem em que os textos eram escritos influenciaria a qualidade das redações, aos olhos dos participantes.

As redações foram feitas em dias diferentes. As redações 1 e 4 levaram, em média, 4 horas para serem produzidas, devido às interrupções para gerar os protocolos. As redações 2 e 3 levaram, em média, 2 horas, seguidas de protocolos de, aproximadamente, 30 minutos. Os participantes não puderam se valer de nenhum meio de apoio (dicionário, livro de gramática, internet), já que o objetivo era investigar os processos utilizados para comunicar uma idéia ou conceito na língua estrangeira se valendo exclusivamente dos recursos que já possuíam.

2.7.3 – Protocolos verbais

Entende-se que o acesso à “caixa preta” – ou seja, o acesso direto aos processos cognitivos – dos participantes não é possível. O uso de protocolos verbais é uma maneira de auxiliar o pesquisador a fazer inferências a respeito de tais processos. Segundo Rodrigues (2002:36) [os protocolos verbais são] “uma chance metodológica de investigação da realidade tradutória, tal como ela é vivenciada pelos tradutores durante o ato da tradução”. Por analogia, este estudo procurou obter “insights” sobre o processamento na mente de alunos de inglês como língua estrangeira não em um processo tradutório, mas em um processo de redação em língua estrangeira. Originalmente utilizada na Psicologia, a técnica dos protocolos verbais consiste, basicamente, em:

o sujeito verbalizar todas as suas impressões, enquanto executa alguma tarefa, explicitando, assim, tomadas de decisão e estratégias de solução de problemas. O objetivo dessa metodologia é tentar inferir alguns mecanismos ou processos cognitivos através das respectivas verbalizações. (...) Essas manifestações metacognitivas possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos. Assim, os protocolos verbais permitem maior aproximação e confiabilidade em relação ao entendimento dos *processos* [grifo nosso] do que as abordagens que se valem somente da análise de produtos.” (GONÇALVES, 2001:14).

Em seu trabalho seminal sobre protocolos verbais, Ericsson e Simon (1984/1993) definem duas formas de relatos verbais que refletem, da maneira mais próxima possível, os processos cognitivos: protocolos “think-aloud”, ou consecutivos (também conhecidos como TAPs, pensamento corrido, ou pensamento em voz alta), em que os processos cognitivos são verbalizados diretamente; e protocolos retrospectivos, que relatam processos cognitivos completos, que não podem ser alterados e influenciados. Eles também afirmam que:

(...) o comportamento verbal [é] um tipo de comportamento registrável, que deve ser observado e analisado como qualquer outro tipo de comportamento. Os processos cognitivos que geram verbalizações são um subgrupo dos processos cognitivos que geram qualquer outro tipo de resposta ou comportamento registráveis. Portanto, procuramos o mesmo tipo de descrição “mecânica” e completa dos processos de comportamento verbal como de qualquer outro tipo de comportamento, e não aceitaremos processos mágicos ou privilegiados como explicações para as verbalizações. (op.cit:9, tradução minha)

Há, na literatura especializada, várias críticas em relação ao uso dos protocolos verbais como ferramenta para coleta de dados, sendo a mais comum a alta demanda mental sobre os informantes. Alves (op.cit.:75) comenta que “a maior objeção metodológica levantada contra essa técnica” é, sem dúvida, a “dificuldade de certos sujeitos em verbalizar”. Lauffer (2002) descreve a dificuldade dos participantes da sua pesquisa para conseguir verbalizar o que pensavam enquanto traduziam. Um deles de fato não conseguiu verbalizar absolutamente nenhum pensamento, enquanto outra verbalizou a dificuldade de falar enquanto resolvia um problema específico na tradução que estava fazendo. O estudo de Jakobsen (2003) comprova os efeitos da tarefa de verbalizar durante o ato de traduzir: há efeitos retardados sobre o desempenho da tradução, maiores ou menores, a depender da situação. No entanto, apesar disso, Jakobsen (op.cit.) afirma que esses efeitos não invalidam a técnica dos protocolos verbais consecutivos porque a verbalização não modifica o processamento de informação de maneira estrutural, concordando com Ericsson e Simon (op.cit.), que afirmam que “os protocolos verbais fornecem um meio poderoso de obter informações

sobre os processos cognitivos” e que “os protocolos consecutivos não alteram tais processos”.

Um outro questionamento é até que ponto dados introspectivos de fato refletem processos mentais, considerando que a produção dos protocolos verbais pode alterar os processos cognitivos ou então não conseguir acesso a eles. Para Nunan (op.cit.:117-8), é possível que a verbalização não reflita as operações cognitivas subjacentes ao desempenho porque pode, de alguma forma, alterá-las devido ao esforço do sujeito para verbalizar. House (2000:150) coloca as seguintes perguntas:

- As verbalizações dos informantes são realmente idênticas aos seus processos cognitivos, ou seja, há caminhos e conexões sistemáticos entre os processos cognitivos e as suas (ou outras) verbalizações?
- Exatamente quais processos mentais são acessíveis à verbalização e quais não o são?
- O fato de os informantes verbalizarem os seus pensamentos enquanto traduzem muda os processos cognitivos da tradução?

Para Ericsson e Simon (op.cit.), é possível que os protocolos retrospectivos, mas não os consecutivos, de fato alterem os processos cognitivos.

Conforme discutido anteriormente, enquanto uma desvantagem dos protocolos verbais consecutivos é demandar dos informantes um esforço cognitivo adicional, uma das suas maiores vantagens é o acesso ao planejamento estratégico e ao processamento de inferências durante a execução de uma tarefa (ALVES e GONÇALVES, 2003). Embora seja comprovadamente difícil verbalizar o que se pensa durante uma outra atividade cognitiva, para os objetivos deste estudo, acreditou-se que a técnica dos protocolos verbais consecutivos ainda assim era a mais indicada para coletar os dados necessários. Portanto, decidiu-se abrir mão da validade ecológica da pesquisa, ou seja, decidiu-se interferir no ambiente e processo “naturais” da criação dos textos, e pedir aos participantes que interrompessem o processo de redação e relatassem sempre que tivessem alguma contribuição. Isto se deveu preponderantemente ao fato de os protocolos retrospectivos do estudo piloto terem gerado poucos dados e dados tão superficiais (vide seção 2.3 desta dissertação).

Segundo Hansen (2003), geralmente, os tradutores sentem quando está tudo bem e quando algo está errado. Na primeira situação, traduzem de maneira quase automática; no último caso, percebendo um problema, trazem o controle da tradução para o consciente e adaptam o seu produto à sua noção de produto ideal. Segundo Alves (2000), na primeira situação, o tradutor está fazendo uso da memória de curto prazo, i.e., se valendo de processos automáticos; e, na segunda situação, da memória de longo prazo, i.e., de uma “codificação de informações que possibilita sua recuperação consciente por meio das redes associativas” (p.62). No caso de redações, uma analogia pode ser feita. Quando não há dificuldades gramaticais, lexicais ou de desenvolvimento e organizações de idéias, o autor redige passagens inteiras praticamente sem interrupções, ou, pelo menos, sem interrupções significativas. No caso de dúvidas ou problemas, o autor tende a parar e pensar em soluções, muitas vezes relendo trechos anteriores, e, às vezes, modificando-os. O uso dos protocolos verbais neste estudo teve o objetivo de identificar esses momentos e investigar quais eram os motivos das dúvidas dos participantes.

No caso das redações 1 e 4, os dados foram coletados por meio de protocolos verbais consecutivos, e, no caso das redações 2 e 3, por protocolos verbais retrospectivos. Além disso, ao final de cada par de redações, aos participantes era pedido que comparassem as duas redações e discutissem a qualidade dos textos, assim como possíveis incrementos às redações em língua inglesa (vide Anexo D desta dissertação), momento em que a coleta dos dados assumia um caráter de entrevista. Os protocolos foram gravados em fita cassete; o gravador ficava pausado, e os participantes indicavam quando queriam falar. Apesar de não ter havido treinamento prévio dos participantes, isso não pareceu afetar seu desempenho durante a produção dos protocolos.

No fim do processo, aos participantes foi pedido que discutissem o processo de investigação como um todo. A eles foi perguntado se o processo de criação dos textos havia sido alterado em função das interrupções e se estas haviam sido intrusivas, ou seja, se haviam tido um efeito negativo no processo de criação (vide Anexo D desta dissertação). O objetivo dessa fase final foi investigar até que ponto a metodologia da pesquisa poderia ter afetado a qualidade das amostras. Nesse momento, a coleta de dados também assumia um caráter de entrevista.

Segundo Hammersley e Atkinson (1995), os seguintes aspectos devem ser levados em consideração, para garantir o sucesso da coleta dos dados:

- a) deve haver uma boa relação entre os participantes e o pesquisador;
- b) o objetivo do encontro deve ficar claro;
- c) o pesquisador deve assegurar que as informações cedidas são confidenciais;
- d) deve ser reservado ao informante o direito de não responder a alguma pergunta;
- e) o pesquisador deve saber manter o tom de conversa, para deixar o participante à vontade, mas, ao mesmo tempo, guiar a conversa, estabelecendo quais temas são relevantes e quais não, e o que deve ser discutido e explorado;
- f) o pesquisador deve evitar julgar (positiva ou negativamente) as contribuições dos participantes;
- g) o pesquisador deve escolher momentos e lugares que não causarão incômodo aos participantes.

É relevante acrescentar que o fato de que os participantes aceitaram o convite para participar do estudo abriu caminho para uma relação de respeito mútuo e de colaboração entre os participantes e a pesquisadora.

2.8 – Tratamento dos dados

Há uma grande variedade de maneiras de categorizar dados qualitativos na pesquisa social, origem da análise de conteúdos clássica (BAUER e GASKELL, op.cit.). A categorização dos dados varia com o objetivo da pesquisa, mas, em linhas gerais, diferentes autores (CRESWELL, 1994; McDONOUGH e McDONOUGH, 1997; FREEMAN, 1998; EDWARDS e TALBOT, 1999; dentre outros) recomendam procedimentos semelhantes. Abaixo estão os procedimentos adotados para a categorização dos dados deste estudo que são, na realidade, uma compilação das sugestões dos autores citados acima:

1. leitura extensiva dos dados do primeiro participante;
2. identificação e nomeação de conceitos, criando categorias provisórias;

3. agrupamento de conceitos, segundo o enfoque da pesquisa;
 - 3.1. nenhum conceito foi deixado sem identificação e nomeação; isto porque, se houvesse algum conceito que não se encaixasse em nenhuma categoria provisória, isto poderia significar que as categorias precisavam ser reavaliadas e, talvez, renomeadas;
4. leitura extensiva dos dados dos participantes seguintes, de acordo com os passos acima;
5. após a leitura extensiva dos dados de todos os participantes, identificação da relação entre esses dados, ou seja, das semelhanças e das diferenças existentes;
6. identificação de repetição e/ou falhas na nomeação das categorias;
7. renomeação e/ou criação de novas categorias, se necessário;
8. testagem da robustez das categorias, observando se estas se relacionavam a todos ou à maioria dos participantes: categorias robustas possuem evidências sólidas e recorrentes entre, pelo menos, a maioria dos participantes;
9. acima de tudo, evitar “forçar” o surgimento de categorias, permitindo que as conexões aparecessem com o estudo extensivo dos dados.

O objetivo de tais procedimentos foi gerar dados não apenas inteligíveis, mas também passíveis de análise, transformando a massa de dados gerados com os protocolos verbais em um grupo finito de categorias analíticas, determinadas pela pesquisadora, advindas dos próprios dados da pesquisa (HAMMERSLEY e ATKINSON, op.cit.). Em outras palavras, os dados primários (o que os participantes disseram) foram transformados em dados secundários (as categorias geradas depois da análise de conteúdo) (COHEN e MANION, 1994) para tornar possível a teorização sobre os processos de tradução dos participantes.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois da discussão, nos capítulos anteriores, sobre o lastro teórico e a metodologia de pesquisa do estudo, este capítulo apresenta os resultados da pesquisa e sua análise e discussão, enumerando e discutindo os processos cognitivos e, mais especificamente, os processos de tradução evidenciados pelos dados coletados. A seção 3.1 identifica os processos de redação dos participantes, à luz da discussão na seção 1.3 desta dissertação. A seção 3.2 classifica os participantes segundo os critérios de redatores “mais hábeis” e “menos hábeis”, baseando-se na classificação de Lapp (1984, vide seção 1.3 desta dissertação) e das teorias cognitiva e de interlíngua (seção 1.1 desta dissertação). A seção 3.3 trata dos processos de tradução propriamente ditos, relacionando os resultados às seções 1.2 e 1.5 desta dissertação. A seção 3.4 relaciona os resultados às perguntas da pesquisa (vide a Introdução desta dissertação). A seção 3.5 discute a utilização dos protocolos verbais consecutivos como método investigativo (seção 2.7 desta dissertação). Finaliza-se com as seções 3.6, conclusão, e 3.7, que sugere materiais didáticos direcionados ao perfil de cada participante.

Neste capítulo, procurou-se ilustrar os resultados, com a maior variedade possível, com os excertos dos protocolos verbais. As citações abaixo são utilizadas como ilustrações; para mais exemplos e para a codificação detalhada dos protocolos, vide Anexo D desta dissertação, onde as categorias identificadas nos protocolos estão diferenciadas por cor, da seguinte maneira:

- verde para os processos de redação;
- azul escuro para os processos de tradução de acesso ao léxico semântico;
- vermelho para os processos de tradução de acesso ao léxico sintático;
- cor-de-rosa para os comentários de comparação entre a primeira e a segunda redações;
- azul claro para os comentários sobre a influência de outras línguas estrangeiras;
- sombreamento amarelo para os comentários sobre os protocolos verbais;
- preto para outros comentários, que não representaram categorias robustas (vide definição de “categoria robusta” na seção 2.8 desta dissertação).

3.1 – Processos de redação

A análise dos protocolos verbais nos permitiu perceber que, quanto ao processo de redação, os estágios citados por White e Arndt (1991), seção 1.3 (desta dissertação), se realizaram na prática. Todos os participantes verbalizaram, em algum momento, o estágio do processo de redação em que estavam trabalhando:

- **geração de idéias:** *“Primeiro, a minha conclusão. Este processo aconteceu agora. Poderia ter vindo a introdução na cabeça primeiro, e o primeiro, segundo e terceiro argumento. Mas não. Coloquei uma conclusão a que eu quero chegar, e depois 2 argumentos principais.”* (Dante – Caixa 121 – Redação 1);
- **enfoque:** *“Eu busco começar os meus textos sempre com uma citação, um estatuto mais genérico, pra depois chegar no caso prático.”* (Bernardo – Caixa 49 – Redação 1);
- **estruturação:** *“Agora, eu vou começar a escrever. Eu coloquei os pontos só o que seria mais ou menos a introdução, e a conclusão já mais ou menos juntas. Então, assim, pra não ficar uma coisa solta. Eu normalmente faço assim: eu introduzo, pelo menos quando eu faço em português, eu faço assim, a introdução e a conclusão juntas. Pra ficar uma coisa conexa.”* (Caio – Caixa 90 – Redação 1);
- **rascunho:** *“Daí, agora, eu já vou passar a escrever. A introdução, o esqueleto da introdução, às vezes, nem é necessário. Já vai direto.”* (Dante – Caixa 122 – Redação 1);
- **avaliação:** *“Agora, quando eu passei a limpo e eu fui ver a conclusão, eu achei que estava quase que idêntica à introdução. E eu acho isto daí muito repetitivo, muito chato. Por isto que eu não gostei da conclusão, mas... E ainda mais que tem umas palavras até repetidas iguaizinhas.”* (André – Caixa 29 – Redação 3);
- **revisão:** *“Vou relê-lo e, depois de relê-lo, eu vou contar as palavras de novo, pra ver se cheguei às 350 de fato. Só isto. E, da mesma maneira como quando eu reli a versão em rascunho, eu vou procurar cacofonias, ecos, palavras de mesma raiz muito próximas, que, se a minha filtragem inicial não captou, eu espero que esta segunda peneirada consiga visualizar.”* (Bernardo – Caixa 71 – Redação 2).

Da mesma forma, os elementos citados por Raimes (1983), seção 1.3 (desta dissertação), como relevantes ao escritor, também puderam ser identificados:

- conteúdo: *“Só esta parte final que eu quero mudar e talvez... e aí mudando talvez eu acrescento alguma coisa, pra explicar melhor. Aí, pode ser que fique um pouco mais longo, mas eu quero ver se eu mudo a parte final.”* (Caio – Caixa 112 – Redação 4)
- processo do autor: todos os exemplos citados acima, em relação aos estágios da redação;
- público-alvo: a banca examinadora do Instituto Rio Branco;
- propósito: em última instância, escrever uma redação para o concurso do Instituto Rio Branco;
- escolha lexical: *“Agora, pensando melhor, “social contribution” está soando meio irônico.”* (André – Caixa 40 – Redação 4);
- organização: *“Bem, como o tema é o mesmo, tanto em português quanto em inglês, eu planejo fazer o mesmo esqueleto da minha primeira redação... (...) Ou seja, faço uma introdução, desenvolvo o corpo do texto em três parágrafos, cada um com um subtítulo, já lançado na introdução, e na conclusão eu retomo os três temas desenvolvidos no corpo do texto. Você gostaria de saber quais são estes temas também? (...) A primeira delas, (...) Em segundo lugar, (...) E terceiro, (...) E, na conclusão, certamente retomarei estes três temas de alguma maneira, que eu ainda não sei.”* (Bernardo – Caixa 73 – Redação 4)
- mecânica: *“Bem, na minha redação, eu usaria a palavra “anachronic”, “anacrônico”. Porém, eu tenho dúvidas quanto a... como é que se chama em português?, ao “spelling” da palavra... a ortografia... como se soletra esta palavra. Eu tenho dúvidas.”* (Bernardo – Caixa 74 – Redação 4);
- gramática: *“Eu ia colocar ‘claming’, só que aí... eu lembro que eu estava estudando estes dias e vi que ao invés de usar o ‘gerund’, pode usar o ‘infinitive’, fica uma coisa mais... Aí, eu vou colocar. (...) E aí, por exemplo, eu tive problema com regência também.”* (Caio – Caixa 93 – Redação 1);
- sintaxe: *“Estava ‘thus in modern times’, aí eu coloquei: ‘in modern times, therefore’,... ‘therefore’... só desloquei... Estava lendo e achei que seria melhor aqui. Eu acho que foi uma questão de estilo.”* (André – Caixa 18 – Redação 1).

De todos os elementos acima, é interessante ressaltar a forte influência do público-alvo e do propósito na produção das redações para este estudo. Houve uma preocupação constante, de todos os participantes, com as especificações da prova, principalmente o limite de palavras, e com as expectativas dos leitores: no caso desses participantes, a banca examinadora:

“Se eu não tivesse tal limite, certamente minha ousadia seria maior. Eu escreveria mais livremente, talvez usasse mais construções, digamos assim, mais literárias, pois não teria limite de palavras, não haveria uma necessidade tão grande de fazer parágrafos... (...) Eu também sei que como mecanismo de ênfase eu poderia iniciar uma frase na conclusão com a conjunção “e”, com “and” em inglês. E isto eu jamais faria em um texto que alguém me pede, em uma avaliação. Porque, tecnicamente, considera-se errado começar um período por uma conjunção coordenativa aditiva, como é o “and”, como é o “e”. (Bernardo – Caixa 81 – Redação 4)

“Por exemplo, desta forma foi uma coisa meio dialética, eu peguei o que tem no texto e contra-ataquei. Então, foram dois parágrafos coesos. Se eu fizesse de outra forma, poderia dar três parágrafos, por exemplo. Um pouco menor cada um. Penso também [no tamanho dos parágrafos]. Penso porque o ‘Rio Branco’ cobra isto.” (Caio – Caixa 97 – Redação 1)

“Geralmente, isto ocorre. Geralmente, falta espaço pra argumentos, a redação, não importa o tamanho que seja. Nas redações de 400, 450 palavras que a gente está fazendo, no curso de preparação para o ‘Instituto Rio Branco’, a gente sente a mesma necessidade. E nas de 600, 650 de português, acontece a mesma coisa. Você nem sempre consegue expor.” (Dante – Caixa 131 – Redação 1)

Como podemos perceber, conforme discutido na seção 1.3 (desta dissertação), o processo de redação se confirma como um processo não-linear, recursivo, cheio de tomadas de decisão, imprecisões, tentativas, erros, tropeços, acertos, que ocorrem até o indivíduo considerar que conseguiu expressar suas idéias, tanto quanto possível, por escrito. Além disso, durante esse processo cheio de etapas que se complementam e se interrompem, os redatores têm uma série de fatores em mente no ato de redigir (e.g. o público alvo, a extensão do texto), e não apenas o texto em si. Comprovamos que isso se dá, em maior ou menor grau, tanto na língua estrangeira quanto na língua materna.

3.2 – Classificação dos participantes da pesquisa

Ao longo das transcrições dos protocolos verbais (vide Quadros 4a e 4b, adiante, e Anexo D desta dissertação), André e Caio apresentaram mais características de redatores hábeis, e Bernardo e Dante apresentaram mais características de redatores menos hábeis, segundo a classificação de Lapp (1984, apud RICHARDS, 1990), apresentada na seção 1.3 (desta dissertação).

Sendo bilíngüe, tendo inglês como a língua em que foi alfabetizado e português como a língua de seus pais e a que mais utiliza hoje, André demonstrou grande desenvoltura para redigir em inglês, apresentando a maioria das características descritas por Lapp (*idem*) para redatores mais hábeis.

Caio apresentou características de redatores mais hábeis, à exceção dos aspectos lingüísticos mencionados na classificação de Lapp (*idem*) (possuir recursos lingüísticos suficientes, preocupação com altos níveis de significação, poucas modificações no nível superficial).

Apesar de divergirem em relação a alguns aspectos, principalmente o papel da revisão, Bernardo e Dante apresentaram características de redatores menos hábeis. Houve uma grande preocupação com aspectos superficiais (ortografia) e locais (significado de palavras, dúvidas gramaticais) da redação. Além disso, pouco tempo foi dedicado ao planejamento da redação: os dois participantes começaram a escrever os rascunhos quase imediatamente após a leitura das instruções para a redação.

É interessante comparar os dados dos Quadros 4a e 4b, adiante, com os dados do Quadro 2, seção 2.3 (desta dissertação), provenientes do questionário. De acordo com o Quadro 2, Bernardo e Dante tiveram aproximadamente o mesmo tempo de instrução em escolas de idiomas (5 e 6 anos, respectivamente), enquanto Caio teve, pelo menos, três anos a mais de instrução. Conforme mencionado anteriormente, André é bilíngüe. Aqui, é possível tentar estabelecer uma interrelação entre o tempo de instrução na língua estrangeira e a desenvoltura para redigir. Aparentemente, quanto mais tempo de contato com a língua estrangeira, não necessariamente mais treinamento em redação, mais habilidade para redigir o indivíduo apresenta.

Ainda sobre os dados do questionário, André e Caio mencionaram em comum, como áreas com necessidade de melhorias na redação em inglês, o desenvolvimento de vocabulário. Bernardo e Dante, dentre outros pontos em comum, mencionaram estruturas gramaticais, o que não foi citado por André e Caio. Aqui, pode-se estabelecer uma interrelação entre as carências que o indivíduo percebe ter e a desenvoltura para redigir. Aparentemente, menos conhecimento ou menor segurança em relação às

estruturas gramaticais da língua estrangeira influenciam de maneira negativa a habilidade para redigir.

Aqui cabe comentar os resultados das pesquisas de Kern (1994), e de Upton e Lee-Thompson (2001, vide seção 1.4.1 desta dissertação). Kern concluiu que o grupo menos habilidoso da sua pesquisa se valia da tradução com mais freqüência, mas com menos eficiência. Essa freqüência diminuiu à medida que o nível lingüístico dos participantes melhorou. O mesmo aconteceu com os indivíduos da pesquisa de Upton e Lee-Thompson, o que os levou a concluir que indivíduos com nível lingüístico mais avançado processam o pensamento diretamente na língua estrangeira. Isso foi comprovado também com os participantes desta pesquisa, como veremos mais adiante.

Finalmente, em relação ao processo de criação de textos, as diferenças entre André e Caio não foram muitas, mas foram grandes em relação a Bernardo e Dante. A primeira dupla enfatizou a geração de idéias e o planejamento como elementos essenciais para o sucesso da redação. Também, demonstrou muita paciência e precisou de mais tempo para fazer os rascunhos e passar a limpo as versões finais. Já a segunda dupla demonstrou estar preocupada com a produção quase imediata de um rascunho. Bernardo empenhou-se na revisão do texto, mas em nível superficial. As modificações que fez foram relacionadas a vocabulário ou gramática em nível local. Dante, por sua vez, preferiu não fazer rascunhos nem revisar, o que foi dito tanto no questionário quanto nos protocolos verbais. Aqui, é possível estabelecer uma inter-relação entre os comportamentos dos redatores e a habilidade de redigir: os redatores mais habilidosos preocupam-se com o desenvolvimento das idéias e utilizam os recursos lingüísticos a serviço dessa necessidade; os redatores menos habilidosos preocupam-se com a forma final da redação, e estão a serviço dos aspectos lingüísticos.

Seguem os Quadros 4a e 4b, adaptadas de Lapp (1984).

André e Caio – redatores mais hábeis

Estágio	André	Caio
Pré-redação		
pensam sobre a tarefa a realizar e planejam como realizá-la	Eu estava pensando se eu começava com a segunda, talvez, porque eu falei de contexto na primeira, e, como eu usei contexto da globalização na segunda, talvez eu poderia expandir essa idéia de contexto, já que... Eu estou pensando... porque a ligação que eu fiz do planejamento de globalização e nacionalismo está mais clara pra mim do que eu fazer a ligação entre globalização e a primeira idéia. Então, eu vou ter que analisar pra ver se eu estabeleço alguma relação, senão vou ter que manter isso aqui do jeito que está. (Caixa 5 – Redação 1)	C – Eu estou pensando em pegar a opinião do autor aqui no artigo, e tentar dar uma dissecada. Eu pensei em propor um contraponto em relação ao que ele pensa. Porque, acho que, pelo que eu li, eu acho que é um espaço taxado de populista, sem identificar o que seria o populismo e quão conveniente é chamar aquele, ou aquele outro, populista. Então, eu pensei em colocar isto na redação. Dizer que... mostrar o que este autor pensa e mostrar uma opinião, que seja, talvez, a dominante, como certos setores da imprensa, da sociedade. E colocar um contraponto. Não querendo dizer que é melhor ou pior, mas dizer que esta não é a única interpretação que seria da realidade. Eu pensei em falar sobre isso. Então, eu pensei em uma parte da redação falar, mostrar a opinião deste autor e, logo em seguida, colocar um contraponto a ela. Deixar em aberto a conclusão, pra quem quiser ler e pensar. Eu pensei mais ou menos isto, depois que eu li o texto. Eu acho que eu vou fazer um “brainstorming”, alguma coisa assim. Eu acho que eu vou, primeiro eu vou organizar as idéias que estão no texto, pra poder depois fazer um contraponto a cada uma delas. (...) Eu já peguei as idéias que eu quero, e agora é só fazer um... eu acho que eu já vou fazer um esqueletinho mesmo. Tipo, a introdução coloca, rapidinho, nos dois parágrafos, as idéias centrais, os tópicos e depois eu... Quando acabar isto, eu começo a fazer... Depois, na hora de fazer o rascunho mesmo, eu acho que eu vou separar já, já pelo texto normal, por parágrafo. (...) Eu coloco só as idéias, uma embaixo da outra... e aí, na hora que eu for começar a fazer o texto, corrido mesmo, possivelmente, aí eu vou parar e tentar encaixar aquilo de alguma forma. Mas, normalmente, quando eu faço o esqueleto, eu já vou pra ordem do rascunho. Só separo, aqui é o primeiro, aqui é o segundo. Já coloco na ordem. E – Você faz isto mentalmente? C – É. (Caixa 89 – Redação 1)
reúnem e organizam informações	É... eu fiz assim: eu li a pergunta, então eu já fui respondendo assim: “the leftist trend in Latin América is due to...” pra listar os pontos que eu abordaria. E então eu fui escrevendo, e tentando separar, porque às vezes eles já vêm interligados. Assim, um já puxa o outro, e se tiver alguma conexão, eu já anoto também. Como foi o caso do segundo e do terceiro. (...) Então vamos ver se vai dar pra usar como um <i>link</i> entre um parágrafo e outro. Eu não sei ainda. Mas, assim, o que eu escrevi aqui eu ainda não estou nem muito satisfeito, é só pra eu não perder a idéia que eu já tive, porque eu não consegui nem formular direito, assim, a idéia, sabe? (Caixa 1 – Redação 1)	
possuem uma variedade de estratégias, e.g., tomar notas, ler, fazer listas	Então, eu demorei um pouquinho, mas eu consegui resgatar acho que todas as idéias da outra redação que eu fiz. Fui lembrando... Só que desta vez saiu mais com cara de “outline” mesmo. Esta parte eu já não escrevi como se fosse redação. Na verdade, este é o jeito que eu gosto mais de pensar. Engraçado que é exatamente assim que eu gosto do “outline”. Aí eu devo pensar o primeiro parágrafo todo e os argumentos só esquematizados. Porque é onde eu tenho maior liberdade de, na hora que eu estou escrevendo, alterar ali. Por exemplo, a introdução só... o fato de ela estar pronta, só me diz que eu tenho claro o lugar onde eu quero chegar. (Caixa 33 – Redação 4)	
Rascunho e redação		
usam informações e idéias da fase de pré-redação para começar a escrever e também para manter o enfoque e continuar a redação	Então, eu acho que... é exatamente o que eu fiz aqui, no “brainstorming”. Que eu coloquei: não esqueça de relacionar isto daqui com a idéia. Aí, eu refiz, e eu acho que tem estas duas idéias aqui. (Caixa 41 – Redação 4)	E – Quando você falou que acha que está faltando alguma coisa, é o que? C – É em relação aos meus argumentos, que eu coloquei no meu esqueminha aqui que acho que eu não utilizei. Algum exemplo, alguma coisa que eu acho que eu poderia usar melhor. (...) Vou só agora ver se está tudo casadinho uma coisa com a outra e eventualmente mudar alguma palavra ou frase. Deve acontecer bastante. (Caixa 97 – Redação 1)
dão tempo para que as idéias se desenvolvam	No “outline” eu praticamente não escrevi nada. Eu só escrevi a primeira oração, tanto que a gente já comentou. Aí, o resto eu falei: ah, eu... na hora, eu sei o que eu tenho que dizer, na hora eu vou... Porque isto daqui é a tese mesmo, então eu vou explicando a tese. (Caixa 38 – Redação 4)	Mas eu quero ir mais ou menos por aí. Eu acho que eu vou... À medida que eu vou escrevendo, vou colocando estas idéias mais ou menos organizadas. (Caixa 89 – Redação 1)
escrevem rápida e fluentemente	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)

possuem recursos lingüísticos suficientes que permitem que se concentrem em significado em vez de forma	Porque parece que “contribuição” é uma coisa necessariamente positiva e não é isto que eu... (...) Eu acho que não seja muito apropriado. Porque não é uma coisa positiva, é uma contribuição negativa. (...) A minha intenção não foi ser irônico. Mas foi a forma que eu encontrei de passar a idéia. Eu provavelmente vou rever isto daqui. (...) Provavelmente na revisão, quando eu terminar de ler. Porque é um detalhe menor. Eu sei o que eu quero dizer, mas não se encaixa nas palavras. (Caixa 40 – Redação 4)	(nesse ponto, Caio demonstrou ter mais características de redatores menos hábeis)
revisam o que escrevem, usando a revisão para planejar o que será escrito em seguida	Foi o seguinte: eu comecei com “a century ago”, “optimistic”, mas quando eu cheguei no final do período, eu quis usar de novo a expressão “a century later”, aí já não fazia sentido. Então eu optei por usar “a century later” que eu acho que é mais enfático, estilístico, no segundo período. Aí, no primeiro eu mudei por “at the turn of the 20th century”. Disse a mesma coisa. (Caixa 3 – Redação 1)	Eu acho que vou fazer desenvolvimento mais ou menos como da outra forma que eu tinha feito. Só que, relendo agora, eu acho que eu tive umas... não digo mais idéias, mas eu pensei que... a estrutura, manter a mesma, aquela coisa da repressão, prevenção, e tal. Mas eu acho que... dentro deste parágrafo, colocar de uma forma diferente. Alguns elementos, que eu tinha passado batido antes, e agora eu quero ver se eu consigo colocar isto dentro do texto... (Caixa 105 – Redação 4)
fazem a maioria da revisão no nível da sentença ou do parágrafo	Eu fiz uma adaptação pra emendar. Eu eliminei o pronome relativo aqui e troquei de estrutura. Foi só isso. Estava assim: “attempt in reaching its goal of development, which it has been seeking for so long”, aí ficou “attempt to reach that development it has been seeking for so long”. (Caixa 20 – Redação 1)	Ah, normalmente, já paro e já corto, ou risco, ou apago. A menos... quando eu não quero perder mesmo o fio da meada, ou quando eu estou com mais pressa, aí que eu deixo, sublinho, pra chamar atenção, pra voltar depois. Mas, normalmente, eu vou parando e fazendo, parando e fazendo e vou adiante. Por exemplo, agora eu vou parar, porque eu não sei o que é que eu vou colocar. (...) É, eu não sei. Eu acho que a estrutura não ficou legal assim. Pode ser até que eu esteja errado, enganado e achando que não ficou legal, mas eu estou achando que não ficou legal. (Caixa 91 – Redação 1)
sua preocupação primordial é com altos níveis de significação	Eu cortei uma coisa que me parecia... naturalmente... que seria natural, uma idéia... eu achei que era falacioso. É, sim. Seria falacioso, porque não necessariamente é natural, né? É difícil dizer o que é natural e o que não é natural. Aí eu preferi deixar de lado esta expressão é natural, ou seria natural. Eu deixei de lado e simplesmente coloquei do jeito que é. O fato, sem fazer juízo de valor, se é natural ou não é. (Caixa 9 – Redação 1)	(nesse ponto, Caio demonstrou ter mais características de redatores menos hábeis)
Revisão		
fazem poucas modificações no nível superficial	Eu estava passando a limpo aqui o primeiro período daí eu troquei “in relation to” pra “about”, coloquei “optimistic about”. Foi só isso. (Caixa 16 – Redação 1)	(nesse ponto, Caio demonstrou ter mais características de redatores menos hábeis)
fazem bom uso de revisões para esclarecer significados	Aqui, quando eu estava passando a limpo, eu percebi que talvez estava muito forte uma coisa que eu escrevi. Falei que as políticas neoliberais se mostraram ineficazes, aí eu achei muito forte. Aí, eu... Então... “ineffective”. Estava, estava muito forte. Parece que é totalidade. É. Então, eu simplesmente coloquei menos efeito que o esperado. Eu usei o mesmo termo “less effective than expected” aí, ao invés de colocar “ineffective”, que é a idéia de totalidade. (Caixa 19 – Redação 1)	Eu só troquei um modal por outro. Eu coloquei o “must”, aí eu cortei e coloquei o “should”. Porque eu quero dizer: “to face the problem of violence, one should at first understand its causes”. Aí, eu tinha colocado o “must”. Eu cortei e coloquei o “should” porque não é uma obrigatoriedade. (Caixa 106 – Redação 4)
fazem revisões eficazes que mudam a direção e o enfoque do texto	A – O problema aqui... eu estou demorando pra fazer porque eu estou quase que já fechando o texto, porque eu estou, na verdade, entre se eu transformo este terceiro exemplo, que seria uma relativização dos dois pontos em mais um argumento. Entendeu? Que me veio uma forma de fazer isso. (Caixa 10 – Redação 1)	
revisam em todos os níveis (lexical, sentencial, discursivo)	Estava assim, ó: “through the 20th century, optimism pervaded many Latin American countries, in relation to their social development problems”. Aí, eu lendo aqui, achei melhor colocar “through the 20th century, many Latin American countries were optimistic in relation to their social economic developments”, só isto. Mudei a ordem, e acabei tirando uma palavra, “pervaded”. Eu estava em dúvida sobre a palavra	Eu tinha colocado esta coisa... a ausência do Estado, e aí eu tinha colocado exemplos: “represented by low level public education and health care, bureaucratic justice administration”, e aí eu continuei, e aí eu acho que eu percebi que a falta do Estado, começa a colocar coisas boas que deveria ter... “low level public education” (...) Mas aí... como é que o Estado não está lá e tem coisas boas que eu coloco? Eu

	“pervaded”, se era a melhor palavra pra colocar aqui. Então, eu estava lendo a outra ordem, eu pensei que a outra ordem seria mais direta. Menos confusa. Aí eu matei duas coisas de uma vez só. Aqui, no fim do primeiro parágrafo eu simplesmente coloquei “current”. Porque eu falei da tendência de esquerda de forma geral, mas eu não falei que era atual. Então, eu simplesmente coloquei a palavra “atual”. (Caixa 14 – Redação 1)	não sei se eu deveria colocar um verbo, dizendo que isto não existe e deveria ter, ou se eu boto o contrário. Então, eu vou trocar alguma coisa aqui na frase, pra ver se faz mais sentido, sabe? (Caixa 107 – Redação 4)
adicionam, deletam, substituem ou reorganizam quando revisam	Cheguei à conclusão. Aí, eu praticamente reli a redação, pra fazer a conclusão. E aí eu fui corrigindo umas coisas ou outras. É...deixa eu ver aqui o que eu corriji... Eu fui vendo aquelas palavras que eu queria substituir. (Caixa 46 – Redação 4)	Eu tinha cortado “more” e ia colocar alguma coisa, algum adjetivo no sentido de “imediatista”. Mas eu cortei antes de continuar e vou colocar “short term” mesmo. (...) Eu troquei um verbo por outro. Eu coloquei “short term initiatives that would”. Daí, eu tinha colocado “please” no sentido de agradar a população, mas não ficou legal e daí eu cortei e coloquei: “intimidate criminals and calm down the population” e aí eu continuei. (Caixa 109 – Redação 4)
revisam durante todo o processo de redação	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)	Eu acho que os dois [cansado e satisfeito]. Porque eu passo tanto tempo no rascunho, mas tanto tempo, que no final eu não agüento mais olhar pra cara do rascunho. E aí, eu faço até esgotar todas as possibilidades. Quando já chegou no limite que ia chegar, no ponto que eu queria chegar, então, eu terminei. (Caixa 115 – Redação 4)
param freqüentemente para revisar quando passam o primeiro rascunho a limpo	Antes de passar o terceiro parágrafo, o segundo parágrafo a limpo, eu estou percebendo que a ligação não está muito, assim, não é que não tem ligação, mas é porque parece que eu mudei de assunto de repente. Só que eu não tinha percebido isto antes... que não estava muito explícita a ligação. Então, parece que eu sinto que está faltando alguma coisa, até uma ligação temporal. Então eu pensei: eu estou falando de globalização, será que eu preciso dizer que a globalização é atual? Será que já não vai ser alguma definição? Por isso que eu estou pensando se eu coloco alguma coisa como “current” também, alguma idéia assim. (Caixa 17 – Redação 1)	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)
a revisão não atrapalha o progresso, a direção, e o controle do processo de redação		Eu só vou checar se está dentro do limite, pra ver se eu excedi muito, ou se tem muito menos também. Pra ter uma noção. (...) Deu um pouquinho mais, deu 363. Quando eu faço o texto, na verdade, eu sempre vou contando ao lado. Eu termino o parágrafo, aí, quando eu acho que o parágrafo está pronto, eu já conto e coloco...(...) No caso ficou um pouquinho mais, 363. 350 é o máximo. Se eu tirar uma frase só ou mudar alguma coisa, já ajeita. (Caixa 99 – Redação 1)
não se incomodam com confusões temporárias que surjam durante a revisão	(a revisão era tida como algo natural e necessário; não houve comentários sobre um possível incômodo ao revisar)	(a revisão era tida como algo natural e necessário; não houve comentários sobre um possível incômodo ao revisar)
usam a revisão para gerar novos conteúdos e a necessidade de novas revisões	Agora eu estou só verificando se tudo o que eu coloquei aqui está de acordo com o que eu escrevi. Eu sinto que tem alguma coisa que está faltando ainda. Então eu estou só checando. (Caixa 7 – Redação 1)	Eu quero ver se eu leio agora o segundo desenvolvimento com a conclusão, porque a minha idéia já era fechar o texto aqui, quer dizer, o desenvolvimento aqui. (...) Eu quero ver se este daqui... se tem uma continuidade em relação à conclusão. Se está coerente, se está tudo certinho. Se não estiver, eu mudo alguma coisa. Se estiver, eu já leio o texto todo de vez e vejo como ficou. (...) Eu acho que eu vou refazer esta conclusão, agora. Eu fiz o desenvolvimento e eu acho que ela repetiu muito as idéias. Eu não precisava ter colocado esta forma na conclusão. E sem contar que eu fiz pra fechar logo, pra poder passar pro desenvolvimento, e ficou muita coisa que está muito tosca. Eu vou dar uma apagada aqui em algumas coisas. (Caixa 97 – Redação 1)

Quadro 4a: Classificação dos participantes da pesquisa como redatores mais hábeis. Adaptada de Lapp (1984, apud RICHARDS, 1990).

Bernardo e Dante – redatores menos hábeis

Estágio	Bernardo	Dante
Pré-redação		
gastam pouco tempo planejando	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)	(comprovado durante a realização dos protocolos verbais)
começam a realizar a tarefa um pouco confusos		<p>E – Mas o número de parágrafos é determinado pelo número de argumentos que você pensa?</p> <p>D – É. O importante, na minha opinião, é isto: você ter as idéias em parágrafos. Daí você pode escrever mais ou menos, três vezes maior, três vezes menor. Não importa. Por exemplo, eu estou colocando 1, 2, 3 argumentos. Eu não vou colocar 4 nem 5, dada a extensão de 350 palavras. Porque, senão, já vai ficar muito. Então, eu tento resumir em 1, 2, 3 argumentos, pra ficar nisto daí mesmo, porque eu acho que vai ser interessante para o tamanho da redação. Eu pego os 3 mais... os 3 principais, e fico nisto. Entendeu? No máximo 4.</p> <p>E – Mesmo sem ter idéia ainda do que é que você vai escrever?</p> <p>D – Sem ter idéia. Não sei nem o que vai acontecer. (Caixa 120 – Redação 1)</p>
possuem poucas estratégias para planejar e se organizar	(não pôde ser comprovado, uma vez que o participante começou a escrever os rascunhos das redações quase imediatamente após a leitura das instruções)	<p>Eu planejo escrever a redação, primeiramente, fazendo um esquema de tópicos principais que eu vou abordar, pra introdução, os argumentos. Daí, depois, cada parágrafo com um argumento, do jeito tradicional. E depois, uma conclusão pra fechar os argumentos. Uma conclusão com juízo de valor também. Com opinião, uma conclusão mesmo. O rascunho é como se fosse um esqueleto, mesmo. Pontos, com a idéia... com o tema principal de cada tópico e algumas características principais. Depois, na redação, é só discorrer. Só discorrer, exemplificar e formular bem as frases. (Caixa 119 – Redação 1)</p>
Rascunho e redação		
começam a escrever imediatamente	Como eu não vou fazer o rascunho, eu não sei como é que vai ser muito bem. Porque eu geralmente desenvolvo a introdução, a conclusão e daí, depois, eu faço o desenvolvimento. Como eu já tenho mais ou menos o que eu quero escrever na cabeça, eu faria a introdução, depois a conclusão e daí desenvolveria o texto. (Caixa 48 – Redação 1)	<p>E – Af, depois desta lista de tópicos, você escreve a redação. E esta que você escreve é um primeiro rascunho, ou é a versão final?</p> <p>D – Não, é a final. Geralmente, é a final. Porque eu acho importante a primeira idéia que sai. Porque... E tem outra: se você for mudando, você nunca fica original nas suas idéias. Eu acho que perde a ordem. Então, o ideal pra mim é ter o esqueleto bem feito e passar uma vez só. Se tiver rasura, a rasura vai ficar. Mas, se eu for corrigir, passar a limpo, vai sair outra redação. Não vai ser a mesma. Muda muito. Então, por isto que eu prefiro não fazer. (Caixa 120 – Redação 1)</p>
usam as instruções para a redação ou o tema para começarem a escrever		<p>A pergunta do tema e o tema são muito importantes. Então, aqui, por exemplo, eu estou perguntando como o Brasil deveria combater o crime e o tráfico de drogas. Então, tem que circular, com certeza, o verbo, que é “combater”. Então, não é “prevenir”, não é “pensar”, não é “adiantar” ou “retroceder” ou “mudar”. É “combater”. Então, pra não perder o foco. E combater o quê? Crime e tráfico de drogas. Eu devo pensar primeiramente se crime e tráfico de drogas eu posso englobar em uma coisa só, por exemplo, criminalidade. Ou rompimento da lei, quebra dos códigos da lei. Alguma coisa neste sentido, que eu acho que é possível. Porque, senão, toda hora que eu for escrever isto, eu vou ter que escrever “crime e</p>

		tráfico de drogas”, “crime e tráfico de drogas”. Vai ficar redundante, vai ficar grande. Então, eu substituo por “criminalidade”. Eu acho que dá certo. Eu posso englobar tudo junto. E é “combater”. Focar nisto daí. (Caixa 134 – Redação 4)
possuem recursos lingüísticos limitados e então logo se vêem preocupados com questões lingüísticas	Eu escrevi que “os países da América Latina encontraram uma boa oportunidade de tentar se tornar”... Mas eu ainda não sei qual é o objeto desta frase. Eu imaginei o sujeito, os países da América Latina, eu imaginei o verbo, encontraram uma boa oportunidade de tentar se tornar... e eu quero uma expressão que diga que eles tentaram se tornar algo melhor do que eles eram na época de colônia. De colônias européias. Na hora, veio “tentar se tornar lugares de alguma coisa”, “places of something”. Mas eu não achei que seria bom este vocabulário, neste ponto aqui, “places of something”. Porque eu imagino que eu vá usar bastante a palavra “place” no resto do texto. Então, eu já estou tentando encontrar uma outra expressão diferente. (Caixa 50 – Redação 1)	E – A redação está pronta na sua cabeça? D – Está prontíssima. (...) Uma dúvida veio agora. Eu estou usando a palavra “leftist”, derivada de “left”, como “de esquerda”, “a tendência de esquerda”. E eu sei que direita a gente fala “right”, mas “rightist” não pegou bem. E agora? Indecisão. Eu vou mudar o argumento. Vou pensar. Eu vou tentar substituir. Vai ser um erro de paralelismo, mas não vai. Vai servir pra deixar a frase um pouco mais ornamentada. Então, eu vou adjetivar tendência de esquerda, “leftist” e right wing, que tem um significado parecido, mas não igual. (Caixa 123 – Redação 1)
gastam pouco tempo revisando o que produziram	Depois, eu vou passar a limpo. Quando eu passar a limpo, ainda assim vou ler mais uma vez. Geralmente, eu não mudo nada. Geralmente, depois de fazer todo este trabalho que eu acabei de descrever, antes de passar a limpo, no momento em que eu vou passar a versão final, ainda assim, podem acontecer pequenas modificações, não percebidas pela leitura prévia à redação final. Mas muito dificilmente depois de passar a limpo, eu modifico alguma coisa. (Caixa 85 – Redação 4)	E – E depois que você termina a versão final, você revisa, você relê? O que é que você faz? D – Não. Só reviso depois da correção. Igual eu digo: eu acho que os erros naturais acontecem quando você escreve naturalmente e, numa prova, você vai ser... geralmente, você tem que treinar pra ser objetivo. Porque em prova, você tem que ser objetivo. Por exemplo, agora na prova do “Instituto”, na prova do “Instituto” eu fui obrigado a fazer rascunho de metade da prova e a outra metade não deu tempo. Então, eu devia ter feito de uma vez. Do jeito que eu era acostumado. (Caixa 120 – Redação 1)
revisam apenas segmentos curtos do que produziram	Eu estava escrevendo: “mesmo nos dias de hoje, a pobreza persiste”; “even in our days, poverty persists”. Mas eu gosto muito de usar advérbios. E outros mecanismos de coesão, conectivos e tudo mais. Então, eu vou colocar: “even, and specially in our days, poverty persists, exists”. Alguma coisa neste sentido. (Caixa 52 – Redação 1)	
não usam revisão para resolver problemas de redação	Pra reduzir o tamanho da sentença. E fazer uma introdução menor. Eu imagino que a idéia seja a mesma. Porque eu já sei que eu costumo exceder o número de linhas. Eu sou uma pessoa que, se deixar escrever, eu escrevo sempre mais do que me pedem. Então, eu tenho que sempre me policiar pra ir enxugando ao máximo possível o meu vocabulário, principalmente. A idéia estava boa. Simplesmente... eu comecei a cortar palavras pra exprimir esta idéia. (Caixa 57 – Redação 1)	
não possuem informações ou idéias da fase de pré-redação		E também é muito interessante notar que o parágrafo que eu não fiz esqueleto, com certeza, vamos ver no final, mas com certeza foi o parágrafo que demorou mais. Porque você não tem uma idéia organizada na cabeça. (...) Então, eu acredito que, quem sabe, inclusive da próxima vez, até na introdução, eu quero colocar no mínimo dois pontinhos, pra não ter esta dúvida toda. (Caixa 124 – Redação 1)
sua preocupação primordial é com vocabulário e formação de períodos	Em português, o meu período foi construído com base na inversão, como recurso de ênfase. Então, em português eu pensei: “tão escuro quanto o futuro do comunismo, era o populista”. Mas, em inglês, eu não sei se esta inversão funciona. Se eu disser: “so dark”, ou “as dark as the communist future was as the populist one”. Eu imagino que isto não funciona. E, por outro lado, eu tenho certeza que se eu escrever em uma ordem direta, vai funcionar. É... “The populist future was as dark as the communist one”. Então, eu vou fazer esta mudança no meu texto. (Caixa 63 – Redação 1)	Dúvidas surgem a todo momento, principalmente de vocabulário. (Caixa 124 – Redação 1)

Revisão		
fazem muitas mudanças formais no nível superficial	Eu risquei “Latin America” neste meu segundo parágrafo de desenvolvimento, que no meu texto está na linha 25. Eu risquei a expressão porque na linha 23 eu já havia utilizado “Latin America”. Eu vou riscá-la e usar simplesmente o advérbio “there”, “lá”, como mecanismo de coesão. (Caixa 67 – Redação 1)	
suas revisões nem sempre esclarecem significados	Outra coisa, aquele problema que eu tinha com o “block”, que eu não sabia se eu podia usar como “bloco”, eu substituí pela palavra “world”, simplesmente. Então, em vez de bloco comunista, o mundo comunista. Eu coloquei “communist world”. (Caixa 67 – Redação 1)	
não fazem revisões da direção ou enfoque do texto	Na verdade, eu vou procurar mais exemplos, pra reforçar o argumento. Eu não vou colocar um argumento novo, porque, senão, eu vou precisar de muito mais espaço. Quando eu falo encher lingüiça é pra não lançar uma idéia nova, porque senão eu vou acabar estourando o meu limite. (Caixa 68 – Redação 1)	Bom, eu vou corrigir normalmente, não vai ter problemas. Mas, é complicado. Às vezes, a gente pensa que seria o ideal ter feito isto durante, mas não, estraga o pensamento, trava, trava a evolução do seu texto. Então, eu acredito que quanto mais evolução, melhor. Quanto mais objetividade, eficiência, melhor. Você consegue expor, você consegue encaixar melhor as idéias. Porque se você vê lá no seu terceiro parágrafo, você está expondo o seu terceiro argumento, daí você vê que ele está errado. Daí você tem que voltar no seu esqueleto pra tentar outro argumento. Então, desmancha muito. Desmancha muito. (Caixa 132 – Redação 1)
revisam primordialmente os níveis lexical e sentencial	Originalmente, eu tinha escrito: “the capitalism system should be”. Mas daí eu lembrei que eu posso fazer a inversão com “should”. Fica mais bonito. Então, eu fiz a inversão: “should the capitalism system be”. E antes de colocar “system” eu tinha colocado simplesmente “way”. Mas me pareceu muito básica esta palavra, então, eu troquei por “system”. (Caixa 63 – Redação 1)	Casaria. Não vou casar mais. Vou riscar, vou substituir por outra. Vou manter “problemas”. Não vou falar que os problemas melhoraram, vou falar que eles foram parcialmente resolvidos. Que dá na mesma, mas mais adequado, eu acredito. (Caixa 126 – Redação 1)
não fazem uso eficaz de adições, deleções, substituições e reorganizações		O quinto foi abordado no quarto, não, foi abordado no terceiro, então, eu eliminei. Então, sobraram cinco. E o sexto, que agora é o quinto, ele teria que tocar em alguns pontos... não, não isto. Enfim, o quinto foi eliminado, porque estava incluso no terceiro e um ponto do sexto, o sub-tópico do sexto, também foi incluso no terceiro. E todas estas inclusões, eu poderia desenvolver, mas só que não vai dar, porque já estourou muito. Não estava previsto. (Caixa 135 – Redação 4)
fazem a maior parte da revisão apenas durante a redação do primeiro rascunho	B – Agora, eu vou contar as palavras do meu texto, depois de ter relido até o final do desenvolvimento, antes de escrever a conclusão, pra saber o tamanho que eu preciso fazer esta conclusão. Se, de 300 palavras, eu escrevi só 200, eu vou ver que vai ficar desproporcional a minha conclusão. Então, eu vou ter que desenvolver melhor o corpo do texto. Vou voltar ao corpo do texto. Vou abortar o processo de escritura da conclusão. E – E se, por acaso, você tiver feito 300 palavras já? B – Eu vou ter que voltar também ao texto e cortar alguma coisa. (Caixa 68 – Redação 1)	Quando vai chegando próximo do fim, o ajuste tem que ser mais de sintonia fina. Exatamente porque você não pode ter mais ajustes. (Caixa 129 – Redação 1)
se incomodam com a confusão que vem da revisão, portanto evitam revisar		Como assim? Ah, sim, se eu dou uma revisada? Como eu disse, eu geralmente não reviso. Só se sobrar tempo. Só se sobrar tempo. Geralmente, não sobra tempo. Porque eu prefiro gastar mais tempo pensando do que corrigindo. Quando sobra tempo, eu respiro fundo e, <i>contra a minha vontade</i> [grifo meu], dou uma revisada. Porque eu acho que a idéia já foi passada para o papel. Não tem que ficar voltando. É uma resistência individual mesmo, sabe? Então, não teria como eu ver uma frase lá no meio que está totalmente feia. Como é que faria pra corrigir ela? Um trabalho todo teria que ser mudado. Então, eu trabalho o máximo possível pra ficar do jeito

		que eu quero da primeira vez. E a cada dia que passa, isto tem acontecido mais. Com certeza. Se você treinar, da primeira vez sai a vez. Principalmente em provas objetivas, isto é muito importante. Nossa primeira resposta é a resposta definitiva. (Caixa 132 – Redação 1)
usam a revisão primordialmente para corrigir gramática, ortografia, pontuação, vocabulário	Eu vou ler o meu texto pra ver se o que eu escrevi é exatamente isto que eu falei, ou se faltou alguma coisa, vou prestar bastante atenção à forma e já vou cortando algumas palavras, porque eu sei que ultrapassei o limite de 350. Depois de ter cortado estas palavras que, em uma primeira leitura, eu percebo que são desnecessárias, aí sim eu contarei as palavras, pra começar a condensar as idéias em expressões mais curtas, frases mais enxutas. (...) Eu cortei apostos, por exemplo, apostos explicativos, que ajudariam na compreensão do leitor, mas que não eram essenciais, eu cortei locuções verbais por verbos simples, por um único verbo, eu cortei alguns artigos que eram desnecessários. (Caixa 70 – Redação 2)	

Quadro 4b: Classificação dos participantes da pesquisa como redatores menos hábeis. Adaptada de Lapp (1984, apud RICHARDS, 1990).

Observando o Quadro 4a, acima, percebemos que André se encaixa quase totalmente no perfil de redator mais hábil. Seus comentários revelam maturidade em relação ao uso da língua: as suas dúvidas não têm a ver com a correção ou incorreção de itens lexicais, mas com a sua propriedade ou impropriedade, ou seja, se o vocábulo em questão é adequado à idéia que quer expor. Seus comentários também revelam autoconhecimento em relação ao próprio processo de redação: há vários exemplos em que demonstra saber conviver com a não-linearidade do processo de redação, dando tempo para as idéias “decantarem”.

Caio revela um perfil “híbrido”, no sentido de que revela ter bastante conhecimento sobre o próprio processo de redação e sobre técnicas eficazes. No entanto, nos pontos do quadro que se referem a aspectos lingüísticos, demonstra ser ainda inseguro, se assemelhando mais ao perfil de redatores menos hábeis. Ele não apresenta dúvidas em relação a como organizar, desenvolver e redigir as idéias de maneira clara, mas apresenta uma série de dúvidas sobre a correção de itens lexicais em relação a, por exemplo, tempos verbais, preposições, conectivos, ortografia.

Observando o Quadro 4b, acima, constatamos que Bernardo apresenta mais características de redatores menos hábeis. Apesar de não aparentar começar a escrever as redações de maneira confusa, ele gasta pouco tempo planejando e começa a escrever quase imediatamente, não demonstrando fazer uso de nenhuma estratégia de planejamento ou organização de idéias. Na fase de rascunho e redação, e também na fase de revisão, os seus comentários se encaixam quase totalmente no perfil de redator menos hábil, principalmente no que se refere à preocupação com os aspectos mais superficiais do texto, e.g. correção de vocabulário, uso correto de tempos verbais, ortografia.

Dante também se encaixa no perfil de redator menos hábil. Ele começa a escrever quase imediatamente após a leitura das instruções, praticamente sem planejamento e sem muita certeza “do que vai acontecer”. Durante a redação, ele escreve quase sem pausas e evita fazer revisões. Ele acredita que não se deve revisar porque a redação deve ser produzida na sua versão final já na primeira tentativa. Seja no contexto de um concurso, em que não há muito tempo disponível, seja para fins de

aprendizagem, o primeiro esforço para produzir o texto, a versão “original”, é o que deve permanecer porque é o que o redator “realmente” sabe.

É importante ressaltar, aqui, a importância da revisão para o processo de redação. Um dos pontos que diferenciam os redatores hábeis dos menos hábeis é a importância que dão ao estágio de revisão e a reação que têm em relação à necessidade de fazer ajustes constantes ao texto em produção⁴⁷. Figueiredo (2005) afirma que a revisão não se restringe à correção de erros e não acontece apenas no final da escritura. Baseando-se em Faigley e Witte⁴⁸ (1981), assevera que existem dois grupos de revisões: de superfície e de conteúdo. As revisões de superfície são “aquelas que não trazem uma nova informação ou não removem uma informação existente do texto, ao passo que as revisões de conteúdo são aquelas que envolvem a adição de um novo conteúdo ou o apagamento de conteúdo existente”. Relacionando esse conceito aos participantes desta pesquisa, percebemos que André, redator com maior habilidade lingüística, realiza mais revisões de conteúdo. Os outros três participantes, por sua vez, realizam mais revisões de superfície. Esses comportamentos se relacionam também aos acessos ao léxico semântico e ao léxico sintático, como veremos na seção 3.3 (adiante).

Para auxiliar a classificação dos participantes da pesquisa, podemos ainda contar com a teoria de interlíngua. Segundo Richards (1985), seção 1.1.1 (desta dissertação), os erros de desenvolvimento (intra-linguais) podem ser classificados como: supergeneralização, desconhecimento de restrições a regras, aplicação incompleta de regras e hipóteses falsas. A análise das redações e dos protocolos verbais permite ilustrar esses erros:

- Supergeneralização: “poverty and hopeness are concepts that walk together throughout the underdeveloped people history” (Bernardo – Caixa 57 – Redação 1). Aqui, o substantivo correto é “hope”; a supergeneralização vem do fato de vários substantivos em inglês serem formados com o sufixo “-ness”.
- Desconhecimento de restrições a regras: “after the wave of violence that struggled São Paulo in recent times, the question on how should the government battle against organized crime has been brought to the spotlights” (Caio – Caixa 103 –

⁴⁷ O mesmo se aplica à tradução: o tradutor mais hábil realiza mais revisões e elas afetam mais do que a mera correção do texto.

⁴⁸ FAIGLEY, L.; WITTE, S.P. Analysing revision. *College Composition and Communication* 32 (1981) 4:401-14.

Redação 4). Aqui, a estrutura correta é: “how the government should battle” porque, apesar de se tratar de uma pergunta, está inclusa em uma oração o que, obrigatoriamente, altera a estrutura.

- Aplicação incompleta de regras: “After the fall of almost all communist regimes all over the world in the late 1980s, the world saw himself in a unique situation.” (Dante – Redação 1, Anexo C). Aqui, a intenção era escrever “o mundo viu-se”, mas, para expressar a idéia do pronome reflexivo em inglês, o redator deveria ter usado “itself”.
- Hipóteses falsas: “Fights and disputes between them have been decisive for the choices of numerous governors, concerning all kinds of issues.” (Dante – Redação 1, Anexo C). Além de outras impropriedades, nesse trecho o termo “governors” foi utilizado para “chefes de Estado” quando, na língua inglesa, se refere apenas a “governadores de estados”. Os vocábulos mais apropriados seriam “heads of state” ou “leaders”.

Aqui é importante ressaltar que não há ocorrências para André, o que confirma um alto nível de desenvolvimento em inglês, semelhante ao de um falante nativo. Essa diferença entre ele e os outros participantes da pesquisa se reflete na qualidade das redações. Enquanto os outros participantes demonstram ocorrências mais frequentes de tradução não eficiente, André se vale de tradução de uma maneira produtiva, corroborando os resultados relatados por Kern (1994) e Upton e Lee-Thompson (2001, vide seção 1.4.1 desta dissertação). Tomemos o exemplo:

A – Um outro exemplo de “collocation” é o “crime rate”, que aqui eu tinha colocado “level of such crime”. Então, ou seja, era mais ou menos a idéia do português: o nível de criminalidade. [Em português] eu devo ter usado, eu acho, esta palavra. O nível de crime, criminalidade. Eu acho que foi isto que eu usei. (...)

E – Então, quando você começou a escrever mais, pensar em reformular e usar colocação em inglês, saiu “crime rate”? Quando você foi reler e você viu que não era exatamente o que você queria?

A – O que, o “crime rate”?

E – É, você não queria “level of crime”?

A – É, não. Eu não tinha nem pensado. É aquilo que você falou agora. Quando eu fui vendo é que saiu. “Measures to reduce crime”, aí eu começo a pensar em inglês eu vejo que “crime rate” é muito mais natural do que “level of crime”, e aí eu... É mais um exemplo de como a língua facilita.

Apesar de, inicialmente, fazer a tradução literal do termo “nível de criminalidade” para “level of crime”, ele percebe a impropriedade da frase e corrige

para “crime rate”, termo usual em inglês. Neste trecho, André demonstra fazer bom uso da tradução ao fazer a tradução de *idéias* e não de termos.

Outro aspecto discutido por Richards (idem, seção 1.1.1 desta dissertação) é a produção de sentenças “gramaticalmente corretas” que não são convencionais, ou seja, não são produzidas por falantes nativos. Vejamos alguns exemplos das redações (Anexo C desta dissertação). Embora os estudos de interlíngua não permitam estabelecer a posição exata em que os participantes se encontram no contínuo de interlíngua, o conceito de interlíngua por si auxilia a identificação de enunciados que indicam a necessidade de mais desenvolvimento na língua estrangeira.

“Criminality is an issue that began its existence with the beginning of humanity.” (Dante – Redação 4)

“There is a characteristic that puts all leftist trends in the world tied up together.” (Dante – Redação 1)

“A short-term initiative that would intimidate criminals and calm down the population consists in repressive measures.” (Caio – Redação 4)

“The first might be minorated only by the change of social mentality.” (Bernardo – Redação 4)

“Unless the Congress approves a more modern legislation, these crimes will continue unpunished.” (Bernardo – Redação 4)

“Even though necessary, they are outrageously forgotten by politicians.” (Bernardo – Redação 4)

O que se percebe nos exemplos acima é a combinação incomum de vocábulos, escolhas que jamais seriam feitas por falantes nativos: “began its existence” (redundante); “puts trends tied up together” (redundante); “intimidate” (formal) e “calm down” (informal) no mesmo texto; “minorated” (formal, quase nunca utilizado); o uso do verbo “approves” para leis; “outrageously forgotten” (combinação impossível).

O mesmo não ocorre com as redações de André. Ele demonstrou fazer uso de combinações comuns em inglês, que não despertariam reações de estranhamento por parte de falantes nativos.

“The revival of left wing politics can also be ascribed to the failure of right wing liberalism that swept the continent in the 1990s.” (André – Redação 1)

“Reforming the Brazilian penal system is yet another measure to prevent and remedy crime and its organization.” (André – Redação 4)

Conforme visto na seção 1.1.2 (desta dissertação), McLaughlin (1987) afirma que a automaticidade é um processo característico de níveis iniciantes e a reestruturação é característica de níveis mais avançados. Nos protocolos verbais desta pesquisa há exemplos que ilustram esta afirmação. Bernardo e Caio demonstraram ter dificuldades com o uso do tempo verbal “present perfect” em inglês: “Eu não usei ‘present perfect’. Foi tipo um engano. (...) Em português, eu não me incomodo com este tipo de coisa. É pretérito perfeito, é presente, ou o que seja, mas você não coloca ‘present perfect’. Sabe, às vezes eu me passo: ah, aqui está errado, devia ser o ‘present perfect’ (Caio – Caixa 91 – Redação 1); “Então, agora eu tenho uma dúvida com relação a tempo verbal. *Porque eu penso em português, geralmente, e vou passando para o inglês.* [grifo meu] Eu quero dizer que ‘entretanto, esta não tem sido a realidade’. Não tem sido. Então, eu estou pensando se eu vou usar o present perfect, ou o present perfect continuous. Então, eu não sei muito bem se eu uso ‘it has not been the reality’, ‘não é a realidade’, ou ‘it has not had been the reality’. Eu me confundo um pouco com relação a isto.” (Bernardo – Caixa 52 – Redação 1). Isso não aconteceu com André: “Estava assim: ‘attempt in reaching its goal of development, which it has been seeking for so long’, aí ficou ‘attempt to reach that development it has been seeking for so long’ ” (Caixa 20 – Redação 1). Neste excerto, ele demonstrou ter certeza do uso do “present perfect”. Na verdade, a modificação que fez foi relacionada ao uso do gerúndio, trocado pelo infinitivo.

Em relação à reestruturação, podemos citar o momento em que André discute qual palavra daria em inglês a idéia de “periferia”. Ele prefere não utilizar a palavra “outskirts” porque acredita que transmitiria a idéia física de periferia, enquanto o que ele queria era a idéia de exclusão. Neste excerto, André parece perceber a diferença que vê entre o conceito de periferia no Brasil e fora do Brasil: “...eu não sei se necessariamente estes tipos de comunidades estão na periferia. Elas são periféricas conceitualmente, mas geograficamente, elas não estão necessariamente na periferia. (...) Porque dizer: ah, toda periferia está na periferia. Em inglês, eu tento dizer isto. E aí, será que está certo? Pode estar errado. Então, pra não comprometer, eu simplesmente mudo o conceito, que engloba a idéia que eu quero, sem necessariamente envolver posicionamento geográfico. (...) o que me fez parar é que, no Rio de Janeiro, normalmente periferia é do lado do centro. Entendeu? Mas em português, se você usar periferia, ela tem as duas conotações. Tem a conotação geográfica, e a conotação mais

política. Então, dá pra usar em português sem problema, não compromete a veracidade do texto”. (Caixa 37 – Redação 4)

Ainda utilizando a teoria de McLaughlin (1987) para a classificação dos participantes, é possível identificar, para os participantes de menor nível de desenvolvimento na língua estrangeira, Bernardo e Dante, o uso de estratégias de simplificação (Dante: “[quando eu percebo que não vou conseguir], eu evito a estrutura, simplifico a estrutura um pouco, coloco em duas frases em vez de uma grande e coloco o argumento do mesmo jeito.” – Caixa 139 – Redação 4) e de supergeneralização (Bernardo: “hopeness”, mencionado anteriormente).

3.3 – Processos de tradução

Nesta seção recorreremos, preponderantemente, ao modelo de tradução de Liu (2005), discutido na seção 1.4.2 (desta dissertação). Relembrando os conceitos do modelo de Liu, existe o léxico semântico, armazenado na área de Wernicke, e o léxico sintático, armazenado na área de Broca. Redatores “native-like” (com desempenho próximo ao de um falante nativo) ativam a língua estrangeira no nível semântico, utilizando a língua estrangeira em atividades mais sofisticadas ou avançadas, para produzir os significados desejados, e para fazer escolhas relacionadas ao estilo do texto. Redatores “non native-like” (com desempenho que não se aproxima do desempenho de um falante nativo) ativam a língua estrangeira no nível sintático, dando enfoque à tradução de palavras ou expressões e resolvendo questões de nível local, i.e, a necessidade de preencher lacunas. Esses resultados corroboram os resultados obtidos por Lörcher (2005) na comparação de tradutores proficientes e iniciantes, no sentido de que os últimos também ficam presos a unidades de tradução que se resumem a frases ou vocábulos individuais.

Nos protocolos verbais deste estudo foram encontrados exemplos abundantes de acesso ao léxico semântico assim como ao léxico sintático. Os acessos ao léxico semântico se identificam como tentativas do redator de solucionar problemas de natureza global, que têm a ver com o significado da idéia como um todo ou com o estilo

do texto. Os acessos ao léxico sintático caracterizam-se pela tentativa de solucionar problemas no nível local, tais como: formas verbais, ortografia, insuficiência vocabular. A frequência e a quantidade dos acessos variou para cada participante.

André, classificado como redator mais hábil, apresentou muito mais ocorrências de acessos ao léxico semântico do que ao léxico sintático (vide Anexo D, caixas codificadas com cor). Isso parece comprovar que se encaixa no perfil de redator “native-like”, segundo Liu. Nos excertos que se seguem, os problemas locais que tentou resolver foram: não repetir o termo “ascensão”; simplificar uma oração; e traduzir o termo “convivência social”. Os problemas globais foram: escolher entre a idéia de “tentativa” e de “busca”; exprimir a idéia de “reabilitação de criminosos” e de “meio social”; conseguir expressar as funções da polícia.

Léxico sintático:

Bom, agora, o que aconteceu foi que do jeito que eu estava estruturando, de uma forma paralela, “em tempos modernos, a ascensão do nacionalismo logicamente proporcionaria uma...”, eu não podia usar “ascensão” de novo, então a questão era achar um sinônimo, alguma sugestão para manter o paralelismo de idéias, sem repetir, e achar uma coisa que o “collocation” estaria certo. A palavra foi “boost”. É foi “boost”. Aí, depois... porque a idéia é o seguinte... que a idéia pra mim é que uma coisa provoca outra. Então, eu tive essa idéia também de provocar, então eu coloquei “provide”. É, a idéia está aí. (André – Caixa 6 – Redação 1)

Eu estava só “rephrasing”. Eu nem mudei a idéia, não, eu só mudei... estava ficando muito wordy, quer dizer, eu simplesmente... deixa eu ver se eu consigo lembrar, uma coisa assim que... Tá, era assim ó, “struggling”, tentando buscar, mesmo, se defender de um... “a América Latina tentando se defender de processos sobre os quais não tem grande influência, que é marginalizada.” Aí, eu simplesmente peguei, e em vez de colocar “struggling against”, eu coloquei só “marginalized”, e não coloquei que estava lutando contra. Eu só disse que estava marginalizada pelo sistema tradicional. (André – Caixa 12 – Redação 1)

Aqui, eu optei por esta expressão “social milieu” porque me veio a palavra em português. Me veio “convivência social”, mas aí eu pensei: em inglês como é que fala “convivência”? Assim, eu não consegui pensar em convivência social, esta expressão, assim. Eu não consegui pensar. “Social living” não é a mesma coisa. Não me parece tão natural. Então, eu optei por “social milieu”. (André – Caixa 42 – Redação 4)

Léxico semântico:

Eu acho que a mudança é que tinham duas idéias que não estavam batendo. Do jeito que eu formulei a frase, eu queria dar a idéia de que há uma tentativa... que o movimento de esquerda é uma tentativa de desenvolvimento. Mas, ao mesmo tempo, eu também queria enfatizar a idéia de que é como se fosse um “quest” que há muito tempo caracteriza o continente. Então “attempt” e “quest” não combinavam. Eu tive que optar por um. Aí eu preferi enfatizar a idéia da tentativa, que eu acho que era a principal coisa que eu queria dizer. E aí depois acabou que teve uma outra parte aqui no final da frase que também fala,

tipo assim, eu não coloquei “quest”, mas eu disse que ele está buscando por muito tempo. Então, é a mesma idéia que de outra forma já estava aqui. Então, eu pude tirar o outro . (André – Caixa 15 – Redação 1)

“Such punishment has to abide by the principles of the country’s penal system. It must fulfill its role of rehabilitating offenders”. Assim, “rehabilitating offenders” é, assim, perfeito para o campo semântico. Então, é isto. Aí o “social milieu” ficou também meio social. Está certinho. Apesar de não ser igual no português, eu exprimi a mesma idéia. Dei a idéia geral. (André – Caixa 43 – Redação 4)

Então, “For it is by means of police intelligence that crime is prevented and fought in the institution expected to do so”. Esta parte aqui eu não gostei muito, até agora. E foi a parte que eu mais demorei. Eu não encontrei ainda uma solução pra isto, mas é que a idéia que... é porque eu não preciso justificar tanto este argumento como uma idéia de prevenção e combate, porque é exatamente isto que a polícia faz. Ela faz as duas coisas. É esta idéia que eu quero deixar claro, e eu não consegui. Porque eu falei: você tem que elevar a inteligência da polícia... a inteligência policial contra o crime, contra a prevenção e combate ao crime, mas aí é que está. Eu queria colocar esta idéia que, não sei, não precisa de justificativa no caso. Ela serve justamente pra isto. Eu não sei. Eu não sei se também se eu deixo fora.... (André – Caixa 44 – Redação 4)

Caio, classificado como redator mais hábil, apresentou muito mais ocorrências de acessos ao léxico sintático do que ao léxico semântico. Segundo Liu, este participante seria classificado como “non native-like”. Os problemas locais exemplificados abaixo são: como dizer “germinar” em inglês; utilizar adjetivos diferentes para cada substantivo citado; como dizer “preventiva” em inglês. O problema global citado é a troca do verbo modal “must” por “should”, ambos traduzidos como “deve” em português, mas com significados diversos em inglês.

Léxico sintático:

C – Agora, eu estou com as metáforas aqui. O que eu ia falar... Eu estou falando sobre estes “short term initiatives”, e aí eu estou confundindo estas palavras da seguinte forma: “crime would certainly decline”. Aí, eu queria colocar uma coisa assim: “its seeds would frutify”, uma coisa assim, sabe? Mas semente não frutifica. Frutifica a árvore. Eu estou aqui pensando na metáfora que eu vou colocar pra explicar a idéia.

E – Pra manter “seed”?

C – É, é. Eu acho que sim, pelo menos, por enquanto, sim. Eu vou trocar então. Como eu não sei como que é “germinar”, eu vou tirar as sementes e vou colocar uma outra coisa. Eu não sei. “But its foundations would still be there awaiting for the construction of the building of criminality”, qualquer coisa assim. Mas eu vou tirar estas sementes daí. (Caio – Caixa 110 – Redação 4)

Eu estava relendo o desenvolvimento, e aí eu estou vendo que eu estava falando sobre a ausência do Estado, a criminalidade organizada e tal, e aí eu começava a ilustrar a situação com “low level public education” e “health care” e aí, eu vi que eu tinha colocado este “low level” pra adjetivar tudo o que vem depois, “public education”, “health care”, e depois “injustice administration” e já não fazia mais sentido. Aí, eu coloquei agora “bureaucratic justice administration” e talvez eu coloque uma coisa assim: “low level public education and health care”. Eu não sei. Alguma coisa que deixa mais a idéia de que este “low level” seja para estes dois. Depois, separa por “bureaucratic justice

administration". Eu acho que eu vou mudar um pouco esta frase. Mas a idéia eu vou deixar a mesma. (Caio – Caixa 113 – Redação 4)

Eu falo: "long-term measures", e aí, eu tinha colocado antes "repressive measures", aí eu cortei e deixei só o "repressive". (...) Eu estou com outra dificuldade, estes cognatos. Porque eu fiz uma oposição em português entre repressiva e preventiva, só que "to prevent" em inglês, é outra coisa. E aí, eu fiquei: como é "prevenir" em inglês? E aí eu resolvi com o "non-repressive". "Repressive and non-repressive measures are both necessary". E aí, eu vou seguindo. (...) Não, só agora. Eu tinha percebido isto, mas eu não esquematizei, porque eu tinha colocado a oposição. E aí, eu coloquei "repressive" de um lado e do outro. Só que eu não cheguei a citar estas duas coisas até agora. E agora, na conclusão que eu estou colocando isto. E aí, eu coloquei "repressive"... "both repressive and non-repressive measures". (Caio – Caixa 114 – Redação 4)

Léxico semântico:

Eu só troquei um modal por outro. Eu coloquei o "must", aí eu cortei e coloquei o "should". Porque eu quero dizer: "to face the problem of violence, one should at first understand its causes". Aí, eu tinha colocado o "must". Eu cortei e coloquei o "should" porque não é uma obrigatoriedade. Se você quer entender, você deve então... quer dizer, se você quer encarar este problema, você deve querer entender as causas. Eu acho que pensando em português, você fica pensando: ah, você tem que entender, aí, fica "must". Mas não é "must". Não cabe "must" aqui. (Caio – Caixa 106 – Redação 4)

Bernardo, classificado como redator menos hábil, como seria de se esperar, apresentou muito mais ocorrências de acessos ao léxico sintático do que ao léxico semântico, o que parece comprovar que este participante se encaixa no perfil de redator “non native-like”, segundo Liu. Abaixo, alguns dos problemas locais verbalizados por ele: qual o substantivo do verbo “ameliorate”; a grafia correta das palavras “citizenship” e “process”; e a preposição correta para o substantivo “influence”. Alguns dos problemas globais: a carga semântica da palavra “strange”; a diferença de significado entre os verbos “combat” e “punish”; e o significado do verbo “realize”.

Léxico sintático:

- B – Eu acho que é pra realçar a expressão temporal "nowadays", "specially nowadays". Pra ressaltar a situação crítica dos dias de hoje. Que é a situação do populismo. Eu estava escrevendo: "even, and specially nowadays, poverty persists. In the last trial of social improvement". Mas eu não queria usar "improvement". Eu queria usar o substantivo relativo ao verbo "ameliorate", mas eu não sei. Então, me vejo obrigado a usar "improvement". Quem sabe, no final da redação eu volte e busque a palavra relativa ao verbo "ameliorate".*
- E – Mas você está escolhendo "improvement" porque você tem certeza que está certo, apesar de não ser exatamente o que você quer dizer?*
- B – Na verdade, eu não tenho certeza. Na verdade, eu sei que os verbos "to improve" e "to ameliorate" podem ser intercambiáveis. Mas, na minha cabeça, "improvement" não tem necessariamente uma idéia de melhora. Na verdade, tem sim. Eu tenho certeza. Mas talvez por em português "melhora" ser mais parecido aparentemente com*

“ameliorate” alguma coisa assim, me pareça mais garantido que vá ser correto esta resposta. Por enquanto, tá “improvement”. (Bernardo – Caixa 53 – Redação 1)

Eu quero usar a palavra cidadania em inglês, “citizenship”, mas eu não me lembro se tem um ‘y’ no meio. Cidade é “city” com ‘y’. E daí eu estou procurando aqui descobrir se tem ou não tem ‘y’ por meio da escritura da palavra com e sem ‘y’. Que visualmente eu consigo perceber qual é a melhor maneira de escrever esta palavra, qual é a maneira correta de escrever esta palavra. E eu optei pela palavra sem ‘y’ nenhum. Pode estar errado, mas eu optei por isto, que me pareceu mais bonito e mais familiar. (...) Eu não lembro se a palavra “process” é com 2 ‘c’ ou com 1 ‘c’ só. E eu escrevi e vi que é com 1 ‘c’ somente. (Bernardo – Caixa 69 – Redação 1)

Eu não consigo me recordar, na linha 27, da preposição adequada à construção “the influence of something”, “over something or on something”. E ainda não sei qual é a minha resposta. Me parece melhor a solução “over”, que é um certo chute. Mas me parece que eu já escutei isto antes, “the influence of something over something”. Vou colocar “over”. Não, eu vou modificar. Vou desistir do “over”, vou colocar “on”, por um motivo muito lógico e racional, porque há duas linhas a cima eu usei a palavra “overoccupied”, que já tem “over”. Então, eu vou desistir de repetir o “over” e vou apostar no “on”, que não me pareceu errado. Me pareceu sonoramente interessante também. “The influence of the most dangerous on the others”. Ai, caramba... Não, eu vou deixar “over” mesmo. Eu vou desistir do “on”. Vou deixar “over”. (Bernardo – Caixa 79 – Redação 4)

Léxico semântico:

Coloquei “strange”. Eu acho que eu coloquei “strange” porque... Bom, porque talvez em português eu colocaria também. Porque mistura não necessariamente tem uma carga semântica pejorativa. E eu quero desde o início deixar bem claro que não é uma mistura interessante, politicamente interessante, apesar de ser a realidade. E “strange” dá esta idéia de que é uma mistura negativa. Estranha. É isto. Eu escolhi “a strange mix” e não “the strange mix”. Porque... Talvez esteja errado, mas eu imagino que o uso do artigo indefinido minorize a importância desta mistura. No sentido de que houve outras misturas estranhas, talvez haja possíveis misturas estranhas, que sejam piores, até. Então, é simplesmente mais um caso. Não é o caso por excelência. Por isto que eu usei o artigo indefinido. É “a strange mix” e não “the strange mix”. (Bernardo – Caixa 55 – Redação 1)

Certamente. Seria uma palavra mais apropriada. Na minha frase, diz: “then, they are not able to combat more recent crimes”. Se eu escrevesse, “they are not able to punish more recent crimes”, seria mais adequado. Talvez, eu mude agora e use “to combat” mais pra frente, que eu vou reutilizar. Mas, como eu não sei como é o meu ponto futuro, se vai me faltar vocabulário, vou guardar o “punish”, mantenho o “combat” por enquanto. “To combat” me parece um verbo mais neutro que o verbo “to punish”, o qual é bem mais ligado ao vocabulário da criminalidade. (Bernardo – Caixa 76 – Redação 4)

No começo da minha conclusão, na linha 37, eu usaria o verbo “realize”, mas, por dois motivos, eu resolvi cancelá-lo. O primeiro deles é que o verbo não representava exatamente a idéia que eu queria expor. Em português: “é difícil considerar um combate efetivo contra o crime e o tráfico de drogas sem grandes mudanças nas três áreas mencionadas”. “Considerar” no sentido de “pensar a respeito”. Então, eu ia usar “realize”, mas eu resolvi usar, pura e simplesmente, “think about”, “it’s hard to think about an effective combat”. (Bernardo – Caixa 83 – Redação 4)

Dante, classificado como redator menos hábil, gerou poucos dados em relação aos processos de tradução. Os seus protocolos foram ricos em processos de redação,

mas houve apenas duas ocorrências de acesso ao léxico sintático, e nenhuma ocorrência de acesso ao léxico semântico. Em termos percentuais, pode-se considerar este participante “non native-like”, devido à proporção entre os acessos ao léxico sintático e ao léxico semântico. Os dois problemas locais que mencionou foram: como dizer “direitista” em inglês e o uso da palavra “ameliorate”.

Léxico sintático:

D – Uma dúvida veio agora. Eu estou usando a palavra ‘leftist’, derivada de ‘left’, como ‘de esquerda’, ‘a tendência de esquerda’. E eu sei que direita a gente fala ‘right’, mas ‘rightist’ não pegou bem. E agora? Indecisão. Eu vou mudar o argumento. Vou pensar. Eu vou tentar substituir. Vai ser um erro de paralelismo, mas não vai. Vai servir pra deixar a frase um pouco mais ornamentada. Então, eu vou adjetivar tendência de esquerda, ‘leftist’ e ‘right wing’, que tem um significado parecido, mas não igual.

E – E você não vai colocar “non leftist”, que foi a outra coisa que você tinha pensado antes?

D – É, porque negação é muito banal, eu acho. Não dá certo. Se não é esquerda, é o quê? Pode surgir aí uma dúvida, você tem que ser objetivo. Não pode ficar deixando dúvidas. Nem mesmo na introdução.” (Dante – Caixa 123 – Redação 1)

E – E se você não fosse usar “ameliorate”, o que é que você usaria?

D – “Make things better”, “solve problems”. Tinha muitas possibilidades, não teria problemas.

E – E porque que você escolheu “ameliorate”, então?

D – Porque ela me parece mais específica. Me parece melhor. Me parece melhor, este que é o problema. Não tenho certeza. As outras me parecem boas. As outras, eu tenho certeza que são boas. Esta, eu acho que é ótima. (...) Interessante é que a palavra, mesmo no sentido que eu pensei, ela não cabe. Porque você não melhora problemas, você resolve problemas.

E – Mas você vai casar esta palavra com “problema”?

D – Casaria. Não vou casar mais. Vou riscar, vou substituir por outra. Vou manter “problemas”. Não vou falar que os problemas melhoraram, vou falar que eles foram parcialmente resolvidos. Que dá na mesma, mas mais adequado, eu acredito. (Dante – Caixa 126 – Redação 1)

3.4 – Perguntas da pesquisa

A partir da identificação dos acessos dos participantes ao léxico semântico e ao léxico sintático, podemos encontrar algumas respostas à pergunta principal da pesquisa: quais processos de tradução são visíveis / observáveis na redação em língua inglesa (estrangeira) de alunos brasileiros?

Em consonância com os resultados de Liu (2005), o presente estudo identificou dois processos de tradução distintos na redação em língua estrangeira: acesso ao léxico semântico, no intuito de solucionar problemas globais ou de níveis de significação mais sofisticados; e acesso ao léxico sintático, no intuito de solucionar problemas locais, de níveis de significação mais simples ou gramaticais. Aqui se reforça o conceito de tradução como manipulação mental de significados, com o objetivo de comunicar idéias na língua estrangeira (vide Introdução desta dissertação). Relembrando a descrição de Ridd (2003:98), as verbalizações dos participantes atestam o uso da tradução como “uma atividade textual de forte apelo cognitivo”. Testemunhamos, nas falas dos participantes, exemplos de desafios perenes: “à memória, ao raciocínio, à organização mental, ao uso preciso do léxico, à flexibilidade no processamento lingüístico e à criatividade na solução de problemas” (RIDD, op.cit.:98).

A freqüência de acesso ao léxico semântico e ao léxico sintático parece estar relacionada à habilidade lingüística: indivíduos com desempenho semelhante ao de falantes nativos tendem a acessar o léxico semântico com mais freqüência, e, desse momento, já passam a redigir na língua estrangeira. Esses resultados podem ser inferidos, principalmente, dos protocolos de André, que teve acessos muito mais numerosos ao léxico semântico, momentos em que verbalizou questões lingüísticas que procuravam solucionar problemas de significado no nível do parágrafo ou do texto (globais) ou problemas de desenvolvimento / organização de idéias.

Quanto menor a habilidade lingüística do indivíduo, menor o acesso ao léxico semântico e maior o auxílio demandado do léxico sintático. Em outras palavras, o indivíduo com menor habilidade lingüística parece “mentalmente” produzir enunciados na língua materna, que são transpostos, já depois de prontos, no nível sintático, à língua estrangeira, ou seja, são traduzidos (“*Porque eu penso em português, geralmente, e vou passando para o inglês*”. Bernardo – Caixa 52 – Redação 1). Esses resultados podem ser inferidos, principalmente, dos protocolos de Bernardo e Caio, que tiveram acessos muito mais numerosos ao léxico sintático, momentos em que verbalizaram questões lingüísticas que procuravam solucionar problemas locais, de significado de palavras, tempos verbais, preposições, concordância, regência.

Indivíduos com pouca consciência (aparente) do próprio processo de criação de textos, tanto na língua estrangeira quanto na língua materna, verbalizam pouquíssimos acessos tanto ao léxico semântico quanto ao léxico sintático (vide protocolos de Dante – Caixas 119-40).

A partir dos comentários dos participantes enquanto comparavam as redações 1 e 2, e 3 e 4, podemos encontrar algumas respostas às perguntas secundárias da pesquisa: a) escrever sobre o mesmo tema na língua materna auxilia na redação em língua estrangeira? e b) a ordem em que os textos são escritos influencia a redação na língua estrangeira quando os alunos escrevem sobre o mesmo tema nas duas línguas?

Para André, a segunda redação ficou melhor do que a primeira, independentemente da língua em que escreveu. André comenta que, geralmente, conseguiu encontrar soluções de redação mais eficazes da segunda vez e, então, solucionar problemas que permaneceram na primeira vez em que escreveu sobre o tema. Ele também comenta que, quando a segunda redação foi escrita em inglês, um outro motivo para que fosse melhor, além de ser a segunda, foi o fato de ele ter mais desenvoltura para escrever naquela língua.

A – (...) E no português já consegui encaixar. Então eu creio que foi isso aí. (...) Aqui, por exemplo, no português, eu acho que consegui mais claramente fazer uma ligação com a conclusão, porque como eu falei já estava mais claro, porque eu já tinha escrito, aqui eu deixei mais vago. A última oração aqui no primeiro parágrafo em inglês, está mais vaga. (...) E no português (...) foi um pouco mais específico.

A – (...) E aqui, por exemplo, em inglês, eu simplesmente falei que o nacionalismo, mais que qualquer outra. Então, ou seja, eu não especifiquei. (...) Então, eu consegui ligar as duas idéias. Porque isto justifica o por quê de ter respaldo, aí eu consegui ligar as duas idéias. Eu acho que era isto que eu queria passar na de inglês, mas eu não consegui. Talvez porque surgiu na hora do texto que seria a conclusão, só me surgiu na hora da conclusão. (André – Caixa 25 – Redação 2)

E – Pelo que você se lembra, ficou melhor do que o português?

A – É, ficou melhor. Eu acho que sim. Eu acho que em português, eu escrevi praticamente isto daqui.

E – Mas, neste caso, pelo que eu estou entendendo, não ficou melhor porque você está escrevendo por uma segunda vez, mas porque a língua...

A – É, por causa da língua. Foi, este aqui foi a língua. É... por eu conhecer a língua, aí eu sei o que é mais usual, o que é mais comum. Aí, eu vou usando, vou usando, vai ficando cada vez melhor... Não sei, é uma questão de estilística. (André – Caixa 36 – Redação 4)

E – Você tem alguma idéia de por quê você acha que ficou melhor?

A – Ah, aqui eu acho que são duas razões por que ficou melhor. Uma porque eu acho que estava mais clara a idéia. Eu fui...comecei direto ao ponto. Eu comecei com a tese, coisa que eu não fiz. Eu acho que lá eu trabalhei ao contrário. Acho que tese veio no final do parágrafo. Aqui eu já comecei. Como estava mais claro na minha cabeça, quando eu fui resgatar as idéias, eu já fui relacionando. (...) Aí, então, uma coisa foi isto. (...) Mas eu acho que a língua que também ajudou muito.

A – Eu acho que eu escolhi as palavras certas. Sabendo as palavras certas, eu fui passando as idéias que eu queria rapidamente, e aí eu sempre empurrava pra próxima. (...) Este aqui, eu acho que, por causa da língua, eu tive facilidade de ir direto, exatamente o que eu queria dizer. E aí, foi fácil. Eu fui matando as idéias e só construindo o resto. (André – Caixa 43 – Redação 4)

A – Então eu acho que o que ficou diferente aqui foi esta idéia de reverter. Porque lá eu comecei com a idéia de que o importante é valorizar o policial. E aqui, isto está dentro de uma coisa maior. E aí eu percebi só desta vez. Acho que na outra não ficou claro isto. Acho que por isto que eu não gostei tanto. Acho que eu meio que percebi esta desproporcionalidade com os outros parágrafos. Em termos de consistência da própria idéia. É isto.

E – Mas mesmo sendo o argumento com o qual você teve mais dificuldade, ainda assim em inglês, você acha que ficou melhor? Do que este argumento desenvolvido em português?

A – Sim. É, eu acho que ficou melhor. Ficou melhor, sim. Mas eu acho que foi mais por conta... Eu acho que foi mais por conta de ter percebido que o erro estava na idéia. Entendeu? (André – Caixa 45 – Redação 4)

Para Bernardo, as redações na língua materna foram sempre melhores do que as redações na língua estrangeira, independentemente da ordem em que foram escritas. Apesar de, em alguns momentos, conseguir desenvolver idéias de forma mais satisfatória na língua estrangeira, ainda assim o participante considerou que as redações na língua materna tiveram qualidade superior.

E – Bom, Bernardo, agora eu vou pedir pra você ler a redação três, que foi feita em português sobre o mesmo tema, e aí eu queria que você me dissesse, depois de ler esta redação, se você quer mudar alguma coisa na de inglês. E por que motivo.

B – É perceptível que as minhas frases em inglês são geralmente mais curtas que as em português. Provavelmente, por uma atitude defensiva, o medo de errar faz com que isto aconteça. As idéias de ambos os textos são bem parecidas. À exceção da introdução e conseqüentemente da conclusão, os três parágrafos do desenvolvimento estão quase iguais. Muito parecidos.

E – Teve alguma variação?

B – Eu, por exemplo, acrescentei, em inglês, no meu parágrafo que fala sobre a reestruturação das prisões, eu acrescentei a idéia de... Esta idéia eu havia usado na minha introdução em português, e passei por ela bem rapidamente neste parágrafo em inglês. Porque eu acho uma idéia interessante, importante, que tornaria a minha argumentação mais forte. Não necessariamente [ficou melhor em inglês do que em português]. Pra eu seguir o número de palavras e o número de linhas o qual eu me proponho, eu coloquei esta idéia em inglês, mas deixei de colocar outras que havia colocado em português. Eu troquei uma por outra. (...)

E – Você tinha mencionado antes que as suas sentenças, as suas frases, os seus períodos em inglês são mais curtos. Você pode me dar um exemplo?

B – Um exemplo seria o início do meu segundo parágrafo, primeiro do desenvolvimento, em português, eu escrevi: “primeiramente, mudanças legislativas promoveriam a

atualização do processo penal e das definições de delito, que pecam pelo anacronismo". Em inglês, o vocabulário é mais simples, as construções sintáticas são mais simples e, conseqüentemente, eu uso bem menos conectivos, pra não dizer nenhum. (...) Em inglês, ficou muito mais simples. (Bernardo – Caixa 86 – Redação 4)

E – Bom, então, qual das duas você acha que ficou melhor?

B – Apesar de a redação em inglês estar mais simples e mais direta, a mim agrada mais o estilo da em português. Porque eu acho o vocabulário mais rico. Me incomoda o fato de o meu vocabulário ser tão limitado em inglês. Além disto, eu tenho consciência de que a chance de cometer erros em inglês é muito maior do que em português, com relação às palavras soletradas, principalmente é isto, com relação à regência de alguns verbos e de alguns nomes, qual é a preposição que se encaixa com eles. Isto, em português, eu posso dizer que eu tenho quase domínio absoluto. Não temo por isto quando escrevo em português. Em inglês, eu temo bastante, porque eu sei que eu costumo cometer deslizes nestas áreas. Então, por tudo isto, eu acredito que a qualidade da minha redação em português está maior. E assim, ela está mais bem feita. Apesar de que eu gostei mais da minha idéia introdutória em inglês do que a minha introdutória em português.(...) Se eu pudesse reescrever a minha redação em português, eu usaria a idéia das eleições em português.(...) Em inglês, neste momento, eu não mudaria nada, pois eu não tenho um dicionário em mãos, não tenho gramática, mas, com relação à estrutura e às idéias, eu deixaria a redação em inglês exatamente assim. (Bernardo – Caixa 87 – Redação 4)

É curioso notar que, também para Caio, redator mais hábil do que Bernardo, escrever sobre o mesmo tema pela segunda vez não ajudou, mas limitou o processo de criação da redação, independentemente da língua em que estava escrevendo. Este participante também pontuou o fato de a redação na língua materna sempre ser melhor do que na língua estrangeira, em termos lingüísticos.

C – Como na de português eu fiquei muito preso na que eu tinha feito ontem, eu acho que acabou sendo uma tradução incompleta e mal-feita do texto de ontem. Ontem, como foi um espaço de criar, de fazer um texto do zero, eu acho que ficou... bom, com todos os erros que deve ter aqui, eu acho que ficou um texto melhor, mais coerente. (...)

E – Apesar de você ter mais desenvoltura pra escrever em português?

C – Ah, com certeza. Foi muito mais rápido, inclusive. Eu acho que o texto em português talvez tivesse ficado muito melhor, se eu não tivesse feito no dia seguinte ao de inglês e com o mesmo tema. Se fosse alguma coisa do zero, como ontem, um novo artigo pra ler, pra me basear, um novo tema, se eu tivesse feito o texto um mês depois, talvez tido sido melhor o texto em português que o texto em inglês.

E – Então, o fato de você... A língua em que você escreveu não influenciou a qualidade na redação, você acha?

C – Não, eu acho que, dadas as limitações que eu tenho em inglês, ficou um texto razoável. Talvez, até bonzinho. Comparado ao que eu fiz em português, por exemplo. Em português, eu fico muito mais à vontade pra usar figuras de linguagem, usar formas mais formais, mais rebuscadas, usar inversões, dosar isto no texto de forma que prenda mais a atenção. Só que eu acho que, pelo fato de eu ter ficado muito preso à redação que eu fiz ontem, eu fiz uma imitação mal feita do que eu fiz ontem.(...) (Caio – Caixa 100 – Redação 2)

E – Enquanto você escrevia a redação em português, você se lembrava?

C – Lembrava, é. Por isto que foi tão rápido também.

E – Então, era como se você estivesse mentalmente traduzindo e...

C – É, e o que eu não lembrei, eu meio que adaptei, assim: eu troquei alguma coisa de lugar, troquei um parágrafo pelo outro, um exemplo que eu troquei o primeiro pelo segundo, mas está tudo aqui. Pode ter uma coisa a mais ou uma coisa a menos, mas quase tudo está aí. Aí é que está. Além de ficar mais à vontade de fazer em português, eu achei que eu fiquei mais habilitado a fazer desta forma.

E – Você acha que foi mais difícil fazer a de português?

C – Não, foi muito fácil. Porque justamente eu estava com a cabeça em ontem, ainda. Foi tão fácil que não saiu tão bom.

E – Entendi. Foi fácil, mas não ficou melhor?

C – Exato. É.

E – Se você pudesse julgar, você diria que a de inglês está melhor?

C – É. Acho que sim. Talvez eu esteja errado, mas é o que eu acho. (Caio – Caixa 102 – Redação 2)

C – Eu acho que se você ler os dois, um seguido do outro, você vai ver que estão iguaizinhos. Assim, a estrutura é tudo igual, até a forma de estruturar os argumentos está tudo parecido. (...) Mas eu estou bem satisfeito com o meu texto em inglês, sinceramente. Eu acho que perto do texto em português parece meio primário, eu diria assim, a leitura que você faz. Mas, talvez, fosse uma tradução grosseira da redação do texto que ficou em português. Eu fiquei até surpreso, porque tem uma semana que eu fiz o texto. (...) E eu não achei que estivesse tão parecido. Eu achei que só a estrutura básica, de oposição. Mas ficou muito parecido, até as palavras usadas na introdução e na conclusão.(...)

E – E quando você fala em tradução grosseira, o que você quer dizer com isto?

C – A idéia está a mesma. Até aquela coisa de mudar de ordem os parágrafos, quando eu mudei um com o outro ficou na mesma ordem dos argumentos que está no outro texto. Agora que eu fui me dar conta disto, lendo. Só que eu coloco alguns exemplos que tem aqui, só que o outro texto, de português, tem mais exemplos, está mais ilustrativo e eu acho que está mais bem construído. Tem mais figuras de linguagem, tem mais conectores. Eu faço mais comparações, mas eu acho que em inglês, dentro das minhas limitações, eu acho que ficou muito bom, sim. Limitações da língua, mesmo. Não é a minha língua materna, eu não domino tão bem quanto português. Em português, eu acho que o texto ficou legal. Em inglês, eu acho que dentro do que eu podia fazer, eu acho que eu fiz bem. Mas eu acho que as limitações são mais em relação à forma me expressar, como eu consigo me expressar em inglês, que é muito mais limitado que em português, por isto que ficou menor também o texto. (Caio – Caixa 116 – Redação 4)

C – (...) eu acho que a segunda redação sobre o mesmo tema, seja em português ou em inglês, eu sempre faço já com a cabeça na primeira. O que é mais comum. Você já fez de um jeito, e segundo, que é até mais difícil você sair daquele jeito. Quando você pensa de uma forma na primeira vez, que você cria aquela estrutura, pra sair, em um espaço de tempo tão curto, dois dias ou uma semana, daquela estrutura, às vezes, você nem acha como.(...)

E – Independente da língua?

C – Eu acho que sim. Pelo menos, eu vi isto nas duas vezes, tanto hoje como na semana passada, na semana anterior, que eu acho que a segunda redação... a primeira redação eu pensava como fazer, e eu até acho que ficou meio parecida, eu acho que os quatro textos. Isto, eu acho que foi coincidência. O que não foi coincidência é a segunda redação sobre o mesmo tema sempre ficar com uma estrutura parecida com a primeira. (Caio – Caixa 117 – Redação 4)

Finalmente, para Dante, aparentemente, escrever sobre o mesmo tema na língua materna, independentemente da ordem em que isso aconteceu, não necessariamente

auxiliou a redação em língua estrangeira. Na primeira fala, Dante não consegue explicar muito bem por que prefere a redação na língua estrangeira, que foi escrita primeiro. Na segunda fala, Dante inicia expressando preferência pela redação na língua estrangeira, escrita depois da redação na língua materna, mas depois muda de idéia, sem exatamente explicar por quê. Portanto, não se pode inferir que tenha havido algum auxílio da língua materna.

E – Qual das duas você acha que está melhor?

D – A mesma coisa. Eu preferi a de inglês. Porque... não sei. Não sei se foi pelo fato de ter sido mais original que a outra. Parece que os argumentos estão organizados.

E – Como assim mais original?

D – Porque ela foi a primeira a ser feita. Ela foi a primeira a ser feita. Só por isto. Eu acho que não é por isto. Acho que é mais... não tem razão especial. Poderia ter sido de outra maneira. As duas ficaram boas, mas eu prefiro a de inglês. É isto. (Dante – Caixa 133 – Redação 2)

Eu não mudaria nada de uma pra outra. Do jeito que eu tinha pensado, aconteceu. Foi legal ter dado um espaço de duas semanas, porque daí eu não comparei com a primeira. Alguns pontos bateram, mas o foco das duas foi diferente. Eu gostei mais da de inglês, pra começar. A de inglês, ela foi mais geral. Ela foi mais ao ponto, na minha opinião, apesar de não ter sido tão bem construída no sentido lingüístico da coisa, porque inglês é segunda língua. Então, seria normal isto, na minha opinião. Então, não tem o mesmo requinte, o mesmo estilo. Mas o argumento, a argumentação da redação em inglês foi melhor. (...) Eu retiro o que eu falei. Não gostei mais da de inglês. Eu acho que as duas, apesar de ter sido de... foram focos diferentes. A de inglês foi mais geral, e a de português foi um pouco mais específica, porque ela não entrou em detalhes na prevenção, só que ela explicou bem o que é que tem que ser feito na base da... repressão. Na verdade, na atuação da policia. Mas os tópicos que foram abordados aqui, foram abordados neste único parágrafo na de inglês. Os tópicos que foram abordados nos parágrafos dois e três da de português, foram abordados no parágrafo dois da de inglês. Ficou maior. Então, por isto que ficou bastante parecido, na verdade. Então, eu não mudaria nada. (Dante – Caixa 138 – Redação 4)

Se relacionarmos esses resultados com o perfil dos participantes, poderemos inferir que a ordem em que as redações são escritas não necessariamente influencia a qualidade lingüística do produto final, mas a qualidade da organização e do desenvolvimento das idéias, para falantes com maior habilidade lingüística. Em outras palavras, o participante que pareceu lucrar mais com a chance de escrever mais uma vez sobre o mesmo tema foi André, o participante com maior habilidade lingüística. Os outros participantes, com habilidades de redação distintas, mas com habilidades lingüísticas semelhantes, aparentemente não se beneficiaram da experiência.

3.5 – Método investigativo

Apesar da discussão na seção 2.7.3 (desta dissertação), sobre o caráter invasivo dos protocolos verbais consecutivos, os participantes afirmaram que interromper a redação para explicar o que se passava não atrapalhou. Na verdade, houve afirmações de que o fato de ter que verbalizar auxiliou o processo de redação, o que corrobora os resultados de Alves (2000:128), que constata que:

- Conhecimento das diferentes etapas cognitivas do processo tradutório gera uma maior conscientização para o gerenciamento do mesmo.
- Quanto maior o grau de conscientização do tradutor, maiores as chances de uma aplicação bem-sucedida de técnicas e estratégias de tradução.
- Quanto maior for o grau de monitoração consciente do processo tradutório, maior será o grau de segurança do tradutor para tomar decisões de tradução.
- Quanto mais consciente for o tradutor, maior será o grau de qualidade do texto de chegada.

Vejamos o que os participantes declararam a respeito:

B – Se isto foi influenciado pelas entrevistas? Não, de maneira alguma a entrevista interferiu no meu modo de escrever. Se eu estivesse em outro lugar escrevendo, eu seguiria esta mesma técnica.

E – Então, você não acha que as entrevistas te atrapalharam... o fato de você estar escrevendo e ser interrompido e ter que explicar... parar pra explicar, em vez de continuar escrevendo, parar pra explicar o que está acontecendo, isto não te atrapalhou?

*B – Não. Sinceramente, comigo não. Talvez, com outros candidatos que não tenham tão clara esta idéia de tópico frasal é isto, a carga semântica de uma palavra é esta, a carga semântica daquela é outra, talvez atrapalhe, mas, como eu posso responder só por mim, a minha pessoa não foi atrapalhada por isto, com relação às idéias e a estrutura do textos. Às vezes, por causa da pergunta, eu tinha que voltar e pensar um pouco sobre: o que eu estava escrevendo mesmo? Ah, era sobre isto. Aí, eu voltava. Isto, talvez, tenha atrapalhado um pouco o ritmo de escrita, mas certamente não atrapalhou de modo significativo nem a estrutura do meu texto, nem o conteúdo.
(Bernardo – Caixa 88 – Redação 4)*

E – E você acha que interromper pra explicar influenciou de alguma forma?

C – Em relação ao texto final? A estruturação do texto e as idéias?

E – Em relação ao processo de criação do texto e em relação ao produto final também?

C – Não, eu acho que não. É até legal, porque eu pude pensar algumas coisas que eu não pensaria normalmente. Mas não. Tirando o fato de levar mais tempo, eu acho que não muda em nada.

E – O fato de levar mais tempo não te atrapalhou?

C – Não, não. Também porque é o tempo de uma prova, por exemplo, quatro ou cinco, ou seja, cinco horas de redação é o tempo de um concurso público. Então, a gente levou menos que isto para uma redação só. Normalmente levaria cinco horas, em um concurso, para fazer uma redação e duas questões abertas sobre alguma outra coisa. Não em relação ao tempo.

E – Não te cansou?

C – Ah, não. Agora, um outro deste hoje eu não agüentaria fazer. Um por dia chega. (Caio – Caixa 118 – Redação 4)

Por um lado [interromper pra explicar], atrapalha. Porque você tem que pensar em outras coisas também, fora a redação, que é te explicar o que está acontecendo. Mas, ao te explicar o que acontece, o que está sistematizado no pensamento é verbalizado. Tudo que é verbalizado, há a tendência de ser melhor fixado na cabeça, na mente da gente. Então, não é de todo ruim, não são de todo ruins estas paradas. Porque elas facilitam na sistematização melhor, mais firme, mais concreta do que eu estou pensando. (Dante – Caixa 130 – Redação 1)

D – Geralmente, é o mesmo processo. Geralmente, é o mesmo processo. Mas, como eu já falei pra você na outra gravação, o fato de parar e pensar tem pontos positivos e negativos. Pontos positivos, por quê? Porque você pensa e verbaliza. Tudo que é verbalizado, o seu pensamento que é verbalizado, ele é mais fixo, ele é mais coeso, mais coerente. Com certeza. Então, isto facilita na visão geral que você tem que ter da sua redação antes de passar pro papel. Por outro lado, isto pode te tirar um pouco de atenção, um pouco de foco. Mas eu acredito que seja um “minor”, no sentido de é uma desvantagenzinha perto desta vantagem de verbalizar. Verbalizar é importante, na minha opinião. É muito importante. Então, é por isto que, às vezes, inclusive, em casa, não só com redações, como com outras coisas, eu verbalizo muito, converso muito sozinho, estudo sozinho. Leio frases em alta voz e acho este um método super interessante. É muito legal. Então, é bem parecido do jeito que eu faço em casa, com esta diferença aqui. Pelo fato de estar gravando, eu acho que facilita um pouco. A verdade é esta.

E – E você acha que estas desvantagens mudaram a qualidade da redação de alguma forma, atrapalhou de alguma forma?

D – As desvantagens? Acho que não porque eu poderia sair um pouquinho do foco, mas eu já voltava. Daí eu já voltava e, enfim, sempre fazendo com o esqueleto, de boa. Sempre deu certo. Não chegou a atrapalhar, não. Por outro lado, a verbalização eu acho que ajudou.

E – Pois é, então se você não tivesse parado pra explicar, ela teria saído mais ou menos igual?

D – Quicá pior. A chance de ter... Quem sabe um pouquinho pior. Mas eu acho que não. Seria muito parecida. Seria praticamente a mesma coisa, pra falar a verdade. Às vezes, em um processo um pouco mais complicado, né? Porque, daí, você tem que pensar mais um pouco, mas, ao mesmo tempo, você não tem que verbalizar. Então, são custos e benefícios. Se você verbaliza, você tem o custo maior de verbalização, vamos por assim, economicamente falando, mas tem um resultado melhor. No outro, você não tem que verbalizar, mas você tem que pensar mais um pouco. Então, o processo é o mesmo, o resultado é o mesmo, na minha opinião. (Dante – Caixa 140 – Redação 4)

Portanto, levando em consideração as falas dos participantes transcritas acima, a discussão sobre os resultados do estudo piloto (seção 2.4 desta dissertação), e o volume de dados gerados pelos protocolos verbais consecutivos deste estudo, confirma-se que essa foi a ferramenta adequada e acertada para a coleta dos dados.

3.6 - Conclusão

O presente estudo identificou dois processos de tradução distintos na redação em língua estrangeira: acesso ao léxico semântico e acesso ao léxico sintático. O acesso ao léxico semântico representa processos de tradução mais sofisticados, de idéias, intenções, estilo. O acesso ao léxico sintático representa processos de tradução mais simples, relacionados a palavras, regras gramaticais ou de ortografia. Aparentemente, quanto maior a habilidade lingüística do indivíduo, mais freqüentes são os acessos ao léxico semântico. Indivíduos com habilidade lingüística menor, por sua vez, acessam o léxico sintático com mais freqüência.

Quanto à ordem em que as redações são escritas, aparentemente não há benefícios para indivíduos com habilidades lingüísticas mais restritas. Eles tendem a achar que a redação na língua materna é sempre melhor. No entanto, indivíduos com habilidades lingüísticas mais desenvolvidas se beneficiam da oportunidade da segunda redação, independentemente da língua em que a primeira redação tiver sido escrita. Eles tendem a achar que a segunda redação é melhor porque conseguem “resolver” problemas que tiveram que abandonar sem solução na primeira redação.

Quanto à principal ferramenta investigativa (os protocolos verbais), constatou-se que foi uma escolha acertada, por dois motivos principais. Primeiro, o uso os protocolos verbais consecutivos possibilitou a coleta dos dados com o volume e a qualidade necessários à realização desta pesquisa. Em segundo lugar, os protocolos verbais demonstraram ser também passíveis de utilização enquanto ferramenta de ensino, trazendo à consciência os processos subliminares de tradução e proporcionando mais autoconhecimento e, portanto, mais autonomia, aos redatores (vide Introdução desta dissertação).

3.7 – Comentários finais

Os resultados apresentados nas seções anteriores nos mostram que o estudo da redação na língua estrangeira pode trazer profundo conhecimento, tanto para professores quanto para alunos, sobre o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira como um todo. Isso reforça o argumento de que a produção escrita é uma tão importante quanto a produção oral, a compreensão escrita e a compreensão oral, portanto, deve ter igual participação na instrução do aprendiz de línguas estrangeiras.

Os resultados apresentados nas seções anteriores também nos mostram que indivíduos com habilidades lingüísticas e habilidades de redação diferentes apresentam características relativamente distintas. Dessa forma, uma das possibilidades de aplicação dos resultados deste estudo é o desenvolvimento de materiais que correspondam aos perfis identificados. O desenvolvimento de materiais apropriados a cada perfil poderia auxiliar os alunos a dar continuidade à aprendizagem da língua estrangeira, evitando a sensação, mencionada na Introdução deste estudo, de ter atingido um *plateau* do qual não conseguem sair, embora tenham consciência de que existe o que melhorar.

Para alunos com o perfil de Caio, redator habilidoso, mas com dificuldades lingüísticas locais freqüentes, exercícios de tradução, propriamente dita, poderiam ser de grande auxílio. Como sua dificuldade não é organizar ou desenvolver idéias, e sim concretizá-las da maneira como idealizou, Caio poderia desenvolver as suas habilidades lingüísticas com exercícios de leitura comparativa, prática de tradução e de versão. Isso provavelmente o ajudaria a desenvolver a habilidade de identificar instâncias em que existe uma correspondência quase exata entre os enunciados das duas línguas – informações que poderia “incorporar” ao Bloco Automático (Alves, 1997) –, e instâncias em que não existe correspondência entre os enunciados das duas línguas – informações que poderia “incorporar” à memória de longo prazo, que compõe o Bloco Reflexivo (Alves, op.cit.).

Alunos com o perfil de André, que demonstram ter bastante desenvoltura para redigir, assim como para utilizar a língua estrangeira, provavelmente também lucrariam com os tipos de atividade indicados para Caio. A diferença provavelmente seria o nível de sofisticação que André atavaria para desempenhar tais atividades. Em outras

palavras, a melhora do seu desempenho provavelmente estaria em enriquecer o léxico e trabalhar conceitos que afetariam o significado, o tom ou a função discursiva como um todo.

Para alunos com o perfil de Bernardo, materiais que melhorassem o desempenho lingüístico, assim como materiais que discutissem e ilustrassem os diferentes estágios do processo de redação, provavelmente seriam adequados. Bernardo aparenta estar satisfeito com a qualidade da sua redação na língua materna. Os materiais didáticos para ele poderiam, portanto, procurar transferir as suas habilidades e conhecimento sobre redação na língua materna para a língua estrangeira. Isso poderia surtir bom resultado especificamente para o tipo de texto produzido nesta pesquisa, visto que textos argumentativos nas duas línguas em questão têm estruturas parecidas.

Para alunos com o perfil de Dante, provavelmente mais importantes do que materiais que melhorassem o desempenho lingüístico seriam materiais que discutissem e ilustrassem os diferentes estágios do processo de redação. Dante parece ter uma visão muito rígida de como deve ser a criação de um texto escrito, o que pode acarretar-lhe a perda de idéias preciosas devido à falta de planejamento e de esquematização de idéias antes da produção do texto definitivo. A realização de atividades que tratassem do processo de redação poderia auxiliá-lo a ter menos expectativas em relação ao produto final e a aprender mais com os momentos de dúvida e indecisão que surgem durante o processo de redação.

Finalmente, para alunos com qualquer perfil, é indicado o uso de protocolos verbais consecutivos como ferramenta de ensino que permite a tomada de consciência sobre os próprios processos de tradução subliminares e, como consequência, promove o desenvolvimento do autoconhecimento e de autonomia. O fato de verbalizar o que se passa na mente obriga o indivíduo a organizar, minimamente, o raciocínio, ao mesmo tempo em que traz à tona processos e/ou padrões que, de outra forma, poderiam continuar latentes. Esse processo obriga o indivíduo a se ouvir e a explicar as relações que estabelece mentalmente. A aprendizagem se dá com o questionamento do indivíduo sobre os próprios comportamentos mentais: que caminhos acertados toma (e que devem ser mantidos) e que caminhos ineficazes levam apenas à perda de tempo e energia (e que devem ser descartados).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, podemos considerar que a realização desta pesquisa foi bem-sucedida. Apesar disso, seguem comentários de avaliação, no intuito de aprimorá-la para a eventual realização de estudos futuros que venham a utilizá-la como base.

O estudo apresentou algumas características positivas. Em primeiro lugar, podemos destacar a preocupação com o rigor metodológico. Desde a pilotagem dos instrumentos de pesquisa até o tratamento e a apresentação dos dados, existiu a intenção de validar o estudo qualitativo. As pilotagens do questionário e dos protocolos verbais foram decisões cruciais para a obtenção dos dados necessários à realização do presente estudo. As inclusões de perguntas sugeridas pelos respondentes da primeira versão do questionário e a decisão de utilizar protocolos verbais consecutivos, e não mais retrospectivos, garantiram a geração dos dados que permitiram a análise e a discussão aqui apresentadas.

Apesar do volume de trabalho demandado, os protocolos verbais consecutivos comprovaram ser ferramenta adequada para este estudo, devido ao volume e à riqueza dos dados gerados. Eles também demonstraram ser uma ferramenta pedagógica de valor inestimável.

Os temas das redações foram apropriados para os fins do estudo, uma vez que geraram, dentre os participantes, os questionamentos esperados e as dificuldades previstas, o que ajudou a responder às perguntas de pesquisa.

O tratamento dos dados foi realizado levando em consideração a possibilidade de outros pesquisadores replicarem a pesquisa, assim como a possibilidade de comprovação ou de questionamento dos resultados aqui apresentados.

Entretanto, o estudo também apresentou algumas falhas, comentadas a seguir. Em primeiro lugar, o questionário não precisava ter sido tão extenso. Para fins de análise dos resultados, as respostas às perguntas 9, referente ao uso cotidiano da língua estrangeira; 11, 12, 13, referentes ao uso de dicionários; e 14 e 15, referentes ao uso de livros de gramática, terminaram por não ser utilizadas. Foram, portanto, desnecessárias.

Conforme discutido e justificado anteriormente, este estudo teve o número de participantes reduzido. Isso acarretou a limitação da interpretação dos resultados obtidos. Seriam necessários mais participantes para comprovar o perfil “híbrido” de Caio (i.e. redator mais hábil com dificuldades lingüísticas locais), ou até mesmo para identificar outros padrões de perfil “híbrido” (e.g. redatores menos hábeis com bom desempenho lingüístico). Um número maior de participantes também auxiliaria a comprovação das semelhanças de perfil entre Bernardo e Dante. Dadas as lacunas deixadas no Quadro 4b, seção 3.2 (desta dissertação), é possível questionar se os dois participantes de fato compartilham o mesmo perfil ou se haveria a possibilidade de criar subgrupos dentro dos critérios estabelecidos por Lapp (seção 1.3 desta dissertação).

Outra possibilidade em relação ao número de participantes seria ter mais falantes bilíngües, assim como André, para confirmar o seu perfil. Isso ajudaria a identificar outros perfis de falantes bilíngües, talvez com a mesma ou maior habilidade lingüística, mas com menor habilidade de redação, e/ou vice-versa. Portanto, em relação ao número de participantes da pesquisa, a sugestão seria manter o número inicial proposto: 10 participantes. Levando em consideração a necessidade de delinear perfis, discutida anteriormente, a seleção dos participantes poderia se dar a partir das respostas do questionário e, se possível, dos resultados de um teste de proficiência em língua inglesa consolidado internacionalmente (e.g. TOEFL, IELTS), ou de um teste de sondagem de nível.

É interessante lembrar que a análise dos resultados de um estudo qualitativo passa pelo filtro da interpretação do pesquisador, e o presente estudo não está livre disso. Portanto, o acesso de, pelo menos, outro pesquisador aos dados primários (transcrições dos protocolos sem categorias definidas), que desenvolvesse categorias próprias e depois as cotejasse com as da pesquisadora, consolidaria a validade e a confiabilidade dos resultados aqui apresentados.

Outro ponto a discutir está no fato de que as respostas para a qualidade das redações (“melhor ou pior do que a primeira”; “melhor ou pior do que a redação na língua materna”) se basearam exclusivamente nas respostas dos participantes, o que pode vir a comprometer a validade dos resultados aqui apresentados. Em outras

palavras, o estudo não comprovou se as redações consideradas superiores ou inferiores pelos participantes de fato o foram. Uma sugestão seria pedir aos corretores que atribuíssem notas às redações, apenas para efeito de comparação com as impressões dos participantes.

Para efeito de pesquisas futuras, é necessário investigar mais a fundo os processos de tradução aqui apresentados. Uma sugestão seria investigar quais motivações levam o indivíduo a acessar o léxico semântico ou o léxico sintático. Essas tomadas de decisão poderiam então ser relacionadas às teorias existentes sobre processos de tradução para tradutores. Ridd⁴⁹, por exemplo, distingue cinco tipos diferentes de tradução: subliminar, explicativa, de frases (com foco gramatical), textual-pedagógica e comunicativa, sendo que, em escala crescente, são progressivamente mais monitorados, provocam cada vez menos interferências indesejadas e contribuem crescentemente para uma produção eficaz na redação. Somente a tradução explicativa, utilizada por professores de línguas para resolver problemas pontuais de compreensão dos aprendizes, não tem relevância para o presente estudo.

Outra sugestão seria a realização de um estudo que desmembrasse os conceitos de “léxico sintático” e “léxico semântico” em subgrupos ou “subconceitos”. Esse seria um estudo que se proporia a identificar os diferentes usos do léxico semântico e do léxico sintático, e.g., quais problemas de natureza global são “solucionados” pelo léxico semântico e quais de natureza local são “solucionados” pelo léxico sintático.

Finalmente, seria interessante realizar estudos que investigassem as sugestões feitas nos comentários finais da seção anterior. Um desses estudos teria como objetivo comprovar se os materiais sugeridos de fato funcionam para os perfis descritos aqui. Outro estudo priorizaria a investigação dos melhores procedimentos para o uso dos protocolos verbais enquanto ferramenta de ensino.

⁴⁹ RIDD, M.D. *How translation can help learning a foreign language at school*. Palestra não publicada proferida na II FAJESU Spring Festival, Taguatinga, em 28/09/2006.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. Estratégias de busca de subsídios internos. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia*. São Paulo: Contexto, 2000. p.57-70.
- _____. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia*. São Paulo: Contexto, 2000. p.113-28.
- _____. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2001. p.69-92. [Estudos Lingüísticos].
- ALVES, F; GONÇALVES, J. A relevance theory approach to the investigation of inferential processes in translation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.3-24. [Benjamin Translation Library 45].
- ARNDT, V. Six writers in search of texts: a protocol-based study of L1 and L2 writing. *ELT Journal* 41 (1987) 4:257-67.
- BANDER, R. *American English Rhetoric: a writing program in English as a second language*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1983.
- BARRIT, L.; KROLL, B. Some implications of cognitive-developmental psychology for research in composing. In: COOPER, C.; ODELL, L. (Eds.) *Research on composing: points of departure*. Urbana: National Council of Teachers of English, 1978. p.49-57.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEREITER, C.; SCARDAMALIA, M. Does learning to write have to be so difficult? In: FREEDMAN, A; PRINGLE, I.; YALDEN, J. (Eds.) *Learning to write: first language / second language*. Londres: Longman, 1983. p.20-33.
- BLAXTER, L.; HUGHES, C.; TIGHT, M. *How to research*. Buckingham: Open University Press, 1996.
- BROWN, A.; DOWLING, P. *Doing research, reading research: a mode of interrogation for education*. Londres: Falmer Press, 1998.
- BROWN, H.D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. Upper Saddle River: Prentice-Hall Regents, 1994.
- COHEN, L.; MANION, L. *Research methods in education*. Londres: Routledge, 1994.

- COLLINS, A.; GENTNER, D. A framework for a cognitive theory of writing. In: GREGG, L.; STEINBERG, E. (Eds.) *Cognitive processes in writing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. p.51-72.
- CRESWELL, J. *Research design: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- DELLER, S.; RINVOLUCRI, M. *Using the mother tongue: making the most of the learner's language*. Londres: English Teaching Professional, 2002.
- DePAULA, L. Uma pedagogia da tradução. *Tradução e Comunicação* 14 (2005) :57-65.
- EDWARDS, A.; TALBOT, R. *The hard-pressed researcher: a research handbook for the caring professions*. Nova York: Longman, 1999.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- _____. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. *Protocol analysis: verbal reports as data*. Massachusetts: MIT, 1984/1993.
- FARIA, R. *Chave mediadora da compreensão: o papel da tradução consciente na compreensão de leitura em língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- FIGUEIREDO, F.J.Q.de. *Semeando a interação: a revisão dialógica de textos escritos em língua inglesa*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2005.
- FRASER, J. Mapping the process of translation. *Meta* 41 (1996) 1:84-96.
- FREEMAN, D. *Doing teacher research: from inquiry to understanding*. Boston: Heinle & Heinle, 1998.
- FRIEDLANDER, A. Composing in English: effects of a first language on writing in English as a second language. In: KROLL, B. (Ed.) *Second language writing: research insights for the classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p.109-25.
- FRYDENBERG, G.; BOARDMAN, C. A. *You're in charge: writing to communicate*. Reading (Massachusetts): Addison-Wesley Publishing Company, 1990.
- GONÇALVES, J. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2001. p.13-39. [Estudos Lingüísticos].
- Guia de Estudos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata*. Brasília: Instituto Rio Branco, 2003.

- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, R. *Ethnography: principles in practice*. Londres: Routledge, 1995.
- HANSEN, G. Controlling the process: theoretical and methodological reflections on research into translation processes. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.25-42. [Benjamin Translation Library 45].
- HAYES, J.; FLOWER, L. Identifying the organization of writing processes. In: GREGG, L.; STEINBERG, E. (Eds.) *Cognitive processes in writing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. p.3-30.
- HOUSE, J. Consciousness and the strategic use of aids in translation. In: TIRKKONEN-CONDIT, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. (Eds.) *Tapping and mapping the process of translation and interpreting: outlooks on empirical research*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p.149-62. [Benjamin Translation Library 37].
- JÄÄSKELÄINEN, R.H. Hard work will bear beautiful fruit: a comparison of two think-aloud protocol studies. *Meta* 41 (1996) 1:60-74.
- JAKOBSEN, A.L. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.69-95. [Benjamin Translation Library 45].
- KERN, R. The role of mental translation in second language reading. *Studies in Second Language Acquisition* 16 (1994) :441-61.
- KRAPELS, A. An overview of second language writing process research. In: KROLL, B. (Ed.) *Second language writing: research insights for the classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p.37-56.
- KROLL, B. Teaching writing in the ESL context. In: CELCE-MURCIA, M. (Ed.) *Teaching English as a second or foreign language*. Boston: Heinle & Heinle, 1991. p.245-63.
- LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- LAUFFER, S. The translation process: an analysis of observational methodology. *Cadernos de Tradução* 10 (2002). p.59-74.
- LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- LIU, Y. *Toward a cognitive translation model in L2 writing*. Tese de Doutorado – Purdue University, Indiana. Ann Arbor: ProQuest, 2005.
- LÖRSCHER, W. Investigating the translation process. *Meta* 37 (1992) 3. p.426-39.

- _____. A psycholinguistic analysis of translation processes. *Meta* 41 (1996) 1. p.26-32.
- _____. A model for the analysis of translation processes within a framework of systemic linguistics. *Cadernos de Tradução* 10 (2002). p.97-112.
- _____. The translation process: methods and problems of its investigation. *Meta* 50 (2005) 2:597-608.
- McDONOUGH, J.; McDONOUGH, S. *Research methods for English language teachers*. Londres: Arnold, 1997.
- McLAUGHLIN, B. *Theories of second-language learning*. Nova York: Edward Arnold, 1987.
- MEDGYES, P. *The non-native teacher*. Hong Kong: Macmillan Publishers, 1994.
- MELLO, H.A.B. L1: madrinha ou madrasta? – O papel da L1 na aquisição da L2. *Signótica* 16 (2004) 2:213-242.
- NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- O'DONNELL, T. D.; PAIVA, J. L. *Independent writing*. Boston: Heinle & Heinle, 1993.
- OXFORD, R. L. *Language learning strategies: what every teacher should know*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.
- Oxford Collocations Dictionary*. Nova York: Oxford University Press, 2002.
- PRODROMOU, L. The liberating role of the mother tongue. In: DELLER, S.; RINVOLUCRI, M. *Using the mother tongue: making the most of the learner's language*. Londres: English Teaching Professional, 2002. p.5.
- RAIMES, A. *Techniques in teaching writing*. Nova York: Oxford University Press, 1983.
- RAZUK, R. Interfaces entre a tradução e o PL2-E: as estratégias usadas pelos alunos estrangeiros na produção de textos em português. *Revista Letra Magna* (2004). p.1-18.
- RICHARDS, J. *The context of language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *The language teaching matrix*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- RICHARDS, J.; RODGERS, T. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- RIDD, M.D. Um casamento estranhamente ideal? A compatibilidade de gênios entre o comunicativismo e a tradução. *Horizontes de Lingüística Aplicada* 2 (2003) 1:93-104.
- RODRIGUES, C. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. *Cadernos de Tradução* 10 (2002) p.23-57.
- SAVIGNON, S. *Communicative competence: theory and classroom practice*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1983.
- SHREVE, G.; DIAMOND, B. Cognitive processes in translation and interpreting: critical issues. In: DANKS, J; SHREVE, G.; FOUNTAIN, S.; McBEATH, M. (eds.) *Cognitive processes in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage, 1997. p.234-51.
- SILVA, T. Toward an understanding of the distinct nature of L2 writing: the ESL research and its implications. *TESOL Quarterly* 27 (1993) 4:657-77.
- SMALLEY, R.; RUETTEN, M.; KOZYREV, J. *Refining composition skills: rhetoric and grammar*. Boston: Heinle & Heinle, 2000.
- SPENCER, C.; ARBON, B. *Foundations of writing: developing research and academic writing skills*. Chicago: National Textbook Company, 1996.
- TROYKA, L. Q.; NUDELMAN, J. *Steps in composition*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.
- UPTON, T.; LEE-THOMPSON, L. The role of the first language in second language reading. *Studies in Second Language Acquisition* 23 (2001) p.469-95.
- WHITE, R. (ed.) *New ways in teaching writing*. Bloomington: TESOL, 1995.
- WHITE, R.; ARNDT, V. *Process writing*. Londres: Longman, 1991.
- WINTEROWD, W. *The contemporary writer: a practical rhetoric*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

ANEXOS

Anexo A – Autorização dos participantes da pesquisa

Modelo de autorização	112
-----------------------	-----

Anexo B – Questionários

André	113
Bernardo	118
Caio	123
Dante	128

Anexo C – Redações e textos motivadores

Textos motivadores	133
André	
Redação 1	136
Redação 2	137
Redação 3	138
Redação 4	139
Bernardo	
Redação 1	140
Redação 2	141
Redação 3	142
Redação 4	143
Caio	
Redação 1	144
Redação 2	145
Redação 3	146
Redação 4	147
Dante	
Redação 1	148
Redação 2	149
Redação 3	150
Redação 4	151

Anexo D – Excertos das transcrições dos protocolos verbais

André	152
Bernardo	162
Caio	172
Dante	183

Anexo A – Autorização dos participantes da pesquisa - Modelo de autorização**AUTORIZAÇÃO**

Eu, (nome por extenso em caixa alta), abaixo assinado(a), autorizo Rachel Lourenço a utilizar as minhas redações, produzidas no primeiro semestre de 2006, e as informações das entrevistas por mim concedidas, também no primeiro semestre de 2006, para fins da pesquisa "Processos de Tradução na Redação em Língua Estrangeira". Concordo que a mim serão entregues cópias das redações, ficando a pesquisadora, portanto, com os originais das mesmas, e que as transcrições das entrevistas só poderão ser utilizadas depois de minha leitura e consentimento.

Esta autorização será impressa em três vias. Uma cópia será de minha posse, a segunda da pesquisadora, e a terceira do diretor do Curso (nome do curso), (nome do diretor).

Brasília, _____ de _____ de 2006.

(nome por extenso em caixa alta)

Anexo B – Questionário André (Página 1)

1. Já fez ou faz algum curso universitário? Se sim, por favor escreva abaixo o nome da instituição, o nome do curso e o semestre em que está, se ainda não formado/a.

UnB. Letras-Inglês, Licenciatura e Bacharelado.

2. Com que idade começou a estudar inglês no ensino fundamental / médio? Por quanto tempo estudou?

Dos 4 anos até os dias de hoje.

3. Com que idade começou a estudar inglês em escolas particulares? Há quanto tempo estuda (no total, excluindo as interrupções)?

Nunca estudei em escolas particulares.

4. Em que escolas já estudou inglês? Que cursos já fez? Por quanto tempo? Com aproximadamente que carga horária semanal?

ESCOLA	CURSO / NÍVEL	DURAÇÃO	CARGA HORÁRIA
<i>Vanier Assumption School, Ohawa, Canada</i>	<i>Kindergarten, grade 1-4</i>	<i>1985-1989</i>	<i>8h – 15h30min</i>
<i>Greenwich School, Sydney, Australia</i>	<i>5-6 (grades)</i>	<i>1990-1991</i>	<i>8h – 15h</i>
<i>Marist High School, North Sydney</i>	<i>grade 7-8</i>	<i>1992-1993</i>	<i>8h – 15h</i>

5. Possui algum certificado de proficiência em língua inglesa? Se sim, por favor escreva abaixo o nome do certificado e da instituição.

CPE – Certificate of Proficiency in English (Cambridge)

6. Já morou em algum país de língua inglesa? Se sim, qual e por quanto tempo?

Canadá – 4 anos; Austrália – 4 anos

Sabe / Fala outras línguas estrangeiras? Qual(is)? Com que nível de proficiência?

Noções de francês (como 2ª língua/língua estrangeira).

7. Qual foi o perfil dos professores de língua inglesa que teve (não apenas nas escolas citadas na pergunta 4)?

todos falantes de inglês como segunda língua / língua estrangeira

a maioria falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira; alguns falantes nativos

a maioria falantes nativos; alguns falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira

todos falantes nativos

não tive professores, sou autodidata

outros _____

Anexo B – Questionário André (Página 2)

8. Quais foram os “métodos” / as “técnicas” utilizados na maioria das aulas de inglês que já teve? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- repetição
 memorização
 tradução
 conversação
 leitura
 redação
 gramática
 proibição do uso de português
 outros: *pela situação seria content-based teaching / learning*

9. Que uso faz da língua inglesa no dia-a-dia? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- leio para entretenimento
 leio para estudo / trabalho
 assisto à televisão / a filmes
 escrevo mensagens / cartas
 escrevo artigos / trabalhos acadêmicos
 navego na internet
 converso pela internet
 converso pessoalmente
 ouço música
 outros _____

10. Como avalia o seu domínio na língua inglesa, de 0 a 10, nos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item.)

- 10 entender / ouvir
 10 falar
 10 ler
 10 escrever
 9 gramática
 9 vocabulário

11. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de dicionário?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

12. Quando estuda inglês, que tipo de dicionário consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- monolíngüe em português
 bilíngüe português-inglês
 bilíngüe inglês-português
 monolíngüe em inglês
 dicionário de sinônimos e antônimos (thesaurus)
 dicionário de figuras (picture dictionary)
 dicionário de colocações (collocations)
 nunca consulto
 outros _____

Anexo B – Questionário André (Página 3)

13. Quando estuda inglês, que uso faz de dicionário? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- verifico o significado das palavras
 verifico a pronúncia das palavras
 verifico a colocação (collocation) das palavras, a maneira como as palavras se combinam
 verifico a tradução das palavras
 verifico o grau de formalidade das palavras
 verifico diferenças regionais de uso (inglês americano, britânico, australiano, etc.)
 verifico expressões idiomáticas
 verifico que outras palavras podem ser usadas para substituir uma / algumas que uso muito
 verifico palavras que se repetem muito
 uso quando preciso entender melhor o significado / uso de um item que não faz parte do meu vocabulário ativo (isto é, uma palavra que geralmente leio, mas não uso muito)
 uso quando percebo uma nova acepção de uma palavra que já conhecia
 não faço nenhum uso
 outros _____

14. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de livro de gramática?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

15. Quando estuda inglês, que tipo de gramática consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- que contenha apenas explicações
 que contenha explicações e exercícios (*Murphy intermediate*)
 consulto a internet
 gramática normativa / prescritiva (que diz as regras)
 gramática descritiva (que diz como a língua funciona, sem julgar certo ou errado) *Grammar Book*
 gramática resumida
 a mais completa possível
 nunca consulto
 outros _____

16. Qual a sua afinidade / atitude em relação à língua inglesa?

- gosto da língua, acho prazeroso estudá-la
 minha atitude é neutra
 estudo-a apenas porque é necessária para alcançar meus objetivos
 estudo-a por obrigação, contra a minha vontade
 outros: *é praticamente minha primeira língua por ter sido alfabetizado nela*

17. Além de aulas de inglês, de que maneiras busca aprender a língua inglesa?

Filmes, livros, dicionários, revistas, gibi.

Anexo B – Questionário André (Página 4)

18. Como avalia a sua habilidade de redigir em português?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

19. Como avalia a sua habilidade de redigir em inglês?

- ótima (*vocabulário em inglês é mais rico*)
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

20. Qual é o processo que usa para redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- escrevo em português primeiro, depois traduzo
 escrevo em inglês
 uso o dicionário
 pesquiso o tema em português
 pesquiso o tema em inglês
 não faço pesquisas, uso só o que já sei (*normalmente*)
 uso um modelo
 faço rascunho(s)
 não faço rascunho(s)
 reviso o texto
 não reviso o texto
 outros _____

21. Qual a sua atitude / o seu sentimento em relação à redação em língua inglesa?

É um prazer escrever um texto, pois é uma arte expressar-se por meio das limitações da língua. É como resolver um quebra-cabeças.

22. Como avalia o seu domínio de redação em inglês, de 0 a 10, dos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item. Use NA para não se aplica / nunca fiz.)

- 10 e-mail
 10 cartas informais
 NA cartas formais
 NA memorandos
 9 artigos
 10 resenhas
 10 textos argumentativos
 8 textos descritivos
 8 textos narrativos
 outros _____

Anexo B – Questionário André (Página 5)

23. Com que frequência redige em inglês os tipos de texto abaixo?

	sempre	bastante	às vezes	pouco	nunca
e-mail			X		
cartas informais				X	
cartas formais					X
memorandos					X
artigos				X	
resenhas				X	
textos argumentativos		X			
textos descritivos				X	
textos narrativos				X	

24. O que considera precisar melhorar em relação à sua habilidade de redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- nada ou quase nada; basta praticar
- melhorar / diversificar o uso de estruturas gramaticais
- melhorar / diversificar o vocabulário
- melhorar a organização de idéias
- melhorar o desenvolvimento de idéias
- melhorar o uso de pontuação
- melhorar a ortografia
- saber escrever em diferentes níveis de formalidade
- saber escrever diferentes tipos de texto
- aprender a “pensar” em inglês
- aprender “collocation” (a maneira como as palavras se combinam)
- conseguir expressar em inglês exatamente o que consigo expressar em português
- outros _____

25. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês enquanto está escrevendo?

Uso dicionário ou simplesmente deixo a dificuldade de lado por um tempo à espera de lembrar-me de como resolvê-la.

26. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês quando não está escrevendo?

Penso em como poderia responder a uma pergunta, como estruturaria um texto.

Anexo B – Questionário Bernardo (Página 1)

1. Já fez ou faz algum curso universitário? Se sim, por favor escreva abaixo o nome da instituição, o nome do curso e o semestre em que está, se ainda não formado/a.

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Direito (1999/2003); Centro Universitário Campos de Andrade (UniAndrade) – Letras (2001/2003) Português /Espanhol.

2. Com que idade começou a estudar inglês no ensino fundamental / médio? Por quanto tempo estudou?

6 anos (1ª série) até o fim do ensino médio (17 anos).

3. Com que idade começou a estudar inglês em escolas particulares? Há quanto tempo estuda (no total, excluindo as interrupções)?

15 anos. 5 anos sem interrupções.

4. Em que escolas já estudou inglês? Que cursos já fez? Por quanto tempo? Com aproximadamente que carga horária semanal?

ESCOLA	CURSO / NÍVEL	DURAÇÃO	CARGA HORÁRIA
<i>Curso particular (aulas particulares) – Urca – Rio de Janeiro</i>	<i>Inglês básico</i>	<i>1 ano (1996)</i>	<i>2 horas semanais</i>
<i>Phil Young's English School</i>	<i>Inglês intermediário /avançado</i>	<i>3 anos e meio (1997/2000)</i>	<i>4 horas semanais (semestres regulares) 20 horas semanais (intensivos)</i>
<i>Cursinho pré-vestibular Positivo</i>	<i>3º ano</i>	<i>1 ano (1998)</i>	<i>8h – 15h</i>

5. Possui algum certificado de proficiência em língua inglesa? Se sim, por favor escreva abaixo o nome do certificado e da instituição.

Não.

6. Já morou em algum país de língua inglesa? Se sim, qual e por quanto tempo?

Não.

Sabe / Fala outras línguas estrangeiras? Qual(is)? Com que nível de proficiência?

Espanhol: graduação em língua espanhola (licenciatura) e DELE nível superior (diploma avançado de espanhol como língua estrangeira); Francês: nível avançado (equivalente ao espanhol); morei por 1 ano e meio em Paris.

7. Qual foi o perfil dos professores de língua inglesa que teve (não apenas nas escolas citadas na pergunta 4)?

- todos falantes de inglês como segunda língua / língua estrangeira
 a maioria falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira; alguns falantes nativos
 a maioria falantes nativos; alguns falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira
 todos falantes nativos
 não tive professores, sou autodidata
 outros _____

Anexo B – Questionário Bernardo (Página 2)

8. Quais foram os “métodos” / as “técnicas” utilizados na maioria das aulas de inglês que já teve? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- repetição
 memorização
 tradução
 conversação
 leitura
 redação
 gramática
 proibição do uso de português
 outros: *jogos em inglês (principalmente para acréscimo de vocabulário)*

9. Que uso faz da língua inglesa no dia-a-dia? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- leio para entretenimento
 leio para estudo / trabalho
 assisto à televisão / a filmes
 escrevo mensagens / cartas
 escrevo artigos / trabalhos acadêmicos
 navego na internet
 converso pela internet
 converso pessoalmente
 ouço música
 outros _____

10. Como avalia o seu domínio na língua inglesa, de 0 a 10, nos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item.)

- 5 entender / ouvir
 6 falar
 8 ler
 8 escrever
 8 gramática
 6 vocabulário

11. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de dicionário?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

12. Quando estuda inglês, que tipo de dicionário consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- monolíngüe em português
 bilíngüe português-inglês
 bilíngüe inglês-português
 monolíngüe em inglês
 dicionário de sinônimos e antônimos (thesaurus)
 dicionário de figuras (picture dictionary)
 dicionário de colocações (collocations)
 nunca consulto
 outros _____

Anexo B – Questionário Bernardo (Página 3)

13. Quando estuda inglês, que uso faz de dicionário? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- verifico o significado das palavras
 verifico a pronúncia das palavras
 verifico a colocação (collocation) das palavras, a maneira como as palavras se combinam
 verifico a tradução das palavras
 verifico o grau de formalidade das palavras
 verifico diferenças regionais de uso (inglês americano, britânico, australiano, etc.)
 verifico expressões idiomáticas
 verifico que outras palavras podem ser usadas para substituir uma / algumas que uso muito
 verifico palavras que se repetem muito
 uso quando preciso entender melhor o significado / uso de um item que não faz parte do meu vocabulário ativo (isto é, uma palavra que geralmente leio, mas não uso muito)
 uso quando percebo uma nova acepção de uma palavra que já conhecia
 não faço nenhum uso
 outros _____

14. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de livro de gramática?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

15. Quando estuda inglês, que tipo de gramática consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- que contenha apenas explicações
 que contenha explicações e exercícios
 consulto a internet
 gramática normativa / prescritiva (que diz as regras)
 gramática descritiva (que diz como a língua funciona, sem julgar certo ou errado)
 gramática resumida
 a mais completa possível
 nunca consulto
 outros: *consulto livros didáticos e apostilas*

16. Qual a sua afinidade / atitude em relação à língua inglesa?

- gosto da língua, acho prazeroso estudá-la
 minha atitude é neutra
 estudo-a apenas porque é necessária para alcançar meus objetivos
 estudo-a por obrigação, contra a minha vontade
 outros _____

17. Além de aulas de inglês, de que maneiras busca aprender a língua inglesa?

Consulta a "sites" em inglês; escritura de redações em inglês; traduções de canções em inglês; confecção de listas de vocabulário.

Anexo B – Questionário Bernardo (Página 4)

18. Como avalia a sua habilidade de redigir em português?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar (*vocabulário melhor, estruturas gramaticais mais sofisticadas*)
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

19. Como avalia a sua habilidade de redigir em inglês?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar (*períodos mais curtos, parágrafos menores, evito citações*)
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

20. Qual é o processo que usa para redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- escrevo em português primeiro, depois traduzo
 escrevo em inglês
 uso o dicionário
 pesquiso o tema em português (*internet*)
 pesquiso o tema em inglês (*internet*)
 não faço pesquisas, uso só o que já sei
 uso um modelo
 faço rascunho(s) (*depois faço revisão de forma – gramática + dicionário; depois rascunho final*)
 não faço rascunho(s)
 reviso o texto
 não reviso o texto
 outros _____

21. Qual a sua atitude / o seu sentimento em relação à redação em língua inglesa?

Atividade de suma importância para meus objetivos pessoais e profissionais, mas que gera uma certa angústia, pois é sensível a diferença qualitativa entre meus textos em português e os escritos em inglês (sendo certamente a aptidão lingüística mais desenvolvida na língua nativa).

22. Como avalia o seu domínio de redação em inglês, de 0 a 10, dos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item. Use NA para não se aplica / nunca fiz.)

- 8 e-mail
 8 cartas informais
 NA cartas formais
 NA memorandos
 NA artigos
 NA resenhas
 6 textos argumentativos
 5 textos descritivos
 6 textos narrativos
 outros _____

Anexo B – Questionário Bernardo (Página 5)

23. Com que frequência redige em inglês os tipos de texto abaixo?

	sempre	bastante	às vezes	pouco	nunca
e-mail				X	
cartas informais				X	
cartas formais					X
memorandos					X
artigos					X
resenhas					X
textos argumentativos			X		
textos descritivos				X	
textos narrativos				X	

24. O que considera precisar melhorar em relação à sua habilidade de redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- nada ou quase nada; basta praticar
- melhorar / diversificar o uso de estruturas gramaticais
- melhorar / diversificar o vocabulário
- melhorar a organização de idéias
- melhorar o desenvolvimento de idéias
- melhorar o uso de pontuação
- melhorar a ortografia
- saber escrever em diferentes níveis de formalidade
- saber escrever diferentes tipos de texto
- aprender a “pensar” em inglês
- aprender “collocation” (a maneira como as palavras se combinam)
- conseguir expressar em inglês exatamente o que consigo expressar em português
- outros _____

25. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês enquanto está escrevendo?

Consulto dicionários (clássicos e on-line; bilíngües e monolíngües); utilizo-me de perífrases e outras figuras de linguagem (que deslocam a carga semântica desejada de uma palavra desconhecida para uma expressão manipulável); construo períodos mais curtos, usando mecanismos de coesão que façam de um texto mediano algo mais palatável ao leitor / corretor.

26. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês quando não está escrevendo?

Escrevo listas de palavras desconhecidas, pouco usadas e/ou já esquecidas, a partir de textos em inglês; busco sinônimos em inglês para palavras / expressões lidas em textos de outras línguas ou escutadas em filmes / canções de outros idiomas, sempre interessado na etimologia; consulto livros em inglês (não só gramáticas, mas também obras didáticas, utilizadas durante os cursos já concluídos).

Anexo B – Questionário Caio (Página 1)

1. Já fez ou faz algum curso universitário? Se sim, por favor escreva abaixo o nome da instituição, o nome do curso e o semestre em que está, se ainda não formado/a.

Sim. Direito na Universidade Federal da Bahia, graduado em 17.04.2005.

2. Com que idade começou a estudar inglês no ensino fundamental / médio? Por quanto tempo estudou?

Aos 10 anos, na 5ª série, até os 16 anos, no 3º ano do ensino médio. (7 anos, no total)

3. Com que idade começou a estudar inglês em escolas particulares? Há quanto tempo estuda (no total, excluindo as interrupções)?

Comecei aos 9 anos, em 1992. Ao total, foram 8 anos e 8 meses de estudos em cursos particulares.

4. Em que escolas já estudou inglês? Que cursos já fez? Por quanto tempo? Com aproximadamente que carga horária semanal?

ESCOLA	CURSO / NÍVEL	DURAÇÃO	CARGA HORÁRIA
<i>Step by Step</i>	<i>Iniciante</i>	<i>1 ano (1992)</i>	<i>72h (3h/semana)</i>
<i>English for You / English for Kids</i>	<i>Iniciante</i>	<i>3 anos (1993/5)</i>	<i>216h (3h/semana)</i>
<i>ACBEU</i>	<i>Intermediário</i>	<i>1 ano + 2 meses (1996)</i>	<i>148h (50min/dia; 4h10/semana)</i>
<i>ACBEU</i>	<i>Avançado</i>	<i>3 anos + 6 meses (1997.1/1999.1-2000)</i>	<i>2h30min/semana</i>

5. Possui algum certificado de proficiência em língua inglesa? Se sim, por favor escreva abaixo o nome do certificado e da instituição.

Não!

6. Já morou em algum país de língua inglesa? Se sim, qual e por quanto tempo?

Não.

Sabe / Fala outras línguas estrangeiras? Qual(is)? Com que nível de proficiência?

Espanhol avançado.

Francês intermediário.

Alemão fluente (morei na Alemanha 9 meses e meio).

7. Qual foi o perfil dos professores de língua inglesa que teve (não apenas nas escolas citadas na pergunta 4)?

todos falantes de inglês como segunda língua / língua estrangeira

a maioria falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira; alguns falantes nativos

a maioria falantes nativos; alguns falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira

todos falantes nativos

não tive professores, sou autodidata

outros: *cerca de metade tinha o inglês como segunda língua; a outra metade era nativa.*

Anexo B – Questionário Caio (Página 2)

8. Quais foram os “métodos” / as “técnicas” utilizados na maioria das aulas de inglês que já teve? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- repetição
 memorização
 tradução
 conversação
 leitura
 redação
 gramática
 proibição do uso de português
 outros _____

9. Que uso faz da língua inglesa no dia-a-dia? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- leio para entretenimento
 leio para estudo / trabalho
 assisto à televisão / a filmes
 escrevo mensagens / cartas
 escrevo artigos / trabalhos acadêmicos
 navego na internet
 converso pela internet
 converso pessoalmente
 ouço música
 outros: *tradução de artigos p/ o português ao longo da faculdade (cerca de 3 ou 4)*

10. Como avalia o seu domínio na língua inglesa, de 0 a 10, nos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item.)

- 7,5 entender / ouvir
 7,5 falar
 9 ler
 6 escrever
 8 gramática
 6 vocabulário

11. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de dicionário?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

12. Quando estuda inglês, que tipo de dicionário consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- monolíngüe em português
 bilíngüe português-inglês
 bilíngüe inglês-português
 monolíngüe em inglês
 dicionário de sinônimos e antônimos (thesaurus)
 dicionário de figuras (picture dictionary)
 dicionário de colocações (collocations)
 nunca consulto
 outros _____

Anexo B – Questionário Caio (Página 3)

13. Quando estuda inglês, que uso faz de dicionário? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- verifico o significado das palavras
 verifico a pronúncia das palavras
 verifico a colocação (collocation) das palavras, a maneira como as palavras se combinam
 verifico a tradução das palavras
 verifico o grau de formalidade das palavras
 verifico diferenças regionais de uso (inglês americano, britânico, australiano, etc.)
 verifico expressões idiomáticas
 verifico que outras palavras podem ser usadas para substituir uma / algumas que uso muito
 verifico palavras que se repetem muito
 uso quando preciso entender melhor o significado / uso de um item que não faz parte do meu vocabulário ativo (isto é, uma palavra que geralmente leio, mas não uso muito)
 uso quando percebo uma nova acepção de uma palavra que já conhecia
 não faço nenhum uso
 outros _____

14. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de livro de gramática?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

15. Quando estuda inglês, que tipo de gramática consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- que contenha apenas explicações
 que contenha explicações e exercícios (*Murphy, Colins Cobuild*)
 consulto a internet
 gramática normativa / prescritiva (que diz as regras)
 gramática descritiva (que diz como a língua funciona, sem julgar certo ou errado)
 gramática resumida
 a mais completa possível
 nunca consulto
 outros _____

16. Qual a sua afinidade / atitude em relação à língua inglesa?

- gosto da língua, acho prazeroso estudá-la
 minha atitude é neutra
 estudo-a apenas porque é necessária para alcançar meus objetivos
 estudo-a por obrigação, contra a minha vontade
 outros _____

17. Além de aulas de inglês, de que maneiras busca aprender a língua inglesa?

Ver filmes legendados, buscando entender o significado antes de ler a legenda e, não raro, me irritar com a versão do texto; ler textos em voz alta; falar sozinho pela casa igual a um doido, quando tenho a impressão de estar por demais “enferrujado”; leio gramáticas e livros p/ aumentar o vocabulário; internet; música.

Anexo B – Questionário Caio (Página 4)

18. Como avalia a sua habilidade de redigir em português?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar (*mais experiência, mais prática, mais fluência*)
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

19. Como avalia a sua habilidade de redigir em inglês?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

20. Qual é o processo que usa para redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- escrevo em português primeiro, depois traduzo
 escrevo em inglês (*pre-writing; outlining; first draft; revision; final draft*)
 uso o dicionário
 pesquiso o tema em português
 pesquiso o tema em inglês
 não faço pesquisas, uso só o que já sei
 uso um modelo
 faço rascunho(s)
 não faço rascunho(s)
 reviso o texto
 não reviso o texto
 outros: *só faço pesquisas quando não tenho absolutamente nenhum conhecimento sobre o tema!*

21. Qual a sua atitude / o seu sentimento em relação à redação em língua inglesa?

Sempre que escrevo algo em inglês, tenho a impressão de que o meu vocabulário é muito incipiente, não importando sobre qual tema eu escreva, o que me frustra um pouco. Todos os anos de estudo me proporcionaram uma compreensão/produção oral razoavelmente boa, em detrimento da produção escrita, mas, paradoxalmente, não houve comprometimento da compreensão escrita.

22. Como avalia o seu domínio de redação em inglês, de 0 a 10, dos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item. Use NA para não se aplica / nunca fiz.)

- 8 e-mail
 NA cartas informais
 NA cartas formais
 NA memorandos
 9 artigos
 7 resenhas
 7 textos argumentativos
 7 textos descritivos
 7 textos narrativos
 outros _____

Anexo B – Questionário Caio (Página 5)

23. Com que frequência redige em inglês os tipos de texto abaixo?

	sempre	bastante	às vezes	pouco	nunca
e-mail					X
cartas informais					X
cartas formais					X
memorandos					X
artigos					X
resenhas					X
textos argumentativos					X
textos descritivos					X
textos narrativos					X

24. O que considera precisar melhorar em relação à sua habilidade de redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- nada ou quase nada; basta praticar
 melhorar / diversificar o uso de estruturas gramaticais
 melhorar / diversificar o vocabulário
 melhorar a organização de idéias
 melhorar o desenvolvimento de idéias
 melhorar o uso de pontuação
 melhorar a ortografia
 saber escrever em diferentes níveis de formalidade
 saber escrever diferentes tipos de texto
 aprender a “pensar” em inglês
 aprender “collocation” (a maneira como as palavras se combinam)
 conseguir expressar em inglês exatamente o que consigo expressar em português
 outros _____

25. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês enquanto está escrevendo?

Procuo pensar sempre em inglês, tentar organizar as idéias da forma como um nativo faria; evitar ao máximo a interferência do português; tento utilizar vocabulário pouco comum ou de origem não-latina.

26. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês quando não está escrevendo?

No dia-a-dia, nada. Eventualmente, posso me interessar em ler livros específicos para enriquecer o vocabulário (como o “Advanced Vocabulary for English Learners”) ou ler revistas especializadas. De um modo geral, a compreensão escrita global é satisfatória, embora as novas palavras e/ou usos lingüísticos não se retêm na memória, a menos que os use.

Anexo B – Questionário Dante (Página 1)

1. Já fez ou faz algum curso universitário? Se sim, por favor escreva abaixo o nome da instituição, o nome do curso e o semestre em que está, se ainda não formado/a.

Sim. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Ciências Econômicas, concluído.

2. Com que idade começou a estudar inglês no ensino fundamental / médio? Por quanto tempo estudou?

Aos 7 anos, da segunda série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio.

3. Com que idade começou a estudar inglês em escolas particulares? Há quanto tempo estuda (no total, excluindo as interrupções)?

Aos 10 anos. Estudei 6 anos.

4. Em que escolas já estudou inglês? Que cursos já fez? Por quanto tempo? Com aproximadamente que carga horária semanal?

ESCOLA	CURSO / NÍVEL	DURAÇÃO	CARGA HORÁRIA
<i>BAC - ICBEU</i>	<i>básico</i>	<i>2 anos</i>	<i>3 horas/semana</i>
<i>BAC - ICBEU</i>	<i>intermediário</i>	<i>1 ano</i>	<i>3 horas/semana</i>
<i>BAC - ICBEU</i>	<i>avançado</i>	<i>1 ano</i>	<i>3 horas/semana</i>
<i>BAC - ICBEU</i>	<i>conversação</i>	<i>1 ano</i>	<i>2 horas/semana</i>
<i>Carreira Diplomática</i>	<i>conversação</i>	<i>1 ano</i>	<i>1 hora e meia/semana</i>
<i>ICBEU</i>	<i>Monitoria 1 ano + Ensino 1 ano</i>		

5. Possui algum certificado de proficiência em língua inglesa? Se sim, por favor escreva abaixo o nome do certificado e da instituição.

Não.

6. Já morou em algum país de língua inglesa? Se sim, qual e por quanto tempo?

Sim, nos EUA por 25 dias (turismo).

Sabe / Fala outras línguas estrangeiras? Qual(is)? Com que nível de proficiência?

3ª língua: francês (avançado)

4ª língua: espanhol (avançado)

5ª língua: italiano (avançado)

5ª língua: alemão (avançado)

7. Qual foi o perfil dos professores de língua inglesa que teve (não apenas nas escolas citadas na pergunta 4)?

todos falantes de inglês como segunda língua / língua estrangeira

a maioria falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira; alguns falantes nativos

a maioria falantes nativos; alguns falantes de inglês como segunda língua/língua estrangeira

todos falantes nativos

não tive professores, sou autodidata

outros _____

Anexo B – Questionário Dante (Página 2)

8. Quais foram os “métodos” / as “técnicas” utilizados na maioria das aulas de inglês que já teve? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- repetição
 memorização
 tradução
 conversação
 leitura
 redação
 gramática
 proibição do uso de português
 outros _____

9. Que uso faz da língua inglesa no dia-a-dia? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- leio para entretenimento
 leio para estudo / trabalho
 assisto à televisão / a filmes
 escrevo mensagens / cartas
 escrevo artigos / trabalhos acadêmicos
 navego na internet
 converso pela internet
 converso pessoalmente
 ouço música
 outros _____

10. Como avalia o seu domínio na língua inglesa, de 0 a 10, nos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item.)

- 8 entender / ouvir
 7 falar
 7 ler
 7 escrever
 7 gramática
 6 vocabulário

11. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de dicionário?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

12. Quando estuda inglês, que tipo de dicionário consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- monolíngüe em português
 bilíngüe português-inglês
 bilíngüe inglês-português
 monolíngüe em inglês
 dicionário de sinônimos e antônimos (thesaurus)
 dicionário de figuras (picture dictionary)
 dicionário de colocações (collocations)
 nunca consulto
 outros _____

Anexo B – Questionário Dante (Página 3)

13. Quando estuda inglês, que uso faz de dicionário? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- verifico o significado das palavras
 verifico a pronúncia das palavras
 verifico a colocação (collocation) das palavras, a maneira como as palavras se combinam
 verifico a tradução das palavras
 verifico o grau de formalidade das palavras
 verifico diferenças regionais de uso (inglês americano, britânico, australiano, etc.)
 verifico expressões idiomáticas
 verifico que outras palavras podem ser usadas para substituir uma / algumas que uso muito
 verifico palavras que se repetem muito
 uso quando preciso entender melhor o significado / uso de um item que não faz parte do meu vocabulário ativo (isto é, uma palavra que geralmente leio, mas não uso muito)
 uso quando percebo uma nova acepção de uma palavra que já conhecia
 não faço nenhum uso
 outros _____

14. Quando estuda inglês, com que frequência faz uso de livro de gramática?

- sempre
 bastante
 às vezes
 pouco
 nunca
 outros _____

15. Quando estuda inglês, que tipo de gramática consulta? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- que contenha apenas explicações
 que contenha explicações e exercícios
 consulto a internet
 gramática normativa / prescritiva (que diz as regras)
 gramática descritiva (que diz como a língua funciona, sem julgar certo ou errado)
 gramática resumida
 a mais completa possível
 nunca consulto
 outros _____

16. Qual a sua afinidade / atitude em relação à língua inglesa?

- gosto da língua, acho prazeroso estudá-la
 minha atitude é neutra
 estudo-a apenas porque é necessária para alcançar meus objetivos
 estudo-a por obrigação, contra a minha vontade
 outros _____

17. Além de aulas de inglês, de que maneiras busca aprender a língua inglesa?

Pela televisão (qualquer programação em inglês, com e sem legendas); por músicas; por conversas informais com amigos; leitura de jornais, revistas, informativos e livros.

Anexo B – Questionário Dante (Página 4)

18. Como avalia a sua habilidade de redigir em português?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar (*melhor do que em inglês, devido ao fato de ser a primeira língua*)
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

19. Como avalia a sua habilidade de redigir em inglês?

- ótima
 muito boa, pouco a melhorar
 boa, mas bastante a melhorar
 fraca, com vários tipos de dificuldades diferentes
 quase nenhuma
 outros _____

20. Qual é o processo que usa para redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

- escrevo em português primeiro, depois traduzo
 escrevo em inglês
 uso o dicionário
 pesquiso o tema em português
 pesquiso o tema em inglês
 não faço pesquisas, uso só o que já sei
 uso um modelo
 faço rascunho(s)
 não faço rascunho(s)
 reviso o texto
 não reviso o texto
 outros _____

21. Qual a sua atitude / o seu sentimento em relação à redação em língua inglesa?

É uma redação simples, já que a comunicação é possível sem maiores problemas, mas o uso formalmente correto da língua, como o de todas as outras, é mais complexo.

22. Como avalia o seu domínio de redação em inglês, de 0 a 10, dos quesitos abaixo? (É possível atribuir a mesma nota a mais de um item. Use NA para não se aplica / nunca fiz.)

- 8 e-mail
 8 cartas informais
 5 cartas formais
 NA memorandos
 NA artigos
 NA resenhas
 8 textos argumentativos
 8 textos descritivos
 8 textos narrativos
 outros _____

Anexo B – Questionário Dante (Página 5)

23. Com que frequência redige em inglês os tipos de texto abaixo?

	sempre	bastante	às vezes	pouco	nunca
e-mail				X	
cartas informais				X	
cartas formais				X	
memorandos					X
artigos					X
resenhas				X	
textos argumentativos			X		
textos descritivos				X	
textos narrativos				X	

24. O que considera precisar melhorar em relação à sua habilidade de redigir em inglês? (É possível escolher mais de uma resposta.)

nada ou quase nada; basta praticar

melhorar / diversificar o uso de estruturas gramaticais

melhorar / diversificar o vocabulário

melhorar a organização de idéias

melhorar o desenvolvimento de idéias

melhorar o uso de pontuação

melhorar a ortografia

saber escrever em diferentes níveis de formalidade

saber escrever diferentes tipos de texto

aprender a “pensar” em inglês

aprender “collocation” (a maneira como as palavras se combinam)

conseguir expressar em inglês exatamente o que consigo expressar em português

outros _____

25. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês enquanto está escrevendo?

Tento redigir com bastante liberdade, para que meus erros sejam corrigidos pelo(a) professor(a) e para que assim eu aprenda.

26. O que faz em relação às suas dificuldades para redigir em inglês quando não está escrevendo?

Pratico a língua em geral, conversação, leitura, escrita, “listening”.

Anexo C – Textos motivadores (*The return of populism* – Página 1)

The Economist – April 15th 2006

The Americas

Latin America

The return of populism

A much-touted move to the left masks something more complex: the rebirth of an influential Latin American political tradition

Latin America, it is widely asserted, is moving to the left. The recent election victories of Evo Morales in Bolivia, of Chile's Michelle Bachelet, and of Ollanta Humala in the first round of Peru's presidential ballot are seen as forming part of a seamless web of leftism which also envelops Hugo Chávez in Venezuela, Brazil's Luiz Inácio Lula da Silva, Argentina's Néstor Kirchner and Andrés Manuel López Obrador, the front-runner in Mexico's presidential election. But this glib formula lumps together some strange bedfellows and fails to capture what is really changing in Latin America.

Some of the region's new or newish presidents are of the moderate, socialdemocratic left. They include Lula, Ms Bachelet in Chile, Óscar Arias in Costa Rica and Tabaré Vázquez in Uruguay. Broadly speaking, they stand for prudent macroeconomic policies and the retention of the liberalising reforms of the 1990s, but combined with better social policies.

Mr Chávez, Mr Kirchner, Mr López Obrador and, in Peru, both Mr Humala and his likely rival in a run-off ballot, Alan García, belong in a second category. Albeit in different ways and to different degrees, all correspond to the Latin American tradition of populism. So, in some respects, does Mr Morales in Bolivia. He is often portrayed as an indigenous leader. Yet as a young man he left his Andean-Indian village for the coca-growing region of the Chapare. His politics are those of a *mestizo* (mixed-race) trade-union leader.

"Populism" is a slippery, elusive concept. But it is central to understanding what is happening in the region. One of its many difficulties is that it is often used as a term of abuse. In many parts of the world, "populist" is loosely used to describe a politician who seeks popularity through means disparaged as appealing to the baser instincts of voters.

But populism does have a more precise set of meanings – though these vary from place to place. In 19th-century Russia, populists were middle-class intellectuals who embraced peasant communalism as an antidote to Western liberalism. In France, politicians from Pierre Poujade in the 1950s to Jean-Marie Le Pen have championed the "little man", especially framers and small shopkeepers, against big corporations, unions and foreigners.

In the United States, too, populism had rural roots, in the prairies of the Midwest. In the 1890s, the People's Party campaigned against what it saw as the grip of urban cartels over the economy. This cause reached its zenith in the 1896 presidential election, when the populists backed the campaign of William Jennings Bryan, a Democratic crusader against the gold standard.

Huey Long, the governor of Louisiana in 1928-32, was another populist. He campaigned against Standard Oil and other big companies, ramped up taxes and state social spending, and was accused of dictatorial tendencies for building a ruthless political machine.

But it is in Latin America where populism has had the greatest and most enduring influence. As in Russia and the United States, it began as an attempt to ameliorate the social dislocations caused by capitalism. In Latin America it became an urban movement. Its heyday was from the 1920s to the 1960s, as industrialisation and the growth of cities got under way in the region. It was the means by which the urban masses – the middle and working classes – were brought into the political system.

In Europe, that job was done by socialdemocratic parties. In Latin America, where trade unions were weaker, it was accomplished by the classic populist leaders. They included Getulio Vargas, who ruled Brazil in various guises in 1930-45 and 1950-54; Juan Perón in Argentina and his second wife, Eva Duarte; and Victor Paz Estenssoro, the leader of Bolivia's national revolution of 1952. They differed from socialists or conservatives in forging multi-class alliances.

Give me a balcony

Typically, their leadership was charismatic. They were great orators or, if you prefer, demagogues ("Give me a balcony and I will become president," said José María Velasco, Ecuador's most prominent populist, who was five times elected president and four times overthrown by the army). Like Huey Long, Vargas and Perón used the new instrument of radio to reach the masses. Mr Chávez's "Bolivarian revolution" relies heavily on his skills as a communicator, exercised every Sunday in his four-hour television programme.

Some of the populists, such as Victor Raúl Haya de la Torre, the founder of Peru's APRA party, and William Jennings Bryan, relied on religious imagery or techniques. ("You shall not crucify mankind on a cross of gold," Bryan preached.) A recent biography of Mr Chávez remarks on his similarity to a televangelist.

Anexo C – Textos motivadores (*The return of populism* – Página 2)

The populist leaders sought a direct bond with their mass following. They led personal movements rather than well-organised parties. Argentina's dominant political organisation bears Perón's name. Take Mr Chávez out of the "Bolivarian revolution" and there would be nothing left. Contrast that with Ms Bachelet, who presides over a stable four-party coalition, or Lula, whose Workers' Party has up to 800,000 dues-paying members.

The populists saw elections as the route to power, and pushed successfully to expand the franchise. But they also relied on mass mobilisation – on getting their followers out into the streets. They were often less than democratic in their exercise of power: they blurred the distinction between leader, party, government and state. Perón, for example, packed the judiciary, put his own people in charge of trade unions, and rigged his re-election in 1950. Mr Chávez used a constituent assembly to gain control of all the institutions of state. Both Mr Morales and Mr Humala have promised similar assemblies.

Not coincidentally, many of the populists have been military officers. That goes for Vargas, Perón and Lázaro Cardenas, Mexico's president from 1934 to 1940, who nationalised foreign oil companies and handed land to peasants. Mr Chávez and Mr Humala are retired lieutenant-colonels. Part of their appeal is that of the military *caudillo*, or strongman, who promises to deliver justice for the "people" by firm measures against the "exploiters". Some scholars distinguish between military populists and civilians such as Haya de la Torre and Paz Estenssoro, whom they see as "national revolutionaries" closer to social democracy.

But there are many common threads. One is nationalism. The populists championed national culture against foreign influences. They harked back to forgotten figures from their country's past. In many respects, they were nation-builders.

While their preaching was often anticapitalist, they made deals with some capitalists. They rallied their followers against two rhetorical enemies: the "oligarchy" of rural landlords and foreign "imperialists". They supported industry and a bigger role for the state in the economy, and they granted social benefits to workers. They often paid for this by printing money.

Though populists were not alone in favouring inflationary finance, they were particularly identified with it. Some commentary on populism has emphasised this aspect. In their book "The Macroeconomics of Populism", Rudiger Dornbusch and Sebastian Edwards characterise "economic populism" as involving a dash for growth and income redistribution while ignoring inflation, deficit finance and other risks.

Such policies were pursued not just by populists of the past, but by Mr García, Peru's president in 1985-1990. In a milder form, they are being followed by Mr Kirchner, Argentina's Peronist president. Mr Chávez has been rescued from deficit financing only by Venezuela's oil windfall.

Populist economics was adopted, too, by Salvador Allende, Chile's Socialist president of 1970-73, and Nicaragua's Sandinistas. That has led many observers to use "populist" and "leftist" interchangeably – a mistake that led foreign investors to lose money when they panicked unduly when Lula won Brazil's election in 2002.

More Mussolini than Marx

In fact, there is nothing inherently left-wing about populism. Some populist leaders were closer to fascism: Perón lived as an exile in Franco's Spain for 18 years. Many favoured corporatism – the organisation of society by functional groups, rather than the individual rights and pluralism of liberal democracy.

Other writers have seen populism as a technique of political leadership more than an ideology. They have applied the term to such free-market conservatives as Peru's Alberto Fujimori and Argentina's Carlos Menem who, in different ways, sidestepped interest-groups and made direct appeals to the masses. It is not clear whether Mr Humala, if elected in a run-off, would fall into this category – or try to mimic Mr Chávez.

Populism is full of contradictions. It is above all anti-elitist, but creates new elites. It claims to favour ordinary people against oligarchs. But as Messrs Dornbusch and Edwards pointed out, "at the end of every populist experiment real wages are lower than they were at the beginning." Populism brought mass politics to Latin America, but its relationship to democracy is ambivalent. Populists crusade against corruption, but often engender more.

In the 1960s, populism seemed to fade away in Latin America, squeezed by Marxism, Christian democracy and military dictatorship. Its current revival shows that it is deeply rooted in the region's political culture. But it also involves some new elements. The new crop of populist leaders rely partly on the politics of ethnic identity: Mr Chávez and Mr Humala are both *mestizos*. Their coalitions are based on the poor, both urban and rural, and those labouring in the informal economy. They champion those discomfited by globalisation rather than industrialisation.

One big reason for populism's persistence is the extreme inequality in the region. That reduces the appeal of incremental reform and increases that of messianic leaders who promise a new world. Yet populism has done little to reduce income inequality.

A second driver of populism has been Latin America's wealth of natural resources. Many Latin Americans believe that their countries are rich, whereas in truth they are not. Populists blame poverty on corruption, on a grasping oligarchy or, nowadays, on multinational oil or mining companies. That often plays well at the ballot box. But it is a misdiagnosis. Countries develop through a mixture of the right policies and the right institutions. Whatever their past achievements, the populists are leading Latin America down a blind alley.

Anexo C – Textos motivadores (*The mob takes on the state*)

Brazil São Paulo

The Economist – May 20th 2006

The mob takes on the state

A prison gang shows its deadly power and flatfoots the politicians

Rio de Janeiro is more beautiful but residents of São Paulo boast that their city is safer. At least they did until May 12th, when a wave of violence orchestrated from within the prison system struck Brazil's biggest city and several neighbouring towns. In five days of mayhem and retribution some 150 people, a quarter of them policemen, were killed; 82 buses were torched and 17 bank branches attacked. Rebellions erupted at 74 of the 140 prisons in São Paulo state. Schools, shopping centres and offices shut down; transport froze. For several days, *paulistanos* could not even claim that their city was safer than Baghdad.

It was a show of force by the leaders of the state's main criminal gang, the Primeiro Comando da Capital. Directing the violence by mobile phone from their prison cells, they cast sudden doubt on whether São Paulo, the engine of Brazil's economy, is ruled by laws or by the mob. This is sure to be an issue in October's presidential election, which pits the incumbent, Luiz Inácio Lula da Silva, against Geraldo Alckmin. As governor of São Paulo until March, it is Mr Alckmin who has carried the chief political responsibility for its security.

In Rio, it is widely known that three gangs battle each other and the police for control of the slums and the drug trade. São Paulo's drug trade has been more fragmented, and its Primeiro Comando a more shadowy presence. But contrary to some claims, the Comando has gathered strength. It has taken control of drug dealing and infiltrated youth detention centres. It seems to be colonising the criminal underworld, replacing individual initiative with organised enterprise, says Sérgio Adorno of São Paulo's Nucleus for the Study of Violence. That generally requires the connivance of public authorities.

Tulio Kahn, of São Paulo's public-security secretariat, says the Comando's fluid structure is more like al-Qaeda's than that of a tightly-run mafia. Its habitat remains the prisons. Its top boss, Marcola, who began his career, aged nine, as a pickpocket, has been in jail since 1999. His followers call him "Playboy" because of his fondness for designer clothing.

In 2001 the Comando staged a multi-prison rebellion and in 2003 it murdered an unpopular judge. But nothing foreshadowed this week's reign of terror. It proved that the Comando could strike at will, like a well-drilled army, and bring São Paulo almost to a halt. The shock was all the greater because violent crime has been declining. Between 1999 and 2005 the murder rate in São Paulo state dropped from 35 per 100,000 people to 18.

The offensive seems to have been provoked by the transfer of 765 of the Comando's adherents to a more remote jail. An earlier demand was for 60 television sets to watch next month's soccer World Cup. Mr Kahn argues that the Comando may have reacted to a recent crackdown, which included the creation of an interagency group to take on the gang.

But the Comando's murderous tantrum also points to something amiss in the way Brazil punishes criminals. The approach is at once unduly harsh and absurdly lenient. Prisoners may be denied television but can use their mobile phones to extort money.

The jails have become more crowded since 1990, when a federal law mandated prison sentences for selling drugs, no matter how small the quantity. São Paulo embraced this with gusto. Its prison population has more than doubled since 1994. But prison building lagged – the system has 35% more inmates than places. Some of the hastily trained guards became prisoners' accomplices. Inmates are supposed to work, study and receive decent healthcare – but many do not. "Prisons are becoming centres of criminality," says Sérgio Mazina of IBCCRIM, a research institute.

The state government has now brought calm, but is accused of doing so with the same mixture of indulgence and harshness that caused the trouble. It denies reports that it made a deal with Marcola, yielding on the televisions and other privileges. A police counter-offensive has so far killed 93 "aggressors" – hardly an advertisement for the rule of law.

The debate provoked by the Comando's outrages pits popular demands for toughness against pleas for a more nuanced approach to criminals. More sensible proposals include transferring gang leaders to jails out of range of telephone transmission towers. State officials say that the declining murder rate (until this week) shows that incarceration is working. Cláudio Lembo, São Paulo's interim governor, wants to record conversations between prisoners and lawyers, who often pass on messages. The bar association rejects this as illegal. Galvanised by the crisis, Brazil's Congress is considering the creation of an intelligence service to fight corruption in the jails, which might be useful, and the introduction of solitary confinement for up to two years, which might not be.

It would be better to spring-clean the prisons. "A third or fewer prisoners really have to be there," says Julita Lemgruber, a sociologist at the Universidade Candido Mendes in Rio de Janeiro. If the rest were punished in less drastic ways, they would be removed from the influence of the worst criminals. That would require new laws and more discriminating judges. To fight organised crime, police forces need to become more adept at investigation rather than mere repression.

Do not expect anything but tough talk from the presidential candidates. President Lula left it to an aide to suggest that Mr Alckmin had sown the seeds of chaos. Mr Alckmin slammed the federal government for cutting spending on public security. But at least now neither of them can dodge the subject of crime.

Anexo C – André - Redação 1

REDAÇÃO 1 – After reading the article “*The return of populism*” (The Economist, April 15th, 2006), answer (in 300-350 words) the following question: “Why has there been a leftist trend in Latin America?”

At the turn of the 20th century many Latin American countries were optimistic about their social-economic development. A century later much of the continent’s population displays little hope for a promising future. It is in this context that lies Latin America’s current leftist trend.

The globalization of our day is a complex phenomenon which evokes its apparent opposite: nationalism. In Latin America, no other movement can be more clearly associated to the continent’s political left. In modern times, a boost in nationalism, therefore, would logically provide leftist ideals with some strength.

The revival of left wing politics can also be ascribed to the failure of right wing liberalism that swept the continent in the 1990s. As in many other parts of the world, neoliberal policies have begun to show themselves less effective than expected, making room for alternative strategies for development. In Latin America, the other end of the political spectrum has revealed itself an option in such circumstances.

The evolution of the classical left-right opposition presents its share of contribution to the issue at hand. Through its trials and errors the left has adapted itself to new times by incorporating right-wing ideas that redefine the dichotomy as it is generally conceived. As such, it has broadened its appeal to classes and categories that were once likely to reject it.

All these elements have been combined in a disillusioned Latin America of the 21st century to yeild a leftist trend – yet another attempt to reach the development it has been seeking for so long.

Anexo C – André - Redação 2

REDAÇÃO 2 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: “Por que a América Latina tem escolhido líderes da esquerda como chefes de Estado?”

De modo geral, a América Latina não exibe o otimismo que vigorava no continente há um século. O almejado progresso, segundo padrões europeus, não foi alcançado, o que deixou as massas desiludidas e pouco esperançosas em relação ao futuro de suas nações. A atual preferência pelos líderes da esquerda no continente parece constituir mais uma opção dos povos na busca do desenvolvimento social e econômico.

A atual tendência esquerdista na América Latina constitui reação contra o Neoliberalismo do fim do século XX e sua incapacidade de cumprir promessas. Com modelo econômico e social desacreditado, a direita perdeu prestígio e confiança da população. Conseqüentemente, abriu-se espaço para o avanço da esquerda.

A conjuntura internacional favoreceu ainda esse avanço. A globalização atual exacerba o nacionalismo como reação às mudanças que imprime. Ao contrário da esquerda européia, a latino-americana caracteriza-se mais por seu traço nacionalista do que trabalhista. Logo, o discurso da esquerda, tradicionalmente nacionalista na América Latina, tem encontrado respaldo entre os povos de nações periféricas que encontram-se sujeitas a um modelo econômico arquitetado nos países centrais do sistema internacional.

A evolução da esquerda e, conseqüentemente, a redefinição da dicotomia esquerda e direita, também contribuem para a prevalência de governantes de esquerda no continente latino-americano. Após décadas de tentativa de assumir o poder, com raro e curto êxito, a esquerda reviu seus erros, adaptou-se aos novos tempos e reformulou-se para diminuir o alto grau de rejeição nos diversos setores da sociedade.

A escolha de líderes da esquerda na América Latina pode, portanto, ser atribuída a esses fatores estruturais e conjunturais, externos e internos à esquerda. O fenômeno insere-se, entretanto, na busca maior pelo desenvolvimento da nação e por isso constitui mais uma tentativa de alcançar o tão sonhado objetivo latino-americano.

Anexo C – André - Redação 3

REDAÇÃO 3 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: “De que forma o Brasil deve combater a ação de criminosos e narcotraficantes?”

A melhor forma de combater a ação de criminosos e narcotraficantes, ou o crime em geral, no Brasil, é a preventiva. Medidas que preparam o Estado para prevenir o crime não só tendem a diminuir a criminalidade como também favorecem meios para melhor remediá-la.

A ausência do Estado na esfera social e econômica na periferia das grandes cidades brasileiras permite a instalação de redes criminosas que cumprem sua “lei” em lugar da do Estado. Essas redes integram-se às comunidades, prestando a elas assistência ao mesmo tempo em que movimentam e influenciam sua organização econômica e social. O crime extrai parte de sua força da convivência da comunidade que essas redes apoiam e dominam. Se nada tivesse a oferecer, essas redes seriam menos toleradas; se o Estado estivesse cumprindo seu papel nessas regiões, essas redes provavelmente seriam combatidas também pela própria comunidade.

A inadmissibilidade da pena de morte e da pena perpétua revela o princípio da reeducação social do preso no sistema prisional brasileiro. Na prática, esse ideal está longe de ser atingido. Tal fato tem provocado um clamor popular para o aumento de penas; a certeza da pena, entretanto, é o que falta ao sistema jurídico brasileiro, cujas leis pouco carece de propriedade. Uma reforma do sistema penal nesses aspectos seria uma forma de prevenir o crime, seja por ela diminuir o grau de reincidência criminal, seja por desestimular possíveis ações criminosas.

A valorização da polícia também contribuiria para o combate ao crime. Remunerar melhor o policial é aumentar a concorrência para exercer a função e, conseqüentemente, o nível de competência dos ocupantes do cargo. Essa medida é essencial para fazer da inteligência policial a arma mais eficaz contra o crime em vez da repressão, cujos efeitos extrapolam seu alvo, elevando o nível de violência na sociedade.

Essas medidas independem da ocorrência de ação criminosa para serem implantadas; por isso, são preventivas. Se adotadas, tenderiam a diminuir a criminalidade ao mesmo tempo em que equiparia o Estado com meios de responder a parcela restante dos índices iniciais de criminalidade.

Anexo C – André - Redação 4

REDAÇÃO 4 – After reading the article “*The mob takes on the state*” (The Economist, May 20th, 2006, pp.39-40), answer (in 300-350 words) the following question: “How should Brazil combat crime and drug trafficking?”

Prevention is the best of remedies. In the case of fighting crime and drug trafficking, the former allows for the latter. When the government takes the necessary measures to curb crime (be it of any kind), these simultaneously serve to reduce crime rate and equips the state with the means of dealing with that which does take place.

The presence of the state in down-trodden communities and slums of Brazilian cities is crucial to preventing crime. In such marginalised places, crime finds support within the community itself, for criminal organisations are responsible for stimulating the local economy and, consequently, usurp the authoritative role of the state with their own “laws”. A greater presence of the state in catering for the population’s needs weakens the community’s dependence on criminal organisation’s imposed social role. Less people are likely to resort to a life of crime if a straight one is made readily available. Moreover, the community will tend to side with the government against that which threatens its guarantees of citizenship.

Reforming the Brazilian penal system is yet another measure to prevent and remedy crime and its organisation. This does not imply the harshening of penalties as popular clamour generally demands. Brazilian laws are not the problem; but the lack of certainty in punishment is. Such punishment has to abide by the principles of the country’s penal system, which must fulfill its role of rehabilitating offenders for the social milieu. These two aspects deserve special attention if modifications in the system are to prevent and combat crime effectively.

So does raising the competence and quality of the staff of the police force. For it is by means of police intelligence that crime is prevented and fought. A higher standard of employees is achieved through competitiveness in the field, which, in turn, derives from attractive wages and the valuing of the police officer. Such a measure, moreover, hinders corruption.

As one can perceive, such measures enable the government to both prevent and fight crime, making prevention a remedy in itself. It is for such a reason that an approach to fighting crime and drug trafficking, for the sake of national security, should take into account the aspects pointed out.

Anexo C – Bernardo - Redação 1

REDAÇÃO 1 – After reading the article “*The return of populism*” (The Economist, April 15th, 2006), answer (in 300-350 words) the following question: “Why has there been a leftist trend in Latin America?”

Poverty and hope are concepts that walk together throughout the underdeveloped peoples’s history. After the independence from Europe, Latin America countries had a good opportunity to construct a better future. However, this has not been the reality. Politically, leadership has passed from european countries to regional chiefs – the “caudillos” –, who could not make people less poor. The last trial of social improvement is a strange mix between leftism and populism, always personified in leaders who are inherently caudillist.

This relationship is odder when we notice that both ideologies have already failed. Marxism – root of most left experiences – was seriously hurted with the falling of the Berlin wall and the end of the comunist world. The populism’s future seemed as dark as the comunism’s one, because of the doubtful results of its experience. The neoliberalism should be successful with such scenarium. Nevertheless, the failure of those two tendencies did not permit the capitalism’s victory. Paradoxally, leftist populism is stronger.

The macroeconomic pelicies adopted during the beginning of the 1990’s and proposed by neoliberal capitalism looked like an effective, powerful answer to those decadent ideologies. Despite that, as the Welfare State has never arrived there, those policies did not generate better social results. Actually, developped countries’ population already had a level of citizenship and respect of rights that could maintain the process of liberalisation. Among people from the Third World, there were no well-developped fundamental rights that could support liberalising reforms and a minimum State. Then, hope is still the unique good that everybody has in the reality of those nations.

Even though the situation left by populism were hard, the reality proposed by neoliberalism is outrageous. But the populism’s ressurrection own a singular characteristic: the rebuilding of the leftism. Before, being leftist meaned being marxist. Nowadays, it means being against USA. Therefore, there is a leftist trend in Latin America, principally because of the rage against the North – and people is hopeful that a domestic solution could reduce povery. Even if this solution is a new kind of “caudillo” totally out of globalisation time.

Anexo C – Bernardo - Redação 2

REDAÇÃO 2 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: “Por que a América Latina tem escolhido líderes da esquerda como chefes de Estado?”

A Revolução Francesa, fruto do Iluminismo, gera a teoria dos Direitos Fundamentais, que se torna base do direito ocidental, nele desenvolvendo-se profundamente. O Estado pós-revolução deveria ser, primeiramente, omissivo, não mais podendo desrespeitar direitos como propriedade, vida e liberdade: fixam-se os Direitos Fundamentais de primeira geração, núcleo do Estado Liberal. Já num segundo estágio, surge o “Welfare State”: novos direitos fundamentais demandam postura ativa do ente estatal, que deve garantir, por exemplo, o direito ao trabalho, à saúde e à educação. Na segunda metade do século XX, enfim, vê-se uma onda político-econômica neoliberal – que, apoiada na globalização, passa a defender direitos fundamentais de terceira dimensão (como o ao meio ambiente), concomitantemente à redução do Estado (que, de provedor, passaria a regulador).

A América Latina, tradicional seguidora do pensamento europeu, incorpora, à sua maneira, as concepções estatais de lá provenientes. Ocorre que, por um lado, nos países desenvolvidos, um modelo estatal sobrepõe-se a outro geralmente quando este se mostra amadurecido (vide a efetivação dos direitos de primeira geração, que possibilitaram o desenvolvimento de um novo Estado e de novos direitos a ele inerentes). Por outro lado, os países latino-americanos não têm propiciado a efetivação de uma dimensão de direitos para só então adotar um Estado que garanta novos direitos – o que gera sérios problemas estruturais. Formalmente os Estados mudam, mas essencialmente permanecem em um estágio quase pré-iluminista: sequer os direitos de primeira dimensão são garantidos e respeitados e, paradoxalmente, tais Estados já buscam um viés regulador. A regulação, todavia, substituiria a promoção social – jamais seriamente realizada no continente.

Por conseguinte, nessa evolução histórica que beira a esquizofrenia teórica, o povo busca alternativas que garantam seus direitos mais fundamentais. Foi assim com o Estado Populista (simulacro de “Welfare State”); está sendo assim com a onda esquerdista – resposta à tentativa de implementação do Estado Neoliberal. Tal “virada à esquerda”, portanto, é o fruto anacrônico (dado seu caráter populista) da incompatibilidade entre forma e prática estatais latino-americanas. E, nesse triste “leitmotiv”, a fundamentabilidade dos direitos permanece sob as trevas, mais de duzentos anos após a queda da Bastilha.

Anexo C – Bernardo - Redação 3

REDAÇÃO 3 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: “De que forma o Brasil deve combater a ação de criminosos e narcotraficantes?”

Cesare Beccaria, há mais de duzentos e cinquenta anos, lançou as bases do Direito Penal moderno, ao publicar Dos delitos e das penas. Desde então, a Criminologia debate a natureza das penas a serem aplicadas. Fato é, todavia, que nem a corrente retributivo-punitiva, nem a reeducativa vêm-se efetivamente implementadas no sistema brasileiro. À beira do caos, o aparelho estatal de segurança não consegue neutralizar a ação de criminosos, em especial dos narcotraficantes. Sob tal realidade, três mudanças estruturais poderiam gerar bons resultados.

Primeiramente, mudanças legislativas promoveriam a atualização do processo penal e das definições de delito, que pecam pelo anacronismo. Tal incoerência repousa na data das principais leis: a parte específica do Código Penal e o Código de Processo Penal são heranças da primeira metade do século XX. Há de se cogitar a confecção de novas codificações, compatíveis com as transgressões e com a necessidade de celeridade contemporâneas.

Não basta, porém, criarem-se novas leis. Concomitantemente, a diminuição da impunidade, via reestruturação do sistema prisional, geraria resultados efetivos. A separação dos apenados por categorias de crime, a humanização das prisões (mediante a implantação de programas educativo-laborais) e a reconfiguração das celas (com a eliminação de tomadas e a redução de detentos) desarticulariam as “universidades do crime”.

A terceira e mais importante mudança seria no campo da educação. Embora necessite de longos prazos, os efeitos gerados seriam duradouros. O acesso à educação de qualidade a todas as classes diminuiria o fosso social brasileiro, um dos maiores do mundo. Tal política educacional, ao promover a formação dos cidadãos e a conseqüente diminuição do desemprego estrutural, limitaria a erupção de comportamentos anti-sociais – o que reduziria a insegurança.

Sem essas mudanças estruturais, parece difícil (talvez impossível) o combate efetivo à criminalidade. O tripé composto por melhoria educacional, modificação legislativa e reformulação prisional, contudo, não se concretizará sem a reestruturação do Estado brasileiro. Afinal, como diz o ditado, “não existe crime organizado: o que há é Estado desorganizado” – e, no caso brasileiro, parece que o senso comum está com a razão.

Anexo C – Bernardo - Redação 4

REDAÇÃO 4 – After reading the article “*The mob takes on the state*” (The Economist, May 20th, 2006, pp.39-40), answer (in 300-350 words) the following question: “How should Brazil combat crime and drug trafficking?”

During this time of elections, a great deal of questions appear as capital challenges to be solved by the next Brazilian governors. Among these problems, it seems that especially two are always the most debated, but never reduced: corruption and violence. The first might be minorated only by the change of social mentality. However, crime and drug trafficking, from whom violence comes, could be sensibly combated with three well known measures.

First, State should reorganise law system. The Brazilian penal law is completely anachronic. The Penal Procedure Code and the specific part of the Penal Code, for example, were written in the 1940's. Then, they are not able to combat more recent crimes, related with internet, intelectual property and globalization. Unless the Congress approve a more modern legislation, these crimes will continue unpunished.

A second important measure would be the logistic rebuilt of the prisons system. Actually, jails are neither reeducating prisonners nor fairly punishing them: they have become universities of crime. It can be explained by different kinds of prisonners being punished in the same overoccupied place. Thus, a rational division of these condemned men would reduce the influence of the most dangerous over the others.

Finally, politicians should seriously concern about the role of education in the criminal question. It is obvious that a well developped education system would be able to minorate social differences, improve employment and reduce violence. In spite of that, any Brazilian government has not had a serious educational program: it would demand time, and probably only the next governors would profit political benefits from that.

It is hard to think about an effective combat against crime and drug trafficking without great changes in these three mentioned fields. Laws, prisons and schools are essential parts of the solution. Even though necessary, they are outrageously forgotten by politicians. These politicians, however, will concern about that only when the social mentality changes – what could also reduce corruption. Therefore, next elections might play an important role in the solution of these problems: everything is in the hands of people.

Anexo C – Caio - Redação 1

REDAÇÃO 1 – After reading the article “*The return of populism*” (The Economist, April 15th, 2006), answer (in 300-350 words) the following question: “Why has there been a leftist trend in Latin America?”

Since the late 1990’s Latin American governments have gradually moved to leftist and populist tendencies. Social inequality and poverty, strong and unplanned urbanization and unsuccessful liberal measures in a new globalized era have led to the rise of both well-known once abandoned political movements and the search for new solutions to old problems.

To differentiate left from populism is not easy. Both have more subjective than objective elements and represent different things; both have certainly risen due to grassing poverty and social problems, but while left shows a group of ideologies that are commonly identified one with each other, such as social democracy and labourism, populism consists in a technique to grab the power based on mass movements and people manipulation by symbols. Nationalism is also used to bring in people’s support to both inner and foreign policies, which usually comprehend a bigger role of the state in economy and corporatism. Rhetorical enemies are seen as an element of popular support as well: national oligarchies, imperialism and now globalization.

The question relies on why some governments are considered populist and some are not. Anti-democratic characteristics, such as mass manipulation through a common enemy are not unusual in liberal democracies (one can easily remember McCarthy’s communists or Bush’s terrorists). Non-liberal measures exist in Welfare States and they are not pictured as populist despite that. Corporatism, nationalism and personalism can be found elsewhere, from fascist Italy to maoist China and democratic Britain and its devoted subjects of the queen.

To claim on a president to be populist is not difficult. Ever since it has acquired a negative sense, populism has been used to label different governments in many places and times. Some of them clearly do not share the traditional liberal democratic characteristics; on the other hand, there are others that are merely a national variation of what is considered democratic in a specific time. Nobody claims that old democracies are populist; only the other ones are to be, especially if they do not fit the hegemonic economic programme. Populism is thus what it is convenient to be.

Anexo C – Caio - Redação 2

REDAÇÃO 2 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: "Por que a América Latina tem escolhido líderes da esquerda como chefes de Estado?"

Desde a década de 1990, tem-se observado uma gradual virada à esquerda e ao populismo na América Latina. As desigualdades sociais e a pobreza, aliadas ao inchaço das cidades, tornaram-se campo fértil para a retomada de antigas fórmulas bem conhecidas da política regional, bem como a ascensão de líderes que personificam a busca de novas soluções para velhos problemas.

É importante, porém, distinguir esquerda de populismo. Tem-se, de um lado, um conjunto de diferentes orientações políticas relacionadas a um corpo ideológico que lhes confere uma identidade comum, ainda que nuançada por diversos matizes, como a social-democracia e o trabalhismo; do outro, tem-se mais uma técnica de liderança política e exercício de poder que uma ideologia em si. Tal distinção é importante pelo fato de haver populistas identificados com a direita, como os ex-presidentes Fujimori, do Peru, e Menem, da Argentina.

Convém ressaltar, ainda, que o populismo não possui elementos uniformes, o que torna suas características não raro mais subjetivas que objetivas. É consenso, outrossim, que se vale da política de massas, do personalismo político, do nacionalismo, da presença do Estado na economia, do corporativismo e de inimigos retóricos como instrumentos de cooptação popular, como as oligarquias, o imperialismo e, recentemente, a globalização. Tais elementos, todavia, não são exclusivas de governos ditos populistas, haja vista o corporativismo da Itália fascista, a forte presença do Estado na economia dos países de Bem-Estar Social, o nacionalismo norte-americano e a recorrente busca de um inimigo interno (os comunistas sob um Congresso macarthista) ou externo (os terroristas perseguidos pelo governo Bush) e o personalismo da China maoísta ou mesmo o devotado culto à monarquia britânica por seus súditos.

Não é fácil, dessarte, caracterizar um governo populista. As velhas democracias do norte não raro possuem rasgos demagógicos de cooptação política das massas e nem assim se lhes acusa de populismo; na América Latina, por sua vez, tal caracterização é freqüente, principalmente se os governos locais se chocam com o capital financeiro internacional e o seu projeto hegemônico de liberalismo. Não há, assim, uma uniformidade de critérios; populismo é, portanto, o que convém ser assim denominado.

Anexo C – Caio - Redação 3

REDAÇÃO 3 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: “De que forma o Brasil deve combater a ação de criminosos e narcotraficantes?”

A recente onda de violência em São Paulo trouxe à tona uma discussão que, de tempos em tempos, divide a opinião pública: qual a melhor forma de combate ao crime organizado? As soluções apontadas costumam oscilar entre dois pólos diametralmente opostos e, aparentemente, inconciliáveis: a punição e a prevenção.

O repúdio à violência se radicaliza à propoção em que os crimes se tornam mais numerosos e cruéis. Nesse diapasão, meios de comunicação sensacionalistas, aliados à falta de perspectiva e informação da população, possibilitam a mitificação do crime e espalham a idéia de que, contra a violência, incumbe ao Estado endurecer a repressão. Clama-se por punições rigorosas e imediatas, questiona-se a proibição da pena de morte, ignoram-se os preceitos constitucionais do devido processo legal e da presunção de inocência; tudo é válido em prol da redução da criminalidade. Uma mera mudança legislativa – o aumento do rol de crimes hediondos, a vedação da progressão de regime, o aumento das penas –, não importa quão incompatível com o ordenamento jurídico-constitucional pátrio: eis o toque mágico da vara de condão do governo; eis a institucionalização da vingança orquestrada pelo Poder Público.

Há, por sua vez, quem defenda medidas profiláticas de médio e longo prazo para combater o crime. Argumenta-se que tais soluções seriam mais eficazes, embora seus resultados não sejam mensuráveis de imediato. Nesse sentido, o investimento em educação básica e qualificação profissional, bem como a inserção social de grupos marginalizados por meio da presença física das instituições do Estado junto a suas comunidades (mormente creches, escolas, postos de saúde, delegacias de polícia e órgãos do Poder Judiciário) implicaria uma gradual porém duradoura transformação da sociedade. Em uma simplificação grosseira, a criminalidade só encontraria espaço para proliferar se o Estado não desempenhar o seu papel de garantidor das mais básicas necessidades da coletividade: comunidades desamparadas pelo Poder Público são campo fértil para as sementes do crime organizado.

Repressão e prevenção não são mutuamente excludentes; em verdade, são duas formas igualmente importantes de combate ao crime, cuja eficácia se potencializa se aplicados conjuntamente. Por um lado, a solução ideal não consiste em penas mais rigorosas, mas na racionalidade de sua aplicação e cumprimento; por outro, a mera punição não impede a reincidência de tais condutas criminosas, o que compele o Estado a combater também as causas do crime e não apenas a mera transgressão em si. Importa, dessarte, que, haja vista as eleições vindouras, o Estado se furte à tentação de adotar soluções simplistas, que mascaram o problema e o ampliam futuramente: o combate ao crime se opera a curto e longo prazo e, por isso, é preciso iniciá-lo o quanto antes.

Anexo C – Caio - Redação 4

REDAÇÃO 4 – After reading the article “*The mob takes on the state*” (The Economist, May 20th, 2006, pp.39-40), answer (in 300-350 words) the following question: “How should Brazil combat crime and drug trafficking?”

After the wave of violence that struggled São Paulo in recent times, the question on how should the government battle against organised crime has been brought to the spotlights. There are many different interpretations to this problem, and different are also the attempts at solving it. It is therefore not rare that proposals find themselves in opponent fields and apparently mutually excludent; however, it may be not worthy to trust appearance.

A short-term initiative that would intimidate criminals and calm down population consists in repressive measures. Repression does not necessarily mean more restrictive or harsher law, but a legal reform that allows discrimination in the treatment of jail inmates, as well as changes in prison administration. Crime would therefore certainly decline, but its foundations would remain if public investment is not made in degraded areas.

To face the problem of violence, one should at first understand its causes. The absence of State, represented by low level public education and health care, bureaucratic justice administration and unefficient public services as a whole, leads to the lack of support to the most unfavoured part of society. In such cases, criminality takes place not only as an organized enterprise, but also as police force, judge and job opportunity. The long-term solution pointed is thus investment in education and job creation, but society expects a change presently and demands a more imediate shift.

Bringing the underworld up to surface through social inclusion should hence not be discarded. Repression is definitely effective, although it is nothing but a paliative. Long and short-term social investments are not only simultaneously compatible, but necessary. Sociey cannot wait for the results of massive education and professional qualification, even though these measures should not be dismissed. The best result is thus reached when both non-repressive and repressive alternatives are in charge: it is a relief for the impatient society and a guarantee for the next generations.

Anexo C – Dante - Redação 1

REDAÇÃO 1 – After reading the article “*The return of populism*” (The Economist, April 15th, 2006), answer (in 300-350 words) the following question: “Why has there been a leftist trend in Latin America?”

Latin America, just like other parts of the globe, has suffered the influence of both leftist and right-wing trends. Fights and disputes between them have been decisive for the choices of numerous governors, concerning all kinds of issues. These policy makers have always considered not only the internal environment, but also what happens abroad, specially nowadays, when markets have had growing relations between them worldwide.

The latin americans, since the begin of colonization in the 1500’s, have always been considered the poorest of the continent. Problems such as hunger, lack of health and education, have in fact partly been solved, but there is still a lot to be done. Left-wing parties make part of this history, but they have seldom ruled entire countries as now. Their rise can be partly justified because of this, that menas, to be a leftist in Latin America is still a new experience. Left-wing parties have always been defeated either by elections or by military acts – when not forbidden to take part on elections.

There is a characteristic that puts all leftist trends in the world tied up together: the fact that they’re against rich countries, considered the responsables for the poverty of the other countries. Rich countries are usually allies of those leaders inside poor countries, that respect their interests, and these leaders are usually members of the right-wing parties and are also wealthy people. The poor see in the left-wing parties a way out of poverty, and in the right-wing parties only a way towards more poverty.

After the fall of almost all comunist regimes all over the world in the late 1980’s, the world saw himself in a unique situation. It was the beginning of neo-liberalism, a original way of thinking against almost all types of state activities, leaving the decisions to the markets and their owners: the rich people. The results of efficiency have not been achieved, and poverty has increased. Considering that the left-wing parties rulling latin americans is a new idea and that righ-wing parties are associated with neo-liberalism, this leftist trend can be understood.

Anexo C – Dante - Redação 2

REDAÇÃO 2 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: "Por que a América Latina tem escolhido líderes da esquerda como chefes de Estado?"

A história política da América Latina tem sido marcada pela instabilidade. Os chefes de Estado têm sido, de maneira alternada, escolhidos democraticamente ou despoticamente, pelo voto popular ou por golpes de Estado. As influências ideológicas de esquerda e de direita lutam pelo poder, em um ambiente sócio-econômico ainda subdesenvolvido e, conseqüentemente, intrinsecamente instável. É nesse contexto que, atualmente, há uma tendência de esquerda entre os latino-americanos democraticamente constituída, fato pouco comum em sua história política.

A ideologia de esquerda sempre esteve presente no debate político da América Latina, ao defender os interesses da população mais humilde e, ao mesmo tempo, ao desafiar os interesses das classes sociais mais ricas. É exatamente esse desafio que a diferencia da ideologia de direita e, por isso, caracterizou os esquerdistas como contestadores da ordem estabelecida. Agentes sociais importantes, como a Igreja Católica e as forças policiais e militares, tinham medo de uma desordem geral, causada pela ascensão de um chefe de Estado de esquerda. Isso explica por que não houve, no passado, uma tendência esquerdista tão forte como a atual. Essa nova experiência é um ato cívico original no continente que, poranto, rompe barreiras caracterizadas pelo medo da mudança.

O final da década de 80 foi marcado pela queda da maioria dos regimes socialistas no mundo, o que criou uma desilusão mundial com a ideologia esquerdista. A doutrina de direita neoliberal surge como opção ao mundo, ao apregoar a saída do Estado da economia. O mundo e, em especial, a América Latina adotaram essa doutrina; os governos, contudo, não esperavam que os resultados de tal decisão fossem tão ruins. As doutrinas de esquerda tomam novo fôlego e contagiam tanto países desenvolvidos como subdesenvolvidos – como os latino-americanos.

À falência do neoliberalismo de direita e à novidade representada pela esquerda no poder, junta-se um ingrediente importante: a participação popular. O povo é aquele que potencializa, por seu voto livre, tendências adormecidas. A América Latina atual é mais politizada, isto é, seu povo possui, cada vez mais, educação político-eleitoral, fundamental para o bom funcionamento do processo decisório democrático. Esse grupo de fatores legitima os atuais líderes de esquerda da América Latina.

Anexo C – Dante - Redação 3

REDAÇÃO 3 – Nas linhas abaixo, responda à pergunta: "De que forma o Brasil deve combater a ação de criminosos e narcotraficantes?"

O combate ao crime é um dos assuntos mais discutidos pela sociedade brasileira. Em uma hierarquia de prioridades, os brasileiros colocam a solução da criminalidade ao lado de assuntos como a melhoria da educação e da saúde, o acesso à moradia e ao emprego, e o fim da degradação ambiental. A importância de tal combate tem crescido ultimamente, com os levantes de presos, cada vez mais numerosos e mais violentos, e também com o aumento do número de delitos, praticados pelos mais diversos motivos.

Para combater a ação de criminosos e narcotraficantes no Brasil, tanto dentro como fora das prisões, é fundamental melhorar o sistema prisional. Os governos estaduais, municipais e federais, além do poder judiciário, devem trabalhar na busca de melhorias institucionais para tal sistema, que possibilitem maior direcionamento de recursos humanos e financeiros, capazes de: tornar o ambiente carcerário mais confortável e amplo; instituir práticas religiosas como apoio psicológico aos prisioneiros; instaurar um sistema conjunto de trabalho e educação; melhorar os atendimentos médico e odontológico. Tais ações proporcionariam condições mais adequadas para a reinserção futura dos presos na sociedade.

O combate ao crime depende também das polícias brasileiras, que devem ser, além de modernizadas, melhor dotadas de recursos. As polícias federal, estaduais militares e civil devem, dessa maneira, integrar-se em um sistema informacional e de dados conjunto, para que desperdícios de tempo e dinheiro sejam evitados. Outro aspecto negativo das polícias brasileiras é seu reduzido poder e amplitude de ação, causado pelo baixo efetivo, pela falta de equipamentos e pela motivação insuficiente dos policiais. Tal motivação é fundamental, para que o trabalho policial seja otimizado, e depende principalmente de bons salários, cuja falta é a responsável pela corrupção. Isso vale também, diga-se de passagem, para os agentes penitenciários.

Às melhorias penitenciária e prisional, deve ser somada a melhoria das condições sociais do País. Uma sociedade que tem suas necessidades básicas atendidas é menos violenta. O combate ao crime, assim, deve se pautar na repreensão policial, na reeducação penitenciária e no ataque à maior das violências: a violência da exclusão e da pobreza.

Anexo C – Dante - Redação 4

REDAÇÃO 4 – After reading the article “*The mob takes on the state*” (The Economist, May 20th, 2006, pp.39-40), answer (in 300-350 words) the following question: “How should Brazil combat crime and drug trafficking?”

Criminality is an issue that began its existence with the beginning of humanity. This means that breaking social rules is indeed a natural characteristic of men; it doesn't mean, however, that committing crimes is right, specially if Brazil is considered, a country with very high criminality rates. Crimes should, therefore, be fought either by public or by private and individual forces, because breaking the law means automatically damaging the existence in society.

One of the ways to combat all kinds of crime is repression, within wich the police has a key-role. Crime rates would certainly go down if criminals know they have big chances of being caught and going to prison. Having that said, brazilian police has to fight more efficiently in five main battle fields: brazilian borders must be better taken care of, so that drugs – mostly imported than produced inside the country – and guns won't come in; corruption must be fought among policemen, so that they're not allies, but enemies of criminals; police infrastructure must be improved, including more and better men and jails, resulting in better investigation; integration of federal, civil and state polices, in order to share data and the civilians must both denounce crimes and receive prisoners who have just left jail, so that they can live in society again.

Criminality ought also to be combatted by prevention. Brazilian government and brazilian people could prevent crime in various ways: all medias – television, radio, internet, etc., schools, churches, the family institution and public campaigns could work together on building a national conscience that committing crimes is not the best way out of problems of all sorts.

Despite the importance of the work of brazilian police or the community role on fighting crime, there is one main issue that must be considered: economic development. This issue is both repression and prevention of criminality, because whoever sells drugs or kills someone won't be hired by any modern enterprise, and citizens with good social conditions won't have a reason to comit crimes. Therefore, developing the wealth of a nation is the best way to combat crime.

Anexo D – Excertos das transcrições dos protocolos verbais

Legenda

A = André
 B = Bernardo
 C = Caio
 D = Dante
 E = Entrevistadora

Processos de redação

Processo de tradução – acesso ao léxico semântico

Processo de tradução – acesso ao léxico sintático

Comparação entre a primeira e a segunda redações

Influência de outra língua estrangeira

Comentário sobre protocolos verbais

Outros

André – Redação 1

1	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>A – É... eu fiz assim: eu li a pergunta, então eu já fui respondendo assim: “ the leftist trend in Latin America is due to...”... pra listar os pontos que eu abordaria. E então eu fui escrevendo, e tentando separar, porque às vezes eles já vêm interligados. Assim, um já puxa o outro, e se tiver alguma conexão, eu já anoto também. Como foi o caso do segundo e do terceiro. Por exemplo, no segundo... Bem, vamos assim, primeiro que eu vou falar sobre a descrença em modelos de desenvolvimento anteriores, abrem espaços pra novas..., pra outras alternativas. E o segundo ponto é o contexto da globalização, que reforça o nacionalismo dos países, o que é típico de... típico da esquerda latino americana. Então é uma causa. E o terceiro está ligado exatamente com o que poderíamos definir como esquerda e como direita, se essa oposição é ainda válida hoje, e o que significa exatamente ser de esquerda. Então, a ligação, pois é, então, a ligação justamente o nacionalismo também não se restringe a ser de esquerda ou de direita, apesar de na América Latina ser associado, não é uma coisa exclusiva. Então, ou seja, já é uma coisa que ligou as duas idéias. Então vamos ver se vai dar pra usar como um <i>link</i> entre um parágrafo e outro. Eu não sei ainda. Mas, assim, o que eu escrevi aqui eu ainda não estou nem muito satisfeito, é só pra eu não perder a idéia que eu já tive, porque eu não consegui nem formular direito, assim, a idéia, sabe? Tipo um período.</p>
2	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Eu estava em dúvida em relação à palavra. É que me veio uma palavra, veio a expressão “bleak future”, só que não encaixava no jeito que eu estava estruturando a frase. Então eu tive que arrumar um outro tipo de solução. Eu tentei encaixar, mas não consegui. Coloquei “little hope for a promising future”. (...) Porque é “a century later much of the continent’s population”... aí “displays”... aí eu... porque teria que dizer que a população... como é que eu explico? É difícil, porque eu estou visualizando, a gente usa o “bleak future”, assim, como se o futuro é assim... então eu tinha que dar um jeito, ao mesmo tempo que eu queria falar da percepção da população, e falar alguma coisa assim mais descritiva e estática, eu não estava conseguindo é... como é que fala?... usar as duas coisas.</p>
3	<p>Processos de redação – preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>A – Foi o seguinte: eu comecei com “a century ago”, “optimistic”, mas quando eu cheguei no final do período, eu quis usar de novo a expressão “a century later”, aí já não fazia sentido. Então eu optei por usar “a century later” que eu acho que é mais enfático, estilístico, no segundo período. Aí, no primeiro eu mudei por “at the turn of the 20th century”. Disse a mesma coisa.</p>
4	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Eu substituí aqui porque estava complicando demais. Eu coloquei “it is in this context that an analysis of Latin America’s leftist trend...”. Eu teria que completar com outra idéia. E eu teria que bolar essa outra idéia. Aí eu simplesmente substituí por “lies”, “it is in this context that lies Latin America’s current leftist trend”. Então, eu já deixei claro, mais sucinto, o tema da redação.</p>
5	<p>Processos de redação – organização</p> <p>A – Eu estava pensando se eu começava com a segunda, talvez, porque eu falei de contexto na primeira, e, como eu usei contexto da globalização na segunda, talvez eu poderia expandir essa idéia de contexto, já que... Eu estou pensando... porque a ligação que eu fiz do planejamento de globalização e nacionalismo está mais clara pra mim do que eu fazer a ligação entre globalização e a primeira idéia. Então, eu vou ter que analisar pra ver se eu estabeleço alguma relação, senão vou ter que manter isso aqui do jeito que está.</p> <p>A – Eu estava na dúvida, porque eu pensei que o primeiro argumento teria que anteceder a idéia de nacionalismo, mas eu concluí que não, que não é necessário. Eu posso falar de nacionalismo, e depois falar, por exemplo, do liberalismo da década de 90. Não precisa necessariamente... Eu tinha a impressão que estava na ordem por alguma razão, mas não. Então, eu vou começar com a segunda.</p> <p>A – Pois é, por isso que eu falei que não sabia se ia usar. Porque me parece que do jeito que eu estruturei, a terceira tem que vir ao final. Porque ela relativiza os dois pontos.</p> <p>A – Agora, eu contextualizei... eu consegui fazer a ligação entre o primeiro parágrafo e a idéia, mas eu preparei o terreno pra</p>

	<p>poder falar da idéia. Agora, eu justamente estou pensando como é que eu vou colocar a idéia... Na verdade é mais de assunto mesmo. Eu coloquei... a ligação que eu acho aqui é aquela mesma lá que eu tinha falado, mas ela está implícita, ela não está explícita. Quase como se eu tivesse... aliás, está bastante implícita, porque é como se eu tivesse mudado de assunto, e começo a falar em globalização... “é um fenômeno complexo. Não é à toa que evoca o seu oposto, o nacionalismo. Na América Latina, não tem outro movimento, mas se destaca, mais claramente associada, a esquerda política...” Então, é isso, eu fiz a ligação dessa forma. Agora eu tenho que fazer a..., associar isso à pergunta, ao tema da redação.</p>
6	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Bom, agora, o que aconteceu foi que do jeito que eu estava estruturando, de uma forma paralela, “em tempos modernos, a ascensão do nacionalismo logicamente proporcionaria uma...”, eu não podia usar “ascensão” de novo, então a questão era achar um sinônimo, alguma sugestão para manter o paralelismo de idéias, sem repetir, e achar uma coisa que o “collocation” estaria certo. A palavra foi “boost”. É foi “boost”. Aí, depois... porque a idéia é o seguinte... que a idéia pra mim é que uma coisa provoca outra. Então, eu tive essa idéia também de provocar, então eu coloquei “provide”. É, a idéia está aí.</p>
7	<p>Processos de redação – desenvolvimento e organização e idéias</p> <p>A – Acredito que sim. Fechei aqui. O argumento agora é o primeiro. Vou, vou trocar o primeiro argumento pelo segundo e vou manter o terceiro na posição final. Sim.</p> <p>A – Agora eu estou só verificando se tudo o que eu coloquei aqui está de acordo com o que eu escrevi. Eu sinto que tem alguma coisa que está faltando ainda. Então eu estou só checando.</p> <p>A – É, exatamente. Aliás, inclusive, do jeito que eu estou elaborando aqui, me veio até mais idéias, que eu estou pensando se eu uso ou não na redação. Provavelmente, daria um outro parágrafo. É... esta idéia seria... mas, na verdade, eu nem... porque, talvez, dependendo da extensão, poderia ser um outro parágrafo. Mas, ela está ligada a essa idéia, porque, na verdade, seria uma exemplificação do meu argumento, porque o que eu estou dizendo aqui é que quando se tem um modelo econômico que não atinge os objetivos esperados, as pessoas tendem a descartar ele por completo, e não tendem a reformular ele. Existem muitas situações, mas às vezes confundem certos tipos de situação com a forma, e aí vai tudo embora de uma vez só. Então, aí o exemplo seria o modelo da fase desenvolvimentista, que o Brasil estava passando por uma época, uma situação nos anos 80 que fez com que atribuíssem ao modelo todas as responsabilidades daquelas mazelas e, portanto, ele foi descartado. O modelo com um todo foi descartado. Então, eu pensei nisso, aí eu estava pensando se eu colocava isto ou não.</p>
8	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>A – É porque eu trabalho com tamanho. Então, a minha dúvida é de quanto grande vai ficar o texto. Se eu substituiria este argumento pelo terceiro. Se eu deixo pra lá. Se eu descartaria o terceiro. (...) Eu não estava pensando em fazer trezentas e cinquenta [palavras]. Quando você tinha falado que iam ser trinta linhas, eu pensei em trezentas.</p> <p>A – É, isso mesmo. Estou tentando imaginar que tamanho vai ter este parágrafo... pra ver se vai valer a pena incluir... Ou pra saber até se eu precisaria fazer um outro parágrafo pra incluir esta idéia. Se eu poderia incluir neste parágrafo, de forma, assim, mais reduzida.</p>
9	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Eu cortei uma coisa que me parecia... naturalmente... que seria natural, uma idéia... eu achei que era falacioso. É, sim. Seria falacioso, porque não necessariamente é natural, né? É difícil dizer o que é natural e o que não é natural. Aí eu preferi deixar de lado esta expressão é natural, ou seria natural. Eu deixei de lado e simplesmente coloquei do jeito que é. O fato, sem fazer juízo de valor, se é natural ou não é.</p>
10	<p>Processos de redação – desenvolvimento e organização de idéias</p> <p>A – O problema aqui... eu estou demorando pra fazer porque eu estou quase que já fechando o texto, porque eu estou, na verdade, entre se eu transformo este terceiro exemplo, que seria uma relativização dos dois pontos em mais um argumento. Entendeu? Que me veio uma forma de fazer isso. Porque a primeira coisa que eu tinha pensado em fazer era relativizar. O que me veio foi a forma de questionar o que é direita e esquerda. Foi a primeira coisa que veio. Que seria mais ou menos me afastar um pouco do que eu tinha falado, e fazer uma reflexão sobre aquilo. Só que agora me veio uma idéia de como utilizar a idéia a favor da tese, vamos dizer. Que seria... que o sucesso da esquerda não veio só de causalidades externas, mas sim da própria esquerda, e de sua transformação. Entendeu? Que isso é exatamente o que é esquerda e o que é direita, porque esquerda deixa de ser esquerda, ou se adapta às circunstâncias. É isso. Então, eu estou agora, eu estava pensando como é que eu vou resolver isto daí no último parágrafo.</p> <p>A – Ah, acho que sim. Deixa eu ver. Sim, de certa forma, sim, [a tese realmente ficou diluída] porque... a pergunta é por que que existe. Então, eu acho que em nenhum momento eu coloquei um “sentence”, assim, que engloba todos os argumentos. Pelo menos não até agora. Pode ser que no final apareça, mas até agora não.</p>
11	<p>Processos de redação – elaboração da conclusão</p> <p>A – Pra fazer a conclusão, eu vou fazer a mesma coisa que eu fiz com a introdução. Vou ficar um tempo pensando, vou ler aqui, vou ver como é que é o “flow” do texto, pra ver como é que eu posso concluir. É isso.</p> <p>A – É, se eu não releio o texto todo, assim, eu vou pelo menos, é..., como é que fala?, assim, capturando os argumentos. Mas, geralmente, principalmente os parágrafos anteriores eu releio, pra ver como é que encaixa com os parágrafos que o precedem. Mas como texto é curto, eu vou ler o texto todo.</p>
12	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Eu estava só “rephrasing”. Eu nem mudei a idéia, não, eu só mudei... estava ficando muito wordy, quer dizer, eu simplesmente... deixa eu ver se eu consigo lembrar, uma coisa assim que... Tá, era assim ó, “struggling”, tentando buscar, mesmo, se defender de um... “a América Latina tentando se defender de processos sobre os quais não tem grande influência, que é marginalizada.” Aí, eu simplesmente peguei, e em vez de colocar “struggling against”, eu coloquei só “marginalized”, e não coloquei que estava lutando contra. Eu só disse que estava marginalizada pelo sistema tradicional.</p>

13	<p>Processos de redação – preocupação com limitações de tempo / preocupação com “palavras perfeitas”</p> <p>A – Eu sinto que terminei. Agora eu vou ler, e aí eu vou fazer, melhorar, ou não. Porque se eu tivesse fazendo concurso, não teria tempo, né? Então, eu só ia ler, ver se tem alguma coisa, e aí eu passaria a limpo. É, provavelmente eu vou ler. Se eu tiver tempo, aí é que tá, se eu tiver tempo, eu fico fazendo isto daqui sei lá por quanto tempo. Eu gosto de achar as palavras perfeitas que se encaixam, sei lá.</p> <p>E – Ah, então, geralmente, quando você tem tempo, a revisão que você faz é de vocabulário?</p> <p>A – É, isso mesmo.</p> <p>E – Geralmente com o desenvolvimento das idéias, e as estruturas gramaticais...</p> <p>A – Não, justamente. Agora eu estou satisfeito justamente com esta parte das idéias. Pra mim, eu cheguei ao fim, quer dizer que, se o texto ficar nisso, no plano das idéias, está tudo bem. Agora, a questão é da forma, que palavra eu vou usar pra poder melhorar, ou talvez apurar o que eu estou querendo dizer.</p>
14	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Estava assim, ó: “through the 20th century, optimism pervaded many Latin American countries, in relation to their social development problems”. Aí, eu lendo aqui, achei melhor colocar “through the 20th century, many Latin American countries were optimistic in relation to their social economic developments”, só isto. Mudei a ordem, e acabei tirando uma palavra, “pervaded”. Eu estava em dúvida sobre a palavra “pervaded”, se era a melhor palavra pra colocar aqui. Então, eu estava lendo a outra ordem, eu pensei que a outra ordem seria mais direta. Menos confusa. Aí eu matei duas coisas de uma vez só. Aqui, no fim do primeiro parágrafo eu simplesmente coloquei “current”. Porque eu falei da tendência de esquerda de forma geral, mas eu não falei que era atual. Então, eu simplesmente coloquei a palavra “atual”.</p>
15	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Eu acho que a mudança é que tinham duas idéias que não estavam batendo. Do jeito que eu formulei a frase, eu queria dar a idéia de que há uma tentativa... que o movimento de esquerda é uma tentativa de desenvolvimento. Mas, ao mesmo tempo, eu também queria enfatizar a idéia de que é como se fosse um “quest” que há muito tempo caracteriza o continente. Então “attempt” e “quest” não combinavam. Eu tive que optar por um. Aí eu preferi enfatizar a idéia da tentativa, que eu acho que era a principal coisa que eu queria dizer. E aí depois acabou que teve uma outra parte aqui no final da frase que também fala, tipo assim, eu não coloquei “quest”, mas eu disse que ele está buscando por muito tempo. Então, é a mesma idéia que de outra forma já estava aqui. Então, eu pude tirar o outro.</p>
16	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Eu estava passando a limpo aqui o primeiro período daí eu troquei “in relation to” pra “about”, coloquei “optimistic about”. Foi só isso.</p>
17	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Antes de passar o terceiro parágrafo, o segundo parágrafo a limpo, eu estou percebendo que a ligação não está muito, assim, não é que não tem ligação, mas é porque parece que eu mudei de assunto de repente. Só que eu não tinha percebido isto antes... que não estava muito explícita a ligação. Então, parece que eu sinto que está faltando alguma coisa, até uma ligação temporal. Então eu pensei: eu estou falando de globalização, será que eu preciso dizer que a globalização é atual? Será que já não vai ser alguma definição? Por isso que eu estou pensando se eu coloco alguma coisa como “current” também, alguma idéia assim.</p> <p>E – Você acha que isso vai... um artifício temporal vai minimizar o efeito de mudar de assunto?</p> <p>A – Eu acho que sim, eu acho que sim, porque vai ficar mais claro o que eu estou falando, assim, o que eu estou falando, aquilo que eu falei da outra vez. É um contexto, um contexto atual, aí eu estou falando também do contexto atual falando, ao falar de globalização. Então, mas aí é que está. Eu estou me questionando se está implícito que a globalização seja atual, ou não. E, se não, como é que eu encaixaria a idéia de “current” aqui. Então. É. Eu inseri realmente um termo “of our day”, só pra dizer que é atual.</p>
18	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – É, exatamente. Porque aí tem uma marca de que eu não mudei totalmente de assunto. É, eu pus uma alteração aqui, no último período do segundo parágrafo, só deslocando o conector. Aliás, eu mudei o conector também, ao deslocá-lo. Assim, “thus” por “therefore”. Estava “thus in modern times”, aí eu coloquei: “in modern times, therefore”... “therefore”... só desloquei... Estava lendo e achei que seria melhor aqui. Eu acho que foi uma questão de estilo. Eu acho que o que eu queria, o conector lógico eu queria deixar depois que eu introduzisse o assunto principal. Eu acho que só... eu acho que é pra causar mais impacto, mesmo. É pra idéia de conclusão vir só depois de apresentar o que é que eu estou concluindo. Sobre o que eu estou concluindo.</p>
19	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Aqui, quando eu estava passando a limpo, eu percebi que talvez estava muito forte uma coisa que eu escrevi. Falei que as políticas neoliberais se mostraram ineficazes, aí eu achei muito forte. Aí, eu... Então... “ineffective”. Estava, estava muito forte. Parece que é totalidade. É. Então, eu simplesmente coloquei menos efeito que o esperado. Eu usei o mesmo termo “less effective than expected” aí, ao invés de colocar “ineffective”, que é a idéia de totalidade.</p>
20	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Aqui, eu simplesmente, eu acho que eu fiz uma estrutura mais complicada, tirei uma palavra e coloquei uma preposição que ligava, ligava as duas idéias. Está até aqui o erro. “As such, it has broadened its appeal, reaching classes and categories” aí eu simplesmente cortei o “reaching”. “As such, it has broadened its appeal to classes and categories”. (...)</p> <p>A – Pois é. No final, eu percebi que estava faltando uma ligação com a tese. Então, eu coloquei... teve uma oração subordinada que eu achei que não faria muita falta, era um comentário que não acrescentava muito. Não ia fazer falta. Daí, eu tirei ele. Aí, ao tirar, eu tive que adaptar o último período. Aí, outra coisa também que demorou, porque eu estava pensando se eu, ao usar a pontuação que eu usei aqui ... ao optar por essa pontuação, acabei fazendo tudo num período só, bem enfático, e depois eu tive que adaptar e eu não queria usar uma oração subordinada. Então, foi isso. Eu fiz uma</p>

	<p>adaptação pra emendar. Eu eliminei o pronome relativo aqui e troquei de estrutura. Foi só isso. Estava assim: “attempt in reaching its goal of development, which it has been seeking for so long”, aí ficou “attempt to reach that development it has been seeking for so long”. É, “which”, tirou “which”. Exatamente.</p>
--	---

André – Redação 2

21	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>A – Eu acho que ficou mais claro pra mim. O fato de eu escrever sobre um mesmo tema pela segunda vez, eu já estava mais familiarizado, e eu sabia pra onde eu estava indo e eu sabia relacionar as idéias melhor. E, da primeira vez que eu fiz, eu tive que estabelecer estas ligações, e fiscalizar que elas estavam certinhas.</p> <p>E – Você acha que o fato de ser a sua língua, bom, também não posso dizer a primeira língua, mas o fato de ser português fez diferença, ou só o fato de você estar escrevendo a mesma coisa de novo?</p> <p>A – Ah, eu acho que tem uma situação também assim, ó: como provavelmente tudo que eu tenho lido recentemente sobre o tema foi em português, eu acho que acaba... certas estruturas cristalizadas, sabe?, elas acabam aparecendo mais no cérebro do que em inglês. Então, como eu não li muito sobre o assunto e inglês, eu tive que elaborar. Foi mais difícil elaborar, porque não veio tão rápido a fórmula, assim, de expressar certas idéias. Já em português, acho que ficou mais fácil, porque eu tive mais contato. Eu acho que foi isso.</p>
22	<p>Processos de redação – preocupação com limitações de tempo</p> <p>A – Porque eu encaro que uma redação é fruto de um esforço dentro de um período de tempo, eu me daria por satisfeito. Eu leio e vejo que é isso mais ou menos que eu quis passar dentro do tempo que eu me dei pra escrever.</p>
23	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – E você consideraria que as duas têm qualidade igual? São equivalentes em relação à qualidade?</p> <p>A – Eu tendo a achar que no português é mais comum o nível de linguagem e que no inglês é mais elevado, assim, a estrutura e o vocabulário. É isso, assim.</p>
24	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>A – Não o desenvolvimento das idéias... eu acho que a redação em português pode ter saído, é af que está... eu lendo os dois, agora que eu li o inglês de novo, mas teria que ler mesmo assim um do lado do outro pra ir vendo o que que, por exemplo, eu deixei de colocar no português que estava no inglês. Eu começo com a mesma idéia de otimismo um século atrás, é a mesma coisa. Aqui já inseri, no português, já inseri a idéia de padrão europeu. Pela estrutura foi fácil inserir. Isso foi uma coisa que eu tive problema de fazer em inglês. Eu lembro que essa foi uma idéia que passou pela minha cabeça, mas a estrutura que eu estava bolando pra expressar a idéia complicava, fazia o “sentence” ficar truncado. Então eu falei: ah, é periférico, não vai fazer falta, eu não consegui encaixar, deixa pra lá.</p>
25	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>A – Exatamente. E no português já consegui encaixar. Então eu creio que foi isso aí. É, mas fora isso aí, a idéia de que a população fica desanimada está a mesma coisa aqui. Aqui, por exemplo, no português, eu acho que consegui mais claramente fazer uma ligação com a conclusão, porque como eu falei já estava mais claro, porque eu já tinha escrito, aqui eu deixei mais vago. A última oração aqui no primeiro parágrafo em inglês, está mais vaga. (...) É, exatamente. Eu só falei: está relacionado com isto. Acabou. E no português eu falei que é uma busca, é mais uma busca do desenvolvimento, é mais um passo nesta busca do desenvolvimento, a opção da América Latina pela esquerda. É isto. Então, ou seja, foi um pouco mais específico. E, assim, o primeiro parágrafo é isto. Aí, deixa eu ver o segundo aqui. Pois é, já este aqui no inglês, como eu tinha dito, eu comecei com a idéia de globalização deste contexto. Foi aquela conexão contextual, e aí eu entrei no assunto nacionalismo e como a América Latina é ligada a esta idéia de nacionalismo tradicionalmente, historicamente, e não seria estranho, não seria de se estranhar de que um, dentro de um contexto de globalização, o nacionalismo foi uma reação a este fenômeno é... Eu estou lendo em inglês e passando pro português, é... como é que eu falo?, é... Então, dentro desse fenômeno de globalização, o nacionalismo ganha força e, portanto, a esquerda, que também é identificada com ela, ganha força. É de se esperar isso daí. Já aqui, no português, a mesma idéia fala que, só que, espera aí, eu estou aqui no segundo parágrafo. Calma. No português...</p> <p>E – Este segundo parágrafo ficou sendo o segundo do desenvolvimento.</p> <p>A – Exatamente, ficou o segundo no inglês. Então eu já começo aqui falando sobre esta tendência como uma reação ao neoliberalismo na década de 90, que eu deixei pro terceiro parágrafo na redação de inglês. Na de português entra como segundo. Talvez seja melhor eu pular e comparar... É, pra comparar o parágrafo sobre nacionalismo com o parágrafo sobre nacionalismo em português. Então, é... Aí eu já coloquei, pois é, ao contrário da esquerda européia. Então, eu já consegui fazer uma oposição que eu não consegui fazer aqui. A mesma coisa, eu não sei se na época, talvez até a dualidade deve ter passado pela minha cabeça, mas eu acabei nem fazendo muita questão de incorporar. Eu desisti. Provavelmente, deve ter sido porque não encaixava. Mas eu acho que eu não gastei muito tempo tentando encaixar. Ao contrario da outra. Eu acho que eu devo ter tentado encaixar, não consegui, tentei, e aí eu acabei escolhendo abandonar, mas, nesse caso, eu acho que eu nem tentei muito. Eu devo ter tentado uma vez, não deu, ficou pra fora e não teve problema. Já aqui, foi um jeito assim, desloquei pro começo da oração, e ficou tudo bem. “Ao contrário da esquerda européia, a latino-americana classifica-se mais pelo seu traço nacionalista, do que trabalhista.” E aqui, por exemplo, em inglês, eu simplesmente falei que o nacionalismo, mais que qualquer outra. Então, ou seja, eu não especifiquei. Entendeu? “Mais que qualquer outra é uma característica atribuída à esquerda.” Tirei a esquerda européia e generalizei. Não falei que era trabalhista. Falei qualquer outra característica, de qualquer tipo. (...) Aqui eu coloquei uma outra idéia que eu acho que estava aqui na redação em inglês em um outro lugar. Não, não está. Eu lembro que, se você olhar na, eu acho que no rascunho, vai estar lá. Que é a idéia de que a América Latina é periférica, ela é marginalizada no sistema internacional. Eu tinha colocado isso aí na conclusão, mas achei que estava desviando um pouco, e optei por abandonar. Deixa eu ver aqui se está aqui no rascunho. É, está aqui. No rascunho está “marginalized in the economic transformations that define its place in the international system”. Aí, acabou que, quando eu fui passar a limpo, eu achei que não tinha muito a ver, estava desviando muito, aí eu deixei pra lá. Aí, eu usei, o que seria na conclusão do inglês, eu coloquei já neste parágrafo, sobre nacionalismo... (...) Que é a idéia de desenvolvimento. Aí eu coloquei como uma coisa</p>

	subordinada, ou seja, que não tem tanta importância, não é o principal, mas está ali, inserida. Então eu falei logo que, logo o discurso da esquerda tradicionalmente nacionalista na América Latina, tem encontrado respaldo entre os povos de nações periféricas, que se encontram sujeitos a um modelo econômico arquitetado nos países centrais do sistema internacional. Então, eu consegui ligar as duas idéias. Porque isto justifica o por quê de ter respaldo, aí eu consegui ligar as duas idéias. Eu acho que era isto que eu queria passar na de inglês, mas eu não consegui. Talvez porque surgiu, assim, na hora do texto que seria a conclusão, só me surgiu na hora da conclusão.
26	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – É, e eu achei que talvez não funcionasse tão bem com a conclusão. Talvez se eu tivesse pensado em colocar em outro lugar, talvez daria certo. E deixa eu ver. Aí o próximo parágrafo então que é sobre esta tendência esquerdista como reação, nos anos 90, no século 20. Que é o segundo argumento do parágrafo em inglês que virou o primeiro. Segundo parágrafo...primeiro argumento do segundo parágrafo do texto em português. Aí, aqui, deixa eu ver aqui. Em inglês, ficou assim... Bem, deixa eu ver aqui. Os dois ficaram curtos, então eu acho que deve estar mais ou menos equivalente. Uma coisa que eu noto assim de diferente, é que em inglês eu coloquei “as in many other parts of the world”, coisa que eu não coloquei no português. Então, esta comparação. Aí eu coloquei “neoliberal policies have begun to show themselves less effective than expected”. Então, eu abrandei. Eu até lembro que este abrandamento veio no último momento que eu estava passando. Já aqui, acho que não abrandei tanto, não. Eu deixei mais, assim, mais vago. Talvez seja uma, não equivalente, mas de certa forma não compromete tanto. Quer dizer, não é a mesma coisa, mas talvez seja equivalente. O fato de deixar mais genérico do que abrandar. Eu coloquei aqui é que a atual tendência esquerdista na América Latina constitui reação contra o neoliberalismo do fim do século 20 e sua incapacidade de cumprir promessas.</p>
27	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Nesse momento, a de português ficou mais geral do que a de inglês. Houve um outro momento em que você viu que a de português tinha ficado mais explicada, mais detalhada. E agora foi o contrário.</p> <p>A – Foi. É, acho que sim. Exatamente, ficou mais específica, sim. Tanto que do jeito que eu fiz aqui em inglês, eu tive que acrescentar mais um, mais uma oração pra poder fechar o parágrafo. E em português, não foi necessário. Eu tinha explicado de tal forma, que bastou falar que “abriu-se espaço para o avanço da esquerda” pra poder concluir o parágrafo. E aqui não. Aqui eu falei que abriu-se espaço, mas eu tive que relacionar isto com a idéia de que a esquerda tornou-se uma opção. Então, ou seja, a forma que eu construí as orações, escolhi os termos pra passar a idéia, aqui parece que foi mais eficaz...</p> <p>A – É, em português, porque parece que passou alguma idéia a mais que não foi necessário passar em português, que em inglês foi necessário. O meu último argumento foi o mesmo aqui, só que deixa eu ver se eu produzi de forma diferente... não... só que aqui, olha só..., pois é, aqui eu introduzi de uma forma geral, pro específico. Eu acho que a única diferença que eu acho que eu estou vendo aqui é que a evolução da oposição clássica entre esquerda e direita contribui para a questão. Eu comecei no inglês assim. Então eu falei da questão, da dicotomia entre os dois. E já no português, eu falei da esquerda, eu não falei da evolução da dicotomia, eu falei a evolução da esquerda. Então é um pouco diferente. Aí eu falei, e, conseqüentemente, há redefinição. Então eu condicionei a redefinição à evolução da esquerda. E aqui eu fiz o contrário. Só isto. No inglês eu fiz o contrário. Deixa eu ver aqui... português... Aqui parece que no português eu..., inclusive foi passando a limpo, porque, se você conferir no rascunho, você vai ver que não tem. Mas ao passar a limpo, ganha-se mais umas idéias assim que é..., como é que fala?, eu acho que enriqueceram e, assim... qual é a palavra que eu quero?... é..., assim, contribuíram, né?, pra idéia. Pra passar a idéia e pra tentar enriquecer a idéia, e a oração que eu estava escrevendo. Então, eu fui escrevendo assim: “após décadas de tentativas de assumir o poder, com raro e curto êxito.” Aí eu pensei em exemplos, coisas que eu não tinha feito aqui no inglês. Isto é, eu não consegui colocar. A esquerda adaptou-se aos novos tempos. Esta idéia está aqui no inglês, não tem problema. É, reviu seus erros. Isto é uma coisa que, quando eu estava, quando eu escrevi o rascunho, eu não pensei nisso. E aí, quando eu estava passando a limpo, é que me veio à memória, e isto que eu tinha escrito no inglês, e sabia que tinha escrito. Eu lembrei: ah, no inglês eu coloquei que aprendeu com os erros, sei lá o que. Então, eu vou inserir isto aqui. Dá pra fazer. Aí, eu, passando a limpo, vi, reviu seus erros, adaptou-se aos novos tempos... Ou seja, as mesmas idéias que estavam no inglês apareceram...</p>
28	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – É, exatamente. Mesmo momento, mesmo parágrafo. Apareceu, assim, aí eu lembrei que já tinha feito isto, daí eu coloquei. E aí só adaptei e inseri sem alterar o resto e aí “reformulou-se para diminuir o alto grau de rejeição de diversos setores da sociedade”. Ou seja, isto daqui é um exemplo de frase feita, assim, cristalizada. Tipo de rejeição... “um alto grau de rejeição nos setores da sociedade”. Então esta é uma coisa que... sei lá, eu já escutei isto várias vezes. E, por exemplo, já no inglês é diferente. Como não tinha... eu não lembro de recentemente ter escutado nada a respeito desse assunto, então eu elaborei um coisa diferente disto aqui, que é “as such, it has broadened its appeal, to classes and categories that were once likely to reject it”. Então, “were likely to reject” é diferente.</p> <p>E – Você explicou ao invés de usar a fórmula?</p> <p>A – É, exatamente. Aí “broadened its appeal”. Eu não usei a idéia de rejeição, eu usei o contrário. Eu usei o afirmativo. E eu coloquei assim, “were likely”, que é um pouco diferente também. (...) Aí, a conclusão em inglês ficou bem simples. Eu só falei “todos estes elementos combinados com a desilusão da América Latina neste começo do século está por trás da tendência esquerdista”. “Mais uma tentativa do continente alcançar o seu desenvolvimento.” É isso aí. E aqui no português, coloquei... deixa eu ver... eu elaborei um pouco mais, não só estes elementos. “A esses fatores estruturais e conjunturais, externos e internos à esquerda.” Então, eu fiz meio que uma análise. Um resumo e uma análise do que eu tinha feito. Eu acabei classificando os argumentos. “O fenômeno insere-se, entretanto, na busca maior pelo desenvolvimento da nação e por isto constitui mais uma tentativa de alcançar o tão sonhado objetivo latino-americano.” Aí, o resto é parecido.</p>
29	<p>Processos de redação – escrever sobre o mesmo tema facilita / preocupação com a proporcionalidade dos parágrafos / preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>A – Eu achei que eu tinha adicionado mais informações [na redação em português]. Porque eu já tinha ruminado o assunto. Era a segunda vez que eu estava escrevendo. E certas formas que eu utilizei auxiliaram a inclusão de certa informação.</p>

André – Redação 3

	<p>Acabou saindo...Eu acho que eu acabei seguindo bastante coisa. Tanto que ficou maior. E aqui, bem... Aí esta foi a segunda. Aí a terceira... Nossa, eu fiquei com medo de ficar muito curto. Esta foi na verdade uma das coisas que eu fiz. Eu escrevi somente do começo da linha trinta e três até o comezinho da linha trinta e nove. Aí depois, a última parte aqui, depois do travessão, eu adicionei porque eu achei que ficou muito curto. Ia ficar muito desbalanceado o tamanho dos parágrafos. Então, esta última idéia...Bem, esta última idéia, a terceira idéia é sobre a valorização da polícia... que seria uma outra opção de combate ao crime... e depois, quando chegou na conclusão...Agora, quando eu passei a limpo e eu fui ver a conclusão, eu achei que estava quase que idêntica à introdução. E eu acho isto daí muito repetitivo, muito chato. Por isto que eu não gostei da conclusão, mas... E ainda mais que tem umas palavras até repetidas iguaizinhas. É isto. Foi isto. Enquanto eu estava também escrevendo a redação eu anotava coisas... Às vezes, assim, por exemplo, eu estava terminando o segundo parágrafo, a primeira idéia, e de repente me veio à mente como eu poderia terminar a redação. Eu não sei por quê, mas veio. Eu anotei aqui. É. Anotei aqui. Isto daqui, por exemplo, era a idéia que eu ia usar pra introdução. Um trechinho que está no quadrado embaixo do “brainstorming” aqui à direita, embaixo. Eu ia usar como...que acabou, na verdade, sendo a introdução da segunda idéia.</p>
--	---

30	<p>Processos de redação – desenvolvimento e organização</p> <p>A – Que é aquela coisa da pena de morte. E – Da certeza da pena. A – É, exatamente. Que no Brasil, o sistema educativo... É isto. Então, eu fui intercambiando as idéias. Deixa eu ver onde parou...É a mesma idéia. Exatamente, isto estava aqui, veio pra cá, e aí depois eu optei por jogar pra cá. A – Não, eu acho que até a terceira idéia, com o que eu me propus a fazer nesse tempo e nesse tamanho, eu acho que está beleza. Eu mudaria, realmente se eu pudesse, a conclusão. A conclusão eu mudaria. Eu pensaria um pouquinho mais sobre ela. Agora, aqui eu adicionei esse... depois do travessão, no penúltimo parágrafo. E eu acho que deu um certo tamanho... porque era mais por proporcionalidade de tamanho mesmo. (...) Mas eu dei uma idéia também que eu queria dar. Então, não foi gratuito. Eu acho que foram duas coisas ao mesmo tempo, que eu consegui fazer.</p>
----	--

André – Redação 4

31	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>A – Então, é...Eu ainda estou no papel em branco aqui, fazendo “brainstorming”, mas eu até já comecei escrevendo como se quase fosse a redação. Foi assim que me veio. Então, talvez eu mude, mas, de qualquer forma, eu já comecei assim. Então, este é o princípio do meu argumento. “Prevention is the best of remedies”. Não sei se... e aí já... que é mais ou menos a mesma idéia do outro, mas é engraçado que agora veio mais claramente a primeira idéia do que quando eu fiz em português. Então, eu acho que eu nem comecei a de português assim. Apesar da idéia estar lá. É...Então, eu estou achando que está ficando mais claro o jeito de eu expressar as minhas idéias. Eu acho que mais ou menos porque é a segunda vez que eu estou escrevendo sobre o tema. Então, já estou dizendo o quê... Aí eu explico por quê. Quer dizer, no caso específico deste tema, ele fornece os meios tanto pra diminuir os níveis de criminalidade, quanto pra equipar o Estado com os aparatos necessários pra combater o crime que existe. Então, é isto aí. Aí... deixa eu ver aqui. Aí, eu pulei e fui começar a tentar resgatar ou...tentar lembrar quais são as idéias pra organizar o texto. Mas aí eu percebi que eu não tinha nem colocado, na verdade. Não tinha explicado ainda a idéia. Entendeu? Por isto que eu falei que eu estava quase que escrevendo já a redação. Porque eu fui escrevendo, escrevendo, escrevendo, mas ainda não estava claro o que eu queria dizer. Então, eu tive que voltar e completar. Este “at the same time that it tends to reduce...” Aí, ou seja, eu estava explicando. A idéia pra mim estava clara na minha cabeça, por isso que eu nem escrevi. Mas eu voltei e já coloquei aqui. E então, eu acho que este aqui está um esboço já do primeiro parágrafo praticamente. Agora, eu estou indo...Vou cuidar das idéias.</p>
----	--

32	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>A – É, provavelmente eu vou tentar buscar os mesmos que eu usei no outro... (...) Eu acho que eu lembro. Aí, eu estava até pensando: será que eu vou trabalhar só duas, ou usar as três, ainda. Talvez as relações que existam entre elas serão um pouquinho mais elaboradas. Uma coisa mais explícita. E – E você acha que isto é porque você está escrevendo pela segunda vez, ou porque você está escrevendo em inglês? A – Eu acho que porque eu estou escrevendo pela segunda vez. Eu tenho a impressão de que vai ser mais difícil escrever sobre este tema em inglês do que em português. Pela simples questão de... o contato com o próprio vocabulário do tema. Então, não é uma coisa que... eu nunca discuti este assunto. Então, eu imagino... Não sei, é a impressão que eu tenho.</p>
----	---

33	<p>Processos de redação – preocupação com a qualidade do primeiro parágrafo</p> <p>A – Então, eu demorei um pouquinho, mas eu consegui resgatar acho que todas as idéias da outra redação que eu fiz. Fui lembrando... Só que desta vez saiu mais com cara de “outline” mesmo. Esta parte eu já não escrevi como se fosse redação. Na verdade, este é o jeito que eu gosto mais de pensar. Engraçado que é exatamente assim que eu gosto do “outline”. Aí eu devo pensar o primeiro parágrafo todo e os argumentos só esquematizados. Porque é onde eu tenho maior liberdade de, na hora que eu estou escrevendo, alterar ali. Por exemplo, a introdução só... o fato de ela estar pronta, só me diz que eu tenho claro o lugar onde eu quero chegar. E – Geralmente, você se esforça pra arrumar o primeiro parágrafo, ou ele simplesmente aparece? A – Não, desta vez apareceu. Normalmente, quando eu vou escrever e eu não tenho limite de tempo, eu gosto de estar com o primeiro pronto. É assim que eu gosto. Eu acho que ele abre o caminho... E – Você evita continuar antes de estar perfeito? A – É, exatamente. Isto mesmo.</p>
----	--

34	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – E, agora que você conseguiu lembrar, tem alguma coisa que você gostaria de modificar? Alguma coisa que você gostaria de incluir? A – Pois é. Eu anotei aqui. É... ela saiu um pouco diferente. Eu acho que, por exemplo, o segundo argumento, deve sair, a ligação entre as idéias deve sair um pouco diferente. (...) Agora, eu tentei fazer os argumentos mais condizentes com a própria introdução e a tese. Exposta na introdução. Eu não escrevi aqui, mas eu coloquei em todos os parágrafos uma</p>
----	--

	<p>observação de, na hora que eu estiver escrevendo... porque eu sei responder isto daqui. Então, por isto que eu não preciso escrever. Mas eu acho que isto daqui ficou faltando na outra redação. (...) Eu coloquei: como que isto daqui previne e remedia... Ao mesmo tempo. É isto. Eu acho que no outro, no outro eu não tive este cuidado de ligar isto daqui com a idéia principal. Então, deve estar lá no meio assim, mas não deve estar claro, não está explícito. Eu acho que assim fica... está bem amarradinho com o que eu expus no primeiro. É isto.</p> <p>E – E você falou que a segunda deve sair diferente...</p> <p>A – Um pouquinho.</p> <p>E – De que maneira?</p> <p>A – É. Eu também anotei aqui. Na hora em que eu estava escrevendo... Aí, por exemplo, veio o primeiro aqui que era, é...como é que fala?, fazer com que o sistema penitenciário...cumpra o seu papel. De acordo com o que é planejado, a estrutura e tudo. E aí depois a segunda idéia... que eu acho que na verdade veio primeiro na outra redação... de que a penalidade é que tem que ser certa. Que o problema não são as leis, mas sim o fato delas não serem cumpridas. Isto mesmo. Então, simplesmente veio uma voz contrária, justificando por que eu estou falando isto. Aí eu coloquei aqui que talvez alguém pensaria que a idéia de reforma implicaria no aumento de penas. Foi uma idéia que eu usei também no outro. Então, eu já usei mais como uma voz mais contraditória. Pra responder a isto. Então, eu acho que isto já me dá subsídios pra começar a falar da reforma do sistema, e depois qualificar esta reforma. Eu acho que isto aí vai... É diferente do que eu fiz na outra redação. Eu acho que eu estou indo do geral pro específico. E lá eu acho que é pelo contrário. Eu acho que é mais ou menos isto. Em linhas gerais, é isto.</p>
35	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Ok. Então, eu escrevi aqui o parágrafo de introdução. As duas primeiras orações são idênticas, porque eu já tinha escrito... Não, tem uma parte que eu reformulei, na verdade. A primeira é idêntica. A segunda, eu troquei... Eu coloquei assim: “in the case of fighting crime and drug trafficking it has... sorry, it doubles the benefits”. É assim que estava no rascunho, no “brainstorming”. Aí, aqui eu optei por “in the case of fighting crime and drug trafficking, the former allows for the latter”. Está fazendo referência à primeira oração, que é “prevention is the best of remedies”. É isto. É bem assim. Eu acho que vai direto ao ponto. Aí, eu reescrevi esta parte aqui que estava “at the same time that it tends to reduce the level of crime, it also supplies the state with the means to combat that which does take place”. Pelo que eu recordo, é praticamente a mesma coisa que eu escrevi em português, só que está em inglês. Aí, aqui já eu mudei: “when the government takes the necessary measures to curb crime (whatever be its nature) it simultaneously equips the state with the means of dealing with that which does take place”.</p> <p>E – E esta reformulação foi por que motivo?</p> <p>A – Eu acho que você tem a passividade da língua. Porque eu aí comecei: “when the government”... Tinha “state”, mas em português, a gente usa mais “Estado”, eu acho. Em inglês a gente usa mais “government” do que “state”, se a gente está falando do próprio país. Então, aí eu fui aqui: “takes the necessary measures”, aí é “collocation”. Eu vou escrevendo uma coisa, e sei que eu tenho usar outra: “curb crime”. Entendeu? Aí, fica mais rico. Eu acho que eu domino melhor. É isto. A informação fica diferente. Eu acho que fica melhor assim. Ficou melhor do que o outro.</p>
36	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Pelo o que você se lembra, ficou melhor do que o português?</p> <p>A – É, ficou melhor. Eu acho que sim. Eu acho que em português, eu escrevi praticamente isto daqui.</p> <p>E – Mas, neste caso, pelo o que eu estou entendendo, não ficou melhor porque você está escrevendo por uma segunda vez, mas porque a língua...</p> <p>A – É, por causa da língua. Foi, este aqui foi a língua. É... por eu conhecer a língua, aí eu sei o que é mais usual, o que é mais comum. Aí, eu vou usando, vou usando, vai ficando cada vez melhor... Não sei, é uma questão de estilística.</p> <p>E – Agora, é interessante, porque no começo de hoje você disse que achava que esta seria mais difícil de escrever do que a de português, porque você não saberia os termos.</p> <p>A – Por causa...porque tem o vocabulário, né? É engraçado, realmente tem uma diferença. Eu acho que a diferença... Naquela época, eu estava me referindo ao vocabulário. Falar de algumas coisas que... sei lá, não converso sobre estas coisas em inglês. Não leio tanto assim sobre estes assuntos de segurança nacional. E quando eu morei fora, nunca vi o assunto, por causa da minha idade. Nunca contei sobre isto, nunca li nada sobre isto. Será que eu vou saber das palavras, me referir às coisas? Esta foi a minha preocupação. Mas agora eu estou vendo que, quando eu fui escrever, não é questão de... mas eu acho que o que eu estou falando de “curb crime”. Crime a gente sempre fala, não é tanto problema. Isto daí realmente está fora daquilo que eu esperava, achando que eu nunca falei sobre isto.</p> <p>E – É, porque além de “curb crime”, tem este detalhe que você comentou agora de “government”, “state”. O “Estado” em português, “government”...</p> <p>A – É, exatamente. Eu acabei até usando o “state” aqui, pra não ficar repetitivo. Mas eu comecei com “government”, porque eu achei que era mais apropriado. “When the government takes the necessary measures do curb crime it simultaneously serves to reduce crime rate and equips the state”. Aí eu usei “state” porque aí não dá a diferença de o governo como uma coisa temporal e o estado como uma coisa mais atemporal.</p>
37	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Um outro exemplo de “collocation” é o “crime rate”, que aqui eu tinha colocado “level of such crime”. Então, ou seja, era mais ou menos a idéia do português: o nível de criminalidade. [Em português] eu devo ter usado, eu acho, esta palavra. O nível de crime, criminalidade. Eu acho que foi isto que eu usei. Aí quando eu... Então, aqui eu fui resgatando lá, aí eu escrevi. Por isto que eu achei: ó, está mais ou menos igual. Aí, quando eu fui pra cá, a própria estrutura foi me levando. Aí eu simplesmente fui colocando.</p> <p>E – Então, quando você começou a escrever mais, pensar em reformular e usar colocação em inglês, saiu “crime rate”? Quando você foi reler e você viu que não era exatamente o que você queria?</p> <p>A – O que, o “crime rate”?</p> <p>E – É, você não queria “level of crime”?</p> <p>A – É, não. Eu não tinha nem pensado. É aquilo que você falou agora. Quando eu fui vendo é que saiu. “Measures to reduce crime”, aí eu começo a pensar em inglês eu vejo que “crime rate” é muito mais natural do que “level of crime”, e aí eu... É mais um exemplo de como a língua facilita. (...) Eu fiz só a primeira oração do segundo parágrafo, o primeiro argumento. Aí, uma coisa que estava aqui no meu rascunho, no “brainstorming”, era que eu coloquei “the presence of the</p>

	<p>state in the outer communities and slums". Eu pus "in these cities it is crucial to prevent crime". Af, eu parei aqui e revisei este "outer". Af, eu fiquei pensando: mas será que necessariamente é... Primeiro assim, primeiro eu achei que tinha uma palavra que era melhor que esta. Eu falei: não, tem uma palavra que é específica pra isto, e eu conheço, mas eu não estou conseguindo lembrar. Mas aí eu falei: não, tudo bem. Mas aí eu comecei a revisar o próprio conceito. Porque: será que realmente é "outer"? Isto tem referência sempre o que eu escrevi em português. Pelo que eu lembro que eu escrevi. Eu não lembro agora se eu realmente escrevi. Eu acho que em português eu usei "periferia". Porque "periferia" tem esta conotação necessariamente, por causa da nossa realidade. Mas, aqui, eu já titubeei. Não sei... Af, eu falei: ah, deixa pra lá. Af, eu troquei por outra palavra, que eu achei que resolvia tudo, que é "down-trodden". Então, são as comunidades... que eu não quis usar pobres, mas descuidadas, esta idéia. Então, e aí do nada eu lembrei a palavra que eu queria, que é "outskirts". É perto de "outer", mas é "outskirts". Af, eu até coloquei aqui: "the presence of the state in down-trodden communities and slums of Brazilian cities" Af, depois veio de novo aquela idéia de: mas será que é necessariamente no "outskirts". Ah, deixa pra lá. Af, eu tirei. Acabei lembrando da palavra, mas aí eu optei por continuar com a outra. E aí, eu deixei assim: "the presence of the state in down-trodden communities and slums of Brazilian cities is crucial to preventing crime". Ficou assim.</p> <p>E – E a idéia de não colocar periferia em inglês agora é por quê exatamente? Eu não entendi.</p> <p>A – Ah, porque eu não sei se necessariamente estes tipos de comunidades estão na periferia. Elas são periféricas conceitualmente, mas geograficamente, elas não estão necessariamente na periferia.</p> <p>E – E você não quer entrar na discussão de "geograficamente ou conceitualmente"?</p> <p>A – É, eu acho que eu simplesmente... eu acho que é melhor deixar mais genérico, sem especificar, pra não incorrer em nenhum erro. Porque dizer: ah, toda periferia está na periferia. Em inglês, eu tento dizer isto. E aí, será que está certo? Pode estar errado. Então, pra não comprometer, eu simplesmente mudo o conceito, que engloba a idéia que eu quero, sem necessariamente envolver posicionamento geográfico.</p> <p>E – Mas você está pensando em alguma cidade específica, em alguma comunidade específica? O que...?</p> <p>A – Sim, o que me fez parar é que, no Rio de Janeiro, normalmente periferia é do lado do centro. Então... Entendeu? Mas em português, se você usar periferia, ela tem as duas conotações. Tem a conotação geográfica, e a conotação mais política. Tanto que tem todo este discurso terceiro mundista nosso que é "centro-periferia", "centro-periferia". Então, dá pra usar em português sem problema, não compromete a veracidade do texto. Mas aqui, eu achei que poderia... eu não estou me restringindo só às que estão na periferia. E as que estão no centro, como neste exemplo do Rio de Janeiro?</p> <p>E – Entendi. E o inglês não te dá este recurso, não tem uma palavra que caberia pra as duas coisas?</p> <p>A – É, é. A palavra periferia não daria. Então, neste caso aqui eu simplesmente, eu caracterizei economicamente o lugar de "slums", "down-trodden", ao invés de falar que fica fora da cidade, estas coisas assim. Af, outra coisa também que eu notei de diferente é que, eu lembro que em português, quando eu estava escrevendo, eu tive o cuidado de caracterizar as cidades como grandes cidades brasileiras. E em inglês, eu não sei porquê, eu sinto que não é necessário. Eu simplesmente coloquei cidades brasileiras. Eu acho que porque o jeito que eu caracterizei as comunidades não cria o mesmo erro que eu tentei evitar ao omitir "outer", ou "outskirts". Não cria, porque as cidades brasileiras que têm "slums" são as cidades grandes. Então, dá na mesma.</p>
38	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p>
	<p>A – No "outline" eu praticamente não escrevi nada. Eu só escrevi a primeira oração, tanto que a gente já comentou. Af, o resto eu falei: ah, eu... na hora, eu sei o que eu tenho que dizer, na hora eu vou... Porque isto daqui é a tese mesmo, então eu vou explicando a tese. E é isto. E aí, só coloquei aquela observação de lembrar de falar como seria uma prevenção, e como é um remédio ao mesmo tempo. Então, eu fui escrevendo aqui. (...) Eu acho que eu não lembro direito o que eu escrevi em português, como eu escrevi. A idéia eu sei que é esta. Mas assim, eu acho as idéias também são iguais, mas os termos que eu usei, a fórmula de fazer a frase, eu não lembro muito bem esta parte. Deve ser porque, sei lá, eu tive que elaborar na hora, pela primeira vez, aí não ficou... É isso. Então, eu acho que em termos de idéias deve estar parecido, mas em termos de colocar, de frasear assim, deve estar diferente. (...) Agora, mais uma vez, ocorreu aquela coisa lá. Eu vou usando a língua, ela facilita muito. Então, eu realmente estava achando que ia ser mais difícil, mas acaba que eu sempre acho uma solução. E esta solução sempre vem com outras idéias. Então, eu estava na cabeça, eu queria usar a palavra "marginalized", porque eu acho que ela capta muito bem a idéia dos espaços que eu estou falando. A idéia de periferia daria a idéia de "marginalized". É, como se fosse isto. O conceito de periferia está nesta palavra. Então eu achei: ah, eu acho que vou usar esta palavra. Consegui do nada ver esta palavra em inglês, que é, eu acho o mais próximo de português que tem, porque dá a idéia de margem tanto de distância como figurativa. Então, é...mas aqui eu já estava escrevendo isto lá no meio. Quando eu estava escrevendo "a greater presence of the state in catering for the population's needs". Af eu estava pensando: mas este "population"... eu queria dar a idéia de que é "marginalized". Daí eu acabei pegando esta palavra. Escrevi aqui do lado. Af risquei só depois que eu usei. Mas acabei colocando em outra oração que veio antes. Af coloquei "crime"... estava assim: "crime in such places". Af, eu simplesmente falei assim "crime in such marginalized places". (...) Aqui eu fiz uma marcação "finds support". Este "collocation" aqui eu achei muito simplesinho. Não sei, eu acho que eu conheço uma palavra melhor, mas ainda não me veio. Eu só marquei aqui. Então... Bem, só isto, só pra saber o que eu marquei aqui. Às vezes, eu faço isso. Assim, eu sei que tem uma palavra. Eu sei, eu sei que eu sei a palavra, só que ela não me veio. Então, eu marco lá, como se: ah, eu vou voltar e depois se eu achar palavra melhor, eu substituo.</p>
39	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p>
	<p>A – (comentário final da Caixa 38) Então, eu marco lá, como se: ah, eu vou voltar e depois se eu achar palavra melhor, eu substituo.</p> <p>E – Mas você quer substituir o que? Eu não entendi. O "find"?</p> <p>A – O "find". Só o "find". O "find" é muito abrangente. Então, eu acho que tem uma palavra melhor. Que "collocates" com "support", pra este caso específico, mas eu não estou conseguindo pensar. Mas eu marquei "crime, in such marginalized places, finds support within the community itself". Isto aqui é uma idéia que estava no outro. "For marginalized organisations are responsible for stimulating the local economy". Af, isto daqui eu lembro que em português eu coloquei "movimentar a economia". Mas aí em inglês, eu: pra "movimentar" qual é a palavra que seria em inglês? Af eu botei este "stimulating" aqui. Não sei se tem outra. Esta é uma das questões que eu achei que ia ser difícil. Por exemplo, isto daqui é um exemplo daquilo que eu pensei: ah, eu vou ter mais dificuldade, porque eu estou mais acostumado a escutar em português esta idéia de movimentar a economia. Quando eu era menor, a gente não discutia estes assuntos. E também na universidade, poucos textos... porque eu me formei em letras. Então, a gente fica no mundo das letras mesmo. Então, é</p>

	<p>isto aí “responsible for stimulating the local economy”. Este “local economy” também eu achei que era muito... Eu não sei se eu coloquei lá economia local. Mas em português, se eu colocar o “local” dá pra entender melhor. E em inglês se eu colocar “economy” fica parecendo que é mais amplo. Esta é a impressão que eu tive. É estranho isto, mas, em português, se eu tivesse colocado: ah, porque eles estimulam a economia. Acho que dá pra entender que é do lugar. Aqui, é do lugar, mas dá uma idéia mais ampla, assim como se fosse... É como se eu estivesse me referindo a uma parte da economia do país como um todo. E eu quero restringir à economia local mesmo. Mas eu realmente não lembro se eu usei “local”. Pode ser que eu tenha usado em português. (...) Bem...é... “and, consequently, usurp the authoritative role of the state with their own laws”. Aí é a mesma idéia que eu usei também em português. Agora, eu acho que eu não usei a palavra “usurpar”. Eu acho que não foi tão forte assim. E aqui eu já optei por “usurp” porque eu acho que é exatamente isto a idéia. Aí, deixa eu ver... “A greater presence of the state”. Aí, este “catering for the needs”. Então, ou seja, é um “collocation” também. Aqui me veio em inglês, e eu não lembro o que eu usei em português.</p>
40	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – “...weakens the community’s dependence on criminal organisations social contributon”. Agora, pensando melhor, “social contribution” está soando meio irônico. Eu acho que... Porque parece que “contribuição” é uma coisa necessariamente positiva e não é isto que eu... quando eu estava lendo agora, eu pensei: eu acho que eu vou trocar isto daqui. Porque “social contribution” dá a idéia de que é positivo. Contribuição. Dá a idéia de que é uma coisa positiva. Então, eu acho que a idéia de que se o Estado for mais presente, então quer dizer que a comunidade tende a depender menos da contribuição social do crime, sabe? Da organização criminosa. Fica parecendo... Eu acho que não seja muito apropriado. Porque não é uma coisa positiva, é uma contribuição negativa. Então, é por isto. Assim, se você entender ironicamente, dá pra... Mas acontece que às vezes não é muito bom deixar assim, desta forma. A minha intenção não foi ser irônico. Mas foi a forma que eu encontrei de passar a idéia. Eu provavelmente vou rever isto daqui. Depois eu vou dar uma olhada nisto daqui, depois. Provavelmente na revisão, quando eu terminar de ler. Porque é um detalhe menor. Eu sei o que eu quero dizer, mas não se encaixa nas palavras.</p>
41	<p>Processos de redação – desenvolvimento e organização</p> <p>A – Aí...deixa eu ver aqui... “Less people are likely to resort to a life of crime”. Aqui, eu acho que esta idéia eu não coloquei no português. Eu não lembro de ter colocado. “Less people are... less people are likely to resort to a life of crime, if a straight one is made available”. Eu acho que esta idéia aqui não tem lá. Mas aí é que está. Isto aqui é justamente aquela observação que eu coloquei. Então, isto aqui seria, na verdade, o remédio...a prevenção, porque o remédio vem aqui ó: “moreover, the community will tend to side with the government”. Então este “collocation” é “side with”, “against that which threatens its guarantees of citizenship”. Então, esta também é uma idéia que eu acho não estava tão explícita também na outra. Então, eu acho que... é exatamente o que eu fiz aqui, no “brainstorming”. Que eu coloquei: não esqueça de relacionar isto daqui com a idéia. Aí, eu refiz, e eu acho que tem estas duas idéias aqui. Entendeu? Estão bem relacionadas com o meu argumento, e eu acho que... eu não me lembro de ter usado em português.</p> <p>E – O que? Explicar o que você quer dizer com “prevention” e o que você quer dizer com “remedies”?</p> <p>A – É, é. Exatamente, isto aí. Só isto. Então, no terceiro parágrafo, no segundo argumento, como eu falei, no começo, antes de escrever o rascunho, eu imaginei que ia ser diferente. As ligações iam ser diferentes. Realmente, elas foram. Eu achei que foi até melhor, agora. E o outro, eu lembro que eu comecei introduzindo com aquela de idéia de que o sistema prisional brasileiro não tem, é..., punição perpétua. E não tem nenhum tipo de, como fala?...“capital punishment”. Pena de morte. Aí, aqui, eu nem toquei nestes assuntos diretamente. Foi mais indireto. Ficou melhor, porque eu liguei. Lá eu lembro que eu comecei acho que com a segunda idéia de... Como eu abri desta forma que eu acabei de relatar, eu comecei a expor a idéia de que...esta coisa de que o problema não são as leis, mas sim a certeza da punição. E depois, a ligação que ficou isto com a idéia de que você tinha que reeducar, que o sistema não, espera aí, eu nem lembro agora. Bem, tem que dar uma olhada lá pra ver. Mas pelo menos aqui, como ficou aqui foi desta forma. Eu comecei assim: “reforming the Brazilian penal system is yet another measure to prevent and remedy crime and its organization”. Então, foi um começo de coesão. Tentando se relacionar ao primeiro parágrafo e a continuação do argumento... Com “Yet another”. Então, ou seja, está mais bem amarrado, em relação... Em português, eu não fiz isto. Aí, aqui “this does not imply the harshening of penalties as popular clamour generally demands”. Então, aquela anotação que eu fiz aqui, a voz contrária, eu utilizei aqui. Justamente pra fazer a ligação. Eu introduzi neste assunto aqui. Eu achei que funcionou bem. Aqui, em português...deixa eu ver como eu fiz... Tem esta idéia lá, mas não está exatamente como aqui. Ela funcionou de uma outra forma. Aqui, eu achei que ela funcionou mais como ligação. Ela foi melhor sucedida aqui. É a impressão que eu tenho. Aí “Brazilian laws are not the problem; but the lack of certainty in punishment is”. Esta é aquela idéia geral que tem. Aí “such punishments”. Aí, aqui, justamente quando eu coloquei esta idéia de “penalty”. Aí eu coloquei “Brazilian laws are not the problem”. Então, eu estou falando dos “penalties”. Aí “penalties” fala que o problema são a certeza delas. Aí “such penalties”, “such punishments” eu coloquei, que está relacionado com “penalties”, “has to abide by the principles of the country’s penal system” Aí eu resgatei aquela idéia de que... dos princípios do sistema. Então, “it must fulfill its role of rehabilitating offenders for the social milieu”.</p>
42	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Aqui, eu optei por esta expressão “social milieu” porque me veio a palavra em português. Me veio “convivência social”, mas aí eu pensei: em inglês como é que fala “convivência”? Assim, eu não consegui pensar em convivência social, esta expressão, assim. Eu não consegui pensar. “Social living” não é a mesma coisa. Não me parece tão natural. Então, eu optei por “social milieu”. (...) “These two aspects deserve special attention if modifications in the system are to prevent and combat crime effectively”. Então, aí com esta última, eu deixo claro que de uma é pra prevenir, outra pra remediar, e as duas estão dentro da idéia de informar... Então, ficou muito mais claro que em português. Ficou certinho. Um atrás do outro, ficou bem melhor.</p>
43	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>E – Você tem alguma idéia de por quê você acha que ficou melhor?</p> <p>A – Ah, aqui eu acho que são duas razões por quê ficou melhor. Uma porque eu acho que estava mais clara a idéia. Eu fui...comecei direto ao ponto. Eu comecei com a tese, coisa que eu não fiz. Eu acho que lá eu trabalhei ao contrário. Acho que tese veio no final do parágrafo. Aqui eu já comecei. Como estava mais claro na minha cabeça, quando eu fui resgatar as idéias, eu já fui relacionando. E tive aquela intuição, a idéia de: ah, eu posso relacionar desta forma. Achei um meio de</p>

	<p>relacionar um com outro, que eu não tinha encontrado da outra vez. Já me deu uma certa facilidade. Aí, então, uma coisa foi isto. E aí eu... isto aqui que eu tinha anotado antes, deu uma boa dica. Foi um bom recurso pra conseguir concatenar as idéias. E este aqui foi na hora. Eu estava escrevendo, e aí me veio como eu poderia: ah, aqui está, agora está na hora, então “such punishment”. Então foi... Eu não digo que é sorte, mas, sabe?, foi assim. Eu comecei... acho que como eu comecei de uma ordem mais direta, eu acho que o pensamento ficou mais claramente ligado um ao outro. Sendo que da outra vez em português eu estava com duas idéias, queria usar as duas, eu tentei bolar uma coisa pra...Eu acho que na época da entrevista eu até falei isto. Eu tive que bolar um jeito de relacionar as duas. Eu não tinha certeza que elas estavam relacionadas, mas eu busquei um meio de relacionar. E aqui, ficou muito mais clara a relação. A relação que eu desenvolvi lá, aqui ficou muito mais clara. Mas eu acho que a língua que também ajudou muito.</p> <p>A – Eu acho, assim, não sei. Eu acho que eu escolhi as palavras certas. Sabendo as palavras certas, eu fui passando as idéias que eu queria rapidamente, e aí eu sempre empurrava pra próxima. Porque, às vezes, você sente que você não disse tudo o que queria dizer porque não usou as palavras certas. Então, você tem que bolar uma outra frase pra dar conta desta idéia que você não conseguiu exprimir dentro daquela frase, pela falta de vocabulário adequado. Foi mais ou menos o que aconteceu no último parágrafo com a palavra “marginalized”. Eu falei: eu tenho que colocar isto daqui. Porque, se eu não colocar, eu vou ter que escrever uma outra frase, só pra poder colocar esta idéia, e eu acho que não é necessário, que este não é o intuito do parágrafo. Seria quase que desviar um pouco o foco. Então, eu coloco uma subordinada, ou um termo dentro, que aí a idéia fica, mas não atrai atenção, que não é o principal. Este aqui, eu acho que, por causa da língua, eu tive, assim, facilidade de ir direto, exatamente o que eu queria dizer. E aí, foi fácil. Eu fui matando as idéias e só construindo o resto. Deixa eu te dar um exemplo... deixa eu ver “this does not imply the harshening”... este aqui, quando eu estava escrevendo aqui, já tive problema. Eu vi “harshening”, aqui, ó...mesmo no brainstorming eu coloquei “strict”. Eu ia usar um dicionário se estive escrevendo, um dicionário. Será que existe isto, eu não tenho nem certeza. Aí, eu: ah, vou abandonar isto daqui. Aí eu coloquei “harshening”. Aí quando chegou aqui, eu não podia usar esta forma, tinha que usar “ing form”. Mas aí ficou “harshening” mesmo, eu achei que... Eu fiquei preocupado em princípio, mas está tudo bem. Aí, “harshening of penalties” dá exatamente pra entender o que eu quero dizer. Eu acho que esta idéia é exatamente igual. Eu acho que a expressão é igual em português, que eu usei. Aí “generally demands”. “Brazilian laws are not the problem; but the lack of certainty in punishment is”. Então, perfeito aqui também. Aí “such punishment has to abide by the principles of the country’s penal system. It must fulfill its role of rehabilitating offenders”. Assim, “rehabilitating offenders” é, assim, perfeito para o campo semântico. Então, é isto. Aí o “social milieu” ficou também meio social. Está certinho. Apesar de não ser igual no português, eu exprimi a mesma idéia. Dei a idéia geral. Então, esta estrutura que eu usei aqui foi muito boa. Sabe? A idéia de condicionar uma coisa a outra. “These two aspects deserve special attention if modifications in the system are to prevent”. Então, esta estrutura que eu usei, foi muito boa pra poder fechar o parágrafo e retomar as idéias.</p> <p>E – Então, até o momento, pelo que me parece, você não teve dificuldade com os termos, e sim facilidade, mais do que em português.</p> <p>A – É, eu acho que sim. Engraçado, né? Eu não esperava isto. Isto parece aquela coisa do Chomsky. Não importa se você nunca formulou antes, você sabe as palavras, você vai formular de qualquer forma, se você souber as regras e as peças, aí você formula. É infinita a capacidade de formulação. Pois é. É verdade. Falar de crime, em geral, já tratei deste assunto. Ainda mais na faculdade mesmo, de pegar um texto pra ler e tal. Algum assunto pra discutir. Não é só língua e literatura. Aquelas aulas de compreensão de texto, escrever texto... acaba realmente vendo isto daí. E também tem filmes. Temas pra filmes é o que não falta. Eu acho que, realmente, tem razão. A gente acaba também assimilando estas expressões. Mas muitas destas aqui mesmo, eu acho que... até lembro de ter lido, na própria <i>Economist</i>... Sem ser aquele artigo que você deu. Em outros mesmo, que falam. Porque é um tema bem próprio de revista, de jornal. É uma coisa que sempre está em pauta. Então, realmente, eu acho que a... Eu tive a impressão de que, realmente, não ter conversado muito especificamente sobre isto, mas que é um tema que sempre está lá no “background”.</p>
44	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações Processo de tradução – acesso ao léxico semântico Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>A – Estou no último argumento. Da outra vez, eu lembro que este último argumento, eu estava naquela dúvida, se eu colocava, se eu deixava. Quer dizer, eu acho que três argumentos se torna mais forte, por isto que eu optei em deixar. Mas eu acho que eu tive mais problema com este agora, de todos eles, mais uma vez. Da outra vez, eu achei que eu tinha escrito pouco sobre ele. Desta vez, eu acho que eu até escrevi mais. Ficou mais claro. Acho porque também no outro, o que aconteceu foi que eu mais uma vez trabalhei ao contrário. Eu trabalhei com a idéia de que precisava valorizar o policial. Então, esta acabou sendo o principal. Aí, tudo derivou disto aí. Nesta aqui, não. Eu já enxerguei: isto não é o principal, faz parte de uma questão maior, que é elevar o nível da polícia. Então, este seria o principal. Então, já comecei por isto aí. E já fazendo referência ao último parágrafo. Então, o último parágrafo eu terminei com: “These two aspects deserve special attention if modifications in the system are to prevent and combat crime effectively”. É... Aí, eu comecei: “So does raising the competence and quality of the staff of the police force”. Então, o “so does” já faz a ligação com a idéia de que precisa de atenção especial. Então, “For it is by means of police intelligence that crime is prevented and fought in the institution expected to do so”. Esta parte aqui eu não gostei muito, até agora. E foi a parte que eu mais demorei. Eu não encontrei ainda uma solução pra isto, mas é que a idéia que... é porque eu não preciso justificar tanto este argumento como uma idéia de prevenção e combate, porque é exatamente isto que a polícia faz. Ela faz as duas coisas. É esta idéia que eu quero deixar claro, e eu não consegui. Porque eu falei: você tem que elevar a inteligência da polícia... a inteligência policial contra o crime, contra a prevenção e combate ao crime, mas aí é que está. Eu queria colocar esta idéia que, não sei, não precisa de justificativa no caso, no caso. Ela serve justamente pra isto. Eu não sei. Eu não sei se também se eu deixo fora.... Eu preciso colocar um adjetivo aqui. Advérbio. Que é...não é “lateralmente”, “comumente”, pode ser. A idéia de esperar. De expectativa. Eu não sei se eu tenho como colocar aqui. Não, eu acho que eu não tenho esta palavra. “For it is by means of police intelligence that crime is...”. Não sei. Bem, eu vou pensar aqui, mas se eu colocar um advérbio aqui que dá esta idéia, aí eu posso tirar esta parte aqui. Aí, “a higher standard of its members, police members is achieved through competitiveness in the field, which, in turn, derives from attractive wages”. “Moreover, such a measure prevents corruption”. É...este “prevents” também não gostei, não. Está muito genérico. A idéia de tornar difícil. Eu não estou conseguindo achar uma palavra, assim, uma palavra só que tenha esta idéia, tornar difícil. Mas seria uma palavra mais neste sentido. É isto.</p>
45	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p>

	<p>A – Assim, então eu acho que o que ficou diferente aqui, foi esta idéia de reverter. Porque lá eu comecei com a idéia de que o importante é valorizar o policial. E aqui, isto está dentro de uma coisa maior. E aí eu percebi só desta vez. Acho que na outra não ficou claro isto. Acho que por isto que eu não gostei tanto. Acho que eu meio que percebi esta desproporcionalidade com os outros parágrafos. Em termos de consistência da própria idéia. É isto.</p> <p>E – Mas mesmo sendo o argumento com o qual você teve mais dificuldade, ainda assim em inglês, você acha que ficou melhor? Do que este argumento desenvolvido em português?</p> <p>A – Sim. É, eu acho que ficou melhor. Ficou melhor, sim. Mas eu acho que foi mais por conta... Eu acho que foi mais por conta de ter percebido que o erro estava na idéia. Entendeu?</p>
46	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – É, a palavra é “hinders”. “Hinders corruption”. É, porque é uma palavra só pra “torna difícil”. Porque não exatamente impede. Então, não podia ser tão totalitário assim. Impede. É uma coisa absoluta. Te dá a idéia de que dificulta. Aí o “hinders” apareceu. Então, eu acho que vou ficar com esta. (...) Cheguei à conclusão. Aí, eu praticamente reli a redação, pra fazer a conclusão. E aí eu fui corrigindo umas coisas ou outras. É...deixa eu ver aqui o que eu corrigi... Eu fui vendo aquelas palavras que eu queria substituir. Aí, por exemplo, o “finds” eu ainda não achei. Por enquanto eu estou com o “finds” ainda, na linha doze. Aí, na linha dezenove, com aquela questão do Estado positivo, o “social contribution”, “criminal organization’s”. Aí eu coloquei “social role”. Aí ficou “a greater presence of the state in catering for the population’s needs weakens the communities dependence on the criminal organization’s social role”. Daí dá a idéia de que é negativo. Então, eu resolvi desta forma aqui. E... Eu acho que foi só isto. Eu acho que eu não corriji mais nada, não. Tá, eu corriji aqui no penúltimo parágrafo, o último argumento... aquela em que eu estava tentando colocar o advérbio. Quando eu estava lendo: “For it is by means of police intelligence that crime”, aí eu coloquei “as expected”, aí eu coloquei entre travessões. Eu achei que era uma forma de destacar com os travessões e ao mesmo tempo colocar a idéia... “is prevented and fought”. É isto. Aí eu tirei todo o resto aqui. Aí o “attractive wages” também. Eu ainda estou com o “attractive”. E é isto. “Hinders” eu já tinha encontrado antes de começar o último parágrafo... no lugar de “prevents”. E aí este último parágrafo então, eu li o texto pra começar... Eu acho que eu comecei do mesmo que jeito que eu comecei em português, se não me falha a memória. “As one can perceive, such measures enable the government with the means of both”... aí, este “both” pra enfatizar, né... “preventing and fighting crime”... aí, “making prevention not only the best of remedies, but a remedy itself”. Então, eu resgatei lá a introdução, pra fazer a referência. E aí eu expandi a argumentação lógica: “It is for such a reason that an approach to fighting crime and drug trafficking, for the sake of national security, should consider the aspects pointed out”. É isto. Eu formulei desta forma. E agora vou passar a limpo.</p>
47	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>A – Então, eu passei a limpo. E aí quando eu fui passando a limpo, fui fazendo pequenas correções de ortografia e também de concordância verbal. Não mudei muita coisa, não. A única coisa que eu mudei, na linha cinco aqui, que era...que no rascunho estava... aquela parte em parênteses do primeiro parágrafo que fala “whatever be its nature”. Eu simplesmente coloquei “be it of any kind”. Achei que “kind” estava mais específico do que “nature”. “Nature” pode, sei lá, pode ser muito vago. E foi isto aí. E fui fazendo as correções de referências. Teve várias até. Eu achei... fiquei impressionado. Tirar “it” e colocar “these”. Eu só percebi agora quando eu li pela da última vez. Foi só isto aqui. Não teve nada... No segundo parágrafo não teve nada. Só aquelas pequenas correções. E... neste parágrafo... terceiro parágrafo, segundo argumento. Deixa eu ver se eu fiz alguma modificação. Não, só aquele problema de referência. Este aqui eu só percebi na última lida. Que foi na linha trinta e seis. Eu coloquei o “it” como se referindo a “punishment”. E eu não queria. Queria que referisse a “penal system”. Então, eu tive que mudar pra “which”, e ligar os dois para fazer sentido, senão estaria errado. Então, foi isto aqui... O que mais?... Aí mudei uma palavra aqui, acabei optando no último argumento, penúltimo parágrafo. Porque eu estava naquela dúvida: será que eu coloco. Quando eu fiz a revisão, pra escrever a conclusão eu coloquei “as expected” entre travessões e tal. Mas aí eu... Lendo assim eu pensei: ah não vai fazer falta. E aí eu vou sacrificar esta idéia. Não vai fazer falta. Aí eu só coloquei: “For it is by means of police intelligence that crime is prevented and fought”. Auto-explicativo. Eu achei melhor não complicar a estrutura. Estava difícil dizer as duas coisas em uma oração só. Daí, eu simplesmente tirei. Eu acho que não vai fazer falta. Eu não queria criar uma outra oração, porque é marginal a idéia. Não é principal. Então, eu achei que não merecia uma oração só pra isto. Então, como eu não consegui inserir, eu deixei pra lá.</p>

Bernardo – redação 1

48	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>B – Porque eu, quando tenho que escrever um número de palavras fixo, eu fico bem travado. Eu fico contando a cada... (...) Como eu não vou fazer o rascunho, eu não sei como é que vai ser muito bem. Porque eu geralmente desenvolvo a introdução, a conclusão e daí, depois, eu faço o desenvolvimento. Como eu já tenho mais ou menos o que eu quero escrever na cabeça, eu faria a introdução, depois a conclusão e daí desenvolveria o texto.</p>
49	<p>Processos de redação – estruturação do texto</p> <p>B – Eu busco começar os meus textos sempre com uma citação, um estatuto mais genérico, pra depois chegar no caso prático. Então, o que eu pensei aqui, por exemplo, escrever que esperança e pobreza são conceitos que caminham juntos entre os povos subdesenvolvidos. “Hopeness”, esperança. No caso, aqui eu vou buscar fazer um pequeno resumo histórico da América Latina. Existem 3 linhas, da época da colônia até a independência pra chegar ao populismo. Daí, dizer por quê houve esta virada à esquerda após o populismo, tipo do século XX. Não seria, necessariamente, um movimento de esquerda. Então, esta idéia de pobreza e... esperança é histórica. Não é uma relação nova. É uma relação histórica na América Latina. E a esperança de que a situação de pobreza pode ser minorizada, pode ser melhorada, faz os povos escolherem regimes políticos duvidosos. E o populismo é, por excelência, o grande exemplo de regime político duvidoso que vem sendo reiteradamente escolhido pelos povos.</p>

50	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Eu escrevi que “os países da América Latina encontraram uma boa oportunidade de tentar se tornar”... Mas eu ainda não sei qual é o objeto desta frase. Eu imaginei o sujeito, os países da América Latina, eu imaginei o verbo, encontraram uma boa oportunidade de tentar se tornar... e eu quero uma expressão que diga que eles tentaram se tornar algo melhor do que eles eram na época de colônia. De colônias européias. Na hora, veio “tentar se tornar lugares de alguma coisa”, “places of something”. Mas eu não achei que seria bom este vocabulário, neste ponto aqui, “places of something”. Porque eu imagino que eu vá usar bastante a palavra “place” no resto do texto. Então, eu já estou tentando encontrar uma outra expressão diferente. É isto.</p>
51	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – “After independence from Europe”. Eu vou colocar assim agora: “encontraram uma boa oportunidade de tentar ter um futuro melhor”, simplesmente. Aí eu vou fazer o salto para o futuro. Para os anos 50. Vou desistir [desta idéia de “places”]. Não sei por quê. Talvez, pra abreviar a minha introdução. Porque eu ainda não entrei no tema. Como eu já fiz 4 linhas e não falei nada ainda de populismo, considerando que eu tenho 30 linhas, mais ou menos, pra escrever e que a introdução e a conclusão têm que ter, no máximo, uns 20% do tamanho do texto, então eu teria, digamos, 6 linhas pra introdução, mais 6 pra conclusão e o resto pra desenvolver. Eu já estou com 4 e ainda não cheguei onde eu quero. Então, eu vou tentar abreviar. “Latin American countries have found a good opportunity of trying...of trying to be better places”. Voltei ao “places”, de qualquer maneira. Ou “of trying to...of trying to have a better future”, talvez. “Of trying to have a better future”. “Future” no lugar de “places”. Que já remete à idéia de tempo. Daí eu já vou saltar pra idéia de populismo. Isto, no século XXI. Exatamente. Eu iria falar sobre... Na verdade, eu ia falar sobre o populismo originalmente, mas eu vou deixar pra falar sobre isto no corpo do texto. Vou falar sobre o populismo no século XXI, até pra fechar as minhas 6 linhas aqui.</p>
52	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Então, agora eu tenho uma dúvida com relação a tempo verbal. Porque eu penso em português, geralmente, e vou passando para o inglês. Eu quero dizer que “entretanto, esta não tem sido a realidade”. Não tem sido. Então, eu estou pensando se eu vou usar o present perfect, ou o present perfect continuous. Então, eu não sei muito bem se eu uso “it has not been the reality”. Não é a realidade. Ou “it has not had been the reality”. Eu me confundo um pouco com relação a isto. Então, eu vou deixar o present perfect, porque eu sei que está certo. (risos) “However, it has not been the reality”. Acrescentei uma expressão no meio de uma frase que eu já estava construindo. Eu estava escrevendo: “mesmo nos dias de hoje, a pobreza persiste”; “even in our days, poverty persists”. Mas eu gosto muito de usar advérbios. E outros mecanismos de coesão, conectivos e tudo mais. Então, eu vou colocar: “even, and specially nowadays, poverty persists, exists”. Alguma coisa neste sentido.</p>
53	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Eu acho que é pra realçar a expressão temporal “nowadays”, “specially nowadays”. Pra ressaltar a situação crítica dos dias de hoje. Que é a situação do populismo. Eu estava escrevendo: “even, and specially nowadays, poverty persists. In the last trial of social improvement”. Mas eu não queria usar “improvement”. Eu queria usar o substantivo relativo ao verbo “ameliorate”, mas eu não sei. Então, me vejo obrigado a usar “improvement”. Quem sabe, no final da redação eu volte e busque a palavra relativa ao verbo “ameliorate”.</p> <p>E – Mas você está escolhendo “improvement” porque você tem certeza que está certo, apesar de não ser exatamente o que você quer dizer?</p> <p>B – Na verdade, eu não tenho certeza. Na verdade, eu sei que os verbos “to improve” e “to ameliorate” podem ser intercambiáveis. Mas, na minha cabeça, “improvement” não tem necessariamente uma idéia de melhora. Na verdade, tem sim. Eu tenho certeza. Mas talvez por em português “melhora” ser mais parecido aparentemente com “ameliorate” alguma coisa assim, me pareça mais garantido que vá ser correto esta resposta. Por enquanto, tá “improvement”.</p>
54	<p>Tradução mental</p> <p>B – Enquanto eu estou escrevendo, apesar de eu estar escrevendo em inglês, mentalmente eu leio a frase em português, pra ver se ela vai ter coerência até o final.</p> <p>E – Como é ler mentalmente em português?</p> <p>B – Por exemplo, eu escrevi: “and the last popular trial of social improvement is...” Mas, pra pensar no conteúdo disto daí, eu traduzo mentalmente esta frase em inglês para o português, que então me vem o complemento em português, e eu traduzo para o inglês. Então, eu penso: “e a última tentativa popular de melhora social é a mistura entre esquerdismo, entre esquerda, e populismo”. Daí, eu traduziria para: “the last popular trial of social improvement is a strange mix between populism and leftism”.</p>
55	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>B – Coloquei “strange”. Eu acho que eu coloquei “strange” porque... Bom, porque talvez em português eu colocaria também. Porque mistura não necessariamente tem uma carga semântica pejorativa. E eu quero desde o início deixar bem claro que não é uma mistura interessante, politicamente interessante, apesar de ser a realidade. E “strange” dá esta idéia de que é uma mistura negativa. Estranha. É isto. Eu escolhi “a strange mix” e não “the strange mix”. Porque... Talvez esteja errado, mas eu imagino que o uso do artigo indefinido minoriza a importância desta mistura. No sentido de que houve outras misturas estranhas, talvez haja possíveis misturas estranhas, que sejam piores, até. Então, é simplesmente mais um caso. Não é o caso por excelência. Por isto que eu usei o artigo indefinido. É “a strange mix” e não “the strange mix”.</p>
56	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Nesta minha frase, eu estou usando a palavra “leftism”, esquerdismo, simplesmente porque eu li no texto que você me passou. Caso o contrário eu arranjaria uma construção alternativa. Por exemplo: “is a strange mix between left tendencies”, simplesmente. “Left actions”.</p> <p>E – Antes de ler o texto, você não conhecia a palavra exata?</p> <p>B – Exato. E até porque no meu léxico em português, eu não uso “esquerdismo”. Então, não é algo tão evidente. Eu nunca</p>

	<p>usei em uma redação ou em uma fala a palavra “esquerdismo” em português. Portanto, eu nunca procurei traduzir esta palavra para o inglês, originalmente. E como eu vi em inglês “leftism”, daí eu vi: “é, existe em português esquerdismo. Posso usar.”</p> <p>E – Mas você está usando “leftism” então porque você acha que é mais parecido com o que se usa em inglês? Ou, simplesmente, porque você acha mais econômico?</p> <p>B – Mais econômico, exatamente. Se eu posso dar uma idéia com uma palavra, melhor do que fazer toda uma construção com várias palavras pra dizer o que eu quero.</p> <p>E – Ué, mas em português existe “esquerdismo” e você me disse que você não prefere.</p> <p>B – Não é que eu não prefira, é que eu não uso. Não é uma questão de preferência. É uma questão de, por eu não ter muito contato com a palavra, eu acabo não usando.</p>
57	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Eu já usei 7 linhas e, pessoalmente, eu acredito que o meu espaço para a introdução já chegou ao limite. Então, agora eu vou reler o que eu já escrevi, a minha introdução. E procurar rever se ela está boa, e se eu preciso...o quê eu preciso acrescentar pra fazer uma ligação com o corpo do meu texto, que eu sei que ainda não existe. Eu preciso deixar uma frase ponte que liga esta introdução com o que eu vou escrever. Talvez eu corte alguma coisa, porque eu já escrevi 7 linhas e eu não quero passar de 8 nesta introdução. E a minha frase, provavelmente, não vá caber em 8 linhas. Então, eu devo cortar alguma coisa aqui. Ou reduzir a letra na hora de passar a limpo. (risos) Bem, eu voltei para o começo do meu parágrafo. A primeira frase eu deixei igual: “poverty and hopeness are concepts that walk together throughout the underdeveloped people history”. A minha frase seguinte seria: “after independence from European metropolis”. Eu mudei para: “after the independences in the 19th century”. Porque eu fiz isto? Porque eu defini um ato temporal para que eu use depois o simple past, que é mais econômico. E esta expressão é menor também, “no século XIX” do que “das metrópoles européias”. “Latin American countries had”, e não “have found”. É... “had a good opportunity to construct a better future”, no lugar de “have found the opportunity of trying to have a better future”. Então, no lugar de “países da América Latina encontraram a oportunidade de ter um melhor futuro”, simplesmente, “os países da América latina tiveram uma boa oportunidade de construir um futuro melhor”. Pra reduzir o tamanho da sentença. E fazer uma introdução menor. Eu imagino que a idéia seja a mesma. Porque eu já sei que eu costumo exceder o número de linhas. Eu sou uma pessoa que, se deixar escrever, eu escrevo sempre mais do que me pedem. Então, eu tenho que sempre me policiar pra ir enxugando ao máximo possível o meu vocabulário, principalmente. A idéia estava boa. Simplesmente... eu comecei a cortar palavras pra exprimir esta idéia.</p>
58	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>B – Ao final da leitura do meu parágrafo introdutório, eu percebi a necessidade de explicar por que eu usei a expressão “strange mix”, na frase “strange mix between leftism and populism”. A minha dúvida, porém, é se eu explico o uso do adjetivo “strange” em uma pequena frase, que seria a ponte entre a introdução e o desenvolvimento, ou se eu já explico esta estranheza durante o corpo do texto. E eu opto por fazer esta explicação já no texto. Até porque explicando o paradoxo entre o sucesso atual e eleitoral da esquerda e do populismo e o fracasso aparente do bloco comunista, das idéias marxistas de esquerda e do populismo do século XX, eu explico este aparente paradoxo. Então, eu vou tentar explicar, por meio deste paradoxo, porque que houve este giro à esquerda na América Latina, que é a pergunta que me foi feita no cabeçalho.</p> <p>E – Então, você acha que a chave da sua resposta pra esta pergunta é explicar o conceito de estranho? É isto que vai guiar o desenvolvimento da sua redação?</p> <p>B – Isto. E eu já sei também, apesar de não ter escrito, que, como o problema é a pobreza, a primeira palavra que eu usei no texto. E ao final tanto do populismo quanto do esquerdismo, digamos do comunismo, como um sistema que ficou, que é o capitalismo liberal norte americano, não trouxe boa resposta para esta pobreza, é por causa da esperança do povo que mesmo sistemas fracassados acabam voltando. Até pra serem forças antagônicas ao sistema vigente. É isto que eu vou tentar chegar na minha conclusão. Só não sei se eu vou chegar até as duas horas. (risos) (...) Agora, eu parei pra pensar porque eu preciso de um sinônimo para a expressão “strange mix”. Para “strange” eu já tenho outras palavras, eu já tenho outros adjetivos parecidos “odd”, “weird”, “awesome”, sei lá, qualquer coisa assim. Mas para “mix”, não há. Então, eu vou ter que construir alguma outra...alguma outra expressão. Por que? Porque este é o mecanismo em que eu vou retomar aqui, cadê?... “Esta tentativa é uma estranha mistura entre esquerda e populismo, e eu quero dizer: “tal estranha mistura, ou tal mistura, ocorre devido a papapa, papapa. E, em português, eu já não consigo achar uma boa palavra para mistura. Se eu encontrasse um sinônimo em português para mistura, talvez fosse mais fácil em inglês.</p>
59	<p>Processos de redação – preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>B – Mas isto são, são processos mentais muito rápidos na minha cabeça. É o que eu estou te falando aqui. Isto levaria 10 segundos. Se eu não achasse, eu desistiria e construiria outra frase. Pra não repetir a palavra “mix”, “mix”. Por uma questão estética, de estilo mesmo. Porque eu não acho estilisticamente interessante eu usar como mecanismo conhecido a repetição da mesma estrutura. A princípio, seria por causa disto. (...) Eu achei a palavra, eu vou colocar esta relação estranha. “Relationship”.</p>
60	<p>Processos cognitivos – automaticidade quando o redator conhece como escrever o que deseja</p> <p>B – Veio a palavra. Mas isto me veio muito rápido. Falando fica mais lento. Eu voltei ao começo do texto pra ver se eu já usei o “relationship”. Não quero repetir. Neste começo, não. Na verdade, eu não quer repetir nunca. (risos) Porque daí eu vou eliminando as minhas possibilidades de vocabulário para frente. E como eu sei que o meu vocabulário é limitado, eu não posso ir jogando todas as fichas no começo já. Nesta primeira frase do meu parágrafo, como não houve após a escolha de “relationship” no lugar de “strange” nenhuma outra palavra que me travasse, a frase está fluindo muito bem até o final. Então, o meu processo mental de pensar em inglês, está fluindo neste momento. Quando, por causa de uma palavra, o processo em inglês é travado, eu volto ao português, e tento construir a frase em português pra daí ir traduzindo a frase para o inglês. Eu coloquei...Você quer que eu leia em inglês, ou traduzido? “This relationship is odder when we notice that both ideologies have already failed in a recent past”. Foi isto. Veio direto. [É um vocabulário] que pra mim é básico. Não necessariamente está correto, mas na minha cabeça está correto.</p> <p>E – Isto é exatamente o que você gostaria de usar em inglês? Sem interrupções, sem pausas, sem dificuldades...</p> <p>B – É. Exato. Acho que sim. Após escrever que esta relação é mais estreita do que reparamos e tais ideologias, que ambas as</p>

	ideologias já falharam em um passado recente, eu vou explicar em uma frase quando e por que elas falharam. Vou tentar. Uma frase pra cada uma.
61	<p>Tradução mental – pensa em português primeiro para depois redigir em inglês</p> <p>B – Eu vou colocar aqui: “o comunismo, expressão maior do...” Você viu que eu estou pensando em português! Eu acho que eu estaria pensando em português. “O comunismo, expressão maior do esquerdismo, teve sua morte praticamente decretada com a queda do muro de Berlim. Já o populismo foi seriamente abalado com a ascensão dos regimes militares de direita. E como a queda de tais regimes se deu mais ou menos na mesma época em que o comunismo estava decaindo, o fim de ambos foi mais ou menos concomitante. E, por inércia, conseqüentemente, o regime que suplantaria ambos seria um regime mais à direita, liberal, capitalista. E não é isto que aconteceu. Isto é coisa pra um parágrafo, que eu vou tentar desenvolver aqui.</p>
62	<p>Influência de outra língua estrangeira</p> <p>B – É... me veio uma outra dúvida neste momento. Eu estou dizendo que “marxism – root of most left experiences – was seriously hurted with...” Eu quero dizer que o marxismo, raiz da maioria das experiências de esquerda, foi seriamente ferido com a queda do muro de Berlim. Só que, como eu falo francês, me veio na cabeça a palavra em francês. E eu sei que em inglês, pára-quebras é “parachute”. Então, eu não sei se eu posso usar em inglês “chute” para pára-quebras. Também me veio o verbo “to fall”. Então, eu pensei em usar o gerúndio, “falling”, como substantivo. Mas eu fico um pouco titubeante aqui. Eu não tenho muita certeza se a construção “marxism was seriously hurted with the falling of the Berlin wall” é correta. Não, é correto sim. É correto. “With”... Se bem que “falling” eu não sei se dá a idéia de queda física, quebrar alguma coisa e ela cair. Não, eu vou apostar no “falling” a princípio. Talvez, eu mude depois também. (...) Uma outra dúvida de vocabulário veio à minha cabeça. Eu quero escrever: “o fim do bloco comunista”. E me veio de imediato, talvez porque eu estou pensando em português, “the end of the communism block”. Mas daí eu lembrei que “block” em inglês é bloquear. E agora eu estou em dúvida se também é no sentido de bloco. E alguma coisa me diz que não. Então, eu vou tentar achar a palavra correta. Como em francês a gente usa “bloquer” para “bloco”, isto contamina também o meu inglês. Eu fiz uma marca no meu texto no espaço relativo à palavra que eu não encontrei para “bloco”, mas que eu sei que eu conheço. Está em algum lugar guardado na minha cabeça. E eu volto... Mais pra frente, eu volto. Não adianta eu ficar insistindo muito, porque eu vou ficar tenso, e vai atrapalhar o resto da produção. Então, eu volto em um momento futuro.</p>
63	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Eu quero dizer em inglês, com a seguinte frase em português, “tão nebuloso quanto o futuro do comunismo era o do populismo”. E me veio na cabeça para neblina, nebuloso, neblina, a palavra “myst” em inglês. Então, eu não sei se eu posso usar simplesmente o “mysted” para nebuloso. Porque, na verdade, eu não sei se existe o verbo “to myst”. Neblinar, alguma coisa neste sentido. Ficar nebuloso. Então, eu vou ter que achar uma palavra pra “nebuloso” também. Eu vou colocar simplesmente “dark”. “Tão escuro quanto o futuro do comunismo, era o do populismo”. Que é uma palavra que faz parte do meu léxico, e que infelizmente pra mim é uma palavra mais simples. Eu não gostaria de usar palavras tão simples no meu texto. Mas, por hora, fica “dark”. Talvez, na hora de reler o texto, eu volte à ela. (...) Em português, o meu período foi construído com base na inversão, como recurso de ênfase. Então, em português eu pensei: “tão escuro quanto o futuro do comunismo, era o populista”. Mas, em inglês, eu não sei se esta inversão funciona. Se eu disser: “so dark”, ou “as dark as the communist future was as the populist one”. Eu imagino que isto não funciona. E, por outro lado, eu tenho certeza que se eu escrever em uma ordem direta, vai funcionar. É... “The populist future was as dark as the communist one”. Então, eu vou fazer esta mudança no meu texto. Apesar de ser um texto mais básico, menos elaborado. Eu sei que é menos elaborado, mas eu prefiro fazer assim pra não cometer um erro. Em vez de usar “the populist future” eu vou usar o genitive case, “the populist’s future”. Que na minha cabeça, parece que é algo mais legal, mais bonito usar. Porque, em português, não é algo tão lógico você usar ‘s, neste sentido. Que eu acho que uma coisa típica da língua inglesa, você fazer esta inversão. Mesma coisa se eu disser “the future of populism”. Isto é mais direto no raciocínio de quem fala português. O futuro do populismo, “the future of the populism”. Então, eu vou usar “the populist’s future”. Exato. Tem mais cara de inglês. (...) Eu sei que a construção “so dark as” está errada, porque não é o negativo. E alguma coisa me diz que eu poderia usar o “so” com o “not” junto. “Not so dark as”. E para afirmativo, eu devo usar “as dark as”. Na minha cabeça, alguma coisa me diz que este seria o correto: “as dark as”. É por isto que eu cortei “so” e coloquei “as”. Exatamente. (...) Eu quero dizer “paradoxalmente”. Eu tenho quase certeza que existe em inglês “paradox”. Eu tenho certeza que existe em inglês. Por influência grega. Mas eu não sei. não tenho certeza se “paradoxalmente” seria “paradoxally”. Eu vou chutar que sim, vou dizer que sim. Por analogia com outras palavras importadas do grego e pela construção de outros advérbios, eu cheguei à conclusão de que “paradoxally” pode funcionar. Que “paradoxalmente” pode funcionar. Quando você pegar “radical”, por exemplo. “Radically” na minha cabeça, parece correto também. Entre outros exemplos.</p> <p>B – Eu quero dizer “o recente reaparecimento destas ideologias”. E para “reaparecimento” eu estou procurando uma palavra. Então, me veio originalmente o verbo “appear”, daí eu pensei em “appearance”, e aí eu cheguei a “reappearance”, mas isto não me pareceu natural pro inglês. Então, eu estou procurando uma palavra que ficasse melhor, mas ainda não achei. Também pensei em “crescimento”, “growth”. “Regrowth”, para um recrudescimento, um novo crescimento. Mas me parece estranho esta relação entre o prefixo ‘re’ com estas palavras, tanto “growth” quanto “appearance”. Mas a palavra vai surgir até o final do texto, eu tenho certeza. Eu vou fazer como para “bloco” antes. Eu vou deixar em branco e depois eu volto. E, se em hipótese alguma surgir a palavra, eu mudo a frase, mantendo a mesma idéia. Então, por exemplo, eu uso o verbo em vez de usar o nome. Eu faço uma verbalização deste aparecimento. Então, em vez de dizer que “o fracasso não contaminou o reaparecimento recente”, eu vou colocar que, sei lá... Eu vou colocar que “tais ideologias reaparecem, apesar do fracasso do passado”. E aí eu vou usar “despite” também, que eu gosto bastante em inglês. Ou “in spite of”. (risos) Eu também tinha pensado, além de “growth” e “appearance” do verbo “to birth”, “birthday”. Nascimento, renascimento. Mas isto também me pareceu estranho... “rebirthday”, então eu desisti. (...) Veio na minha cabeça a necessidade de eu colocar uma idéia antes do que eu acabei de escrever. Que é a idéia de que o capitalismo deveria ter saído vitorioso. A idéia do fracasso de ambas as tendências. E eu não tinha escrito isto. Então, eu vou voltar até lá e acrescentar esta frase. Depois disto daqui “o futuro do populismo parecia tão obscuro quanto o do comunismo por causa dos resultados duvidosos de sua experiência”. Então, eu vou colocar: “deveria o modo capitalista, o sistema capitalista, ser vitorioso”. E depois eu mantenho a frase do “paradoxally”. “Paradoxalmente, o fracasso destes sistemas</p>

	<p>não permitiu a vitória do capitalismo”. E com isto eu evito também aquele problema do “reappearance”, ou do “rebirthday”, ou do “regrowth”. Eu evito isto daí. Então, eu acrescentei após a frase “o futuro do populismo parecia tão obscuro quanto o do comunismo por causa dos resultados duvidosos e sua experiência”. Após esta frase, eu acrescentei: “o sistema capitalista deveria ser bem sucedido com tal cenário”. Originalmente, eu tinha escrito: “the capitalism system should be”. Mas daí eu lembrei que eu posso fazer a inversão com “should”. Fica mais bonito. Então, eu fiz a inversão: “should the capitalism system be”. E antes de colocar “system” eu tinha colocado simplesmente “way”. Mas me pareceu muito básica esta palavra, então, eu troquei por “system”. E antes de colocar “successful”, eu tinha posto “victorious”. Mas me pareceu que “successful” era melhor por dois motivos. Primeiro, pelo eco, um bom eco na minha opinião, que se dá com a palavra “cenarium”. O som de ‘um’. “Successful”. Então, a frase ficou: “should the capitalism system be successful with such cenarium”. Eu acho que fica bom para o ouvido do leitor. E depois eu usaria a palavra “vitória”, “victory”. Então, eu evitei “victorious” pra usar “victory”. E depois, então a palavra “vitória” era melhor do que “sucesso”. Por que eu escrevi: “should the capitalism system be successful with such cenarium”. É... Assim, eu usei antes a palavras “vitória”. Eu usei... Cadê? A frase inteira ficou... a construção inteira ficou: “the populism’s future seemed as dark as the communist’s one because of the doubtful results of its experience. Nevertheless, the failure, paradoxally, did not permit capitalism victory”. Afí eu usei “vitória”. Neste ponto que eu acrescentei a frase do capitalismo. Então, “the populism’s future seemed as dark as the communist one because of the doubtful results of its experience. Should the capitalism system be succesfull with such cenarium. Nevertheless, the failure of those ideologies did not permit the capitalism victory”. Ó: “did not permit the capitalism victory and leftist populism is stronger”. Porque eu tinha pensado em português: “entretanto, a derrota destas tendências, destas ideologias não permitiu a vitória do capitalismo e o populismo esquerdista, o populismo de esquerda está mais forte”. Mas eu não gostei desta frase em português agora, porque eu achei que faltou paralelismo. Então, eu vou mudar isto daí. Porque eu coloquei ali “não permitiu a vitória do capitalismo”. Como eu usei o verbo “não permitiu”, depois de “e” eu vou ter que usar um verbo também. No lugar de “e” a esquerda populista está mais forte, eu vou ter que escrever “e a esquerda populista, e o populismo de esquerda se fortaleceu”. Isto que eu vou ter que mudar. Eu vou manter a estrutura, porque, na verdade, eu acho que não vai haver problema de paralelismo. Porque, a idéia original de adversidade, introduzida por “nevertheless”, já está completando a idéia inicial do período anterior, “que o futuro populista parecia tão obscuro quanto o do comunista por causa dos resultados duvidosos de sua experiência. Entretanto, o fracasso de ambas as tendências, paradoxalmente, não permitiu a vitória capitalista”. E eu vou tirar o paradoxalmente desta frase e fazer uma frase nova. Eu vou colocar ponto. E escrever: “paradoxalmente, a esquerda populista está mais forte hoje em dia”. E daí eu evito problema de paralelismo, porque são frases diferentes. Eu quero dizer em português pra em inglês o que em português me vem à cabeça. “Paradoxalmente, o populismo de esquerda está mais forte do que nunca”. Só que se eu for traduzir literalmente “stronger than never”, não me parece bom também. Eu sei que tem uma expressão melhor. Então, eu vou buscar uma boa resposta pra isto daí. Ou, “está ainda mais forte”. Me vem à cabeça a construção em francês também. E advérbio... Me vem à cabeça o advérbio em francês. Porque alguma coisa me diz que eu deveria usar em inglês “yet”, mas eu... não sei se eu vou usar “yet”. Eu fico em dúvida, quando eu uso “yet”. Se eu estivesse em casa, eu ia consultar um livro de gramática neste momento. Eu sei que “yet” pode ser usado como “ainda”. Mas alguma coisa me diz que é em frase negativa. Eu acho que eu até perguntei numa aula pra você sobre isto, mas eu não lembro da resposta. (risos) Você me falou: não, em frase negativa tem outro sentido, papapa. Mas eu não lembro da resposta. Então eu iria consultar o livro de gramática pra isto daí. No lugar de “yet”, eu vou usar “still”, que eu acho que é mais garantido. “Paradoxally, leftist populism is still... is still stronger?”. Eu vou ter que rever isto no final da redação também. Circulo isto daí, e vou pra frente.</p>
64	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>B – Bem, eu construí um parágrafo introdutório que, na hora de passar a limpo, vai dar em torno de 7 linhas. Agora, eu construí o primeiro parágrafo do corpo do texto, que vai dar em torno de 10 linhas. Construirei um outro parágrafo do corpo do texto em torno de 10 linhas, e vou pra conclusão direto. Que daí vai ficar uma média de 30, 35 linhas. Depois disto eu vou contar as palavras e daí eu vou riscar ou acrescentar alguma coisa. Eu comecei este primeiro parágrafo do desenvolvimento relacionando com a introdução. Então, o meu segundo parágrafo do desenvolvimento, vai ter que se relacionar com o final do primeiro parágrafo do desenvolvimento. Como no primeiro parágrafo do desenvolvimento eu terminei falando do paradoxo entre o fracasso e o novo sucesso, o recrudescimento do esquerdismo populista por causa da não vitória, da derrota do capitalismo. Agora, eu vou escrever por quê isto não aconteceu. Por quê o capitalismo não deu certo. Não ofereceu boas respostas. Não aproveitou esta brecha da decadência dos outros sistemas. E eu já sei que eu vou ter o texto falando em esperança. Porque, na verdade, esta volta ao esquerdismo populista acontece simplesmente porque o povo tem esperança, que é o único bem que eles têm.</p>
65	<p>Processos de redação – preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>B – Eu estava escrevendo a primeira frase do meu segundo parágrafo do desenvolvimento, e me surgiu a necessidade de falar o adjetivo “forte” de novo. Só que na última frase do parágrafo anterior, eu usei “forte”. Então, eu vou procurar outra palavra para “forte”, que não me vem automaticamente na cabeça nem em português. Quem dirá em inglês. Me veio à cabeça “powerful”, poderosa.</p>
66	<p>Processos de redação – coerência e coesão do texto</p> <p>B – O mesmo que eu fiz com os outros parágrafos, eu estou refazendo. Que é chegar, não ao final, mas a 70% do parágrafo pronto, voltar ao começo, relê-lo. Relê-lo, pra ver se ele está coerente, se ele está coeso. Pra que nos 30% restantes, eu crie a ponte para o meu parágrafo seguinte. E é isto que eu estou fazendo agora. Eu estou lendo pra ver se a ponte do parágrafo anterior funcionou. Se o meu parágrafo atual está ligado com o anterior. E se este encadeamento com o anterior é capaz de gerar o encadeamento com o próximo. Pra que não haja só coesão dentro do parágrafo, mas sim a coesão no texto inteiro.</p>
67	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Ambas as tarefas, eu faço ao mesmo tempo. Eu vou revendo as idéias, mas também eu vou revendo as palavras que eu adotei. Eu já percebi aqui, por exemplo, que eu usei “however”. E eu tinha usado “however” no parágrafo anterior. Eu usei “however” no primeiro parágrafo, na introdução. Está distante. Só que como o texto é curto, mesmo estando distante eu vou procurar colocar outra expressão. No lugar de “however”, pra enriquecer o texto. Eu risquei “Latin America” neste meu segundo parágrafo de desenvolvimento, que no meu texto está na linha 25. Eu risquei a expressão porque na linha 23 eu já havia utilizado “Latin America”. Eu vou riscá-la e usar simplesmente o advérbio “there”, “lá”, como</p>

	<p>mecanismo de coesão. Eu usaria o pronome relativo “which” na minha frase, só que como eu estou com pressa, especialmente no dia de prova ou alguma coisa eu não teria muito tempo, eu coloquei “that” direto, mas eu sei que “which” é melhor. Então, depois de terminar o texto, na última leitura, eu vou deixar marcado este “that” e vou analisar se eu posso usar “which”, porque não é automático o uso do “which” pra mim. Na minha cabeça, o “that” é tão natural por causa da fala, da oralidade, que, sempre na hora que eu vou usar “which”, eu tenho que pensar alguns segundos pra ver se está correto. Eu nunca tenho dúvidas no uso de “who”, “whom”, “whose” e “that”. Mas o “that” com o “which”, eu sempre eu confundo. (...) Eu vou mudar a estrutura da minha frase pra evitar uma ambigüidade. É... eu estou escrevendo: “there were no well developed fundamental rights among people that could support something”. Eu percebi que haveria ambigüidade deste “that” entre “fundamental rights” e “people”. Por isto, eu vou colocar “among people” no começo da minha frase: “Among people, there were no well developed fundamental rights that could support something”. (...) Eu cheguei ao final do meu desenvolvimento. Eu vou reler todo o texto agora pra construir a conclusão. Depois da conclusão, eu vou reler tudo de novo, pra ver se ele está bem amarrado. (...) Relendo o meu texto, na linha 3, eu tinha deixado circulado como dúvida se na preposição com a expressão “the 90 century” seria “in” ou “at”. Eu vou apostar no “in”, porque é mais genérico. (risos) Mas também não estou certo. Outra coisa, aquele problema que eu tinha com o “block”, que eu não sabia se eu podia usar como “bloco”, eu substituí pela palavra “world”, simplesmente. Então, em vez de bloco comunista, o mundo comunista. Eu coloquei “communist world”. O outro problema que eu tinha com o “however”, o qual eu tinha utilizado duas vezes no meu texto, foi resolvido com a substituição do segundo “however” por “despite that”, ou “in spite of that”. Mas eu escolhi “despite that”, porque tem menos palavras. Se no final eu não atingir as 300, eu já sei que eu vou modificar “despite” por “in spite of”, porque eu tenho 3 palavras.</p>
68	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>B – Agora, eu vou contar as palavras do meu texto, depois de ter relido até o final do desenvolvimento, antes de escrever a conclusão, pra saber o tamanho que eu preciso fazer esta conclusão. Se, de 300 palavras, eu escrevi só 200, eu vou ver que vai ficar desproporcional a minha conclusão. Então, eu vou ter que desenvolver melhor o corpo do texto. Vou voltar ao corpo do texto. Vou abortar o processo de escritura da conclusão.</p> <p>E – E se, por acaso, você tiver feito 300 palavras já?</p> <p>B – Eu vou ter que voltar também ao texto e cortar alguma coisa.</p> <p>E – Certo. Então, você... agora, você não está exatamente pensando na conclusão. Você está pensando...</p> <p>B – No espaço que eu tenho pra fazer a conclusão. Minha introdução teve 61 palavras. Exatamente o que eu queria. Mais ou menos 20% do texto. De 300, 61 está nos 20%. Ficou perfeito. No final do primeiro parágrafo do corpo do texto, eu já vi que eu redigi 147 palavras. Então, provavelmente eu vou ter que escrever mais no desenvolvimento do corpo do texto. Dificilmente eu vou atingir 260 palavras... 240 palavras ao final do corpo do meu texto. Porque eu preciso de 60 palavras para a conclusão. São 20% do tamanho. (...) Eu atingi apenas 207 palavras. Das duas uma: ou eu desenvolvo melhor os meus dois primeiros parágrafos, ou eu construo o terceiro. Como o meu primeiro parágrafo ficou com uma média de 95 palavras, e o meu segundo ficou com apenas 60, eu vou escrever mais no segundo parágrafo. Não vou construir o próximo, senão vai ficar um parágrafo muito desproporcional. Muito pequeno. Na verdade, eu vou procurar mais exemplos, pra reforçar o argumento. Eu não vou colocar um argumento novo, porque, senão, eu vou precisar de muito mais espaço. Quando eu falo encher lingüiça é pra não lançar uma idéia nova, porque senão eu vou acabar estourando o meu limite. (...) Eu já vou mudar agora aquele “despite that”. Eu vou colocar “in spite of that”. Porque, daí, eu tenho 3 palavras no lugar de uma. (...) Eu vou colocar mais corpo neste parágrafo, neste segundo parágrafo do desenvolvimento, mas sem fazer muito esforço. Depois eu vou fazer a conclusão. Se ainda assim eu não atingir os 300, eu vou procurar palavras que podem ser desmembradas em mais de uma, como o “despite” e o “in spite of”. Se eu usei, por exemplo, “though”, eu vou usar “even though”. Eu vou ter 2 palavras. Este eu uso bastante. (risos)</p> <p>E – Mas este “não fazer muito esforço”, exatamente a que você está se referindo?</p> <p>B – Porque eu sei que o meu parágrafo precisa ter mais ou menos umas 90 palavras. Mas eu sei que ele já tem 60. Eu não vou ficar contando uma hora pra ver se eu cheguei a 30. Se eu fiz uma frase que deu 15, ou uma que deu 45, depois eu vejo isto. Eu vou escrevendo sem pensar no tamanho do que eu tenho que escrever. Isto que é escrever sem esforço.</p>
69	<p>Processos de redação – preocupação com o desenvolvimento de idéias Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – No meu segundo parágrafo do corpo do texto, eu estou dizendo que “as reformas econômicas promovidas nos anos 90 pelo liberalismo na América Latina não geraram bons resultados para o povo”. E eu tinha escrito aqui que elas não geram bons resultados, porque não havia, uma carga dos direitos fundamentais colocada que pudesse suportar estas reformas neoliberais e esta minimização do Estado, como os países da América... e agora eu vou escrever por quê estas reformas deram certo em outros países de primeiro mundo, e não deram certo no mundo subdesenvolvido, especificamente na América Latina. Porque eu achei que faltou eu explicar um pouquinho este conceito de bem-estar social, de direitos fundamentais. Eu vou colocar isto daí, porque, além de esclarecer a minha idéia, eu vou conseguir atingir o número de palavras desejadas.</p> <p>B – Eu quero usar a palavra cidadania em inglês, “citizenship”, mas eu não me lembro se tem um ‘y’ no meio. Cidade é “city” com ‘y’. E daí eu estou procurando aqui descobrir se tem ou não tem ‘y’ por meio da escritura da palavra com e sem ‘y’. Que visualmente eu consigo perceber qual é a melhor maneira de escrever esta palavra, qual é a maneira correta de escrever esta palavra. E eu optei pela palavra sem ‘y’ nenhum. Pode estar errado, mas eu optei por isto, que me pareceu mais bonito e mais familiar. (...) Eu não lembro se a palavra “process” é com 2 ‘c’ ou com 1 ‘c’ só. E eu escrevi e vi que é com 1 ‘c’ somente. Eu escrevi uma frase de mais ou menos 3 linhas, que eu imagino que deva dar umas 30 palavras. Não contei ainda o número de palavras. Vou passar pra conclusão. Escreverei a conclusão. Após terminá-la, volto a recontagem de palavras.</p>
<u>Bernardo – redação 2</u>	
70	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>B – Eu vou ler o meu texto pra ver se o que eu escrevi é exatamente isto que eu falei, ou se faltou alguma coisa, vou prestar bastante atenção à forma e já vou cortando algumas palavras, porque eu sei que ultrapassei o limite de 350. Depois de ter cortado estas palavras que, em uma primeira leitura, eu percebo que são desnecessárias, aí sim eu contarei as palavras, pra começar a condensar as idéias em expressões mais curtas, frases mais enxutas. Meus argumentos já estão</p>

	<p>basicamente fixados aqui. O máximo que pode acontecer é, percebendo uma desproporção entre introdução, corpo do texto, desenvolvimento e conclusão, é diminuir um pouco um pedaço em benefício de outro, o também volta à questão formal e não à questão essencial de argumentos. Modéstia à parte, já estava bem satisfatória a forma. Eu imagino que já estava boa. Apenas, devido à minha prolixidade, eu acabo sempre estourando o limite de palavras, então eu preciso condensar idéias, reduzir frases. (...) Eu cortei apostos, por exemplo, apostos explicativos, que ajudariam na compreensão do leitor, mas que não eram essenciais, eu cortei locuções verbais por verbos simples, por um único verbo, eu cortei alguns artigos que eram desnecessários... O que mais? Basicamente isto que eu cortei.</p>
71	<p>Processos de redação – preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>B – Talvez, no processo de redação final, eu ainda perceba algum erro, ou alguma pequena impropriedade e queira modificar. Isto quase sempre acontece comigo. Por exemplo, para palavras iguais que estão muito próximas no texto, eu busco um sinônimo. Ou palavras que não são iguais, mas que têm uma raiz igual, que é ruim para o leitor ver, também busco um sinônimo, e assim por diante. Conteúdo, não. Pelo menos, nunca aconteceu até hoje de eu mexer no conteúdo na versão final, mas... (...) Vou relê-lo e, depois de relê-lo, eu vou contar as palavras de novo, pra ver se cheguei às 350 de fato. Só isto. E, da mesma maneira como quando eu reli a versão em rascunho, eu vou procurar cacofonias, ecos, palavras de mesma raiz muito próximas, que, se a minha filtragem inicial não captou, eu espero que esta segunda peneirada consiga visualizar.</p>
72	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>E – Bom, agora, lendo a redação em inglês, o que é que você mudaria, depois de ter escrito a redação em português?</p> <p>B – No primeiro parágrafo, linha seis, eu usei a palavra “metropolis” no plural em inglês, que, a princípio, eu imaginaria que fosse “metropolises”. Mas, considerando que “metrópole” é uma palavra de origem greco-latina, eu, agora, visualizei que o plural dela deve ser irregular, e não em ‘es’. Portanto, eu procurarei uma palavra ou uma expressão que possa funcionar no lugar de “metropolis”. (...) Tiraria “metropolis”, na linha seis. Porém, isto não tem ligação alguma com a minha redação em português, imagino eu. No lugar de “metropolises”, eu colocaria “European countries”, simplesmente. Nas linhas 17 e 18, eu usei uma inversão que eu não tenho certeza se está correta. Eu escrevi em inglês: “should the neoliberalism be succesful in such scenarium”. Daí, eu estou pensando agora que, talvez, com “should” eu possa inverter. Porém, não há nenhuma palavra que eu sei que é atrativa da inversão, como um advérbio. Então, para evitar um possível erro, e para garantir uma frase mais limpa e correta, eu desfaria a inversão. (...) Escrever na ordem direta; sujeito, verbo e complemento. “the neoliberalism shoud be succesful in such scenarium”. Na linha 36, eu usei a palavra “ressurreição”, em inglês “resurrection” com 2 ‘s’, e eu não tenho certeza se, de fato, são dois ‘s’ ou se é um ‘s’ só. Na dúvida, eu mantereí os dois ‘s’, já que eu não achei nenhuma palavra parecida, com o mesmo radical e o mesmo prefixo que pudesse me indicar qual é o caminho a ser seguido.</p> <p>E – Bom, Bernardo, além de estas palavras que você mencionou... da inversão e da “metropolis”, da “ressurreição”, tem alguma outra coisa que você mudaria no texto?</p> <p>B – Não, não tem. Certamente há outros erros, mas eu não tenho a percepção para descobri-los. Por isto que eu não mudaria mais nada.</p>

Bernardo – redação 3

(nenhum comentário relevante para a pesquisa)

Bernardo – redação 4

73	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>B – Bem, como o tema é o mesmo, tanto em português quanto em inglês, eu planejo fazer o mesmo esqueleto da minha primeira redação... da minha terceira redação, da redação três, em português, já que o tema é o mesmo. Ou seja, faço uma introdução, desenvolvo o corpo do texto em três parágrafos, cada um com um subtema, já lançado na introdução, e na conclusão eu retomo os três temas desenvolvidos no corpo do texto. Você gostaria de saber quais são estes temas também? É... Como o Brasil deveria combater a criminalidade, em específico o tráfico de drogas, de três maneiras, em especial. A primeira delas, investindo em uma reforma legal, a fim de que as leis sejam atualizadas e, portanto, mais eficazes na vida prática da população. Em segundo lugar, investindo na reforma do sistema carcerário, eu ainda vou ter que descobrir como é que eu vou escrever em inglês “sistema carcerário”, mas isto durante a redação vem..., fazendo modificações na estrutura de divisão dos presos e uma reclassificação interna dos tipos de pena em cada unidade prisional. E terceiro, que é a meta mais importante, que é a medida mais importante, o investimento em educação, promovendo, assim, uma diminuição na desigualdade social e, conseqüentemente, uma redução dos níveis de criminalidade. E, na conclusão, certamente retomarei estes três temas de alguma maneira, que eu ainda não sei.</p>
74	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Na construção do meu esqueleto, prévio ao rascunho, eu não consigo visualizar o adjetivo “prisional” em inglês. Me vêm à cabeça palavras como “prison”, “jail”, mas o adjetivo relativo a elas, não me vem. Ainda não sei se vou desistir da idéia, ou se vou procurar fazer uma construção diferente, passando em torno deste adjetivo. (...) Bem, na segunda linha do meu texto, eu utilizei a palavra “problems”. Porém, na terceira linha, eu também quis usar “problems” e eu considerei que este segundo uso seria mais importante que o primeiro. Portanto, eu voltei à primeira palavra e modifiquei “problems” por “questions”, que é uma palavra mais genérica que, neste caso, se encaixaria. No segundo, não. Na linha número seis, eu... Que na segunda linha, primeira frase do meu texto, eu digo que “during this time of elections, a great deal of...”, no caso “problems”, “...appear as capital challenges to be solved by the next Brazilian governors”. Só que os governantes não têm que resolver desafios tidos como problemas simplesmente. Alguns desafios podem ser questões. Eu imaginei que questões era mais amplo. Já na minha segunda frase, não caberia tanto questões, porque a segunda frase é a seguinte... Você gostaria que eu continuasse lendo em inglês, ou em posso ler em português? O que é que você prefere? A segunda frase é a seguinte: “among these questions...”, originalmente, “among these questions it seems that especially two are always the most debated, but never reduced: corruption and violence”. Daí, eu pensei: corrupção e violência não</p>

	<p>são necessariamente questões, mas são problemas, de fato. Então, eu fiz esta mudança de questões por problemas. (...) Na minha linha número seis, eu digo que o primeiro, no caso, corrupção, dos dois problemas, “the first might be...”, “diminuído”. O primeiro pode ser diminuído. Eu queria dizer “diminuído”. Como eu já havia usado “reduced” na linha anterior, eu me lembro que há em inglês o verbo como “diminish”, mas eu não me lembro exatamente se é assim que se fala e, conseqüentemente, se é assim que se escreve. Portanto, eu desisti deste verbo e apostei no “minorated”. Apesar de ser um verbo menos corrente no inglês, é um verbo cuja raiz é muito similar à do português. Então, eu apostei nele, porque a chance de eu errar é muito menor. Até agora, é isto. (...) Bem, na minha redação, eu usaria a palavra “anachronic”, “anacrônico”. Porém, eu tenho dúvidas quanto a... como é que se chama em português?, ao “spelling” da palavra... a ortografia... como se soletra esta palavra. Eu tenho dúvidas. Então, eu vou trocar esta expressão, “anachronic”, por “out-of-time”, por mais que esta segunda expressão seja menos formal, mais coloquial. Eu preciso escrever “anachronic” pra visualizar. Eu acho que é a-n-a-c-h-r-o-n-i-c. A minha dúvida é com relação ao lugar da letra ‘h’. Eu, sinceramente, acho que é isto que está certo. Eu não vejo outra possibilidade. Mas um outro professor meu me corrigiu, eu não me lembro de como eu coloquei esta palavra na prova, se ela estava assim ou se estava de outra maneira escrita. E ele me corrigiu. Portanto, eu internalizei esta idéia de que a palavra “anachronic” é problemática e seu “spelling”, seu soletrar pode me gerar problemas. Esse ‘h’ eu tenho quase certeza que é depois do ‘c’ mesmo. Eu vou arriscar, sim. Vou desistir do “out-of-time”, que é um tanto coloquial e vou arriscar, e deixar o “anachronic”. (...) Na minha linha 14, última palavra, por enquanto, eu ainda não decidi qual é que eu usarei. Deixei um espaço em branco, pois eu quero dizer que o Código de Processo Penal e o Código Penal, que vêm dos anos 40, “they are not able to...”, alguma coisa que eu não sei o que é, “...more recent crimes, related with Internet and globalization”. Eu quero dizer alguma coisa no sentido de que eles não são capazes de lidar com, de resolver, eu ainda não sei muito bem qual é o verbo que eu vou usar. Eu gostaria, sinceramente, de usar “lidar com”. Alguma coisa me diz que eu poderia usar “deal with”, mas eu não tenho certeza. Então, eu vou deixar em branco e mais pra frente eu volto.</p>
75	<p>Processos de redação – preocupação com a repetição de vocábulos</p> <p>B – “To solve”, mas, aí, é muito banal, muito simples, eu considero, e eu já usei este verbo na minha introdução. Eu sempre tenho aquele ideal, mais em inglês do que em português, de evitar repetir palavras, principalmente as palavras de maior importância, como verbos e substantivos, “nouns and verbs”. Eu evito repetir muito. Se, ao final, eu não achar nenhuma, eu repito o verbo. No espaço em branco da linha 14, ao qual eu acabei de me referir, eu decidi colocar o verbo “combat” pura e simplesmente. “Combat”. Só isto. Mas eu vou mudar. Acabei de me lembrar do verbo “to punish”, “punir”, mas vou guardá-lo pra usar mais pra frente. Certamente faz parte do léxico relativo à criminalidade, tráfico de drogas. Mais pra frente, vou usá-lo, com certeza.</p>
76	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>B – Certamente. Seria uma palavra mais apropriada. Na minha frase, diz: “then, they are not able to combat more recent crimes”. Se eu escrevesse, “they are not able to punish more recent crimes”, seria mais adequado. Talvez, eu mude agora e use “to combat” mais pra frente, que eu vou reutilizar. Mas, como eu não sei como é o meu ponto futuro, se vai me faltar vocabulário, vou guardar o “punish”, mantenho o “combat” por enquanto. “To combat” me parece um verbo mais neutro que o verbo “to punish”, o qual é bem mais ligado ao vocabulário da criminalidade. Como nesta frase da linha 14, o verbo “to combat” se encaixou bem, eu vou guardar o verbo “to punish” para algum parágrafo futuro, como uma carta na manga, pois eu não sei quais são as dificuldades que eu encontrarei nos próximos parágrafos. (...) Na minha linha 18, acabei de usar o verbo “punish” no seu particípio, criando o adjetivo “unpunished”. Então, se comprovou a minha teoria que era melhor guardá-lo mais pra frente e utilizá-lo em um momento mais adequado.</p>
77	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Na minha linha 21, eu usei uma estrutura de negação cuja tradução do português para o inglês, pura e simples, não deu certo. Em português, eu diria: “as cadeias não estão reeducando os prisioneiros nem justamente os punindo... nem os punindo de modo justo”. (...) Em português, eu não necessariamente preciso usar “nem”, “nem”, eu posso usar “não”, depois “nem”. “Não” em português, me levou diretamente ao “not” em inglês. Aí, o que eu escrevi primeiro foi: “Jails are not reeducating prisoners”. Quando eu ia colocar o “nem”, “nor”, eu me lembrei que a construção não é “not”, “nor”, mas “neither”, “nor”. Daí, eu resolvi riscar o “not” e colocar o “neither”: “Jails are neither reeducating prisoners nor punishing them”. Isto. Antes de escrever o segundo “nor”, eu voltei, risquei o “not” e escrevi o primeiro, “neither”.</p>
78	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Na minha linha 24 de texto, eu falaria que “diferentes tipos de condenação sendo punidas no mesmo lugar”, “different kinds of condemnation being punished in the same place”, mas eu resolvi mudar “condemnation” por “prisoners”, pra deixar o discurso mais, mais pessoal. Eu acreditei que esta solução seria melhor pra sustentar o meu argumento de que as cadeias se tornam universidades do crime, quem estuda em uma universidade não é a condenação, mas sim o prisioneiro, por isto que eu mudei. Nesta mesma frase, linhas 24 e 25, eu gostaria de dizer: “prisoners are being punished in the same place”. Mas, além de dizer isto, eu gostaria de dizer, “em um local super lotado, super ocupado”. Como eu nunca li nem estudei a palavra “superlotado” em inglês, eu pensei em um prefixo, “super”, “over” e pensei em um verbo, “ocupado”, “to occupy” e criei “overoccupied place”, que eu imagino que possa funcionar. Talvez, não seja a tradução fiel da palavra em inglês, mas, por meio desta palavra, eu consigo passar a minha idéia. Eu pensei na palavra “overloaded” pra chegar em “overoccupied”.</p> <p>E – Mas você pensou em colocar “overloaded” neste lugar?</p> <p>B – Não, eu pensei na construção.</p> <p>B – “Overloaded”, no sentido de muito carregado, super carregado. Aí, eu pensei que poderia funcionar com “overoccupied”, no sentido de pessoas em um espaço físico, “ocupação” e não “overloaded”. (...) Na minha frase de conclusão e ponte entre o terceiro parágrafo e o quarto do meu texto, que está na linha 25, eu usaria o conectivo “therefore”, que tem a carga de conclusão. Porém, eu imagino, eu tenho em mim a idéia de que este conectivo é mais solene, mais enfático. E daí, eu resolvi deixá-lo para o momento da conclusão final e agora usar uma conjunção mais simples como “so”, “thus”, “then”. Alguma destas três que não é tão dramática... tão bonita.</p>
79	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>B – Minha dúvida é sobre o uso da palavra “condenado”, adjetivo “condemned”, como substantivo, “o condenado”. “The condemned is” alguma coisa, no plural. A minha dúvida é: eu posso pluralizar este adjetivo, quando ele se torna</p>

	<p>substantivo? Eu posso falar “these condemned”, “these condemned”? Eu vou pensar em alguma outra palavra parecida e, por analogia, chegar a esta conclusão. Minha solução é manter a palavra como adjetivo simplesmente e colocar do lado a palavra “homens”, “estes homens condenados”, “these condemned men”. Só isto.</p> <p>E – Pois é, mas, desta vez, você resolveu parar na solução, pensar e esperar até chegar, em vez de deixar um espaço em branco pra voltar depois.</p> <p>B – Isto. Comparando com aquela minha postura anterior. Não sei. Racionalmente falando, eu não teria uma resposta de bate-pronto. Talvez, porque anteriormente eu já tivesse... na frase anterior, eu já tivesse a... Bem, eu estava falando sobre a escolha da minha palavra que, a princípio, não seria uma escolha racional, porém analisando a primeira frase em que eu deixei ela una, eu posso te dizer que eu já tinha a construção seguinte à lacuna já feita. Eu já sabia o que eu queria dizer na frase inteira, só não havia encontrado o núcleo do meu predicado, que é o verbo. Eu não havia encontrado. Isto aqui não, não é o núcleo nem do meu sujeito, nem do meu predicado. É uma palavra menor, assim, uma expressão menor, um termo menor. Então, eu não me preocupei tanto em deixar a lacuna em branco, pensando mais racionalmente, eu não me preocupei tanto deixar a lacuna em branco e resolvi achar logo uma solução e seguir em frente. Por isto. (...) Eu não consigo me recordar, na linha 27, da preposição adequada à construção “the influence of something”, “over something or on something”. E ainda não sei qual é a minha resposta. Me parece melhor a solução “over”, que é um certo chute. Mas me parece que eu já escutei isto antes, “the influence of something over something”. Vou colocar “over”. Não, eu vou modificar. Vou desistir do “over”, vou colocar “on”, por um motivo muito lógico e racional, porque há duas linhas a cima eu usei a palavra “overoccupied”, que já tem “over”. Então, eu vou desistir de repetir o “over” e vou apostar no “on”, que não me pareceu errado. Me pareceu sonoramente interessante também. “The influence of the most dangerous on the others”. Ai, caramba... Não, eu vou deixar “over” mesmo. Eu vou desistir do “on”. Vou deixar “over”. Também vou deixar o “over” lá de cima. Um é uma mera preposição, o outro faz parte de todo o vocábulo, eu imagino que funciona como prefixo em inglês, então, eu vou deixar. É isto.</p>
80	<p>Processos de redação – a preocupação com o limite de palavras afeta a qualidade do texto, das idéias e a estrutura do texto</p>
	<p>B – Sobre o número de palavras do meu texto. O comando da questão me pede uma dissertação entre 300 e 350 palavras. No meu esqueleto de idéias principais, eu já estabeleci um parágrafo introdutório, três no corpo do texto e um conclusivo, sendo que o introdutório e o conclusivo teriam, em média, 75 palavras, o que soma 150. E cada um dos parágrafos do desenvolvimento teria, em média, 60 palavras, o que soma 180. 180 mais 150 dá 330, e eu ainda tenho 20 palavras de margem de manobra. Porque, em redações antigas, eu tinha sofrido muito para cortar, ou pra adicionar. Então, eu já ando me condicionando, de um tempo para cá, a me manter a um limite de palavras e, se possível, até um pouco menos para que no final eu tenha uma margem a ser utilizada. Nesta redação, em especial, a minha introdução, cuja a previsão era de 75 palavras, ficou em 72. O meu primeiro parágrafo, de 60, na previsão, passou para 63 na prática. O segundo parágrafo, de 60, passou para 64 na prática. Ou seja, eu tenho conseguido atingir a minha meta dentro da margem que eu estabeleci. Questão de um mês para cá, que eu venho treinando mais textos, em português e também em inglês. Em português, eu tenho treinado com textos de 600 palavras. 600 a 650. Nesta minha margem de palavras em português, eu também costumo dividir o texto em introdução, três parágrafos de desenvolvimento e um de conclusão. A minha margem fica maior. Fica, se não me engano, fica 125 introdução, 125 conclusão e 95 corpo de texto, que sobra uma margem de 15 palavras. Se for somar tudo, se não me engano dá 635. Mas eu sigo a mesma lógica.</p> <p>E – E você acha que se prender ao número de palavras afeta a qualidade do seu texto? Afeta, de alguma forma, o conteúdo do texto?</p> <p>B – Certamente. Certamente o condicionamento ao número de palavras, faz as minhas idéias, necessariamente, serem mais sintéticas. Então, em um corpo de texto com três parágrafos, eu lanço três idéias, mas eu tenho a consciência de que nenhuma delas é aprofundada. Nenhuma delas eu desenvolvo muito. Os meus textos com esta divisão em palavras, geralmente tendem a ser uma espécie de receita de bolo. Eu sigo um número de palavras aqui, na introdução, sigo na conclusão, lanço três idéias, se possível, eu já anuncio na introdução que falarei sobre estas três idéias e, na conclusão, retomo as três idéias, pedindo uma iniciativa de alguém, do agente sobre o qual eu falo. Um iniciativa do governo, uma tomada de consciência. Geralmente, eu sigo esta estrutura.</p>
81	<p>Processos de redação – limitações na qualidade do texto em função do objetivo</p>
	<p>B – [Esse limite de palavras, a preocupação com este limite de palavras empobrece o meu texto]. Se eu não tivesse tal limite, certamente minha ousadia seria maior. Eu escreveria mais livremente, talvez usasse mais construções, digamos assim, mais literárias, pois não teria limite de palavras, não haveria uma necessidade tão grande de fazer parágrafos... Se eu tivesse a forma livre em relação ao número de palavras, certamente a forma com relação às estruturas lingüísticas que eu uso e com relação ao tamanho dos parágrafos, seria afetada. Até porque, eu já tinha o hábito de escrever e eu sei que, às vezes, é muito importante você lançar, por exemplo, um parágrafo simples com um período simples, se eu quero enfatizar alguma idéia. Eu lanço aquele parágrafo de duas linhas e uma única frase. Eu também sei que como mecanismo de ênfase eu poderia iniciar uma frase na conclusão com a conjunção “e”, com “and” em inglês. E isto eu jamais faria em um texto que alguém me pede, em uma avaliação. Porque, tecnicamente, considera-se errado começar um período por uma conjunção coordenativa aditiva, como é o “and”, como é o “e”. Então, se eu for escrever um texto por prazer, eu uso isto como mecanismo de ênfase, no sentido de que há uma outra idéia a ser adicionada e esta idéia precisa ser enfatizada. Por isto eu ponho um ponto e um período novo iniciado por “e”. Mas depois de ter sido tantas vezes e tão veementemente podado pelos meus professores de redação para concursos públicos, eu desisti desta idéia de começar períodos enfáticos com “e”. Isto eu não faço mais. Outros também seriam, com os exemplos aqui cabíveis, para a diferença entre um texto livre e um texto condicionado para um concurso. Certamente [isto independe da língua em que estou escrevendo]. A minha cabeça pensa igual em inglês e em português nestes casos em que eu falei. Se eu quisesse começar uma frase por “and”, ou se eu quisesse lançar um parágrafo com uma frase simples, certamente penso igual. Minha ousadia seria maior independentemente da língua, caso eu não houvesse, caso eu não tivesse esta limitação formal.</p>
82	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p>
	<p>B – Nas linhas 31 e 32, eu usei duas vezes o verbo “reduce”, e agora relendo, eu percebi esta repetição e o primeiro “reduce” eu substituí por “minorate”. É isto.</p> <p>Lendo a frase inteira pra ficar com sentido: “a well developed education system would be able to improve employment and improve the life of everybody”, alguma coisa neste sentido. Mas depois, eu me toquei que eu não havia dito que um sistema de educação bem desenvolvido seria capaz de reduzir a violência, que é o meu tema. Eu não havia dito isto ainda.</p>

	Pra eu ter que colocar um quarto item na minha enumeração, já que eu havia colocado três conseqüências de um sistema de educação bem desenvolvido, eu cortei esta idéia de melhorar a vida de todos, que peca pela generalidade, e coloquei a idéia do texto em si, que é reduzir a violência, “reduce violence”.
83	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>B – No começo da minha conclusão, na linha 37, eu usaria o verbo “realize”, mas, por dois motivos, eu resolvi cancelá-lo. O primeiro deles é que o verbo não representava exatamente a idéia que eu queria expor. Em português: “é difícil considerar um combate efetivo contra o crime e o tráfico de drogas sem grandes mudanças nas três áreas mencionadas”. “Considerar” no sentido de “pensar a respeito”. Então, eu ia usar “realize”, mas eu resolvi usar, pura e simplesmente, “think about”, “it’s hard to think about an effective combat”. Por dois motivos. Porque eu acho que “think about” seria mais direto e mais fiel, e porque o “spelling” do “realize” me trouxe dúvidas sobre o ‘z’ ou o ‘s’. Se “realize” é com ‘z’ ou com ‘s’. Eu tenho quase certeza que é com ‘s’, até porque em francês é com ‘s’ e tem este sentido do inglês, do “realisè”. Mas em português não é com ‘s’, é com ‘z’. E isto me trouxe uma certa dúvida. Por estes dois motivos, pela idéia ser mais bem expressa por “think about” e pela dúvida de “spelling”, eu desisti do “realize”. (...) A minha escrita automática do inglês me levou a, nas linhas 42 e 43, escrever a seguinte estrutura: “these politicians, however, will start”, e eu queria dizer: “estes políticos, entretanto, começarão a...”. E o verbo adequado não seria “start”, mas “begin”. Então, eu mudei. Na mesma hora que eu escrevi “start” eu vi que não se encaixava e mudei por “begin”. Eu não sei, mas me parece mais correto o verbo “começar” no sentido de o ser humano dar início a algum empreendimento começando, “begin”, eu não sei te dizer por quê. O “start”... Na verdade, eles são muito próximos, talvez são sinônimos, mas eu associo muito o “start” a jogos, a partidas, a esportes, desafios, não necessariamente é uma tomada de consciência: vou começar a pensar a respeito, “I’m gonna start to think about it”, “I’m gonna begin to think”. Talvez, eu esteja errado, mas me parece mais adequado “begin”. Desisti de usar “begin” ou “start”, porque eu ia escrever: “os políticos, entretanto, começarão a pensar” e eu escreverei simplesmente “pensarão”, “they’ll concern”. Em vez de “begin” ou “start”, alguma coisa. Finalmente, pra construir a última frase, ou as duas últimas frases, que seja, da minha conclusão, eu releio a introdução pra refrescar as minhas idéias que lá foram lançadas e pra que elas sejam retomadas na conclusão, pra que eu feche esta costura. Eu, por exemplo, comecei o texto falando em eleições. Terminarei o texto falando em eleições. Eu já não me lembrava disto.</p>
84	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>B – Cortei palavras. Porque eu percebi que o número de linhas se aproxima de nove e todos os outros parágrafos ficam nesta média, nove, dez linhas. Porém, como muito provavelmente eu usei palavras grandes nesta conclusão, eu cheguei a 59 palavras apenas. E a minha conclusão deve ter em média 75 palavras. Somando todas as outras palavras, todos os parágrafos já escritos, eu atingi 266, conseqüentemente, eu teria 84 palavras na minha conclusão. Como eu usei, entretanto, só 72 na introdução, eu quero ficar nesta média na conclusão, também. 75, 80 no máximo. 70, 70, 75. Não necessariamente chegar a 84 e exaurir as 350 palavras. O importante é que eu fique em um número médio de palavras, próximo da introdução e também em um número de linhas parecido, o que, talvez, seja mais importante que o número de palavras. O meu parágrafo conclusivo ficou com 80 palavras, um pouquinho acima do que eu imaginava, 70, 75. Apesar disto, eu fiquei dentro do limite de 350 palavras. O meu total foi de 346 palavras. Isto comprova a minha teoria inicial, que é sempre bom deixar uma margem a ser queimada no decorrer da confecção do texto. Agora, eu vou reler a redação, procurando erros, palavras iguais utilizadas muito proximamente, vendo se as idéias ficaram bem alinhavadas, a questão da coerência e da coesão. É isto.</p>
85	<p>Processos de redação – nível sentencial, revisão final, edição de palavras, de detalhes</p> <p>B – Depois, eu vou passar a limpo. Quando eu passar a limpo, ainda assim vou ler mais uma vez. Geralmente, eu não mudo nada. Geralmente, depois de fazer todo este trabalho que eu acabei de descrever, antes de passar a limpo, no momento em que eu vou passar a versão final, ainda assim, podem acontecer pequenas modificações, não percebidas pela leitura prévia à redação final. Mas muito dificilmente depois de passar a limpo, eu modifico alguma coisa. (...) Nesta leitura prévia à versão final, na linha seis, eu resolvi modificar a expressão “change of the social mentality” para, simplesmente, “change of social mentality”. Porque me pareceu mais correto. Eu sei que os ingleses, os anglo falantes em geral, não só os ingleses, são bem mais contidos no uso dos artigos, bem mais que os brasileiros e me pareceu que, se em português seria correto dizer “mudança da mentalidade social”, em inglês não seria tão adequado. Então, eu estou apostando que a retirada do artigo seja mais correta do que a sua manutenção. (...) E, além disto, no último parágrafo, eu havia usado dois adjetivos: “important” e “essential”. Eu inverti. No lugar de “important” eu pus “essential” e no lugar de “essential” eu pus “important”, porque eu achei que a carga semântica de “essential” era maior. Ele é mais enfático, mais incisivo. E, na minha frase, em que eu dizia, “leis, prisões e escolas são importantes partes da solução”, dizer que elas são partes essenciais, é mais interessante, eu imaginei. Já no outro caso, a palavra “essencial” não era tão relevante, poderia ser dito, simplesmente, “importante” no lugar de “essencial”. É isto. Só isto que eu mudei. E uma letra que eu esqueci, que eu acrescentei. Foi um plural. Na linha 35, eu escrevi “governor”, eu queria escrever “governors”, plural. Só. (...) Mais um artigo definido que foi por mim cortado. Na linha dez, eu dizia “the State should organize something”. Agora, eu vou dizer simplesmente “State”. Pelo mesmo motivo que eu disse anteriormente, este artigo que em português parece cabível, em inglês, me soa excessivo e errado. (...) Passando a limpo o terceiro parágrafo do meu corpo de texto, quarto parágrafo da redação, eu resolvi cortar uma expressão na linha 33, “we noticed that”. Eu havia escrito, “we noticed that any Brazilian government, etc...”. Eu acho que eu poderia dizer, simplesmente, “any Brazilian government”. É desnecessário dizer “percebemos que...”. Cortei a expressão inteira, menos três palavras.</p>
86	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Bom, Bernardo, agora eu vou pedir pra você ler a redação três, que foi feita em português sobre o mesmo tema e aí, eu queria que você me dissesse, depois de ler esta redação, se você quer mudar alguma coisa na de inglês. E por que motivo.</p> <p>B – É perceptível que as minhas frases em inglês são geralmente mais curtas que as em português. Provavelmente, por uma atitude defensiva, o medo de errar faz com que isto aconteça. As idéias de ambos os textos são bem parecidas. À exceção da introdução e conseqüentemente da conclusão, os três parágrafos do desenvolvimento estão quase iguais. Muito parecidos.</p> <p>E – Teve alguma variação?</p> <p>B – Eu, por exemplo, acrescentei, em inglês, no meu parágrafo que fala sobre a reestruturação das prisões, eu acrescentei a idéia de o tipo de sistema prisional adotado, se é um sistema prisional reeducativo ou punitivo. Esta idéia eu havia usado</p>

	<p>na minha introdução em português, e passei por ela bem rapidamente nesta parágrafo em inglês sobre o sistema prisional. Porque eu acho uma idéia interessante, importante, que tornaria a minha argumentação mais forte. Não necessariamente [ficou melhor em inglês do que em português]. Pra eu seguir o número de palavras e o número de linhas o qual eu me proponho, eu coloquei esta idéia em inglês, mas deixei de colocar outras que havia colocado em português. Eu troquei uma por outra. Em português, eu falei da humanização das prisões mediante a implantação de programas educativo-laborais. Isto, eu não falei em inglês. Em inglês, eu simplesmente pedi pela divisão mais racional dos condenados, por crime, divisão por crime e pela diminuição de presos por presídio. Foi isto que eu pedi em inglês, simplesmente, em português, não. Não me ocorreu. Falar dos programas educativo-laborais que eu citei em português, não me ocorreu falar deles em inglês. Com relação às idéias, as idéias foram muito parecidas, tirando isto. Ah, fora o fato de que em inglês eu ter iniciado e terminado o meu texto falando de eleições, que eu não citei em português. Eu não falei de eleições em português.</p> <p>E – Você tinha mencionado antes que as suas sentenças, as suas frases, os seus períodos em inglês são mais curtos. Você pode me dar um exemplo?</p> <p>B – Um exemplo seria o início do meu segundo parágrafo, primeiro do desenvolvimento, em português, eu escrevi: “primeiramente, mudanças legislativas promoveriam a atualização do processo penal e das definições de delito, que pecam pelo anacronismo”. Em inglês, o vocabulário é mais simples, as construções sintáticas são mais simples e, conseqüentemente, eu uso bem menos conectivos, pra não dizer nenhum. Pelo que eu vi aqui, eu não usei nenhum conectivo. Em inglês, a frase ficou assim: “first, State should reorganize law system. The Brazilian penal law is completely anachronic”. É isto. Peraí, deixa eu ver se... O resto do meu parágrafo segue esta mesma linha, em português: “tal incoerência repousa na data das principais leis. A parte específica do Código Penal e do Código de Processo Penal são herança da primeira metade do século XX”. Em inglês, ficou muito mais simples: “the penal procedural code and the specific part of the penal code, for example, were written in 1940s”, simplesmente.</p>
--	---

87	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Bom, então, qual das duas você acha que ficou melhor?</p> <p>B – Apesar de a redação em inglês estar mais simples e mais direta, a mim agrada mais o estilo da em português. Porque eu acho o vocabulário mais rico. Me incomoda o fato de o meu vocabulário ser tão limitado em inglês. Além disto, eu tenho consciência de que a chance de cometer erros em inglês é muito maior do que em português, com relação às palavras soletradas, principalmente é isto, com relação à regência de alguns verbos e de alguns nomes, qual é a preposição que se encaixa com eles. Isto, em português, eu posso dizer que eu tenho quase domínio absoluto. Não temo por isto quando escrevo em português. Em inglês, eu temo bastante, porque eu sei que eu costumo cometer deslizes nestas áreas. Então, por tudo isto, eu acredito que a qualidade da minha redação em português está maior. E assim, ela está mais bem feita. Apesar de que eu gostei mais da minha idéia introdutória em inglês do que a minha introdutória em português. Se eu pudesse reescrever a minha redação em português, eu usaria a idéia das eleições em português. Porque, em português, eu citei um doutrinador do Direito Penal italiano. Apesar de haver força no argumento dele, isto em fez escrever mais do que eu devia na introdução, ela ficou maior que os outros parágrafos, depois, eu tive que cortar pedaços, e um argumento mais simples, como o das eleições, me ajudou a estruturar o texto.</p> <p>E – Certo. Isto, se você fosse reescrever a redação de português, e se você fosse reescrever a redação de inglês, o que é que você mudaria?</p> <p>B – Bem, em português, eu mudaria o enfoque da introdução e, conseqüentemente, da conclusão, pois eu sempre retomo o tema da introdução na conclusão, com mais veemência. Isto eu mudaria em português. Em inglês, neste momento, eu não mudaria nada, pois eu não tenho um dicionário em mãos, não tenho gramática, mas, com relação à estrutura e às idéias, eu deixaria a redação em inglês exatamente assim.</p>
----	---

88	<p>Comentário sobre protocolos verbais</p> <p>B – Se isto foi influenciado pelas entrevistas? Não, de maneira alguma a entrevista interferiu no meu modo de escrever. Se eu estivesse em outro lugar escrevendo, eu seguiria esta mesma técnica.</p> <p>E – Então, você não acha que as entrevistas te atrapalharam... o fato de você estar escrevendo e ser interrompido e ter que explicar... parar pra explicar, em vez de continuar escrevendo, parar pra explicar o que está acontecendo, isto não te atrapalhou?</p> <p>B – Não. Sinceramente, comigo não. Talvez, com outros candidatos que não tenham tão clara esta idéia de tópico frasal é isto, a carga semântica de uma palavra é esta, a carga semântica daquela é outra, talvez atrapalhe, mas, como eu posso responder só por mim, a minha pessoa não foi atrapalhada por isto, com relação às idéias e a estrutura do texto. Às vezes, por causa da pergunta, eu tinha que voltar e pensar um pouco sobre: o que eu estava escrevendo mesmo? Ah, era sobre isto. Aí, eu voltava. Isto, talvez, tenha atrapalhado um pouco o ritmo de escrita, mas certamente não atrapalhou de modo significativo nem a estrutura do meu texto, nem o conteúdo.</p>
----	---

Caio – redação 1

89	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>C – Eu estou pensando em pegar a opinião do autor aqui no artigo, e tentar dar uma dissecada. Eu pensei em propor um contraponto em relação ao que ele pensa. Porque, acho que, pelo que eu li, eu acho que é um espaço taxado de populista, sem identificar o que seria o populismo e quanto conveniente é chamar aquele, ou aquele outro, populista. Então, eu pensei em colocar isto na redação. Dizer que... mostrar o que este autor pensa e mostrar uma opinião, que seja, talvez, a dominante, como certos setores da imprensa, da sociedade. E colocar um contraponto. Não querendo dizer que é melhor ou pior, mas dizer que esta não é a única interpretação que seria da realidade. Eu pensei em falar sobre isso. Então, eu pensei em uma parte da redação falar, mostrar a opinião deste autor e, logo em seguida, colocar um contraponto a ela. Deixar em aberto a conclusão, pra quem quiser ler e pensar. Eu pensei mais ou menos isto, depois que eu li o texto. Eu acho que eu vou fazer um “brainstorming”, alguma coisa assim. Eu acho que eu vou, primeiro eu vou organizar as idéias que estão no texto, pra poder depois fazer um contraponto a cada uma delas. (...) Eu terminei as idéias do texto. Eu coloquei mais ou menos organizadas, e agora eu quero colocar meio que um contraponto em relação a elas e estruturar,</p>
----	---

	<p>sistematizar o texto como estruturado. (...) Eu já peguei as idéias que eu quero, e agora é só fazer um... eu acho que eu já vou fazer um esqueletinho mesmo. Tipo, a introdução coloca, rapidinho, nos dois parágrafos, as idéias centrais, os tópicos e depois eu... Quando acabar isto, eu começo a fazer... Depois, na hora de fazer o rascunho mesmo, eu acho que eu vou separar já, já pelo texto normal, por parágrafo. (...) Eu coloco só as idéias, uma embaixo da outra... e aí, na hora que eu for começar a fazer o texto, corrido mesmo, possivelmente, aí eu vou parar e tentar encaixar aquilo de alguma forma. Mas, normalmente, quando eu faço o esqueleto, eu já vou pra ordem do rascunho. Só separo, aqui é o primeiro, aqui é o segundo. Já coloco na ordem.</p> <p>E – Você faz isto mentalmente? C – É. C – Peguei é... este esquema da seguinte forma. Eu pensei em começar introduzindo a virada da esquerda na América Latina e mostrar esta coisa que as pessoas “claim to be populist”, quer dizer que há governos populistas e tal. E eu caracterizaria estes governos. E, assim, em seguida, eu queria fazer um contra-argumento mostrando que há tantos outros governos em tantas partes do mundo que compartilham estas características e nem por isto são chamados de populistas, por exemplo. Por exemplo, esta coisa dos inimigos retóricos, que são o imperialismo, a globalização, as oligarquias. Bush tem o terrorismo. E nem por isto falam que ele é populista, por exemplo. É lógico que tem outros elementos que vão arrumar de tal forma que isto faça um governo populista ou não. Mas eu quero ir mais ou menos por aí. Eu acho que eu vou... À medida que eu vou escrevendo, vou colocando estas idéias mais ou menos organizadas. (...) E, é isto, fiz uma coisa bem simples. Só de colocar a idéia dele, um contraponto e a minha conclusão seria mais ou menos deixar em aberto que não é o que se chama de populismo ou não seria melhor ou pior. É que é muito cômodo taxar algum governo de populista ou não. Não que seja certo ou errado. Então, eu acho que eu quero dizer isto. (...) É bem simples a estrutura do texto, na verdade. É uma coisa meio dialética. Colocar o que ele fala, o que seria um contra-argumento, e a conclusão. Não seria uma coisa muito complexa e muito difícil.</p>
90	<p>Processos de redação – introdução e conclusão produzidas juntas</p> <p>C – Agora, eu vou começar a escrever. Eu coloquei os pontos só o que seria mais ou menos a introdução, e a conclusão já mais ou menos juntas. Pra não ficar uma coisa solta. Eu normalmente faço assim: eu introduzo, pelo menos quando eu faço em português, eu faço assim, a introdução e a conclusão juntas. Pra ficar uma coisa conexa. Eu não sei se eu vou fazer assim, eu nunca fiz assim em inglês. Mas eu já fiz assim. Pode ser que eu faça a introdução sobre a virada da esquerda na América Latina, e eu queria tentar concluir porque é que isto está acontecendo. E por que estes governos que são ditos populistas têm tanto sucesso hoje em dia nas eleições, tipo Peru, Venezuela. Então, eu acho que vai por aí.</p>
91	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Eu acho que eu tenho este problema em relação à estrutura. Porque eu acho que... eu vou pensando em inglês a frase, mas eu vou organizando de uma forma como se fosse em português, sabe? Agora, por exemplo, eu estava querendo dizer que... introduzir o assunto, falar sobre a virada esquerda na política latino americana, dos anos 90 pra cá. Aí eu pensei em colocar “recent phenomenon in Latin American politics”. Aí, eu parei e pensei assim: mas teria que colocar “é esta virada à esquerda”, eu não sei, eu fiquei meio perdido como colocar isto em inglês. Porque em português, parece muito lógico: se inverte a frase de tal forma que fica uma coisa mais formal pra se escrever, mas em inglês eu fico: será que isto cabe em inglês? Será que faz sentido? Será que não soa estranho mesmo que seja correto? Isto parece muito comigo, quando eu estou escrevendo. Tipo, agora, a primeira frase do texto. Já parei e pensei: será que isto está legal? Será que é assim? (...) Normalmente, já paro e já corto, ou risco, ou apago. A menos... quando eu não quero perder mesmo o fio da meada, ou quando eu estou com mais pressa, aí que eu deixo, sublinho, pra chamar atenção, pra voltar depois. Mas, normalmente, eu vou parando e fazendo, parando e fazendo e vou adiante. Por exemplo, agora eu vou parar, porque eu não sei o que é que eu vou colocar. Eu acho que a estrutura não ficou legal assim. Pode ser até que eu esteja errado, enganado e achando que não ficou legal, mas eu estou achando que não ficou legal. (...) Ah, “recent phenomenon in Latin American politics”, aí eu coloquei assim, que é uma coisa que eu sei que não está certo “is its turn”, quer dizer que esta virada à esquerda. Eu não... Eu vi que não cabia, aí eu deixei em branco. (...) Ah, não sei. Eu acho que eu vou colocar: “at the late 1990’s Latin American governments have turned into”, “have turned...”, sei lá... (...) É, vamos ver, vamos ver, como vai ficar. (...) Aí, olha como ficou legal: “at the late 1990’s, Latin American governments have gradually turned... moved to the left”. Bom, “moved to the left”, much better than “turned”. (...) Eu acho que está com mais cara de inglês. Mesmo que não esteja, pelo menos, me parece que está, sabe? Eu não usei “present perfect”. Foi tipo um engano. Porque eu acho que é uma coisa que chama muita atenção, quando você... Não quando você lê o texto em inglês, que está tudo solto, enfim, que foram eles que escreveram. Mas é uma coisa que sempre que eu estou escrevendo em inglês eu me preocupo, sabe?: era “present perfect” ou não era? Em português, eu não me incomodo com este tipo de coisa. É pretérito perfeito, é presente, ou o que seja, mas você não coloca “present perfect”. Sabe, às vezes eu me passo direto, e eu: ah, aqui está errado, devia ser o “present perfect”. É que eles colocam o “present perfect” direto e eu sei que está certo, sabe? Mas aí, está certo, porque eu coloquei “at the late 1990’s”, tipo “since the late 1990’s...”. Você não pode ajudar não? (...) Eu coloquei “since the late 1990’s”. Estava “in the late 1990’s”. (...) É, e também porque eu achei que ficou mais correto. Porque quando eu coloquei “in the late 1990’s”, parece que acabou ali, né? Chegou no 2000, pluft, acabou. Aí, mostra que é uma coisa que começou e se mantém. Uma tendência. Agora, eu estou parando pra pensar se “late 1990’s” ou se “since the early 2000”? É isto aí. Tá. Eu acho que eu vou mudar de novo. Eu acho que eu vou tirar esta data daí. (...) Ah, não sei... “Has been the tendency”, mas aí não fica estranho, não? Porque aí eu acho que não ia encaixar com o resto que eu quero dizer. Eu quero colocar de uma forma que fique uma coisa com sentido e coesa, assim.</p> <p>E – Ah, tá. Não tem nada a ver com “present perfect”?</p> <p>C – Não, não. Mas aí é que está. Às vezes, eu colocar a informação inexacta fica meio... Aí, você repensa e quando você repensa, você tem que mudar tudo, às vezes, porque você vai mudar uma coisinha que já não cabe mais naquela frase e aí você... Deixa eu ver no texto se tem mais alguma informação aqui. Ah não, ele fala do Menem e do Fugimori. Deixa assim mesmo: “since the late 1990’s Latin American governments have gradually moved to the left”. Quer dizer, então, que o Fugimori e o Menem são exemplos de direita, não de esquerda. E coloca que o populista é da direita, vamos dizer assim.</p> <p>E – E o que você colocou lá, foi esquerda?</p> <p>C – Esquerda, não populismo.</p> <p>E – Está certo.</p> <p>C – Só se colocasse... Agora, eu não sei se ficaria certo assim, “leftist and populism tendencies”. Só que aí, eu acho que o núcleo ficaria menor, que é “gradually moved to leftist and populist tendencies”. É, eu acho que eu vou deixar assim</p>

	<p>mesmo. É, eu vou deixar assim mesmo. Eu não consigo sair do primeiro parágrafo. Então, aqui, logo em seguida, diz aqui: um movimento às tendências de esquerda, ou populistas, eu quero discutir depois, aí eu tenho que mostrar o que seriam as causas pra isto. Aí, eu falo que “social inequality and poverty, strong and unplanned urbanization and unsuccessful liberal measures in a new globalized era have led to”. Eu quero dizer que isto, tudo isto junto, levou à ascensão de medidas políticas antigas, já utilizadas na época, que estão sendo requeentadas agora. Ou novas soluções. E aí, eu quero terminar com isto a introdução, pra depois passar pra discussão. (...) Eu parei porque eu estou pensando: em português, sugeri “levaram à ascensão de...”. Aí, fica “ascensão de...”. Como eu não encontrei a palavra em inglês, eu estou pensando, eu sempre tento pensar o negócio em inglês pra não ficar... pra não me perder. Só que aí, quando eu não consigo achar, eu paro pra pensar como eu faria em português. E aí, eu vejo como pra mim seria óbvio em português, e aí que eu não consigo achar em inglês mesmo, sabe? (...) “To the rise”! (...) É, mas geralmente sai alguma coisa. Tipo agora, eu pensei: ah, “to the rise”.</p> <p>E – Certo. Então, aí você começou em inglês, do jeito que você acha que fica melhor em inglês, parou na hora da dúvida, voltou pro português, voltou pro inglês?</p> <p>C – Isto. Eu acho que foi...</p> <p>E – Você acha que geralmente é assim que acontece? Você lembra?</p> <p>C – Quando eu faço redação, eu acho que sim. Eu acho que sim. Porque eu tento ao máximo não pensar em português, porque, senão... Eu sei que sei, só que se eu paro pra pensar em português, eu me sinto tão seguro em português, que em inglês eu não vou me arriscar a colocar uma outra coisa. Primeiro que eu acho que é aquilo lá mesmo.</p> <p>E – Mas, neste caso, pensar em português te ajudou, não te ajudou?</p> <p>C – Neste caso sim, mas aí, eu acho: ah e se eu não tivesse insistido? Tivesse ficado só ali. Tivesse deixado um espaço em branco com um tracinho pra depois voltar. Às vezes, eu faço isto também. Muitas vezes eu faço isto. Porque, como é introdução, eu acho que eu quero terminar sem deixar dúvidas, sem deixar... Então, eu acho que por isto eu pedi socorro ao português na hora. Mas, às vezes, eu acho que mais confunde que ajuda, sinceramente. Às vezes, eu acho que eu fico, como eu falei, como eu sei em português, às vezes, mesmo que eu saiba em inglês, eu não consigo lembrar.</p>
92	<p>Processos de redação – introdução e conclusão produzidas juntas</p> <p>C – Então, eu terminei a introdução. Eu coloquei aquelas que seriam as causas deste movimento à esquerda, mais ou menos. “ta ta ta have led to the rise of both well-known...”, escrevi errado... “once abandoned political movements”... Eu sempre coloco um “politic”, “political”, eu nunca sei qual é o certo. Eu sempre sublinho estas coisas. “And the search for new solutions to old problems”. Aí, eu fechei, que é o que vai ser depois discutido. Este aqui eu pensei: já que eu estou empolgado aqui com este parágrafo, eu vou fazer a minha conclusão embaixo. É uma coisa que eu sempre faço, que me ensinaram a fazer, de colocar introdução e conclusão pra ver se faz sentido uma com a outra. Esta é até aquela técnica de correção de prova do “Rio Branco”. Porque o pessoal lê a introdução e a conclusão pra ver se está coesa. Se não estiver, eles já descartam logo. Desde então, eu treinei fazer redação assim. Pra ficar uma coisa com um sentido. E eu fiz isto em inglês no “Of Chan.”, por exemplo.</p> <p>C – Eu acho também que ficou fácil, porque normalmente eu tenho facilidade de desenvolver a idéia, porque eu tenho uma idéia na cabeça, daí eu tenho que estruturá-la, daí eu desenvolvo mais fácil. Pra começar e pra fechar que eu tenho mais dificuldade. Você viu que pra começar aqui foi complicado. E se eu começo e fecho juntos, eu acho que... me ensinaram isto até aqui em Brasília, nunca tinha feito isto antes, pro Rio Branco, especificamente, eu acho que pelo menos pra mim a parte mais difícil é terminar e começar o texto, então, se eu faço tudo junto, eu já me livro disto de uma vez. Por mais que demore muito, e tal, mas, pelo menos, eu me livro e vejo que faz um sentido, e começo e fecho o texto tendo uma lógica. E o começo do texto não fica solto, pelo menos, eu consigo fechar ele. Quer dizer, você começa uma coisa, que pra mim não é difícil começar, então, eu começo, demoro. Aí eu vou desenvolvendo e vai mais rápido. Quer dizer, o mais rápido, quer dizer, flui mais. Demora mais porque é a parte grande do texto, mas flui mais pra mim. E quando chega no final, às vezes, eu vou fechar, mas eu fico meio perdido em relação ao que eu comecei. Só que com isto, eu vi que um grande defeito que era meu eu consegui sanar. Então, é isto. (...) Bom, eu terminei o parágrafo, na hora que você saiu e voltou, eu só mudei os adjetivos, esta coisa assim: “both well-known once abandoned political movements”. Aí, eu troquei “old” por “once abandoned”. Depois, coloquei o “old” lá embaixo. Só troquei de lugar os adjetivos. Uma coisa que eu faço muito é adjetivar. E eu acho que isto é um problema às vezes, eu acho que fica pesado o texto. Eu acho que quando é bem colocado, fica legal. Eu acho que flui mais. Mas eu acho que é uma coisa que se faz mais em português, se adjetiva muito as coisas.</p>
93	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – A conclusão, eu comecei assim: “to claim a government to be populist is not difficult”. Eu ia colocar “claiming”, só que aí... eu lembro que eu estava estudando estes dias e vi que ao invés de usar o “gerund”, pode usar o “infinitive”, fica uma coisa mais... Aí, eu vou colocar. (...) E aí, por exemplo, eu tive problema com regência também. Eu não sabia se é “claim on”. Se está certo esta estrutura de “claim on a government to be populist”. Se está certo, ou não. Assim, eu acho que está, tanto que eu coloquei. Quando eu não tenho certeza mesmo, eu sublinho, deixo em branco, deixo só as idéias soltas. Mas aí, eu fui lá no texto. Quando eu tenho estas dúvidas, eu geralmente tem um texto à mão. Na prova sempre tem algumas coisa, um textinho pequeno, um texto motivador, alguma coisa, eu sempre volto pra olhar. Até porque, estas coisas, este tipo de frase, é uma coisa que ou eu vi no texto, e aí eu quero aproveitar pra usar esta estrutura. Então, eu acho que eu li isto no texto de alguma forma, aí eu tentei procurar pra achar se era assim que estava lá, mas eu não achei. Tive que deixar assim mesmo.</p> <p>E – O “claim on” você não achou?</p> <p>C – Não achei. Mas eu tenho quase certeza que eu li isto agora, porque eu não tinha estudado este “claim on”. Só se eu for maluco. Então, é isto. Eu vou seguir, eu vou escrever a minha conclusão. Então, uma coisa que eu acho que prejudica muito fluir texto, a forma que você escreve, eu acho que é o vocabulário. Porque eu tenho muita dificuldade. Quando eu escrevo um texto em português, uma vez que eu organizo as idéias e faço a estruturação do texto, eu começo e vou até o final numa boa. Agora, em inglês... Por exemplo: eu coloquei antes aquela coisa de “to claim a government to be populist”. E agora eu falo de novo “the word populism has been used to label different governments”. Aí eu pensei: “governments” de novo. Será que não tem um sinônimo pra “governments”? Aí, eu pensei: em português, você sempre fala, assim, por exemplo, administração Lula. Aí, eu não sei se se fala isto em inglês, “the administration Bush”. Aí, eu pensei: ah, se eu colocar e ficar um negócio esdrúxulo. Aí, o examinador fala: que loucura o cara escrever um negócio deste. Aí eu fico pensando às vezes... Aqui, por exemplo, eu não quero mais colocar “governments”, eu não quero ficar</p>

	<p>repetindo. Mesmo que não tenha jeito, ou, enfim, que não soe tão ruim às vezes, da forma que eu construí a frase, uma do lado da outra. Mas eu queria poder mudar. Às vezes, eu acho que uma barreira pra mim é isto, é o vocabulário. Eu precisaria aumentar o vocabulário mesmo assim. Não que seja limitado demais, mas eu acho que precisa... por exemplo, quando eu vou escrever um texto deste, eu sinto dificuldades. Com coisas bobas, como estas. (...) Eu vou deixar sublinhado aí e vou seguir, pra depois... Assim, quando eu sei uma palavra pra usar, é só mudar a palavra, eu deixo a palavra lá, sublinho, ou coloco a exclamação então sublinho. Porque senão não anda o texto. Quando eu não sei a palavra mesmo, eu geralmente paro mais, e vejo como é que eu faço, e tal. Mas se tem uma palavra que serve, mesmo que não seja a que eu quero, eu já deixo logo lá. Pelo menos, já está garantida. Isto. Então, eu vou continuar agora. (...) Tá, agora sim eu terminei a conclusão. Isto daqui, como eu queria fechar logo o parágrafo, com todas as idéias que eu queria colocar, eu fui fazendo uma coisa meio... sem parar muito, sabe? Tem muita coisa que eu fico escrevendo, pra fechar frase mesmo, pra fechar parágrafo, que eu sei que eu vou ter que voltar depois. Que eu até normalmente marco do lado. Porque as palavras que eu coloquei não são as corretas, eu sei que não são. Eu só vou colocar uma idéia, depois voltar e regular mais ou menos a estrutura também da frase. (...) Ah, tipo... eu coloquei que tem muitas características de tais governos que são claramente identificadas como populistas. Algumas, não. Aí, eu coloquei... como eu falei desta coisa de que é fácil identificar que algumas características são de governos populistas outras não, eu queria dizer que “some of them clearly”. Eu queria dizer que... aí nesta hora eu parei porque eu pensei... queria dizer que elas claramente se desviam daquele ideal de democracia liberal. E eu não sabia como falar este “desviam”. Então, eu coloquei... Então, eu pensei: não, eu vou colocar que elas estão nitidamente separadas, à parte disto. Então, ao invés de colocar “clearly” e outro verbo, eu coloquei “are clearly...”, aí, eu coloquei “split up”. Eu não sei se está correto porque eu acho que você fala que um casal “split up”. Separou. Aí eu coloquei: “split up the traditional liberal democratic characteristics”, só que eu não sei se isto se diria... se está correto, mas... Enfim, eu coloquei. Vamos ver o que vai dar depois. Eu vou voltar neste parágrafo depois pra ver essas coisas que talvez até fiquem no texto final. (...) Nesta parte eu queria fechar logo o parágrafo. Então, eu não me preocupei muito com a estrutura das frases, ou com a escolha do vocabulário. Então, ficou muita coisa repetitiva: “characteristics”, “characteristics”, “populism”, “populism”, “democracy”, “democracy”. Então, eu quero voltar depois pra rever isto daí. Deixa eu ver. Não sei. Eu acho que nesta hora, como eu fui querendo fechar logo, eu fui meio que pensando em português, talvez sem nem perceber. A frase final eu coloquei: “nobody claims”, olha aí, “claims” de novo. “that old democracies are populists; only the other ones are to be”. Aí, eu pensei: que coisa mais Rui Barbosa! Uma coisa meio assim, empolada. Mas, enfim, eu deixei assim aquela frase. Até porque a minha idéia é voltar depois. Então, eu acho que eu vou fechar agora e fazer o desenvolvimento. Outra coisa que eu sempre gosto de tentar usar é “phrasal verbs”. Dá a impressão que a coisa está mais natural, colocando os “phrasal verbs”. Só que não tem jeito, sempre tem uma coisa que você acaba usando um latinismo, tipo “to represent”, alguma coisa assim. E aí, eu não sei como é que soa isto em inglês, se fica uma coisa mais formal, ou se fica uma coisa “typically foreign”: lógico que não foi um inglês ou um americano que fez isto. E aí, eu usei o “phrasal verb” agora porque eu achei que era o verbo que eu queria, depois que eu escrevi, eu parei e pensei e lembrei que: não, isto quer dizer outra coisa. Isto é uma coisa que eu sempre erro em texto. Aí, eu risquei e vou colocar “to stand for”. “To stand for” é “substitute”, não é isto? É. Tá, agora eu acho que é, e eu queria dizer este “represents”, aí, eu não sei se caberia, entendeu? “They stand for different things”. Eu queria dizer “represent different things”. Só fiquei com medo de ficar uma coisa dúbia ou errada, assim que, no fim das contas, eu quis escrever uma coisa e disse outra. (...) Então, eu vou colocar “represent” mesmo. Que dúvida!</p> <p>C – Aqui eu só risquei porque, na verdade, eu estava tentando conceituar o que seria populismo, e tal. Então, eu vou escrevendo e eu vi que o que eu escrevi não seria adequado para o conceito, em relação à língua em inglês. E é por isto que eu risquei a palavra e vou tentar diferenciar “leftism” de “populism”. Então, eu queria dizer que a esquerda seria mais um... uma ideologia, mas talvez um grupo de ideologias que se assemelha e se identifica, tipo a social-democracia com o trabalhismo. Eu queria dizer mais uma coisa mais que o populismo seria, como o texto fala, que eu até achei uma boa definição, uma técnica de chegar ao poder, e de se manter no poder, que é com movimentos de massa, manipulação de símbolos, imagens, personalismo político, estas coisas. Então, aí, eu coloquei aqui tipo “left shows”, eu coloquei aqui “ideology”, mas daí eu risquei e pensei assim: “a group of ideologies...”. Conceituar melhor, assim, separar uma coisa da outra. (...) Lembrei de uma coisa. Eu queria dizer assim: ah, enquanto a esquerda seria isto, o populismo seria aquilo. E aí, eu estava colocando, eu estava escrevendo uma coisa que eu não sei se ficaria legal: “whilst shows a group of ideologies”. Não sei se vai ficar legal também “whilst”. Aí, eu pensei: ah, “while”, será que uma coisa só temporal. Sabe, assim: “while I was in the shower, the phone rang”. Aí, eu lembrei de uma coisa da sua aula de inglês, “whilst”, aí, eu coloquei “whilst” aqui. Não sei nem se faz sentido. Achei que tem cara de “while”. Talvez, eu mude para “while” depois. Porque “while”, mesmo que não esteja, sei lá, formalmente adequado, eu acho que faz mais sentido. E este aqui “whilst” eu nem sei direito o que significa. É, está meio estranho. Eu sempre risco alguma coisa nos textos, na verdade.</p>
94	<p>Processos de redação – limitações de vocabulário em função do concurso (situação de teste)</p> <p>C – É aquela coisa: e se eu riscar e tiver certo? Escrevendo é sempre um negócio muito de concurso. Eu escrevo pensando em concurso, como corrigir o meu texto. Antes, não. Quando eu escrevia pra curso de inglês, eu escrevia pra errar mesmo, pra aprender. Mas agora eu penso que vale a pena arriscar algumas coisas, porque na hora da correção, se estiver errado já era, mas se estiver certo também... Arrisco mais, arrisco mais [hoje em dia]. Mas eu me dou mais ao trabalho também de tentar colocar o texto de tal forma que eu não precise ter tanto risco. Mas sempre tem alguma coisa, uma palavra, que eu fico: será que cabe isto? Será que é isto mesmo? Às vezes, eu coloco uns “henceforth” da vida.</p>
95	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Esta coisa de tentar usar uma palavra ou um “phrasal verb” que é mais tipicamente anglo-saxã. Aí, no texto, por exemplo, tem uma coisa que eu até anotei aqui, “an attempt to ameliorate social dislocations”. “Ameliorate” é uma coisa que nunca pensaria em usar inglês, por exemplo. Tirei do texto e é engraçado, porque eu paro pra pensar: se eu escrevesse isto, iria soar como uma pessoa que não sabe usar a língua neste nível, ou iria soar como: que estrangeiro babaca que não sabe a palavra mais adequada. Ninguémalaria “to ameliorate social deslocation”. A pessoa escreve no texto, e aí, eu penso: se eu escrevesse isto, como soaria? Da forma que eu escrevo o texto, você já nota que não é um nativo escrevendo e aí, colocando este tipo de coisa, um corretor pensaria: ah, que legal o cara sabe a língua neste nível, ou então, o cara não sabe a língua, tanto que coloca um empréstimo do latim deste tipo. Pois é. E quando eu vou escrevendo as coisas, eu tento colocar o mínimo possível de estrangeirismo, de coisas que são estruturas, ou vocabulário que é tipicamente latino. Por exemplo, “ameliorate”, eu nunca escreveria isto. E quando eu vejo isto no texto, eu penso: pô, o cara escreve este tipo de coisa. Eu li uma vez no David Crystal, no “The English Language” que a palavra, quando</p>

	<p>ela é de origem latina, ou vem do francês, ela é mais... fica mais formal, mais rebuscada. Que, no dia-a-dia, as pessoas usam mais palavras de origem mais anglo-saxã. Eu lembro que ele até falava daquele caso do “pig” e “pork”, por exemplo. “Pig” é o porquinho que a gente cria ali no quintal; “pork” é o que o nobre vai comer na mesa. Mas ele falava assim mesmo. Tinha outras coisas também. Como é que era? Ah, não lembro. Tinha até um caso, ele citava um livro. Ele fala: oh, o porquinho quando está aqui, ele é bem saxão, quando ele vai pra mesa do nobre ele vira um “French Normand”. Isto é uma coisa que eu nunca me esqueço. Quando eu leio este tipo de texto, eu fico vendo: o cara usa, sei lá, “exploiters”. Sabe? Você vê que são coisas bem... Então, “ameliorate” como eu falei antes, é este tipo de coisa que eu fico: este cara usa este negócio no texto, mas será que ele fala este tipo de coisa lá? Aí, eu não sei, às vezes, em que nível da língua eu tenho que escrever. Eu sei que é um texto formal e tudo, mas pode ficar formal demais a ponto de ficar irreal. Nem eles escreveriam assim. Ou então, às vezes, é uma coisa que destoaria eles escreveriam assim, mas não esperariam que o estrangeiro não escrevesse, por exemplo. Às vezes, eu não sei se escrevendo este tipo de coisa eu dou uma bola fora ou dou uma bola dentro. E eu fico meio nesta corda bamba. Tipo agora, com o... o que foi que eu falei? Com o “represents”. Eu não queria colocar “represents”. Eu sei que é correto, eu sei que é perfeito para o que eu quis dizer. Mas eu queria ver se tinha um sinônimo mais palatável. Mais do dia-a-dia. Mas, vamos ver, talvez com um texto formal fique até melhor colocar “represents”. Esta é a grande dúvida: o talvez. O que é que eu boto? (...) Aqui, só umas correções em relação a artigo, ou não artigo, a um verbo que eu resolvi tirar, por exemplo “manipulation of people”, aí, eu ia colocar “by using symbols”, eu tirei “use”, ficou “by symbols”. Eu não sei se fica melhor ou não, mas eu achei que estava tão grande o período já, tanto verbo, que eu fui cortando coisa. E é bem provável que isto aconteça de novo quando eu terminar e for voltando pra dar aquela arte final antes de passar a limpo. Eu sempre corto coisa, mudo de lugar. (...) Geralmente, a versão final fica mais curta. Mais curta, quer dizer... eu não sei, eu tento fazer ela mais clara. Se pra isto precisa ser mais curta ou não, vai depender de como eu escrevi e do que eu quero dizer. (...) Aqui, um exemplo típico de uma coisa que eu nunca escreveria, mas que eu acho ótimo quando eu vejo escrito “harked back”. Eu nunca nem sonharia em escrever uma coisa destas no texto, um exemplo de “phrasal verb” deste tipo. E eu vejo isto no texto, por exemplo. Pra mim, quando eu leio uma coisa, que soa mais natural... é exatamente o que eu gostaria de escrever. E, ao mesmo tempo, eu vejo isto ao lado de... sei lá. Eu acho que o “ameliorate” é o melhor exemplo aqui de uma coisa que eu nunca escreveria também, mas é o extremo oposto, sabe?</p> <p>E – Você não escreveria pra não denunciar que é estrangeiro?</p> <p>C – É. Pode ser. Até por achar que está errado mesmo. Eu nunca ia imaginar que “ameliorate” existiria em inglês, por exemplo, desta forma, deste jeito. Eu escreveria “to make something better”. Eu nunca escreveria “to ameliorate”. Eu nunca escreveria uma frase destas. É isto. Aqui, um exemplo de “phrasal verb” que depois eu vejo que está errado. É, em relação ao populismo: “nationalism is also used”. Eu queria dizer que é utilizado pra “hung”, tipo angariar o apoio do povo, pra conseguir o apoio do povo. E eu coloquei: “bring in people support”, mas “bring in”, é “entrar”. É tipo “Venezuela was brought in Mercosur”, alguma coisa assim. Eu acho que está errado esta frase. Mas a idéia é esta. Eu vejo “bring in” como entrar, fazer parte. E eu acho que não faz sentido. O nacionalismo não é pra o apoio do povo, entrar. Eu não sei se fica legal. Aí, eu acho que eu vou ter que tirar este verbo aqui.</p>
96	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Eu tinha pensado em “to grab”, mas “grab” eu acho que fica... eu já usei “grab” antes, quando eu falo “populism consists in a technique to grab the power”. E aí “grab” eu acho que eu não vou usar de novo, não. Porque “grab”, talvez fosse até melhor. Não sei... Eu vou pensar ainda no que é que eu vou colocar aí.</p> <p>C – Aqui, é uma questão de vocabulário. Porque eu estava falando... eu usei um “also” lá atrás. Colocar um “as well”, não “also”. Mas “as well” é sempre usada. Eu achei que fica legal no texto. Aí eu cortei e vou colocar no final o “as well”. (...) Não, aqui falo sobre alguns métodos que eles utilizam, nacionalismo, seus inimigos comuns que são o imperialismo, o capitalismo, pra conseguir conseguir apoio popular. Porque aí eu tinha colocado antes “popular support”, e eu não queria repetir isto, “popular support”. Eu tinha colocado na frase anterior... Eu coloquei: “nationalism is also used...” “...people’s support”, “people’s support”, “in both inner and foreign policies”. Aí, depois continua a frase, “which usually comprehend a bigger role of the state in economy and corporatism”. Aí, eu continuei: “rhetorical enemies are seen as an element of popular support as well”. Acho que eu deixo assim mesmo no fim das contas. Paciência. Ficou tão bonitinha a frase.</p> <p>E – A sua dúvida aí é a repetição do “people’s support”?</p> <p>C – É, e aí eu fiquei em dúvida, aí é que está, questão de vocabulário, eu queria só ter um vocabulário tal que eu pudesse variar a palavra. Eu sei que ficou, eu acho até que ficou bem a frase, que não ficou ruim, mas eu queria poder fazer diferente, sabe? (...) Aqui, eu só... é porque eu tinha colocado da seguinte forma: “to differentiate left from populism is not easy. Both have more subjective than objective elements and represent different things”. E aí, depois eu continuei. Eu tinha feito um... Eu tinha parado a frase, terminado e começado outra. E tinha colocado um monte de frases juntas pra depois organizar. Coloquei tipo “both have certainly risen due to grassing poverty and social problems”, e aí, continuava. E aí, eu acho que como ficou este “both”, “both”, aí, em vez de eu parar, e em vez de mudar a segunda frase, eu coloquei o ponto e vírgula, peguei uma outra e juntei. Eu não sei se fica legal, mas eu acho que fica meio... tem paralelismo na frase pelo menos, “both have more...”. Eu não sei se é uma boa idéia, mas pelo menos está melhor do que antes. (...) Antes era um ponto. Porque a minha idéia não era deixar a segunda frase assim, era mudar a segunda frase. Mas eu acho que eu não vou mudar, não. Vou deixar assim, e vou deixar uma frase só, um período só. Eu coloquei um monte de palavras que eu sei que na hora que eu for passar a limpo eu vou riscar tudo e mudar em cima da hora, sabe? Tipo aquele “whilst” que eu botei. Não, eu acho que eu vou colocar “whilst” porque eu sou cara-de-pau. Mas eu vou colocar assim a frase: “whilst left shows a group of ideologies”. Aí, ficou uma coisa meio esquisita, olha: “that are commonly identified one with each other, suach as social democracy and labourism”. Nem sei se “labourism” existe, se é “trabalhismo”. E isto de “identified one with each other”. Eu queria dizer, “ideologias que se identificam entre si”. Eu não sei se foi uma coisa correta dizer desta forma. Eu acho que na hora de passar a limpo eu vou dizer: ah, isto não está certo. Aí, eu vou começar a riscar, sabe? E na hora vai ficar diferente do rascunho. Agora, eu vou deixar assim mesmo e vou seguir adiante. (...) Fechei. Estou só relendo. Eu vou só trocar um verbo por outro. Eu estava falando sobre justamente o que faria um governo populista ou não. Aí, eu estava falando: “the question relies on why some governments are considered populist and some are not. Anti-democratic characteristics, such as mass manipulation through the existence of a common enemy are not unusual in liberal democracies (one can remember Mc Carthy’s communists or Bush’s terrorists)”. Aí, eu coloco tudo de novo: “non-liberal measures exist in Welfare State and they are not pictured as populist despite that”. E eu vou seguindo. Aí: “corporatism, nationalism and personalism”. Aí, eu ia colocar “exists”. Então, quer dizer, uma coisa que</p>

	<p>estas características têm em vários regimes diferenciados, em vários lugares, em várias épocas e nem por isto elas perfazem um só perfil de governo. Aí, eu vou colocar “exists” de novo e vou trocar um verbo por outro agora. Em vez de colocar “exist”, eu vou colocar “can be found”, alguma coisa assim.</p> <p>E – O que é que tinha no lugar do “relies”?</p> <p>C – Ah, “remains”. Eu coloquei “remains”, aí eu: nada a ver. E aí, na hora, eu coloquei “relies”. “The question relies on”.</p> <p>E – E por que você colocou “remains”?</p> <p>C – E na hora, foi o que me veio. Depois, eu: ops, o que é isto. Aí, eu voltei e cortei.</p> <p>E – E lá em baixo, em vez de “exist” você vai colocar o que?</p> <p>C – “Can be found”. (...) Então, eu terminei o segundo do desenvolvimento. Eu acho que eu vou dar uma lida no desenvolvimento. E eu acho que está faltando alguma coisa. Talvez, eu faça mais um parágrafo, mas daí eu posso extrapolar o numero de palavras. Eu acho que vai extrapolar.</p>
97	<p>Processos de redação – releitura para verificação da estrutura e do desenvolvimento dos argumentos</p> <p>C – Este foi mais fácil. É só pra contrapor as idéias do primeiro parágrafo. E o que segue novo aqui, é a minha idéia da conclusão. Daqui, já passar pra conclusão. Eu vou parar pra ver agora se ficou coerente uma coisa com a outra, se tem uma continuidade no texto.</p> <p>E – A sensação que você tem é que este último que você escreveu não casa com a conclusão?</p> <p>C – Eu vou ver isto agora. Eu acho que sim.</p> <p>E – Quando você falou que acha que está faltando alguma coisa, é o que?</p> <p>C – É em relação aos meus argumentos, que eu coloquei no meu esqueminha aqui que acho que eu não utilizei. Algum exemplo, alguma coisa que eu acho que eu poderia usar melhor. Mas é bobagem. Em relação à estrutura do texto, eu acho que, bem ou mal, ela está esquematizada, está feita. Vou só agora ver se está tudo casadinho uma coisa com a outra e eventualmente mudar alguma palavra ou frase. Deve acontecer bastante.</p> <p>E – Você faz a introdução, faz a conclusão, o desenvolvimento. O seu desenvolvimento geralmente tem este tamanho?</p> <p>C – Dois ou três parágrafos, dependendo de que forma eu vou... qual a minha idéia. Por exemplo, desta forma foi uma coisa meio dialética, eu peguei o que tem no texto e contra-ataquei. Então, foram dois parágrafos coesos. Se eu fizesse de outra forma, poderia dar três parágrafos, por exemplo. Um pouco menor cada um. Penso também [no tamanho dos parágrafos]. Penso porque o “Rio Branco” cobra isto.</p> <p>C – Eu quero ver se eu leio agora o segundo desenvolvimento com a conclusão, porque a minha idéia já era fechar o texto aqui, quer dizer, o desenvolvimento aqui. Eu não queria fazer um terceiro parágrafo, porque como a idéia era mostrar um lado, e outro, e depois concluir, eu tive que fazer um terceiro, porque eu achei que ia ficar sem sentido, sem o terceiro parágrafo. Ia ficar fora da estrutura que eu planejei. (...) Eu quero ver se este daqui... se tem uma continuidade em relação à conclusão. Se está coerente, se está tudo certinho. Se não estiver, eu mudo alguma coisa. Se estiver, eu já leio o texto todo de vez e vejo como ficou. É, só vejo se estão certos, se está bem. Porque, senão, eu já mudo alguma coisa agora mesmo, no desenvolvimento. (...) Eu acho que eu vou refazer esta conclusão, agora. Eu fiz o desenvolvimento e eu acho que ela repetiu muito as idéias. Eu não precisava ter colocado esta forma na conclusão. E sem contar que eu fiz pra fechar logo, pra poder passar pro desenvolvimento, e ficou muita coisa que está muito tosca. Eu vou dar uma apagada aqui em algumas coisas. (...) A introdução eu acho que ficou legal. Eu estou com medo de introduzir o tema de uma forma e de desenvolver ele de outra, sabe? Aqui por exemplo, a introdução foi o seguinte: “since the late 1990’s Latin American governments have gradually moved to leftist and populist tendencies. Social inequality and poverty, strong and unplanned urbanization and unsuccessful liberal measures in a new globalized era have led to the rise of both well-known once abandoned politic...”, “political”, “politic”, eu nunca sei, “. . .and the search for new solutions to old problems”. Então, a minha idéia é daqui passar pra esta discussão do populismo, de esquerda, do populismo, que eu acho que foi o que eu fiz, ou tentei fazer, pelo menos. Só que aí, já aconteceu comigo antes em redação, de eu meio que tentar colocar uma causa... por exemplo, estas causas aqui, por quê esta tendência à esquerda, e tal. Pra ilustrar por que isto está acontecendo e colocar justamente este “search for new solutions” como o cerne da questão. Aí, eu fico com medo de dar alguma coisa, sabe... deu fuga do tema, ou alguma coisa assim, ou a introdução não está condizente com o desenvolvimento. Eu acho que eu vou deixar isto assim mesmo. Agora, a conclusão que eu acho que eu vou dar uma mudada. Não gostei, não. Eu acho que não ficou legal. Eu vou ler tudo de vez, agora.</p>
98	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – [A conclusão] ficou repetitiva e tem coisas que eu escrevi errado, escrevi só pra fechar a idéia logo, e vou mudar também. E... eu vou aperfeiçoá-la um pouco mais. Eu acho que ela ficou meio falha. Porque eu acho que talvez eu tenha feito o resto com um pouco mais de esmero e ela ficou meio largada. Eu vou reler agora. Esta coisa de movimentos políticos. Eu coloquei “politic movements”. Eu não sei se fala “politic”, political”, se fala “politics”, eu não sei. Eu escrevi assim. Agora, eu estou procurando no texto pra ver se tem alguma coisa parecida, pra colocar certo, sabe? Eu sempre faço isto quando eu tenho dúvida. Sempre que eu tenho um texto em inglês na mão, na prova, eu vou checar se tem o mesmo termo utilizado ou se tem um sinônimo que eu posso usar sem correr o risco de errar.</p> <p>E – E se, por acaso, não tiver um texto, ou se não estiver no texto que existe, o que você faz?</p> <p>C – Aí, ou eu confio na minha intuição e deixo assim, ou então eu tento um substituto ou um sinônimo. Mas, pra este caso, eu acho difícil colocar um substituto, porque “movimentos políticos”...! Eu acho que eu vou acabar deixando assim mesmo. Ou então ver se tem o uso desta palavra aqui com um adjetivo, um substantivo, ou um outro adjetivo similar. Eu vou procurar. Achei aqui: “Argentina’s dominant political organization”. Eu acho que deve ser “political movements”. Eu acho que faz sentido pra mim. Se não fez sentido, nada faz sentido deste jeito. Fiz a alteração. Agora, relendo o texto todo, eu sempre faço algumas alterações. E aí... eu acho que eu até comentei isto antes, que no primeiro parágrafo do desenvolvimento eu tinha colocado... eu juntei os dois períodos com ponto e vírgula e o segundo período eu coloquei “whilst” que eu vou deixar “whilst” por ser cara-de-pau como eu sou, mas tem umas coisas aqui que não estão legais, não. Tipo: “group of ideologies that identified one with each other”. Eu acho que eu vou colocar “that are commonly identified one with each other”. Eu acho que eu vou colocar na voz passiva. Eu não sei. Eu acho que fica mais correto. É, eu vou fazer a alteração agora. “Are commonly identified...”. Esta coisa de vocabulário tem aquela coisa “bring people’s support”, que eu tirei. Eu vou procurar no texto também, porque esta coisa de “popular support”, “people support” tem muito aqui, então deve ter algum verbo que cabe pra mim, do jeito que eu quero. Eu achei um “while” no texto, vou colocar “while”.</p> <p>E – Vai tirar a outra?</p>

	<p>C – É, tem “while” aqui no texto. Eu não vou ser tão cara-de-pau assim, não. “while populists were obviously anti-capitalist, they made deals with some capitalists”. Então, se eles não estão usando, não sou eu quem vai usar. Eu vou mudar porque eu, isto aqui eu repeti na conclusão, eu acho que eu vou cortar aqui, que “corporatism, nationalism and personalism can be found in many places in different times”. Eu coloquei... Eu vou colocar “and times”, “in many places and times”, pra dizer que não há um conceito fechado de populismo e que populista é aquele que a gente quer que seja. A idéia eu coloco assim. Aí, eu vou repetir isto aí lá. Pra não ficar repetitivo, eu cortei aqui este “different times”. Então, “in many places and times”.</p> <p>E – A palavra “different” está na conclusão?</p> <p>C – Está, está aqui: “in different places and times”. Está do mesmo jeito. Eu vou mudar provavelmente alguma coisa. Eu acho que eu não vou mudar mais nada destes três parágrafos. Na conclusão, que eu acho que eu vou até refazer, porque eu acho que ela ficou inconclusa, não ficou do jeito que eu queria. Às vezes acontece. Não é a primeira vez. Mas não é muito comum também, não. É porque como eu fiz a conclusão meio com pressa, porque eu queria fazer logo o desenvolvimento, eu acho que ela não ficou legal. Eu escrevi coisas que não deveria, e eu escrevi coisas que, talvez, eu devesse escrever no desenvolvimento, que foi o que eu fiz, e agora eu vou ter que cortar aqui porque ficou muito repetitivo. Então, eu acho que eu vou mudar um pouco a conclusão. Por exemplo, em vez de dizer que “governments populist”, assim, porque eu falo “to claim on a government to be populist”, eu vou dizer “president”, por exemplo. Porque eu acho que a idéia é esta. Populista é o presidente, que é personalista, aquela coisa do Vargas, Chaves. E também eu falo “governments” embaixo, porque eu não sabia como substituir “governments”, lembra disto? Então, eu não substituo “governments” embaixo, substituo “governments” em cima por “presidents”.</p> <p>E – Entendi. Aí, não fica repetitivo.</p> <p>C – É, e eu... eu cheguei a ter uma idéia melhor, que o presidente seria o populista. Eu acho que eu vou trocar, esta coisa de “different places and times” eu usei embaixo, e eu acho que embaixo ficou mais legal assim. Então, eu acho que eu vou trocar em cima. Não sei se vai ficar correto o uso desta palavra, às vezes, se eu colocar um “elsewhere”. Tipo, “qualquer lugar”, “todo lugar”, alguma coisa neste sentido. Aí, em cima ficaria: “corporatism, nationalism and personalism can be found”. Porque eu vou citando antes vários lugares, não só na América Latina. Você vê isto também aqui, você vê também esta coisa do inimigo comum dos Estados Unidos, você vê esta coisa do anti-liberalismo em países que têm suporte do Estado. Aí, eu vou falar que “corporatism, nationalism and personalism can be found elsewhere”. Tipo... não sei se está certo, mas eu acho que é uma saída que eu faria na prova. E eu deixo embaixo “different places, different times”, aquela coisa assim. Aí, na conclusão, tem uma frase que é praticamente uma repetição do que estava em cima. Eu acho que eu meio que me adiantei, como eu fiz a conclusão antes, eu acho que eu adiantei algumas coisas que não era pra estar na conclusão. “Many governments share some of the so called populist characteristics”, coisa que eu acabei de dizer lá em cima. Então, eu acho que eu vou cortar a frase e tentar re-arrumar este parágrafo agora. Aqui, eu vou cortar mais porque... como eu falei, eu fiz meio que querendo fechar a conclusão logo por que fiz antes, tinha que fazer o corpo do texto, então eu usei um monte de coisas que... eu usei palavras que não caíram bem, sabe?, só pra fechar a frase. Eu estou falando dos governos populistas: “some of them are clearly split up the traditional liberal democratic characteristics”. Nem sei se está frase ficou legal, pareceu naquela hora. Eu acho que não ficou, mas eu acho que eu vou deixar assim. E, aí eu continuei: “on the other hand, there are others that are...”. Aí, eu queria dizer “uma variante”, sabe?, destes instrumentos democráticos, vamos dizer assim. Que é uma interpretação local, ou regional, ou nacional do que seria uma democracia naquele país, naquele lugar, naquela época. E eu acho que não ficou legal assim. Eu acho que eu vou colocar “there are national variations”, alguma coisa assim, “democratic instruments... anti-democratic instruments”. Alguma coisa assim. Eu acho que eu vou mudar assim neste sentido a frase.</p> <p>E – Mas isto, então, você está mudando não é porque está no desenvolvimento, está repetitivo. É a construção...</p> <p>C – Não, isto, é. Eu fiz a frase meio doida. Não, eu só mudei, porque eu... foi “national variation”, depois eu falei que “national variation is what considered democratic in a specific country”, mas eu falei “specific country”, mas eu acabei de falar “national variation”. Aí, eu cortei o “country” e coloquei “specific time”, quer dizer, uma variação local e temporal, também. (...) Eu errei bobagem aqui. Eu tinha colocado “the other ones”, aí eu me referi a “the other ones” como “it” e não como “they”. Relendo devagar você vê estas coisas. E eu acho que eu vou... Eu tinha terminado esta frase, mas eu acho que ela ficou meio solta. Eu acho que eu vou continuar, fazer mais um período e aí eu fecho. Outra coisa: eu coloquei que é conveniente dizer que populista é aquele que se desvie do que eu chamei de programa econômico hegemônico, “Washington’s consensus”, sabe? E aí, eu coloquei: “nobody claims that old democracies are populist”. Aquela construção de Rui Barbosa: “only the other ones are to be”, “especially if they do not perfectly fit the hegemonic economic programme”. Aí, eu: “fit” já é “perfect”, se ele não cabe, eu acho que eu vou tirar este “perfect” daqui. Tem coisa que eu vou escrevendo e vou adjetivando, ou então colocando estes adjuntos todos juntos. Adjuntos juntos é ótimo. Ah, outra coisa. Eu estava... eu continuei e fiz um outro período pra fechar a conclusão, mas aí eu acho que eu fui demais, já cortei. Aí, eu terminei assim: “populism is thus what it is convenient to be”. Aí, eu ia continuar dizendo alguma coisa: ah, tá bom aqui mesmo. Eu acho que era esta conclusão a que eu queria chegar. Eu vou passar a limpo agora.</p>
99	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>C – Eu só vou checar se está dentro do limite, pra ver se eu excedi muito, ou se tem muito menos também. Pra ter uma noção. É, eu conto rapidinho. Não, eu sou topeira, eu conto mesmo. Eu sempre tive esta neura. Deu um pouquinho mais, deu 363. Quando eu faço o texto, na verdade, eu sempre vou contando ao lado. Eu termino o parágrafo, aí, quando eu acho que o parágrafo está pronto, eu já conto e coloco... Desta vez, eu acho que eu não fiz, eu acho que eu me distraí. É, eu sempre faço. No caso ficou um pouquinho mais, 363. 350 é o máximo. Se eu tirar uma frase só ou mudar alguma coisa, já ajeta. Uma linha na verdade, porque eu escrevo com uma letra minúscula. Eu acho que aqui. Tem uns exemplos aqui atrás, eu acho que eu vou cortar alguma coisa, porque exemplo não precisa tanto. É. 13 palavras... Eu só mudei uma palavra aqui. Que eu tinha colocado “different governments and different places and times” e eu mudei pra “many places”. Foi [pra não repetir “different”]. Eu acho que eu lembro de novo, agora, é porque na verdade, eu li em cima, e eu não coloquei nem “different” eu coloquei “difficult”. Tem tanto “difficult”, “difficult”, “different”, “different”, aí, eu: ah, vou tirar um negócio destes daqui. Aí, eu tirei e coloquei “many”. Eu vou mudar uma coisa aqui pra ver se fica um pouco mais curto e cabe no limite. Eu vou colocar “clearly don’t share traditional liberal democratic characteristics”. Eu vou ver se fica... no lugar do que tinha aqui antes. Aquele “split up”, que eu também não sei se está certo. [Estava:] “Are clearly split of this traditional liberal democratic characteristics”, [e agora vai ficar:] “Clearly don’t share traditional liberal...” (...) Eu mudei mais uma palavra aqui, coloquei o “merely”, “meramente”. Tinha antes uma palavra que eu nem sei se é assim que se escreve, que se usa, “solely”, “somente”, alguma coisa assim. Eu acho que fica uma coisa mais compatível</p>

	<p>com o resto do nível da linguagem. (...) É, falta uma bobagem só pra eu cortar agora pra ficar no limite. (...) Eu cortei um artigo aqui. Na verdade, eu acho que vai ficar meio errado sem o artigo, mas eu não achei mais nada pra cortar. “Rhetorical enemies are seen...”, aí, eu tinha colocado “as an element”. Aí, eu tirei este “an” e ficou “as elements of popular support”. Bom, eu acho que eu vou deixar este artigo aqui, e vou procurar outra coisa pra cortar. (...) Eu cortei só o... eu falo: “a mass manipulation through the existence of the common enemy”. Aí, eu tirei este “existence of”. “A mass manipulation through the common enemy”.</p>
--	---

Caio – redação 2

100	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>C – Como na de português eu fiquei muito preso na que eu tinha feito ontem, eu acho que eu fiquei... acabou sendo uma tradução incompleta e mal-feita do texto de ontem. Ontem, como foi um espaço meio que de criar, vamos dizer, de fazer um texto do zero, eu acho que ficou... bom, com todos os erros que deve ter aqui, eu acho que ficou um texto melhor, mais coerente, e tal. Eu acho que hoje eu fiquei muito preso ao que eu fiz ontem. Eu acho que, mesmo que eu tentasse me desvencilhar disto, eu não conseguia, pelo menos no começo. Eu não conseguia, aí eu me rendi e fiz o texto em português da mesma forma que eu fiz ontem. Só que o texto de ontem, como foi um momento mais criativo, eu acho que ficou muito melhor. Eu comparando, lendo um texto após o outro.</p> <p>E – Apesar de você ter mais desenvoltura pra escrever em português?</p> <p>C – Ah, com certeza. Foi muito mais rápido, inclusive. Eu acho que o texto em português talvez tivesse ficado muito melhor, se eu não tivesse feito no dia seguinte ao de inglês e com o mesmo tema. Se fosse alguma coisa do zero, como ontem, um novo artigo pra ler, pra me basear, um novo tema, se eu tivesse feito o texto um mês depois, talvez tido sido melhor o texto em português que o texto em inglês.</p> <p>E – Então, o fato de você... A língua em que você escreveu não influenciou a qualidade na redação, você acha?</p> <p>C – Não, eu acho que, dadas as limitações que eu tenho em inglês, ficou um texto razoável. Talvez, até bonzinho. Comparado ao que eu fiz em português, por exemplo. Em português, eu fico muito mais à vontade pra, sei lá, usar figuras de linguagem, usar formas mais formais, mais rebuscadas, usar inversões, dosar isto no texto de forma que fique mais... que prenda mais a atenção. Só que eu acho que, pelo fato de eu ter ficado muito preso à redação que eu fiz ontem, eu fiz uma imitação mal feita do que eu fiz ontem. Se você ler o texto em português, você: ah, não está ruim, e tal. Mas, se você ver o texto em inglês, você vai ver que é uma imitação mal feita do que eu escrevi ontem, sabe? Você vai ver que tem coisas que praticamente estão na mesma ordem, ou que eu mudei uma coisa aqui, ou acolá, inverti, troquei uma coisa de um parágrafo pro outro. Só que, no fim das contas, não ficou tão coeso, eu acho, tão fluído o texto como o texto ficou ontem.</p> <p>E – Então, esta redação em português ela está inferior ao que você pode fazer em português?</p> <p>C – Eu acho.</p> <p>E – ... e inferior ao texto em inglês.</p> <p>C – Não formalmente, em relação à gramática, vocabulário, estas coisas, mas eu acho que a estruturação dele ficou muito limitada, porque eu fiquei muito preso ao que eu fiz ontem. Porque eu me limitei mesmo. Não que fosse uma coisa imposta, mas eu não consegui fugir do que eu fiz ontem.</p> <p>E – Também ficou inferior ao texto em inglês?</p> <p>C – Eu acho que sim. Quando eu li o de português e em seguida eu li o de inglês, eu achei que sim. Eu não sei se é uma coisa comum isto, mas eu senti isto agora.</p> <p>E – E tem alguma coisa na de português que você mudaria?</p> <p>C – Ah, não eu não teria certeza.</p> <p>E – Você faria uma outra completamente diferente?</p> <p>C – É. Eu acho que eu desenvolveria mais, daria mais espaço. Eu acho que eu fiquei muito preso ao argumento de ontem e à estrutura de ontem e aí isto limitou muito as qualidades do texto.</p>
101	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Já que você usou uma estrutura parecida, argumentos parecidos, você acha que você usou também expressões parecidas, que foram traduções?</p> <p>C – Acho, acho. Deixa eu procurar aqui. Olha, a introdução eu acho que está quase idêntica. Praticamente, a introdução eu acho que está a tradução do texto de ontem. Eu falo: “since de 1990s Latin American governments have gradually moved to leftist and populist tendencies”, então, “desde na década de 1990, tem-se observado uma gradual virada à esquerda e ao populismo na América Latina”. Depois, eu falo: “social inequality and poverty, strong and unplanned urbanization and unsuccessful liberal measures in a new globalized era have led to the rise of both well-known once abandoned political movements and the search for new solutions to old problems”. E eu escrevi: “as desigualdades sociais e a pobreza, aliadas ao inchaço das cidades, tomaram-se campo fértil para a retomada de antigas fórmulas bem conhecidas da política regional, bem como a ascensão de líderes que personificam a busca de novas soluções para velhos problemas”. Quer dizer, foi uma tradução talvez mais floreada, assim. Com mais... de uma forma que talvez eu não saberia escrever exatamente assim em inglês. Quer dizer, “campo fértil para retomar antigas fórmulas”, ou “a ascensão de líderes que personificam”, este tipo de coisa. Eu não escrevi assim em inglês, mas a idéia é a mesma.</p> <p>E – Esta expressão “campo fértil”, por exemplo, é uma coisa que você não sabe fazer em inglês?</p> <p>C – É, que eu nunca fiz, pelo menos. Talvez até se eu tivesse tido esta idéia ontem, eu tivesse arriscado escrever sem saber se fala assim em inglês ou não. Eu nunca escrevi assim pelo menos em inglês. (...) Deixa eu ver se eu encontro mais alguma coisa que está idêntica. Eu acho que a última frase. Eu coloquei: “populism is thus what it is convenient to be”, “o populismo é, portanto, o que convém ser assim denominado”. Eu acho que tem muitas frases assim que são iguais mesmo.</p>
102	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Enquanto você escrevia a redação em português, você se lembrava?</p> <p>C – Lembrava, é. Por isto que foi tão rápido também.</p> <p>E – Então, era como se você estivesse mentalmente traduzindo e...</p> <p>C – É, e o que eu não lembrei, eu meio que adaptei, assim: eu troquei alguma coisa de lugar, troquei um parágrafo pelo outro, um exemplo que eu troquei o primeiro pelo segundo, mas está tudo aqui. Pode ter uma coisa a mais ou uma coisa a</p>

	<p>menos, mas quase tudo está aí. Aí é que está. Além de ficar mais à vontade de fazer em português, eu achei que eu fiquei mais habilitado a fazer desta forma.</p> <p>E – Você acha que foi mais difícil fazer a de português?</p> <p>C – Não, foi muito fácil. Porque justamente eu estava com a cabeça em ontem, ainda. Foi tão fácil que não saiu tão bom.</p> <p>E – Entendi. Foi fácil, mas não ficou melhor?</p> <p>C – Exato. É.</p> <p>E – Se você pudesse julgar, você diria que a de inglês está melhor?</p> <p>C – É. Acho que sim. Talvez eu esteja errado, mas é o que eu acho.</p>
--	--

Caio – redação 3

(nenhum comentário relevante para a pesquisa)

Caio – redação 4

103	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Eu comecei agora, eu acho que eu demorei um pouco pra engrenar, na verdade, porque eu estava sempre lendo e voltando ao texto pra pegar algum vocabulário. Esta coisa de “organized crime”, eu não sabia se existia no inglês, ou não deste jeito. E comecei agora a introdução. (...) Eu mudei só aqui, uma expressão idiomática, eu não sei; “how government should battle against organized crime”. Aí, eu coloquei que esta questão “has been brought to the spotlights”. Quer dizer, está... a atenção sobre isto agora. E eu estava pensando como dizer isto antes, e eu coloquei uma outra coisa, “has turned into”, quer dizer que “has turned into the main theme”, alguma coisa assim, mas eu cortei e mudei por esta expressão. Eu não sei. Eu achei que soa melhor. Eu não sei. Eu acho que fica mais natural. Eu não sei se fica muito coloquial. Eu não sei se existe uma expressão assim, exatamente, mas eu acho que ficou, eu acho que ficou um jeito bom de introduzir o assunto, na verdade. Porque eu coloquei assim: “after the wave of violence that struggled São Paulo in recent times, the question of how should the government battle against organized crime has been brought to the spotlights”. Eu não sei, eu acho que ficou razoável. Vou continuar agora.</p>
104	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>C – Bom, eu acabei a introdução e... Na verdade, eu acho que eu ia até fazer um pouco maior, mas como tinha limite e, se eu me empolgar, eu acho que eu não vou conseguir depois reduzir para o tamanho ideal, eu terminei. Acho que foi uma forma adequada de introduzir o problema. Falei São Paulo, que voltou à tona o problema da violência e que há diversas formas de se encarar este problema, e aí eu acho que eu vou passar pro texto agora, pras diferentes soluções que o texto sugere também.</p>
105	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>C – Eu acho que vou fazer o desenvolvimento mais ou menos como da outra forma que eu tinha feito. Só que, relendo agora, eu acho que eu tive umas... não digo mais idéias, mas eu pensei que... a estrutura, manter a mesma, aquela coisa da repressão, prevenção, e tal. Mas eu acho que, dentro deste parágrafo, colocar de uma forma diferente. Alguns elementos, que eu tinha passado batido antes, e agora eu quero ver se eu consigo colocar isto dentro do texto... administração das prisões, a questão da corrupção da polícia. E eu quero introduzir também a parte de pesquisa. Mostrar que não só a prisão em si, ou sentenças mais pesadas em relação aos criminosos, mas também com a estrutura do judiciário e das prisões isto teria que ser mudado. Eu acho que isto vai ser incluído dentro do texto. Eu acho que, se tiver a estrutura do outro, vai ser dois mesmo. Porque esta coisa de oposição: prevenção versus repressão. E eu vou terminar concluindo que é um pouco os dois.</p>
106	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico semântico</p> <p>C – Eu só troquei um modal por outro. Eu coloquei o “must”, aí eu cortei e coloquei o “should”. Porque eu quero dizer: “to face the problem of violence, one should at first understand its causes”. Aí, eu tinha colocado o “must”. Eu cortei e coloquei o “should” porque não é uma obrigatoriedade. Se você quer entender, você deve então... quer dizer, se você quer encarar este problema, você deve querer entender as causas. Eu acho que pensando em português, você fica pensando: ah, você tem que entender, aí, fica “must”? Mas não é “must”. Não cabe “must” aqui.</p> <p>E – Ah, tá. Então, a idéia é “deve” no sentido de que é melhor que?</p> <p>C – É, aqui é o velho problema de sempre: eu vou escrevendo as coisas, aí eu tenho a idéia e tal e aí, quando eu paro a frase, eu vejo que repeti várias palavras, que a idéia não ficou expressa do jeito que eu queria. Então, eu vou seguir adiante, e depois eu vou voltar, vou riscar e vou cortar um monte de coisa.</p>
107	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Assim, nem tava muito aberrante, não, mas estava assim no começo da frase e no final. Aí, ficou uma coisa meio repetitiva, aí eu cortei. (...) Não, outra coisa. Eu tinha colocado esta coisa... a ausência do Estado, e aí eu tinha colocado exemplos: “represented by low level public education and health care, bureaucratic justice administration”, e aí eu continuei, e aí eu acho que eu percebi que a falta do Estado, começa a colocar coisas boas que deveria ter... “low level public education” e ta-ra-rá, ta-ra-rá. Mas aí... porque é um contra-senso; como é que o Estado não está lá e tem coisas boas que eu coloco? Eu não sei se eu deveria colocar um verbo, dizendo que isto não existe e deveria ter, ou se eu boto o contrário. Então, eu vou trocar alguma coisa aqui na frase, pra ver se faz mais sentido, sabe? Aqui, eu só... eu tinha trocado um... quer dizer, eu tirei um “as”, porque eu achei que ficou mais organizada a frase. Eu tinha colocado: “in such cases, criminality takes place not only as an organized part of society, but also as police force, judge and job opportunity”, mas ficou meio estranho este “job opportunity”. Mas, enfim, eu tinha colocado “as police force judge as”, aí eu tirei este “as”. Este último “as”. Pra ficar uma coisa mais paralela, ficar tudo de um jeito só. (...) Não, é... aqui, é o seguinte. Eu tinha colocado “the long term solution”. Eu nem sei se “solution” existe. Eu achei isto no texto depois. Mas, então: “the long term solution pointed is thus investment in”. Aí, eu tinha colocado “creation of jobs”. Aí, eu: ah, que coisa feia. Aí, eu coloquei “job creation”. Assim, esta coisa de colocar... eu não sei nem como é que fala isto, de colocar</p>

	um nome adjetivando outro nome, que você vê muito em inglês. Que de um jeito é correto, de outro não é, mas que em português é tudo igual. Que é uma “coisa de alguma coisa”, “a questão de trabalho”.
108	Processos de redação – preocupação com o limite de palavras C – É. Sempre que eu termino um parágrafo eu conto as palavras pra ter idéia de quanto espaço que eu ainda tenho pro próximo parágrafo, senão, eu posso fazer demais, ou fazer de menos. Eu vou falar agora de “short term initiatives” pra combater a violência, e eu tinha colocado uma coisa: “more immediate”, não sei nem se fala assim. E aí, eu tinha colocado uma coisa parecida logo na frase anterior, aí eu cortei pra colocar “short term”.
109	Processo de tradução – acesso ao léxico sintático E – Você cortou o que? C – Eu tinha cortado “more” e ia colocar alguma coisa, algum adjetivo no sentido de “imediatista”. Mas eu cortei antes de continuar e vou colocar “short term” mesmo. (...) Eu troquei um verbo por outro. Eu coloquei “short term initiatives that would”. Daí, eu tinha colocado “please” no sentido de agradar a população, mas não ficou legal e daí eu cortei e coloquei: “intimidate criminals and calm down the population” e aí eu continuei. E – Certo. E qual foi o problema com “please” ? C – Eu acho... eu acho que, na verdade, eu queria colocar a idéia da repressão, que eu estou introduzindo agora neste parágrafo. Então, esta coisa de “intimidate criminals” e aí sim “calm down population”, no sentido de acalmar os ânimos. (...) Eu só troquei aqui um sinônimo por outro. Eu coloquei... eu troquei “jail” por “prison”. Porque depois eu falava logo em seguida de “prison”, “prison administration”. Aí, eu achei que “jail administration” ficava uma coisa meio esquisita. E aí eu deixei o “prison administration” no final e troquei antes o “prison” por “jail”. Eu, como sempre, tenho problema com os conectores. Eu coloquei “hence” depois de ter colocado “whilst” que eu achava que falava “whilst” e você não me corrigiu. Eu gravei aquele negócio “whilst”. E aí, depois que a gente grava, você fala que é “whilst”. Você podia ter corrigido a pronúncia, vai ficar daquele jeito. Agora, voltando ao “hence”, eu coloquei “hence”, agora eu estou lembrando que é “hence”. E eu coloquei “thus” em cima. Eu queria mudar pra mostrar a erudição pro leitor. E – Bom, e aí, na dúvida, o que é que você vai fazer? C – É isto que eu estou pensando agora. O que é que eu faço. Eu acho que eu vou continuar a frase e deixar sublinhado. Depois, pode ser que eu mude, ou tire, ou deixe assim mesmo.
110	Processo de tradução – acesso ao léxico sintático C – Agora, eu estou com as metáforas aqui. O que eu ia falar... Eu estou falando sobre estes “short term initiatives”, e aí eu estou confundindo estas palavras da seguinte forma: “crime would certainly decline”. Aí, eu queria colocar uma coisa assim: “its seeds would frutify”, uma coisa assim, sabe? Mas semente não frutifica. Frutifica a árvore. Eu estou aqui pensando na metáfora que eu vou colocar pra explicar a idéia. E – Pra manter “seed”? C – É, é. Eu acho que sim, pelo menos, por enquanto, sim. Eu vou trocar então. Como eu não sei como que é “germinar”, eu vou tirar as sementes e vou colocar uma outra coisa. Eu não sei. “But its foundations would still be there awaiting for the construction of the building of criminality”, qualquer coisa assim. Mas eu vou tirar estas sementes daí.
111	Processos de redação – preocupação com a proporcionalidade no tamanho dos parágrafos C – Resolvi. Coloquei “therefore”. “Crime would, therefore, certainly decline”. E eu coloquei “foundations”. “But its foundations would remain”. E eu vou continuar com alguma coisa agora. (...) Bom, eu terminei o segundo parágrafo do desenvolvimento, e eu vou contar agora as palavras. Eu não sei, eu acho que ficou... Eu falei o que eu queria falar, mas eu acho que ficou faltando alguma coisa, sabe? Eu não sei se foi, se o tamanho do parágrafo impressionou, porque foi um pouco menor, mas eu vou contar agora de qualquer forma, e talvez eu acrescente alguma coisa. A idéia ficou bem costurada, mas podia acrescentar alguma coisa mais. E – Pois é, mas você está dizendo que podia acrescentar por causa do tamanho, ou porque você acha que tem alguma idéia que precisa ser melhor desenvolvida? C – Não, eu acho que por causa do tamanho mesmo. Eu vou fazer o seguinte: eu vou ler o texto que eu escrevi até agora, está faltando só a conclusão, e eu vou ver se eu acrescento alguma coisa, porque eu estou achando pequeno.
112	Influência de outra língua estrangeira C – É, no mais, eu vou deixar assim mesmo. Não vou mudar, não. Só esta parte final que eu quero mudar e talvez... e aí mudando talvez eu acrescente alguma coisa, pra explicar melhor. Aí, pode ser que fique um pouco mais longo, mas eu quero ver se eu mudo a parte final. Tem um problema que acontece comigo, que, às vezes, quando eu penso em um verbo, eu penso em alemão e não consigo pensar em inglês depois. Por exemplo: “to take place”. Em alemão, tem uma coisa que é “stattfinden”. “Stattfinden” serve como “take place também”, mas não só como em, por exemplo: “the meeting took place somewhere”. Aí, pra este daqui, por exemplo, agora eu queria dizer que tais e tais propostas, elas se colocam em campos opostos. E, por isto, seriam mutuamente excludentes pra algumas pessoas. E aí, eu acho que, neste caso, não cabe este “take place”. “Such proposal...”, “take place” seria... como seria? E aí, eu pensei em “it places themselves”. Eu não sei se isto está certo. E aí, eu pensei: em alemão é tão fácil, “stattfinden”. E aí, eu não sei como eu coloco isto agora em inglês. E – E aí, você não consegue pensar em nenhum verbo equivalente em inglês? C – É, eu vou tentar aqui. Vou seguir adiante. E outra coisa que eu mudei, eu tinha colocado “it’s not even rare”. E aí, eu: “it’s not even rare”, ou é “it’s even not rare”? Aí, eu fiquei na dúvida. Eu cortei o “even” e coloquei “it’s not rare”. Eu acho que facilitou pra mim. Porque não fica a dúvida e eu não corro o risco de errar. E – Voltando a este comentário que você fez sobre o alemão, este verbo em alemão. Você falou que isto acontece com frequência? C – Não, isto acontece muito com “phrasal verbs”, por exemplo. Porque eu confundo, os de lá com os de cá. E, muitas vezes, tem uma correspondência exata do que seria a tradução literal, mas o significado muda, tipo a estrutura é a mesma, mas muda o significado. E – Então, em vez de você ir do português para o inglês, você está indo do português para o alemão para o inglês, ou do alemão para o inglês? C – As vezes acontece. Como eu já me acostumei a escrever em alemão, às vezes... tipo agora, neste verbo que eu quero utilizar, eu não sei como colocar ele. Eu vou pensar. Eu vou dar um jeito.

	<p>E – Mas a primeira idéia que surgiu foi do alemão para o inglês?</p> <p>C – Foi, porque pra mim... porque, assim, quando tem uma situação que pra mim é muito natural na outra língua, é óbvio que você vai querer usar aquilo. Como em português. Tem uma situação em português, aquela situação é perfeita para o seu caso, e você não enxerga nada mais adequado em outro idioma. Tipo, aqui tem uma coisa que eu saberia perfeitamente dizer. Talvez não ficasse tão bom em português, mas em alemão ficaria perfeita aquela estrutura. E aí, eu não enxergo como seria isto em inglês, por exemplo.</p> <p>E – Ficaria, inclusive, melhor que em português, então?</p> <p>C – Neste caso, eu acho que sim. Porque, às vezes, tem estruturas que você usa que só cabem naquela língua. Se você vai traduzir para o português, você coloca uma outra estrutura, bota uma perífrase. Perífrase? Uma vez, eu chamei paráfrase de perífrase. (...) Eu ajitei aqui. Coloquei “find themselves in opponent fields”.</p>
113	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Eu estava relendo o desenvolvimento, e aí eu estou vendo que eu estava falando sobre a ausência do Estado, a criminalidade organizada e tal, e aí eu começava a ilustrar a situação com “low level public education” e “health care” e aí, eu vi que eu tinha colocado este “low level” pra adjetivar tudo o que vem depois, “public education”, “health care”, e depois “injustice administration” e já não fazia mais sentido. Aí, eu coloquei agora “bureaucratic justice administration” e talvez eu coloque uma coisa assim: “low level public education and health care”. Eu não sei. Alguma coisa que deixa mais a idéia de que este “low level” seja para estes dois. Depois, separa por “bureaucratic justice administration”. Eu acho que eu vou mudar um pouco esta frase. Mas a idéia eu vou deixar a mesma.</p>
114	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>C – Eu falo: “long-term measures”, e aí, eu tinha colocado antes “repressive measures”, aí eu cortei e deixei só o “repressive”. (...) Eu estou com outra dificuldade, estes cognatos. Porque eu fiz uma oposição em português entre repressiva e preventiva, só que “to prevent” em inglês, é outra coisa. E aí, eu fiquei: como é “prevenir” em inglês? E aí eu resolvi com o “non-repressive”. “Repressive and non-repressive measures are both necessary”. E aí, eu vou seguindo. (...) Não, só agora. Eu tinha percebido isto, mas eu não esquematizei, porque eu tinha colocado a oposição. E aí, eu coloquei “repressive” de um lado e do outro. Só que eu não cheguei a citar estas duas coisas até agora. E agora, na conclusão que eu estou colocando isto. E aí, eu coloquei “repressive”... “both repressive and non-repressive measures”. E aí, continua. Então, eu terminei a conclusão e vou ler agora tudo. Vou ler a conclusão e depois eu leio tudo, pra ver se ficou tudo direitinho, e aí eu passo a limpo.</p>
115	<p>Processos de redação – cansaço depois de tanto revisar</p> <p>C – Eu acho que os dois [cansado e satisfeito]. Porque eu passo tanto tempo no rascunho, mas tanto tempo, que no final eu não agüento mais olhar pra cara do rascunho. E aí, eu faço até esgotar todas as possibilidades. Quando já chegou no limite que ia chegar, no ponto que eu queria chegar, então, eu terminei.</p>
116	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>C – Eu acho que se você ler os dois, um seguido do outro, você vai ver que estão iguazinhos. Assim, a estrutura é tudo igual, até a forma de estruturar os argumentos está tudo parecido. Agora, como em português não tinha limite de palavras, eu fiz o texto maior e também eu tenho uma desenvoltura maior pra escrever. Então, eu acho que ficou um texto mais bem construído. Mas eu estou bem satisfeito com o meu texto em inglês, sinceramente. Eu acho que perto do texto em português parece meio primário, eu diria assim, a leitura que você faz. Mas, talvez, fosse uma tradução grosseira da redação do texto que ficou em português. Eu fiquei até surpreso, porque tem uma semana que eu fiz o texto. Dia 17, hoje é dia 24. E eu não achei que estivesse tão parecido. Eu achei que só a estrutura básica, de oposição. Mas ficou muito parecido, até as palavras usadas na introdução e na conclusão. Quando eu fui reler agora. Na introdução: “a recente onda de violência em São Paulo trouxe à tona a discussão que, de tempos em tempos, divide a opinião pública: qual a melhor forma de combate ao crime organizado?”. E aí, eu coloquei: “after the wave of violence that struggled São Paulo in recent times, the question on how should the government battle against organized crime has been brought to the spotlights”. Eu acho que ficou muito parecido. Até a forma que eu estou organizando os argumentos os pensamentos, ficou parecido. Os exemplos também estão iguais, praticamente. E eu nem lembrava do texto, mesmo. Eu lembrava da estrutura básica, mas os exemplos mesmo eu não lembrava. Eu relendo aqui, estou lembrando de coisas que eu tinha escrito que eu não lembrava que eu tinha escrito. Escrevi bem parecido.</p> <p>E – E quando você fala em tradução grosseira, o que você quer dizer com isto?</p> <p>C – A idéia está a mesma. Até aquela coisa de mudar de ordem os parágrafos, quando eu mudei um com o outro ficou na mesma ordem dos argumentos que está no outro texto. Agora que eu fui me dar conta disto, lendo. E... só que eu coloco alguns exemplos que tem aqui, só que o outro texto, de português, tem mais exemplos, está mais ilustrativo e... E eu acho que está mais bem construído. Tem mais figuras de linguagem, tem mais conectores. Assim, eu faço mais comparações, mas eu acho que em inglês, dentro das minhas limitações, eu acho que ficou muito bom, sim. Limitações da língua, mesmo. Não é a minha língua materna, eu não domino tão bem quanto português. Em português, eu acho que o texto ficou legal. Em inglês, eu acho que dentro do que eu podia fazer, eu acho que eu fiz bem. Mas eu acho que as limitações são mais em relação à forma me expressar, como eu consigo me expressar em inglês, que é muito mais limitado que em português, por isto que ficou menor também o texto.</p> <p>E – Tem alguma idéia que você consegue achar em português que você acha que foi bem elaborada e bem colocada e que em inglês você não conseguiu tão bem?</p> <p>C – Lendo agora, eu acho que sim. Tem coisa que eu coloquei lá que eu não lembrava que eu tinha colocado e agora, fazendo em inglês, eu não atentei pra isto. Mas eu, deixa eu ver. Por exemplo, fala de punições rigorosas e tal. Eu passei meio batido nisto, falei mais de administração prisional, de tratamento dos presos. E no texto em português, eu acho que eu bati mais na tecla das penas rigorosas, na parte da repressão. E isto, eu meio que passei batido no texto em português.</p> <p>E – Por que você não lembrou ou por que você não conseguia falar?</p> <p>C – Não lembrei e acho que, como o foco principal é a parte preventiva, eu fiz até uma parte maior do desenvolvimento, eu acho que eu fiquei mais à vontade pra escrever sobre a parte da prevenção, mesmo. E aí, na parte de repressão, não... como eu até falei, faltava mesmo o clímax no texto, do jeito que estava antes. E eu acho que, colocando desta forma, ficou mais coerente. Eu acho que não é em relação a não saber expressar, eu acho que eu não lembrei mesmo. Eu estou satisfeito com ela assim. Eu acho que a de português ficou melhor, mas a de inglês, do jeito que está, eu fiquei satisfeito com ela.</p>

117	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Tá. Agora, eu vou te perguntar, Caio, sobre o processo todo, desde a redação um até agora. Eu queria que você me dissesse se houve alguma diferença entre as redações em inglês que você escreveu aqui, para as entrevistas, e o que você geralmente faz quando você escreve em inglês.</p> <p>C – Não, eu acho que a segunda redação sobre o mesmo tema, seja em português ou em inglês, eu sempre faço já com a cabeça na primeira. O que é mais comum. Você já fez de um jeito, e segundo, que é até mais difícil você sair daquele jeito. Quando você pensa de uma forma na primeira vez, que você cria aquela estrutura, pra sair, em um espaço de tempo tão curto, dois dias ou uma semana, daquela estrutura, às vezes, você nem acha como. Você pensa: ah, eu vou mudar o texto, o texto diferente em inglês ou em português, mas você está condicionado àquela forma, que é a forma que você fez da primeira vez.</p> <p>E – Independente da língua?</p> <p>C – Eu acho que sim. Pelo menos, eu vi isto nas duas vezes, tanto hoje como na semana passada, na semana anterior, que eu acho que a segunda redação... a primeira redação eu pensava como fazer, e eu até acho que ficou meio parecida, eu acho que os quatro textos. Isto, eu acho que foi coincidência. O que não foi coincidência é a segunda redação sobre o mesmo tema sempre ficar com uma estrutura parecida com a primeira. Agora, em relação ao que eu faço fora daqui, sempre faço um esquema, um esqueletozinho, estrutura as minhas idéias, mais ou menos assim, com palavras-chave, com tópicos frasais, se for o caso, e depois eu vou escrevendo, do jeito que eu fiz aqui, mesmo. E depois, quando exauriu toda a idéia, não tem mais pra onde ir, eu passo a limpo.</p>
118	<p>Comentário sobre protocolos verbais</p> <p>E – E você acha que interromper pra explicar influenciou de alguma forma?</p> <p>C – Em relação ao texto final? A estruturação do texto e as idéias?</p> <p>E – Em relação ao processo de criação do texto e em relação ao produto final também?</p> <p>C – Não, eu acho que não. É até legal, porque eu pude pensar algumas coisas que eu não pensaria normalmente. Mas não. Tirando o fato de levar mais tempo, eu acho que não muda em nada.</p> <p>E – O fato de levar mais tempo não te atrapalhou?</p> <p>C – Não, não. Também porque é o tempo de uma prova, por exemplo, quatro ou cinco, ou seja, cinco horas de redação é o tempo de um concurso público. Então, a gente levou menos que isto para uma redação só. Normalmente levaria cinco horas, em um concurso, para fazer uma redação e duas questões abertas sobre alguma outra coisa. Não em relação ao tempo.</p> <p>E – Não te cansou?</p> <p>C – Ah, não. Agora, um outro deste hoje eu não agüentaria fazer. Um por dia chega.</p>

Dante – redação 1

119	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>D – Eu planejo escrever a redação, primeiramente, fazendo um esquema de tópicos principais que eu vou abordar, pra introdução, os argumentos. Daí, depois, cada parágrafo com um argumento, do jeito tradicional. E depois, uma conclusão pra fechar os argumentos. Uma conclusão com juízo de valor também. Com opinião, uma conclusão mesmo. O rascunho é como se fosse um esqueleto, mesmo. Pontos, com a idéia... com o tema principal de cada tópico e algumas características principais. Depois, na redação, é só discorrer. Só discorrer, exemplificar e formular bem as frases.</p> <p>E – E quando você faz esta lista, você lista na ordem que você provavelmente vai escrever na redação, ou você organiza depois?</p> <p>D – Sim, é deste jeito. Geralmente... não é tão importante, mas tenta-se fazer assim. Mas, por exemplo, a introdução, aí depois os argumentos, em uma ordem, mas não necessariamente nesta mesma ordem. Se eu vir no desenvolvimento do tema, que necessita alterar, eu faço deste jeito.</p>
120	<p>Processos de redação – redator menos hábil, não produz esboços</p> <p>E – Aí, depois desta lista de tópicos, você escreve a redação. E esta que você escreve é um primeiro rascunho, ou é a versão final?</p> <p>D – Não, é a final. Geralmente, é a final. Porque eu acho importante a primeira idéia que sai. Porque... E tem outra: se você for mudando, você nunca fica original nas suas idéias. Eu acho que perde a ordem. Então, o ideal pra mim é ter o esqueleto bem feito e passar uma vez só. Se tiver rasura, a rasura vai ficar. Mas, se eu for corrigir, passar a limpo, vai sair outra redação. Não vai ser a mesma. Muda muito. Então, por isto que eu prefiro não fazer.</p> <p>E – Você nunca passa a limpo?</p> <p>D – Muito difícil. Só quando o professor pede.</p> <p>E – E depois que você termina a versão final, você revisa, você relê? O que é que você faz?</p> <p>D – Não. Só reviso depois da correção. Igual eu digo: eu acho que os erros naturais acontecem quando você escreve naturalmente e, numa prova, você vai ser... geralmente, você tem que treinar pra ser objetivo. Porque em prova, você tem que ser objetivo. Por exemplo, agora na prova do “Instituto”, na prova do “Instituto” eu fui obrigado a fazer rascunho de metade da prova e a outra metade não deu tempo. Então, eu devia ter feito de uma vez. Do jeito que eu era acostumado.</p> <p>E – Então, está bom. Quando você faz as suas notas, você pensa no limite de palavras?</p> <p>D – Não, nas notas não. Só quando eu estou escrevendo. Geralmente de acordo com... A introdução é a base.</p> <p>E – Pois é, como você não passa a limpo, enquanto você está escrevendo, como é que você controla isto?</p> <p>D – No primeiro parágrafo, eu vejo quantas linhas que deu. Eu vejo quantas palavras que deu no primeiro parágrafo. Daí, eu faço a base.</p> <p>E – Como que você faz? Como é que você calcula?</p> <p>D – Eu conto as palavras do primeiro parágrafo...</p> <p>E – Pois é, mas e este cálculo do resto?</p>

	<p>D – ...máximo de 350. Eu vejo quantos argumentos que deu no esqueleto. Daí eu pego os argumentos, vejo os parágrafos, mais introdução e mais conclusão. Exemplo: se forem 5 parágrafos, pra 350, são 70 linhas por parágrafo. Então, eu tento fazer em média 70 palavras, 70 palavras, não 70 linhas, 70 palavras por parágrafo. Aí, deu o primeiro, eu vejo. Se tiver passado muito de 70, aconteceu alguma coisa de errado. Mas não vai passar. Um ajuste de sintonia fina. Tipo, na primeira frase eu já conto. Aí, eu só faço isto da primeira vez. Depois, é por linhas. Aí vai... Sempre dá certo.</p> <p>E – Mas o número de parágrafos é determinado pelo número de argumentos que você pensa?</p> <p>D – É. O importante, na minha opinião, é isto: você ter as idéias em parágrafos. Daí você pode escrever mais ou menos, três vezes maior, três vezes menor. Não importa. Por exemplo, eu estou colocando 1, 2, 3 argumentos. Eu não vou colocar 4 nem 5, dada a extensão de 350 palavras. Porque, senão, já vai ficar muito. Então, eu tento resumir em 1, 2, 3 argumentos, pra ficar nisto daí mesmo, porque eu acho que vai ser interessante para o tamanho da redação. Eu pego os 3 mais... os 3 principais, e fico nisto. Entendeu? No máximo 4.</p> <p>E – Mesmo sem ter idéia ainda do que é que você vai escrever?</p> <p>D – Sem ter idéia. Não sei nem o que vai acontecer.</p>
--	--

121	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>D – De acordo com a pergunta. Está falando: “o retorno do populismo”. E depois, está perguntando, a pergunta principal: “por que está tendo uma tendência esquerdista na América Latina”. E o texto em si fala que populismo é completamente diferente de esquerda. Esta pergunta complicou um pouco. É isto. Só pensando alto.</p> <p>D – Primeiro, a minha conclusão. Este processo aconteceu agora. Poderia ter vindo a introdução na cabeça primeiro e o primeiro, segundo e terceiro argumento. Mas não. Coloquei uma conclusão a que eu quero chegar, e depois 2 argumentos principais. E vi que demandaria um pouco mais de palavras para expô-los bem. Então, eu anulei um dos argumentos, que eu nem havia criado ainda... que seria o terceiro. Serão dois argumentos e um argumento conclusivo, digamos assim, e mais uma introdução. Então, quatro parágrafos.</p> <p>E – Então, você começou por onde você quer chegar? Você começou pela conclusão?</p> <p>D – Que é o mais importante do texto, na minha opinião.</p> <p>E – Mas, geralmente, acontece assim?</p> <p>D – Geralmente, é assim.</p> <p>D – A introdução, na minha opinião, é o que menos impacta no texto. Geralmente, o que você leva pra casa é a conclusão.</p> <p>E – Certo. Então, geralmente, a primeira coisa que você cria é a conclusão?</p> <p>D – É a conclusão. Que é a contribuição de quem está escrevendo, geralmente.</p> <p>E – Eu estou te perguntando isto, porque você falou: “foi o que me veio agora. Podia ter vindo a introdução, podia ter vindo...”</p> <p>D – Poderia ter vindo, mas o que eu tento fazer é isto. Porque a introdução geralmente é um histórico pra deixar o leitor a par do que vai acontecer na redação. Então, não é o principal. Agora, na introdução você pode, quem sabe, expor aonde você quer chegar. Mas só... é... delimitar os limites de onde você quer chegar. Mas não expor bem o que é que vai acontecer. É só na conclusão mesmo, que é o mais importante, quando você discorre e chega a uma opinião própria. Embasado nos argumentos anteriores.</p>
-----	---

122	<p>Processos de redação – redator menos hábil, não produz esboços</p> <p>D – Daí, agora, eu já vou passar a escrever. A introdução, o esqueleto da introdução, às vezes, nem é necessário. Já vai direto.</p> <p>E – Você não vai fazer a introdução no esqueleto, então?</p> <p>D – Não.</p> <p>E – Daí, do jeito que está, você vai passar pra redação que é a sua versão final?</p> <p>D – Com os dois argumentos na cabeça, e onde eu quero chegar também. Então, eu posso muito bem citar alguns dos argumentos da introdução. A conclusão pode estar mencionada na introdução, deixando o leitor mais por dentro do que vai acontecer na redação, ou pode deixar um suspense. Eu, no caso, gosto de deixar em suspense. Eu gosto de deixar a conclusão como conclusão, de fato. (...) Logo na primeira frase, eu já vou dar uma esqueletada melhor na introdução. Só que eu sou muito específico com palavras, pra eu não fugir. Então, por isto que eu poderia ter pensado que há uma falta de esmero, no sentido de não colocar argumentos na introdução, ou de cortar argumentos, ou de ter um esqueleto mais simples, mas não é o caso. Por exemplo, na primeira linha, eu estou pensando com é que vai ser a introdução, qual é o argumento, qual é a frase e, mesmo assim, quando eu coloquei a “vírgula” no final da primeira linha, a primeira coisa que eu fiz, antes de terminar o argumento, foi contar quantas palavras que deu. Então, eu estou pensando na frase e no argumento e estou conversando com você agora. E estou pensando também porque é que eu estou fazendo isto e não estou pensando no meu argumento. Então, são cinco coisas ao mesmo tempo que a gente faz. E as cinco funcionam. Então, você tem que tomar muito cuidado pra não sair do foco. Mas, aqui no caso, são todas coisas pertinentes. Então, por exemplo, na primeira linha foram nove palavras, então, eu já posso chutar que já são entre oito e dez linhas, já vai dar cem palavras. Então, tem que ficar esperto. Eu não posso passar de oito linhas. A minha introdução vai ter entre sete e oito linhas. Vamos ver como é que fica. Na introdução, eu vou falar... Como a pergunta está bem específica sobre uma tendência de esquerda na América Latina, eu vou explicar que na América Latina sempre teve este conflito entre esquerda e direita, assim como no mundo inteiro. Só que como eu sei que, no terceiro parágrafo, eu vou explicar que na América Latina isto é um pouco diferente, porque, na América Latina, apesar de ter debate, a esquerda nunca foi ao poder, ou seja, este é um dos fatores da esquerda subir agora, eu vou expor isto um pouco na introdução. E, na conclusão, eu vou concluir por quê subi só agora. Então, já está esqueletado. Aí, tem que ver a força do argumento, que é o que vai definir se a redação vai ficar boa ou não, na minha opinião. Mas é isto aí. Se eu conseguir fazer isto, vai sair uma boa redação.</p>
-----	--

123	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>E – A redação está pronta na sua cabeça?</p> <p>D – Está prontíssima. (...) Uma dúvida veio agora. Eu estou usando a palavra “leftist”, derivada de “left”, como “de esquerda”, “a tendência de esquerda”. E eu sei que direita a gente fala “right”, mas “rightist” não pegou bem. E agora? Indecisão. Eu vou mudar o argumento. Vou pensar. Eu vou tentar substituir. Vai ser um erro de paralelismo, mas não vai. Vai servir pra deixar a frase um pouco mais ornamentada. Então, eu vou adjetivar tendência de esquerda, “leftist” e right</p>
-----	---

	<p>wing, que tem um significado parecido, mas não igual.</p> <p>E – E você não vai colocar “non leftist”, que foi a outra coisa que você tinha pensado antes?</p> <p>D – É, porque negação é muito banal, eu acho. Não dá certo. Se não é esquerda, é o quê? Pode surgir aí uma dúvida, você tem que ser objetivo. Não pode ficar deixando dúvidas. Nem mesmo na introdução. (...) Com seis linhas, foram escritas duas frases. Eu vou proceder uma contagem agora pra saber se eu escrevo mais uma ou mais duas frases pra eu terminar a introdução. E é isto. O caminho está sendo apontado, mas sem dar respostas finais ao assunto, pra não quebrar a expectativa, que só será quebrada na conclusão.</p>
124	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras / processo de criação</p> <p>D – Com a estética. O assunto, você pode sintetizar ele do tamanho que você quiser, na minha opinião. Simplesmente, vai ornamentar mais ou menos. Como deu 38 palavras, e eu estou na expectativa de escrever por volta de 80 palavras por parágrafo. Mais duas frases e vai ter um tamanho ideal de introdução. Coloquei uma... Fiz um comentário na introdução, que eu acho que vai ser importante retomá-lo no final da redação. Pra eu não esquecer, voltei no esqueleto e coloquei isto lá. Daí, agora, como é uma frase maior, deu 65 palavras. Se eu multiplicar por quatro, pra dar os quatro parágrafos que eu estou tentando fazer, vai dar 240 com 20, 260. Vai ficar faltando 40. Mas eu tenho aqui convicto comigo que a introdução não precisa de ser tão grande quanto a argumentação. E na argumentação eu tenho mais o que falar. Então, já me dou por satisfeito. E também é muito interessante notar que o parágrafo que eu não fiz esqueleto, com certeza, vamos ver no final, mas com certeza foi o parágrafo que demorou mais. Porque você não tem uma idéia organizada na cabeça. Então, isto pra redação, na minha opinião, você tem a liberdade que a falta de esqueleto te proporciona, você tem a liberdade de expressão, mas a redação insiste e o desejo dela parece que é este de você ser organizado. Porque, senão, não vai dar certo. Você tem que ser organizado e tem que ser mais fechado. Não pode ser tão aberto, senão, você se dispersa. E isto não é desejado de forma alguma, porque, senão, a sua redação fica sem nexos. Então, a introdução estava sem nexos, o esqueleto, mas tinha um nexo mínimo no sentido de saber o que seria dito. Então, eu acredito que, quem sabe, inclusive da próxima vez, até na introdução, eu quero colocar no mínimo dois pontinhos, pra não ter esta dúvida toda. (...) A gente fica em dúvida, porque a introdução não é argumento, não é conclusão, não é nada. É introdução. Então, daí você pode falar de história, você pode falar da sua própria redação, você pode falar... dar um exemplo. Então, é muito abrangente. É só você definir em um argumento o que você vai fazer, que já fica muito mais simples. Então, esta liberdade, ela, na verdade, ela te trava. Ela te trava. Parece que você nunca vai ter um argumento, uma coisa a dizer muito precisa. Se você definir antes, fica mais simples. Às vezes, nem melhor, mas fica mais eficiente, no mínimo. Pode ser que fique mais travado, menos criativo. Mas isto não importa no momento que você tem um tempo específico pra fazer aquilo. Você tem que ser útil. Bem mais útil do que objetivo.</p> <p>E – E como foi que você escolheu pra fazer esta daí?</p> <p>D – A introdução? Foi o que foi vindo na cabeça. Colocando o leitor a par no que tem acontecido na América Latina no que toca o predomínio, ou não, de políticas de direita ou de esquerda.</p> <p>E – Então, você fala um pouco de história?</p> <p>D – Um pouquinho de história. E contemporizando... contemporizando na última parte da última frase o que vai acontecer na conclusão. Então, ela está ligada. Ela está amarrada. Está amarrada. Então, a expectativa criada na introdução vai ser satisfeita. Toda satisfeita. Tem tudo a ver. Dúvidas surgem a todo momento, principalmente de vocabulário. Mas o fato de saber que eu não estou escrevendo pra nenhum concurso, me dá uma liberdade maior. De colocar palavras que, quem sabe, têm até 90% de chance de estarem erradas. Em um concurso, eu não colocaria uma palavra que eu tivesse uma dúvida destas. Colocaria uma palavra que estivesse mais certa do que estivesse errada.</p>
125	<p>Influência de outra língua estrangeira</p> <p>D – Porque é um cognato. Cognatos confundem. Pode ser um cognato que significa isto em outra língua, por exemplo, francês. Poderia muito bem ser “améliorer” em francês, e eu estou achando que eu vi esta palavra em inglês. E não tem nada a ver. E acontece muito isto. Outras línguas atrapalham... Geralmente, ajudam. Mais em compreensão de leitura. Mas na hora de escrever, vêm palavras que você sabe de outras línguas, mas você não pode misturar. Porque você tem que considerar que você está escrevendo para uma pessoa que só fala inglês. Nem português e nem outra língua. Só inglês. É isto.</p>
126	<p>Processo de tradução – acesso ao léxico sintático</p> <p>E – E se você não fosse usar “ameliorate”, o que é que você usaria?</p> <p>D – “Make things better”, “solve problems”. Tinha muitas possibilidades, não teria problemas.</p> <p>E – E porque que você escolheu então?</p> <p>D – Porque ela me parece mais específica. Me parece melhor. Me parece melhor, este que é o problema. Não tenho certeza. As outras, me parecem boas. As outras, eu tenho certeza que são boas. Esta, eu acho que é ótima. Então, é diferente. Então, uma coisa é você achar a sua redação é ótima, outra coisa é você ter certeza que ela é boa. Se você precisa tirar 60, você não pode arriscar tirar 80 ou 40. Fica no 60 que está ótimo. Interessante é que a palavra, mesmo no sentido que eu pensei, ela não cabe. Porque você não melhora problemas, você resolve problemas.</p> <p>E – Mas você vai casar esta palavra com problema?</p> <p>D – Casaria. Não vou casar mais. Vou riscar, vou substituir por outra. Vou manter “problems”. Não vou falar que os problemas melhoraram, vou falar que eles foram parcialmente resolvidos. Que dá na mesma, mas mais adequado, eu acredito.</p>
127	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>D – A descrição do primeiro argumento da redação deu um parágrafo de 104 palavras. Poderia estender facilmente. Não teria mais problemas. Mas eu não posso, visto que a introdução deu 65 palavras, mais 104, já dá 169. Se eu fizer mais dois de cem, já ultrapassa. Então, a idéia seria fazer mais um de cem e a conclusão um pouco menor, assim como o planejado.</p> <p>E – E este parágrafo ficou do jeito que você queria?</p> <p>D – Ficou. O argumento foi exposto. É isto. Do jeito que eu tinha visualizado. Uma pequena introdução. Normal. Nada de que mude a idéia inicial. A idéia original foi mantida. E parece que vai ser mantida no terceiro parágrafo também. Veremos.</p>

128	<p>Limitações causadas por falta de recursos na língua estrangeira</p> <p>D – É diferente redigir em uma língua e outra. Porque as idéias são expostas, mas não da mesma maneira. Você tem dificuldades de achar palavras e dizer o que você quer dizer. Mas nem tanto. Eu diria que é diferente, mas que você expõe o esqueleto, a idéia é exposta do mesmo jeito. A comunicação é a mesma. A mesma. Não posso [dar um exemplo], é uma coisa mais de conjunto, mais de formação de frase. É mais que uma palavra, uma expressão. É mais no pensamento.</p> <p>E – ...quando acontece isto, como é que você resolve?</p> <p>D – Pensa mais um pouco, trabalha, se esforça mais um pouco, pra chegar lá. Mas você pode, por exemplo, mudar o jeito de falar o argumento, não necessariamente mudar o argumento. Então, eu acredito que depende muito da pessoa. Se a pessoa persistir no mesmo argumento, ela consegue expor. Se souber falar bem a língua. Se não souber, não. Ela vai desistir e vai mudar de argumento. Aí você vai ter resultados completamente diferentes. No meu caso, não. No meu caso, eu acho que eu tenho a capacidade de, às vezes, expor de uma maneira mais simples, mas o argumento se sustenta. Se mantém o mesmo.</p> <p>E – Este esforço que você mencionou, é esforço em relação a quê? Fazer mais esforço significa o quê?</p> <p>D – Achar a palavra adequada pra expor uma idéia. Achar a expressão adequada. Como é que você vai juntar frases pra expor aquele argumento. É isto. E isto é difícil. Às vezes, até mais que você saber uma palavra, você organizar idéias. Você pensar em uma língua estrangeira, passar pro papel. Fazer tudo ao mesmo tempo.</p> <p>E – Mas isto significa reestruturar sentenças inteiras, parágrafos inteiros? É disto que você está falando?</p> <p>D – O que eu estou falando é o contrário, no meu caso, o que eu não faço é isto. Por isto que tem um esforço gigantesco, às vezes. Porque você quer expor o argumento. Se você achar que outro argumento poderia ser exposto de uma maneira mais simples, então daí muda a sua idéia de redação. Mas você não pode sair daquilo.</p> <p>E – Então, este esforço gigantesco é manter a estrutura do jeito que você quer e achar as palavras certas?</p> <p>D – Isto. Manter o mesmo argumento, que você havia planejado. Às vezes, você planeja um argumento com duas palavras, mas você não sabe como é que você vai discorrer. Que palavras, que frases, que expressões pra você discorrer. É isto.</p>
129	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>D – Somando os três parágrafos, dá 254 palavras. Então, eu tenho uma liberdade muito legal na conclusão, como dentro do planejado, de 300 a 350 palavras, de fazer um parágrafo pequeno, médio ou grande. A depender do que eu precisar fazer. Então, eu posso fazer um parágrafo de 46 palavras, eu posso fazer um parágrafo de até 96 palavras, que fica dentro do limite esperado. Então, te dá uma liberdade muito interessante. Tudo por causa do que foi planejado, anteriormente. E os argumentos estão sendo expostos tranqüilamente. Do jeito que eu havia planejado. Agora, eu vou fechar a conclusão. Dar um novo argumento, o mais pesado de todos, o mais definitivo, que vai ser a resposta da pergunta provocativa, a resposta definitiva. Porque antes eu havia dado indícios simplesmente. Então, eu pego estes dois indícios do segundo e terceiro parágrafos e dou um indício maior que tem tudo a ver com estes dois anteriores. Que vai fechar a conclusão com três argumentos, pra sustentar esta resposta que eu vou dar pra pergunta provocativa. (...) Tinha um argumento aqui que eu não tinha visto, na introdução que eu deveria colocar no terceiro parágrafo, que eu não consegui encaixar no terceiro, mas e que eu vou poder encaixar no quarto, que é interessante, mas não decisivo. Se eu não conseguir encaixar no quarto, eu não encaixo. Está fora. Quando vai chegando próximo do fim, o ajuste tem que ser mais de sintonia fina. Exatamente porque você não pode ter mais ajustes. O ajuste final. Então, eu expus o argumento final, agora eu só vou ligá-lo aos anteriores pra concluir a redação. Faltando aí 42 palavras, o mínimo de argumento, então. Pra chegar em 350. Eu já cheguei a 308. Se eu quisesse terminar a redação em uma frase, eu terminaria. Mas, pra terminar bem, eu vou terminar em 340 e alguma coisa. Mais duas frases. Ou uma. Acredito que uma ou duas. Vai dar. Vai dar perfeito. Inclusive o tamanho da folha.</p>
130	<p>Comentário sobre protocolos verbais</p> <p>D – Por um lado [interromper pra explicar], atrapalha. Porque você tem que pensar em outras coisas também, fora a redação, que é te explicar o que está acontecendo. Mas, ao te explicar o que acontece, o que está sistematizado no pensamento é verbalizado. Tudo que é verbalizado, há a tendência de ser melhor fixado na cabeça, na mente da gente. Então, não é de todo ruim, não são de todo ruins estas paradas. Porque elas facilitam na sistematização melhor, mais firme, mais concreta do que eu estou pensando.</p>
131	<p>Processos de redação – preocupação com o limite de palavras</p> <p>D – Eu me deparei com um limite de dez palavras que faltavam pra terminar o argumento, terminei em seis. Ou seja, sintonia fina, mas, mesmo assim, arrisca-se atingir o limite máximo. Muito interessante. Mas mesmo assim, eu acredito que é melhor deixar pra romper o limite máximo do que faltar para o limite mínimo. Você expor o argumento com mais idéias é mais interessante do que expor com menos idéias. Você tem a possibilidade de melhor se expressar. Então, é isto. De 350 palavras, ficou com 346. Ficou do jeito que eu queria. Resumido. Geralmente, isto ocorre. Geralmente, falta espaço pra argumentos, a redação, não importa o tamanho que seja. Nas redações de 400, 450 palavras que a gente está fazendo, no curso de preparação para o “Instituto Rio Branco”, a gente sente a mesma necessidade. E nas de 600, 650 de português, acontece a mesma coisa. Você nem sempre consegue expor.</p>
132	<p>Processos de redação – redator menos hábil, não produz esboços</p> <p>D – Como assim? Ah, sim, se eu dou uma revisada? Como eu disse, eu geralmente não reviso. Só se sobrar tempo. Só se sobrar tempo. Geralmente, não sobra tempo. Porque eu prefiro gastar mais tempo pensando do que corrigindo. Quando sobra tempo, eu respiro fundo e, contra a minha vontade, dou uma revisada. Porque eu acho que a idéia já foi passada para o papel. Não tem que ficar voltando. É uma resistência individual mesmo, sabe? Então, não teria como eu ver uma frase lá no meio que está totalmente feia. Como é que faria pra corrigir ela? Um trabalho todo teria que ser mudado. Então, eu trabalho o máximo possível pra ficar do jeito que eu quero da primeira vez. E a cada dia que passa, isto tem acontecido mais. Com certeza. Se você treinar, da primeira vez sai a vez. Principalmente em provas objetivas, isto é muito importante. Nossa primeira resposta é a resposta definitiva.</p> <p>E – E aí, vamos supor que você tenha tempo, que você esteja revisando e que você vê lá a frase feia. O que você faz?</p> <p>D – Se eu puder corrigir, eu corrijo, mas... Bom, eu vou corrigir normalmente, não vai ter problemas. Mas, é complicado. Às vezes, a gente pensa que seria o ideal ter feito isto durante, mas não, estraga o pensamento, trava, trava a evolução do seu texto. Então, eu acredito que quanto mais evolução, melhor. Quanto mais objetividade, eficiência, melhor. Você</p>

	<p>consegue expor, você consegue encaixar melhor as idéias. Porque se você vê lá no seu terceiro parágrafo, você está expondo o seu terceiro argumento, daí você vê que ele está errado. Daí você tem que voltar no seu esqueleto pra tentar outro argumento. Então, desmancha muito. Desmancha muito.</p> <p>E – Sei. E revisões do tipo ortografia, pontuação?</p> <p>D – Isto é interessante fazer, né?, em uma prova. Com certeza. Se for uma produção de aprendizado de língua, eu nunca faço, porque é a minha idéia principal. A minha idéia original é que tem que ser aquela ali. Eu quero treinar a ser no limite perfeito da primeira vez que eu escrever. Assim como em uma redação de concurso com certeza eu vou revisar.</p> <p>E – Pois é, então se for uma redação de concurso, tendo tempo ou não tendo tempo pra revisar conteúdo, você vai revisar pontuação e ortografia? É isto que você está me dizendo? Então, esta revisão menor sempre acontece?</p> <p>D – Se tiver tempo, sim, em um concurso. Porque o ideal é não ter erros, então, se eu puder revisar, é óbvio que eu vou revisar.</p> <p>E – Então, espera aí. Se eu estou entendendo, existem dois níveis de revisão na sua opinião: uma é revisão... um nível é revisão de conteúdo e outro nível é revisão de forma, vamos dizer, de pontuação, ortografia, etc. Esta de conteúdo você prefere não fazer?</p> <p>D – Eu nunca faço.</p> <p>E – E a de forma, se você tiver tempo, você prefere fazer?</p> <p>D – E outra: porque o tempo pra você fazer uma reforma de conteúdo é muito maior do que uma de pontuação. Aí, daí, vem a dúvida: porque não fazer rascunho, entre revisar o rascunho primeiro? É uma questão de tempo mesmo. Porque se você faz o rascunho uma vez, se você tem conteúdo, mas ele está errado, você tem que escrever uma redação inteira nova. E tem que dar certo de primeira. Você não está treinado a fazer de primeira. Então, é complicado. Então, o ideal é sair bem de primeira. Agora, você pode alegar: não, você treina escrever de primeira, mas na hora de fazer redação pra concurso, faz rascunho. Mas aí eu já não estou treinado a fazer rascunho. Então, é bom ter um padrão. É bom ter um padrão. E o padrão que eu escolho é este.</p> <p>E – Nunca acontece, por exemplo, de você, mesmo tendo tempo, na redação de concurso, sabendo que tem tempo, fazer a redação a lápis e depois passar a caneta por cima, pra ter a chance de mudar alguma coisa no futuro?</p> <p>D – Acontece, mas este risco não pode ser corrido. Experiência própria. Este ano deu errado. Este ano deu errado. Este ano eu comecei a fazer pro Instituto Rio Branco pra diplomacia prova de 600 a 650 palavras. Comecei a fazer para o rascunho, cada parágrafo eu passava a limpo. Já comecei diferente. Mesmo assim, na hora que eu cheguei no segundo parágrafo, eu vi que não daria tempo, na média de palavras por minuto, porque eu estava fazendo a média pra calcular o tempo. Então, daí eu comecei a fazer um parágrafo com rascunho, um parágrafo sem rascunho. Ficou totalmente desorganizado. No final, a redação ficou organizadinha, ficou boa, na minha opinião, só que não perfeita, e deu cem palavras a mais. Ainda contei errado. Então, deu tudo errado na redação. Não teria sido reprovado se tivesse passado a limpo antes. Acredito, eu. Pela falta de treino, exatamente. E o rascunho foi preponderante. Se eu não tivesse feito rascunho, eu acredito que não teria acontecido isto. Rascunho é mais objetivo. Você consegue ser mais objetivo, mais específico, não perde o foco.</p> <p>E – Pois é, mas não teria acontecido o quê se você tivesse feito o rascunho?</p> <p>D – É, parece um paradoxo, no sentido que você tem mais tempo, tem mais planejamento e sai pior. Na minha opinião, isto acontece, realmente. O rascunho, na minha opinião, tira a atenção de quem está escrevendo.</p> <p>E – Então, o que você está dizendo é que se você não tivesse feito o rascunho, a redação teria saído melhor? É isto?</p> <p>D – E eu não teria perdido tempo pra passar a limpo e teria contado com mais atenção, pra começar. Entendeu?</p>
--	---

Dante – redação 2

133	<p>Comparação entre a primeira e a segunda redações</p> <p>E – Qual das duas você acha que está melhor?</p> <p>D – A mesma coisa. Eu preferi a de inglês. Porque... não sei. Não sei se foi pelo fato de ter sido mais original que a outra. Parece que os argumentos estão organizados.</p> <p>E – Como assim mais original?</p> <p>D – Porque ela foi a primeira a ser feita. Ela foi a primeira a ser feita. Só por isto. Eu acho que não é por isto. Acho que é mais... não tem razão especial. Poderia ter sido de outra maneira. As duas ficaram boas, mas eu prefiro a de inglês. É isto.</p>
-----	---

Dante – redação 3

(nenhum comentário relevante para a pesquisa)

Dante – redação 4

134	<p>Processos de redação – planejamento</p> <p>D – A pergunta do tema e o tema são muito importantes. Então, aqui, por exemplo, eu estou perguntando como o Brasil deveria combater o crime e o tráfico de drogas. Então, tem que circular, com certeza, o verbo, que é “combater”. Então, não é “prevenir”, não é “pensar”, não é “adiantar” ou “retroceder” ou “mudar”. É “combater”. Então, pra não perder o foco. E combater o quê? Crime e tráfico de drogas. Eu devo pensar primeiramente se crime e tráfico de drogas eu posso englobar em uma coisa só, por exemplo, criminalidade. Ou rompimento da lei, quebra dos códigos da lei. Alguma coisa neste sentido, que eu acho que é possível. Porque, senão, toda hora que eu for escrever isto, eu vou ter que escrever “crime e tráfico de drogas”, “crime e tráfico de drogas”. Vai ficar redundante, vai ficar grande. Então, eu substituo por “criminalidade”. Eu acho que dá certo. Eu posso englobar tudo junto. E é “combater”. Focar nisto daí. Os argumentos que são colocados no desenvolvimento da redação devem ser de pesos semelhantes. Então, por exemplo, se eu quero... como é que eu vou explicar?... se eu quero combater criminalidade, eu vou usar o nosso exemplo aqui, eu posso fazer um parágrafo, por exemplo, de repressão da criminalidade, por exemplo, como que funcionaria... como que poderia melhorar os índices de criminalidade diminuindo-os por uma melhoria nas cadeias, no sistema prisional. Uma coisa. Seria um parágrafo. Aí, o segundo parágrafo, pra manter o peso, vamos dizer assim, eu colocaria a prevenção dos crimes. Em</p>
-----	---

terceiro plano, o pós-crime, que seria o prisioneiro depois que ele sai. Então, eu não posso colocar uma coisa de peso menor como um parágrafo. Eu poderia colocar o argumento dentro do parágrafo. Explicando melhor, eu não poderia fazer um quarto parágrafo, por exemplo, seguindo esta tendência de repressão e de pós-crime e prevenção eu não poderia colocar, por exemplo, que tem que combater o crime nas favelas do Rio de Janeiro. Um assunto muito específico pra um parágrafo só. Então, tem que tomar cuidado com isto, porque senão fica muito frágil o parágrafo. Eu estou buscando os tópicos de peso relativo semelhante pra configurar parágrafos. Depois de configurados, temos os parágrafos, começar a redação. Até agora, eu estou dando uma preferência pra vigilância de fronteiras. Principalmente, quando a gente lê que é tráfico de drogas. Como a produção de drogas no Brasil não atende o consumo interno, tem muito disto que passa por fronteiras. Eventos recentes provam isso, que contrabando de armas e de drogas é um dos grandes responsáveis pelo crime. Então, eu quero dar uma importância pra este argumento. Então, eu quero buscar outros argumentos semelhantes a este. Se eu não achar, eu encaixo este argumento ou na conclusão, ou na introdução ou em algum outro parágrafo, se ele tiver peso maior ou menor. Acho que menor. Vamos ver. Isto que eu acabei de falar, de saber dar peso aos argumentos, eu fiz várias vezes aqui agora alterando o nome... os temas de cada parágrafo. De um nome eu passei pra outro e o nome que era passou a ser o tópico secundário, ou terciário, ou quaternário de outro parágrafo, ou do mesmo parágrafo. Tópicos secundários se confundiram. Por exemplo, o papel da comunidade... Eu escolhi agora, está definido, que o segundo parágrafo, por exemplo, vai ser sobre repressão. O papel da polícia. Enfim, coloquei como sub-tópico que a comunidade tem papel importante nisto, tanto pra dar informações no sentido de melhorar o processo investigativo, quanto também pra receber os egressos do sistema carcerário. Mas eu também coloquei o papel da comunidade lá na prevenção, que é participando de campanhas contra o uso de drogas, contra a criminalidade também, participação em igrejas e escolas, papel da família. Então, por exemplo, agora eu estou falando... estou lembrando que eu vou escrever o papel da família. Então, é assim que funciona o processo. E lá na conclusão, eu vou colocar a mesma conclusão que eu tive com a minha redação de português, que, aliado a tudo isto, é importantíssimo o desenvolvimento econômico, distribuição de riquezas e bem-estar em consequência, como causa maior da diminuição da criminalidade. Terceiro parágrafo, que é sobre prevenção, está acontecendo o que eu falei logo no início, que é aquela coisa da pergunta. Então, como combater crime e tráfico de drogas. Os dois. Então, eu não posso falar, por exemplo, que tem que ter uma campanha contra o tráfico de drogas. Não. Contra a criminalidade em geral. O tráfico de drogas incluso. Eu não posso perder o foco, porque a gente está falando de crime e tráfico de drogas. Não pode ficar só no tráfico de drogas. Tem que ter muito cuidado. Como são de 300 a 350 palavras e eu escolhi fazer em quatro parágrafos, então vai dar por volta de 90 palavras por parágrafo. Como no segundo parágrafo, que é sobre repressão, eu coloquei muitos sub-tópicos, eu devo separar pra ele mais palavras. Então, já de cara, eu devo pensar em como deixar uma introdução, uma conclusão e um terceiro parágrafo um pouco mais enxutos, pra caber tudo. E, fazendo a previsão aqui, eu acredito que vai ficar apertado pra colocar todos os argumentos, que eu coloquei aqui. Mas é melhor sobrar argumentos do que faltar, sempre. Evitar isto... Acho que não precisa cortar nenhum argumento, não. Vai dar certo.

135	<p>Processos de redação – desenvolvimento e organização / preocupação com o limite de palavras</p>
	<p>D – Claro que eu posso voltar, quando estiver escrevendo, pra cortar umas coisas ou pra acrescentar outras. Agora, eu vou proceder com a introdução, que eu me lembro que outras vezes eu não coloquei pontos na introdução, desta vez eu coloquei, pra fazer uma abordagem geral sobre o tema de criminalidade. Então, eu coloquei três pontos que vai ser o esqueleto desta introdução, eu acho que vai ficar melhor desta vez. Porque já é uma coisa mais pensada. A introdução não é tão importante no sentido de argumentação, mas no sentido de introduzir o leitor naquele assunto. Então, você deve falar alguma coisa interessante, não é alguma coisa que vá no ponto da questão. O ponto da questão tem que ser os argumentos e a conclusão. Agora, a introdução tem uma importância diferente, não menos importante. Ela é importante também, mas ela não é importante no sentido de responder o tema, de te dar respostas à pergunta que está te estimulando a escrever. Mas sim introduzindo um assunto mais geral. Então, é isto. Então, o esqueleto acredito que seja importante. Fiz uma introdução coesa, bonitinha, de 72 palavras. Se eu multiplicar por quatro, vai dar 288. Vai faltar só dos parágrafos, que é simples de se completar. Enchendo uma salsicha... não... uma lingüiça. Ou seja, qualquer coisinha que você colocar, dá 300. Então, você responde ao número mínimo de palavras. Então, como está no ponto mínimo e a introdução está boa, generalizada, coesa, pra que eu vou escrever mais uma frase? Não justifica. Então, daí agora eu vou tentar passar a responder a pergunta. A introdução já introduziu o assunto, explicou o que eu queria, ou tendia aos pontos iniciais. E eu vou passar a explicar como combater o crime e o tráfico de drogas.</p> <p>E – Mas você tinha comentado antes que você ia realmente escrever uma introdução enxuta. Então, os outros parágrafos devem ficar maiores.</p> <p>D – Devem ficar maiores então. Está beleza. Então, no sentido assim... Meu medo é sempre, sempre, o de faltar argumentos. Nunca falta. Mas não falta porque eu me preparo pra isto. Então, agora, por exemplo, como eu tenho vários argumentos, eu já não estou me preocupando em colocar uma introdução maior. Se ela deu 72 palavras, com certeza o segundo parágrafo vai dar 90, cem palavras. Então, na média, já vai dar uma coisa dentro do normal. Então, vai ficar de boa. Vai dar certo. É isto.</p> <p>D – Dos sub-tópicos do segundo parágrafo, que é repressão, eram inicialmente seis. O quinto foi abordado no quarto, não, foi abordado no terceiro, então, eu eliminei. Então, sobraram cinco. E o sexto, que agora é o quinto, ele teria que tocar em alguns pontos... não, não isto. Enfim, o quinto foi eliminado, porque estava incluso no terceiro e um ponto do sexto, o sub-tópico do sexto, também foi incluso no terceiro. E todas estas inclusões, eu poderia desenvolver, mas só que não vai dar, porque já estourou muito. Não estava previsto. Agora, eu vou contar pra confirmar isto. (...) O quinto [sub-tópico] é a melhoria de condições dos prisioneiros. Enfim, lá no terceiro eu coloquei que devem ser feitos investimentos em cadeia e em quantidade de homens. Então, se melhorou cadeia, generalizou. Eu não posso... eu não tenho tempo pra especificar que tem que melhorar saúde, educação, não sei o que tá ta... para os prisioneiros. Eu generalizei simplesmente melhoria de cadeia. É isto. Tem que ser subentendido, porque não dá tempo. Não dá tempo, não. Não dá espaço, que tempo? Não tem espaço. Lá no seis, quando eu falei que a comunidade tem que ter participação na hora de dar informação pra polícia, e na hora de receber o egresso da prisão, é... o que que é?... Bom, é isto aí, “teacher”, não tem mais nada, não.</p> <p>E – Você mudou para o terceiro, um sub-sub-tópico?</p> <p>D – É, um sub-sub-tópico dele, na verdade, que seria... Exatamente, porque, quando você recebe o egresso da prisão, você tem que ajudar na socialização dele. E isto está completamente ligado ao fato dele ter sido bem tratado na prisão, e ter tido condições, por exemplo, de educação e saúde, pra re-socializar. Entendeu? Então, está muito ligado. Então, fazer esta integração é difícil. Mas eu fui... coloquei isto no sexto parágrafo, só que ele está... A chave dele não está no</p>

	anterior, que foi eliminado, de falar que tem que ter uma condição melhor para o prisioneiro. Está lá no terceiro, que significa que uma melhor prisão, integrado com o fato de a sociedade receber este egresso. Mas eu não liquei isto, porque também não tem espaço. Eu poderia muito bem agora escrever uma última frase, explicando, por exemplo, que o papel da sociedade é importante, pra receber o egresso, que já fora tratado bem lá na cadeia, mas daí fica muito... fica menos objetivo. Então, deixa assim. O texto permite que esta inferência seja feita. Isto é o mais importante. Ficou um parágrafo grande, quem sabe o dobro do primeiro. Então, a gente vai ter que reduzir no terceiro e no quarto.
136	Processos de redação – geração de idéias D – Está finalizado. Exatamente como eu tinha planejado. Não, não exatamente. Eu mudei alguma coisinha, mas, enfim, as idéias foram, permaneceram lá. Como o primeiro parágrafo, a introdução deu 72 palavras, como eu tinha previsto, o segundo parágrafo deu exatamente o dobro. Então, daí no terceiro e no quarto, eu vou ter um limite aí de, no máximo, 60 e algumas palavras. Então, eu vou trabalhar pra fazer entre 50 e 60. Se eu redigir 50, eu paro. Se eu redigir 60, fica perigoso. Se eu redigir 70, já não dá, deu errado, porque a conclusão vai ficar muito pequena. Então, eu vou tentar fazer por volta de 60... 55, 60. A questão de rendimento de tempo, desenvolvimento de idéias, é incrível como parece que é uma engrenagem de trem, que vai começando, começando e vai aumentando a velocidade. É incrível o tanto que não só... não importa o tamanho, os últimos parágrafos são muito mais rápidos que os iniciais. Porque daí, você vai afunilando, afunilando, não tem como você sair daquilo ali. A sua redação está fechada. Se você resolver mudar o rumo dela, quebra todo o argumento. Daí já é mais simples.
137	Processos de redação – desenvolvimento e organização D – Às vezes, a conclusão é muito maior. Mas daí a introdução geralmente dá uma travadinha e os outros... a não ser que você faça o esqueleto. Isto depende muito. Mas o que é a regra geral mesmo é que os últimos parágrafos são mais rápidos que os primeiros. Como eu coloquei na introdução que tanto o público... os meios públicos como os meios privados, individuais... eu estou checando se no segundo e terceiro parágrafo eu abordei estes temas. Eu estava até meio esquecido disto, porque a introdução foi bem geral. Bem geral. Foi bem geral, mas, enfim, este é um ponto específico que eu tenho que ver se deu certo. Já no segundo parágrafo, eu coloquei de atitudes públicas e privadas. No terceiro parágrafo também. E qualquer coisa, lá na conclusão, eu vou ter espaço também pra fazer ali. Mas não vai ser preciso. A introdução tem tudo haver com o texto, está coerente. Eu estava falando de prevenção aqui, e pensei: ih, mas o desenvolvimento econômico que era conclusão também é prevenção. Mas eu pensei: não, mas é uma coisa mais importante, então, o nível é diferente. Então, eu vou separar, vou colocar na conclusão. Aí, eu fui ver: nossa, se fosse também sinônimo de repressão, que legal que ia ser, porque, daí eu colocava exatamente no mesmo patamar o primeiro e o segundo argumento, que também é repressão. Porque o desenvolvimento econômico, ele exclui os criminosos. Então, ele é repressivo. E ele é preventivo no sentido de não motivar o crime também. É o mesmo sentido na verdade. Então, ele é contra, ele é preventivo, repressivo. É a panacéia da palavra. (...) Eu estou desenvolvendo o terceiro parágrafo e vendo os pontos da prevenção aqui e principia isto daí. Eu já coloquei que é um argumento que eu vou poder usar pra fechar a redação. Que o desenvolvimento econômico é tanto prevenção como repressão, só que o que representa melhor os dois pontos é o desenvolvimento econômico. O terceiro parágrafo, eu fiz ele de maneira simplista. Eu contei no primeiro parágrafo quantas linhas daria 70 palavras, foram 8,5. Então, eu pensei: na hora que der oito, eu tenho que parar. Deu sete, eu fechei o assunto, eu contei, deu 75 palavras, está bom já. Tenho até um pouco mais de liberdade na conclusão, que pode ser utilizado ou não. Certo? Então, é isto daí. Eu estou tranqüilo em relação ao número de palavras. Eu vou escrever a conclusão. Eu vou escrever a conclusão que, como eu já tenho 260 palavras, ela vai poder ter 80 palavras, se quiser. Ou menos. Depende.
138	Comparação entre a primeira e a segunda redações D – Eu não mudaria nada de uma pra outra. Do jeito que eu tinha pensado, aconteceu. Foi legal ter dado um espaço de duas semanas, porque daí eu não comparei com a primeira. Alguns pontos bateram, mas o foco das duas foi diferente. Eu gostei mais da de inglês, pra começar. A de inglês, ela foi mais geral. Ela foi mais ao ponto, na minha opinião, apesar de não ter sido tão bem construída no sentido lingüístico da coisa, porque inglês é segunda língua. Então, seria normal isto, na minha opinião. Então, não tem o mesmo requinte, o mesmo estilo. Mas o argumento, a argumentação da redação em inglês foi melhor. A introdução, como é geral, foi muito parecida. A introdução da de português, ela usou mais o texto base. Falou que está tendo... No caso da primeira, na redação de português, eu usei um pouco mais o texto base, usando os dados de aumento de criminalidade. Mas na segunda, na de inglês, eu coloquei, por exemplo, que a importância dos crimes comparando que no Brasil tem altos índices de criminalidade. Apesar de eu ter colocado no esqueleto que aqui tem nível, níveis muito altos. Mas eu não coloquei que está crescendo. Ah, não. Coloquei no esqueleto que estava crescente, mas não coloquei na definitiva. Ou seja, foi muito similar a introdução. Nos argumentos da de português eu não coloquei um assunto primordial que seria a prevenção. Eu deixei a prevenção só para o último parágrafo, que foi o desenvolvimento econômico na de inglês, e o desenvolvimento social na de português. Então, é a mesma coisa a conclusão. Então, eu deixei só pra conclusão, só para o desenvolvimento social a parte de prevenção. E eu tenho o parágrafo maior... não, não maior. Eu tenho um parágrafo inteiro aqui na de inglês, para a prevenção. No caso da de português, dois parágrafos foi um para o sistema prisional e o outro pra polícia. Eu coloquei isto tudo em argumento. Então, deu menor importância pra isto, apesar de ter sido o parágrafo maior na de inglês. Então, foram parecidas, mas o foco foi um pouco diferente. Eu retiro o que eu falei. Não gostei mais da de inglês. Eu acho que as duas, apesar de ter sido de... foram focos diferentes. A de inglês foi mais geral, e a de português foi um pouco mais específica, porque ela não entrou em detalhes na prevenção, só que ela explicou bem o que é que tem que ser feito na base da... repressão. Na verdade, na atuação da polícia. Mas os tópicos que foram abordados aqui, foram abordados neste único parágrafo na de inglês. Os tópicos que foram abordados nos parágrafos dois e três da de português, foram abordados no parágrafo dois da de inglês. Ficou maior. Então, por isto que ficou bastante parecido, na verdade. Então, eu não mudaria nada. Posso dar esta resposta?
139	Processos de redação – redator menos hábil, escreve para se “livrar” do problema D – Não posso te dar [um exemplo], porque, geralmente, quando no inglês, eu acho que principalmente pelo meu aprendizado de inglês, eu nunca, vamos dizer assim, afinei pra um argumento. Se eu quero colocar ele, eu mudo as palavras e ele sai, de alguma maneira. Mais simples ou mais complicado. Se ele não sai de uma maneira requintada, ele sai de uma maneira mais simples. Mas eu não saio do argumento, eu coloco ele no papel. E – Pois é, então, geralmente quando você chega a perceber que não vai conseguir você evita a estrutura, você evita

	<p>modificar?</p> <p>D – Eu evito a estrutura, simplifico a estrutura um pouco, coloco em duas frases em vez de uma grande e coloco o argumento do mesmo jeito. Entendeu? Então, é isto geralmente.</p> <p>E –...então, aí nesta redação não tem nenhum exemplo?</p> <p>D – Deve ter, mas agora eu não lembro. Não lembro de onde que eu fiz isto. Mas eu me lembro, por exemplo, de um que eu fiz que ficou muito bom. Então, por exemplo... Lê em inglês?... Logo no início. Logo no início. Fala que a criminalidade é um assunto que começou com a existência da humanidade. Então, sempre que teve o homem, teve criminalidade. Aí, está assim: “this means that breaking social rules is, indeed, a natural characteristic of man”, aí, ponto e vírgula, “it doesn’t mean, however, that committing crimes is right, especially if Brazil is considered, a country with very high criminality rates”. Coloquei quatro e cinco também. Deu certo. Então, é isto que eu estou falando. Se eu não tivesse conseguido fazer isto, lá no ponto e vírgula eu colocaria um ponto, eu tomaria e colocaria o argumento. É isto que eu quero dizer. (...) Mas deve ter acontecido algum lugar aqui que eu tive um pouquinho mais de dificuldade. Com certeza.</p> <p>E – Não se lembra?</p> <p>D – Não. “No way”. Parei.</p>
--	--

140	Comentário sobre protocolos verbais
	<p>D – Geralmente, é o mesmo processo. Geralmente, é o mesmo processo. Mas, como eu já falei pra você na outra gravação, o fato de parar e pensar tem pontos positivos e negativos. Pontos positivos, por que? Porque você pensa e verbaliza. Tudo que é verbalizado, o seu pensamento que é verbalizado, ele é mais fixo, ele é mais coeso, mais coerente. Com certeza. Então, isto facilita na visão geral que você tem que ter da sua redação antes de passar pro papel. Por outro lado, isto pode te tirar um pouco de atenção, um pouco de foco. Mas eu acredito que seja um “minor”, no sentido de é uma desvantagenzinha perto desta vantagem de verbalizar. Verbalizar é importante, na minha opinião. E muito importante. Então, é por isto que, às vezes, inclusive, em casa, não só com redações, como com outras coisas, eu verbalizo muito, converso muito sozinho, estudo sozinho. Leio frases em alta voz e acho este um método super interessante. É muito legal. Então, é bem parecido do jeito que eu faço em casa, com esta diferença aqui. Pelo fato de estar gravando, eu acho que facilita um pouco. A verdade é esta.m,</p> <p>E – E você acha que estas desvantagens mudaram a qualidade da redação de alguma forma, atrapalhou de alguma forma?</p> <p>D – As desvantagens? Acho que não porque eu poderia sair um pouquinho do foco, mas eu já voltava. Daí eu já voltava e, enfim, sempre fazendo com o esqueleto, de boa. Sempre deu certo. Não chegou a atrapalhar, não. Por outro lado, a verbalização eu acho que ajudou.</p> <p>E – Pois é, então se você não tivesse parado pra explicar, ela teria saído mais ou menos igual?</p> <p>D – Quiçá pior. A chance de ter... Quem sabe um pouquinho pior. Mas eu acho que não. Seria muito parecida. Seria praticamente a mesma coisa, pra falar a verdade. Às vezes, em um processo um pouco mais complicado, né? Porque, daí, você tem que pensar mais um pouco, mas, ao mesmo tempo, você não tem que verbalizar. Então, são custos e benefícios. Se você verbaliza, você tem o custo maior de verbalização, vamos por assim, economicamente falando, mas tem um resultado melhor. No outro, você não tem que verbalizar, mas você tem que pensar mais um pouco. Então, o processo é o mesmo, o resultado é o mesmo, na minha opinião.</p>